C 2-30

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

2ª Edição
2000

C 2-30

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

2ª Edição
2000

Preço: R$

CARGA

EM.....

PORTARIA Nº 118-EME, DE 08 DE DEZEMBRO DE 2000

Aprova o Manual de Campanha C 2-30 - Brigada de Cavalaria Mecanizada, 2ª Edição, 2000.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 91 das IG 10-42 - INSTRUÇÕES GERAIS PARA CORRESPONDÊNCIA, PUBLICAÇÕES E ATOS NORMATIVOS NO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, aprovadas pela Portaria Ministerial Nº 433, de 24 de agosto de 1994, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha **C 2-30 - BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA**, 2ª Edição, 2000, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogar o Manual de Campanha C 2-30 - BRIGADAS DE CAVALARIA, 1ª Edição, 1983, aprovado pela portaria Nº 033-EME, de 09 de Junho de 1983.

Gen Ex MARCELLO RUFINO DOS SANTOS
Chefe do Estado-Maior do Exército

NOTA

Solicita-se aos usuários deste manual a apresentação de sugestões que tenham por objetivo aperfeiçoá-lo ou que se destinem à supressão de eventuais incorreções.

As observações apresentadas, mencionando a página, o parágrafo e a linha do texto a que se referem, devem conter comentários apropriados para seu entendimento ou sua justificação.

A correspondência deve ser enviada diretamente ao EME, de acordo com o artigo 78 das IG 10-42 - INSTRUÇÕES GERAIS PARA CORRESPONDÊNCIA, PUBLICAÇÕES E ATOS NORMATIVOS NO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO.

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

		Prf	Pag
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO			
ARTIGO	**I** - Generalidades	1-1 a 1-4	1-1
ARTIGO	**II** - Missões, Características, Possibilidades e Limitações	1-5 a 1-8	1-2
ARTIGO	**III** - O Moderno Combate de Blindados	1-9 a 1-11	1-5
ARTIGO	**IV** - Estrutura	1-12 a 1-14	1-10
ARTIGO	**V** - Organização para o Combate.....	1-15 e 1-16	1-12
ARTIGO	**VI** - Sistemas Operacionais	1-17 1 1-25	1-13
CAPÍTULO 2 - COMANDO E CONTROLE			
ARTIGO	**I** - Responsabilidades	2-1 a 2-3	2-1
ARTIGO	**II** - Postos de Comando	2-4 a 2-8	2-3
ARTIGO	**III** - Sincronização	2-9 a 2-12	2-6
ARTIGO	**IV** - Ligações e Comunicações	2-13 e 2-14	2-11
ARTIGO	**V** - Zonas de Reunião	2-15 a 2-18	2-13
CAPÍTULO 3 - APOIO AO COMBATE			
ARTIGO	**I** - Apoio de Fogo	3-1 a 3-5	3-1
ARTIGO	**II** - Defesa Antiaérea	3-6 a 3-11	3-8
ARTIGO	**III** - Apoio de Engenharia	3-12 a 3-14	3-11

		Prf	Pag
CAPÍTULO 4 - SEGURANÇA E RECONHECIMENTO			
ARTIGO	**I** - Segurança	4-1 a 4-8	4-1
ARTIGO	**II** - Reconhecimento	4-9 a 4-14	4-14
CAPÍTULO 5 - OFENSIVA			
ARTIGO	**I** - Introdução	5-1 e 5-2	5-1
ARTIGO	**II** - Marcha para o Combate	5-3 a 5-5	5-3
ARTIGO	**III** - Reconhecimento em Força	5-6 e 5-7	5-6
ARTIGO	**IV** - Ataque	5-8 a 5-10	5-8
ARTIGO	**V** - Aproveitamento do Êxito	5-11 a 5-13	5-17
ARTIGO	**VI** - Perseguição	5-14 e 5-15	5-21
ARTIGO	**VII** - Outras Ações Ofensivas	5-16 a 5-29	5-24
ARTIGO	**VIII** - Formas de Manobra Tática Ofensiva	5-30 a 5-34	5-35
ARTIGO	**IX** - Ataque Noturno	5-35 a 5-40	5-44
ARTIGO	**X** - Missões dadas pela Finalidade		5-50
CAPÍTULO 6 - DEFENSIVA			
ARTIGO	**I** - Introdução	6-1 a 6-9	6-1
ARTIGO	**II** - Planejamento e Execução da Defesa em Posição	6-10 a 6-17	6-9
ARTIGO	**III** - Defesa de Área	6-18 a 6-23	6-23
ARTIGO	**IV** - Defesa Móvel	6-24 a 6-32	6-27
ARTIGO	**V** - Táticas e Técnicas Especiais na Defensiva	6-33 a 6-37	6-36
ARTIGO	**VI** - Movimento Retrógrado	6-38 e 6-39	6-43
ARTIGO	**VII** - Planejamento	6-40 a 6-45	6-44
ARTIGO	**VIII** - Retraimento	6-46 a 6-48	6-49
ARTIGO	**IX** - Ação Retardadora	6-49 a 6-55	6-57
ARTIGO	**X** - Retirada	6-56	6-65
ARTIGO	**XI** - Missões dadas pela Finalidade	6-57	6-66

		Prf	Pag
CAPÍTULO 7 -	**AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS E OPERAÇÕES COMPLEMENTARES**		
ARTIGO I	- Substituição	7-1 a 7-5	7-1
ARTIGO II	- Cerco	7-6 e 7-7	7-16
ARTIGO III	- Junção	7-8 a 7-10	7-20
ARTIGO IV	- Segurança de Área de Retaguarda	7-11 a 7-19	7-27
ARTIGO V	- Operações de Guerra Eletrônica	7-20 e 7-21	7-33
ARTIGO VI	- Outras Ações Comuns	7-22 a 7-28	7-34
CAPÍTULO 8 -	**OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS**		
ARTIGO I	- Generalidades	8-1	8-1
ARTIGO II	- Transposição de Curso de Água	8-2 a 8-5	8-1
ARTIGO III	- Operações em Áreas Fortificadas	8-6 e 8-7	8-4
ARTIGO IV	- Operações em Áreas Edificadas (Localidades)	8-8 a 8-10	8-5
CAPÍTULO 9 -	**OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE**		
ARTIGO I	- Introdução	9-1	9-1
ARTIGO II	- Operações na Caatinga	9-2 a 9-4	9-1
CAPÍTULO 10 -	**APOIO LOGÍSTICO**		
ARTIGO I	- Introdução	10-1	10-1
ARTIGO II	- Apoio Logístico	10-2 a 10-8	10-2
ANEXO A -	**MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (EXEMPLO) .....**		A-1
ANEXO B -	**Bda C Mec NA COBERTURA AVANÇADA .....**		B-1
ANEXO C -	**Bda C Mec NO ATAQUE COORDENADO .....**		C-1
ANEXO D -	**Bda C Mec NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO .....**		D-1
ANEXO E -	**Bda C Mec NA DEFESA DE ÁREA .....**		E-1

		Prf	Pag
ANEXO	**F - Bda C Mec NA DEFESA MÓVEL COMO FORÇA DE FIXAÇÃO .....**		F-1
ANEXO	**G - Bda C Mec NA AÇÃO RETARDADORA .....**		G-1
ANEXO	**H - OPERAÇÕES COM FUMÍGENOS .....**	H-1 a H-5	H-1
ANEXO	**I - PREVENÇÃO DE FRATRICÍDIO .....**	I-1 a I -7	I-1
ANEXO	**j - OPERAÇÕES CONTINUADAS .....**	J-1 e J-2	J-1
ANEXO	**L - GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS NO C 2-30 - BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA .....**		L-1

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

ARTIGO I

GENERALIDADES

1-1. FINALIDADE

a. Este manual apresenta a doutrina básica de operações das tropas de cavalaria mecanizada e estabelece os fundamentos doutrinários relativos ao emprego operacional da Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec).

b. O C 2-30 - BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA baseia-se no preconizado pelos manuais de campanha C 100-5 - OPERAÇÕES (Ed. 1997), C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA (Ed. 1999) e pelas IP 100-1 - BASES PARA A MODERNIZAÇÃO DA DOUTRINA DE EMPREGO DA FORÇA TERRESTRE (Doutrina Delta - Ed. 1997).

c. As regras contidas neste manual devem ser entendidas como um guia e não de forma inflexível. Em combate, cada caso deve ser resolvido por meio de um oportuno estudo de situação e da aplicação coerente da doutrina vigente.

1-2. OBJETIVOS

a. Orientar o Comandante da Brigada (Cmt Bda), o Estado-Maior (EM) e demais oficiais integrantes do comando e das unidades componentes da brigada no planejamento, execução, coordenação e sincronização das operações conduzidas por essa grande unidade.

b. Fornecer elementos que possibilitem a metodização e a padronização do preparo e do emprego das Bda C Mec.

1-3. CONCEITO

a. A Bda é uma Grande Unidade (GU) básica de combinação de armas, constituída por unidades de combate, apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de atuação operacional independente e de durar na ação.

b. A Bda é uma organização, ao mesmo tempo, tática e logística. Dependendo da missão, organizações adicionais de combate, apoio ao combate e apoio logístico podem ser dadas em reforço à Bda.

1-4. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

a. A doutrina de emprego da Força Terrestre (F Ter) enfatiza como fatores decisivos para a vitória final: o espírito ofensivo, a importância da conquista e manutenção da iniciativa, a rapidez de concepção e de execução das operações, a iniciativa dos subordinados, a flexibilidade para alterar atitudes, missões e constituição das forças, a sincronização das ações no tempo, no espaço e na finalidade e a liderança e capacidade de decisão dos comandantes em todos escalões.

b. A doutrina de emprego da cavalaria mecanizada, em particular, está condicionada por três conceitos doutrinários fundamentais: o "COMBATE MODERNO", a "DOUTRINA DELTA" e a "GUERRA DE MOVIMENTO". Esses conceitos irão repercutir sobre três vertentes da doutrina de emprego da Arma: o "COMO COMBATER", o "COM QUEM COMBATER" e o "COM O QUE COMBATER" e estão descritos no capítulo 1 do C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA.

ARTIGO II

MISSÕES, CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

1-5. MISSÕES

A Bda C Mec é apta a cumprir, precipuamente, missões de segurança. Realiza operações ofensivas e defensivas no contexto das operações de segurança ou como elemento de aplicação do princípio de guerra "economia de forças".

1-6. CARACTERÍSTICAS

a. Mobilidade - A Bda possui uma boa mobilidade tática e estratégica. As possibilidades técnicas e operacionais das suas viaturas - muitas das quais são anfíbias - permitem grande raio de ação, deslocamentos em alta velocidade em estradas, bom rendimento em caminhos secundários e através do campo e boa capacidade de transposição de obstáculos, proporcionando-lhe a execução de manobras rápidas e flexíveis, bem como a obtenção dos efeitos da surpresa.

b. Potência de fogo - Decorre da elevada capacidade de estocagem de munição, dos mísseis anticarro (AC) e da variedade do seu armamento leve e pesado, em parte instalado nas próprias viaturas, notadamente nos carros de combate e nas viaturas blindadas de reconhecimento. A Bda dispõe, ainda, do apoio orgânico de artilharia.

c. Proteção blindada - Proporcionada pela blindagem de suas viaturas. Capacita-a a realizar o combate embarcado com razoável grau de segurança para as guarnições contra fogos de armas leves e fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia.

d. Ação de choque - Resulta da combinação da potência de fogo com a mobilidade e a proteção blindada. A ação de choque depende da surpresa obtida pela mobilidade, bem como da utilização do armamento dos blindados, dos fogos de artilharia, dos morteiros e do apoio de fogo aéreo.

e. Flexibilidade - É produto da mobilidade, da versatilidade de sua organização e do sistema de comunicações de que dispõe, possibilitado seu emprego largas frentes e grandes profundidades. Permite, também, que suas unidades evitem ou rompam o engajamento com facilidade e sejam empregadas, com rapidez, em novas direções, adequando-se à evolução do combate.

f. Sistema de comunicações amplo e flexível - Permite que o comando execute com presteza o controle e a coordenação em ações de grande profundidade e em extensas frentes, assegurando ligações rápidas e continuadas.

1-7. POSSIBILIDADES

a. A Bda C Mec é tática e logisticamente autônoma, o que lhe permite operar isoladamente, embora por tempo limitado, como uma força blindada leve. O prolongamento de sua participação em operações depende de um apoio logístico (Ap Log) adequado e oportuno.

b. Principais possibilidades

(1) Conduzir operações de reconhecimento em largas frentes e grandes profundidades, durante a execução das operações de segurança.

(2) Realizar operações de segurança, tais como:

(a) a cobertura, constituindo-se em força de cobertura avançada, de flanco ou de retaguarda para a divisão de exército (DE) ou exército de campanha (Ex Cmp), em operações ofensivas ou defensivas;

(b) a vigilância em partes secundárias da frente; e

(c) a segurança de área de retaguarda.

(3) Atuar como força de ligação (F Lig) para tamponamento de brechas.

(4) Realizar operações ofensivas e defensivas, como elemento de economia de forças ou no cumprimento das missões de segurança.

(5) Realizar ações ofensivas altamente móveis, particularmente, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

(6) Realizar a dissimulação tática por meio de fintas, demonstrações e ataques secundários.

(7) Conduzir ações de incursão, executadas pelos regimentos orgânicos.

(8) Realizar a transposição imediata e a travessia de oportunidade de cursos d'água.

(9) Na defensiva, realizar movimentos retrógrados ou atuar como força de fixação na defesa móvel.

(10) Realizar operações de Defesa Interna e ações de Defesa Territorial.

1-8. LIMITAÇÕES

As principais limitações da Bda C Mec são:

a. Quanto ao inimigo:

(1) vulnerabilidade a ataques aéreos (Atq Ae); e

(2) sensibilidade ao largo emprego de minas, armas AC e obstáculos artificiais.

b. Quanto ao terreno e condições meteorológicas:

(1) mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos;

(2) necessidade de rede rodoviária para apoiá-la; e

(3) sensibilidade às condições meteorológicas adversas, que reduzem a sua mobilidade, particularmente, através campo.

c. Quanto aos meios:

(1) dificuldade de assegurar o sigilo desejável, em virtude do ruído e da poeira decorrentes dos deslocamentos de suas viaturas;

(2) as viaturas blindadas de reconhecimento têm reduzida capacidade de transposição de cursos d'água;

(3) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente de manutenção e de suprimentos de classe III, V e IX;

(4) restrita capacidade de manter o terreno por longo prazo, em face do reduzido efetivo de fuzileiros;

(5) reduzido poder de fogo em áreas edificadas, cobertas e quando atuando desembarcada;

(6) em operações, elevada dependência do apoio prestado pela aviação do exército e força aerotática;

(7) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para os blindados nos deslocamentos a grandes distâncias;

(8) necessidade de maior apoio de defesa antiaérea quando executando operações isoladas ou atuando em larga frente.

ARTIGO III

O MODERNO COMBATE DE BLINDADOS

1-9. CARACTERÍSTICAS DO COMBATE MODERNO

O combate moderno caracteriza-se por:

a. combate ofensivo, com grande ímpeto e valorização da manobra;

b. ações simultâneas e sucessivas em toda a profundidade do campo de batalha e combate não-linear;

c. busca do isolamento do campo de batalha, com ênfase na destruição da força inimiga;

d. priorização das manobras de flanco;

e. emprego do máximo poder relativo de combate no momento e local decisivos;

f. combate continuado, com a máxima utilização das operações noturnas e dos ataques de oportunidade;

g. valorização da infiltração como forma de manobra;

h. busca da iniciativa, da rapidez, da flexibilidade e da sincronização das operações;

i. valorização dos seguintes princípios de guerra: objetivo, ofensiva, manobra, massa, surpresa e unidade de comando;

j. mínimo de perdas para as nossas forças e para a população civil envolvida;

l. decisão da campanha no mais curto prazo.

1-10. A Bda C Mec E O COMBATE MODERNO

a. A Bda C Mec é uma força blindada leve.

b. No campo de batalha moderno, o emprego das forças blindadas ganhou importância e dimensão maiores. Em face da grande evolução tecnológica ocorrida nos últimos conflitos, o Cmt destas forças não terá liberdade para manobrar seus meios de forma independente e isolada do restante das forças em operações.

c. O moderno conceito de emprego de forças blindadas enfatiza a necessidade de se empregar uma tropa capaz de enfrentar múltiplas ameaças, que possa aglutinar em torno das tropas mecanizadas e blindadas, artilharia de campanha e antiaérea autopropulsadas e engenharia de combate blindada ou

mecanizada, buscando a sinergia entre todos estes elementos, de forma a anular as deficiências de uns e maximizar as possibilidades de outros. Esta força não terá capacidade de manobrar e combater no moderno campo de batalha sem contar com um eficiente sistema de comando e controle, com ênfase para a inteligência de combate, e sem o apoio efetivo da aviação do exército (Av Ex) e da força aerotática (FAT).

d. Os Cmt passarão a enfrentar desafios substancialmente diferentes daqueles com que se depararam no passado. No moderno campo de batalha, o combate tornou-se complexo e multidimensional, fruto do advento de carros de combate e viaturas blindadas de reconhecimento dotados de sistemas de tiro informatizados, de equipamentos de sensoreamento e de navegação terrestre e com armamentos de elevada letalidade, do grande poder de destruição das armas anticarro e dos helicópteros de ataque, do emprego de munições "inteligentes" e da intensa utilização do espectro eletromagnético.

e. Neste complexo campo de batalha moderno será exigido do Cmt da Bda C Mec um alto grau de iniciativa, liderança, agilidade mental e grande capacidade para sincronizar as operações e gerenciar um elevado número de informações. Ele deverá ser capaz de conquistar rapidamente a iniciativa e conduzir as operações com ímpeto ofensivo, rapidez, agressividade e audácia.

f. O êxito do comandante dependerá de sua iniciativa, da flexibilidade e da rapidez de sua tropa adaptar-se às situações inesperadas e da capacidade de sincronização das operações por intermédio do seu sistema de comando e controle.

g. A iniciativa permitirá buscar a surpresa, para impor ao inimigo o momento e o local favoráveis à decisão do combate, além de possibilitar a manutenção do espírito ofensivo e da liberdade de ação. O pleno entendimento da intenção do comandante, de pelo menos dois escalões acima, é fundamental para a aplicação da iniciativa.

h. A flexibilidade será fator preponderante para agir e reagir com rapidez às ameaças inimigas, concentrar forças no momento e local oportunos, explorar as vulnerabilidades do inimigo, alterar a composição dos meios e a missão dos elementos subordinados de acordo com as necessidades, empregar oportunamente a reserva, passar de uma atitude defensiva para ofensiva e vice-versa, sem hesitação.

i. A rapidez permitirá manobrar com velocidade e continuamente no campo de batalha, evitando situações estáticas que ofereçam ao inimigo a oportunidade de obter a iniciativa das ações.

j. A sincronização da manobra, dos apoios ao combate e do apoio logístico no tempo, no espaço e na finalidade, proporciona o máximo poder de combate no momento e local decisivos. Constitui-se, portanto, num poderoso multiplicador do poder de combate e é a base para o êxito no moderno campo de batalha.

l. O desenvolvimento da guerra eletrônica (GE) e a conseqüente limitação do uso dos meios de comunicações, a grande rapidez das ações e a constante evolução da situação tática no moderno campo de batalha levarão os comandantes de Bda C Mec, muitas vezes, a tomarem decisões independentemente de ligação com os seus escalões superiores. Assim, ênfase especial deve ser dada ao exercício da iniciativa e da liderança, em elevado grau. Isto se consegue por meio de um perfeito entendimento da intenção do comandante, no mínimo dois escalões acima do seu.

m. Entretanto, apesar da complexidade introduzida no campo de batalha pelo combate moderno e da grande evolução tecnológica dos armamentos, blindados e equipamentos diversos, a manobra clássica das forças blindadas é cada vez mais atual e válida. Empregar uma parte da força para buscar o contato com o inimigo e fixá-lo. Manobrar com o grosso dos blindados para atacar o seu flanco ou a sua retaguarda, destruir seus sistemas de comando e controle, logístico e de apoio ao combate, fixar sua reserva, impedi-lo de retrair e apresentar nova defesa, tirar sua liberdade de manobrar e destruí-lo em posição, de forma rápida e com reduzido número de perdas para a Bda, continuará, ainda, a ser a chave do êxito para o comandante de uma tropa mecanizada no campo de batalha contemporâneo.

1-11. PECULIARIDADES DO EMPREGO DA BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

a. Generalidades

(1) O emprego da Bda C Mec é orientado, basicamente, pela aplicação dos princípios de guerra em consonância com os fatores da decisão. No entanto, assumem capital importância algumas peculiaridades, principalmente dentro do moderno campo de batalha.

(2) As novas condicionantes impostas pela letalidade dos modernos sistemas de armas, pelos meios de detecção e busca de alvos à disposição do inimigo e por sua capacidade de atuar sobre os nossos sistemas de comando e controle por intermédio dos meios de guerra eletrônica, determinam um novo tipo de conduta para a campanha terrestre.

(3) A eficácia no emprego da Bda C Mec depende, exclusivamente, de comandantes e estados-maiores com espírito e mentalidade flexíveis, capazes de adaptarem-se às flutuações do combate e, assumindo riscos calculados, conduzirem suas tropas à vitória.

(4) A Bda C Mec constitui-se numa força blindada leve altamente móvel e potente e é o elemento mais adequado para, no início das operações, ser empregado à frente das F Ter, cumprindo missão de segurança. Nessa missão, a brigada manobra utilizando os espaços livres disponíveis à frente do inimigo e, aproveitando os intervalos existentes, opera atrás de suas linhas. Dessa forma, proporciona cobertura para o grosso avançar ou para a concentração de meios e informações sobre a área de operações (inimigo, terreno e condições meteorológicas).

b. Utilização da manobra

(1) A manobra é um componente do poder de combate cuja finalidade é dispor os meios de tal maneira que coloque o inimigo em desvantagem relativa. Baseia-se no emprego combinado da potência de fogo com a mobilidade, características da tropa mecanizada e fundamentais para o êxito das operações.

(2) O combate moderno caracteriza-se pela não-linearidade. Deste modo, o Cmt deve aproveitar as linhas de menor resistência à progressão, manobrando por meio de ações profundas que visem a retaguarda do inimigo, com o emprego de forças blindadas, fogos e aviação. Esse ambiente é favorável às manobras de flanco e incursões, que desequilibram o dispositivo inimigo, forçando-o a combater em mais de uma direção e isolando-o dos seus apoios e reforços.

(3) A capacidade de manobra da Bda C Mec será incrementada e acrescida de uma nova dimensão pelo emprego de aeronaves, conferindo-lhe maior capacidade de atuar sobre objetivos profundos e de obter o desequilíbrio do oponente, restringindo-lhe a possibilidade de reação e a liberdade de manobra.

(4) As ações de contra-contramedidas eletrônicas e contramedidas eletrônicas passivas reforçam a possibilidade de manobrar com rapidez e segurança.

(5) O apoio aéreo, a artilharia e os morteiros proporcionam a cobertura de fogos que possibilitam às tropas mecanizadas e blindadas cerrarem sobre o inimigo e destruí-lo utilizando manobras de flanco, evitando as partes da frente melhor defendidas. Obtém-se resultados decisivos, concentrando fogos em pontos críticos.

c. Obtenção e manutenção da iniciativa

(1) A iniciativa é mantida pela contínua aplicação do poder de combate contra os pontos fracos do inimigo ou aqueles que melhor contribuírem para o cumprimento da missão. Estimula-se a iniciativa por meio de ações ofensivas contra frentes vulneráveis, negando ao inimigo a oportunidade de reorganizar suas forças, e pela continuidade das operações durante a noite e sob condições de reduzida visibilidade.

(2) Tendo em vista o emprego da Bda C Mec, normalmente descentralizado, em largas frentes e grandes profundidades, e as eventuais limitações do sistema de comunicações, é fundamental o conhecimento e o entendimento preciso da intenção do comandante da brigada, por parte dos subordinados, a fim de que possam solucionar problemas táticos locais, à luz de critérios próprios, modificando o esquema de manobra original, alterando direções e objetivos, mesmo na impossibilidade de contato com o escalão superior.

(3) É importante a preparação de planos alternativos para execução imediata, em face das contingências do combate.

d. Exploração dos pontos fracos do inimigo - Normalmente conduzindo operações de grande mobilidade em amplos espaços, a Bda C Mec procura obter o máximo de ímpeto, valendo-se da exploração dos pontos fracos detectados no dispositivo inimigo. Nas operações ofensivas é fundamental a seleção de frente, concentrando a maioria de meios na parte onde procura-se

obter a decisão do combate. Os regimentos (Rgt) devem receber frentes compatíveis com as suas possibilidades orgânicas em termos de mobilidade e potência de fogo. Nas operações defensivas, a destruição da força inimiga também poderá ser realizada pelas ações dinâmicas da defesa que, explorando as vulnerabilidades do inimigo, criam as condições favoráveis à realização de rápidos e potentes contra-ataques.

e. Emprego máximo da mobilidade - A mobilidade deve ser explorada de modo a possibilitar o máximo uso da potência de fogo. A mobilidade contribui decisivamente para alcançar a surpresa por meio da rápida concentração e dispersão de forças, potencializando o efeito da manobra. Permite o desdobramento oportuno em combate e torna possível o pronto desengajamento das forças empenhadas. Possibilita a concentração em um único objetivo de forças empregadas em diferentes direções. A disponibilidade de helicópteros aumenta a mobilidade e o poder de fogo da brigada.

f. Flexibilidade das estruturas organizacionais

(1) A flexibilidade das estruturas organizacionais do regimento de cavalaria mecanizado (R C Mec) e do regimento de cavalaria blindado (RCB) concede à Bda a possibilidade de adaptação ao cumprimento de um grande número de missões. O terreno, as condições meteorológicas e o inimigo podem tornar necessária a modificação das estruturas organizacionais básicas dos regimentos, transformando-os em força tarefa (FT).

(2) O Cmt deve estar preparado para utilizar a flexibilidade da estrutura da Bda e assim aproveitar êxitos inesperados e reverter situações, por intermédio de intervenções oportunas.

g. Emprego do combinado carro de combate (CC) - fuzileiro blindado (Fzo Bld) - mecanizado (Mec) - O emprego do combinado CC - Fzo Bld - Mec permite o máximo de aproveitamento das características particulares de cada elemento. As combinações mais adequadas dependem do estudo dos fatores da decisão.

h. Planejamento detalhado e execução agressiva e descentralizada

(1) As operações das Bda C Mec caracterizam-se pelo planejamento detalhado (exceto no ataque de oportunidade) seguido de execução agressiva e descentralizada. A agressividade imprimida às ações concorrerá para o êxito da operação.

(2) A ação de choque não será efetivamente obtida sem uma execução agressiva.

i. Atribuição de missões pela finalidade - Aos Cmt Rgt, normalmente, são atribuídas missões pela finalidade. As missões devem transmitir ao comandante “o que deve fazer” e não “o como fazer”. A rapidez das ações e da evolução tática impostas pela mobilidade, tornam necessária a atribuição de liberdade de iniciativa aos comandantes para que possam aproveitar, de imediato, as oportunidades favoráveis que se apresentem durante o desenrolar do combate, bem como direcionar os esforços dos escalões subordinados em proveito da manobra como um todo.

j. Aproveitamento do terreno - O terreno e as condições meteorológicas, normalmente, condicionam o êxito ao domínio e uso eficaz da rede de estradas. No entanto, a mobilidade através do campo dos veículos blindados, particularmente sobre lagartas, reduz a dependência das estradas e permite ao comandante liberdade para manobrar. No entanto, a capacidade de durar em combate depende fundamentalmente do fluxo de suprimentos, feito basicamente com veículos sobre rodas que sofrem restrições ao movimento fora das estradas.

l. Priorizar as ações de flanco ou pela retaguarda - No moderno campo de batalha as manobras devem ser conduzidas com grande ímpeto ofensivo, buscando a decisão no menor prazo e com o menor número de perdas possível. Desta forma, deverão ser evitadas as linhas de maior expectativa do inimigo que, após localizado, deverá ser fixado e atacado em seus flancos e/ou retaguarda, onde se buscará destruir seus sistemas de comando e controle, logístico e de apoio de fogo e suas reservas e, ainda, obrigá-lo a combater em mais de uma frente. Nas operações de segurança devem ser seguidos os fundamentos específicos e as ações previstas para o combate de encontro.

m. Continuidade das operações - Nos seus planejamentos, o Cmt deverá enfatizar a continuidade das operações sem perda da impulsão e da iniciativa, particularmente após os êxitos obtidos. Essa continuidade deverá ser buscada mediante a ampla utilização do combate noturno, dos ataques de oportunidade, da guerra de movimento e por meio de substituições, a fim de se manter permanente a pressão sobre o inimigo. Há necessidade de adestramento específico para as forças que realizam este tipo de combate, em face, principalmente, dos efeitos psicofisiológicos da privação do sono. Ênfase especial deve ser dada às operações de substituição visando a manutenção da eficiência operacional.

n. Adequado apoio logístico - Um Ap Log adequado e oportuno é essencial ao êxito de qualquer operação. Planejamentos detalhados de ressuprimento, evacuação e manutenção devem permitir que as ações prossigam ininterruptamente com o mesmo ritmo e intensidade.

ARTIGO IV

ESTRUTURA

1-12. ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS

A Bda C Mec é constituída pelos elementos constantes no organograma da figura 1-1.

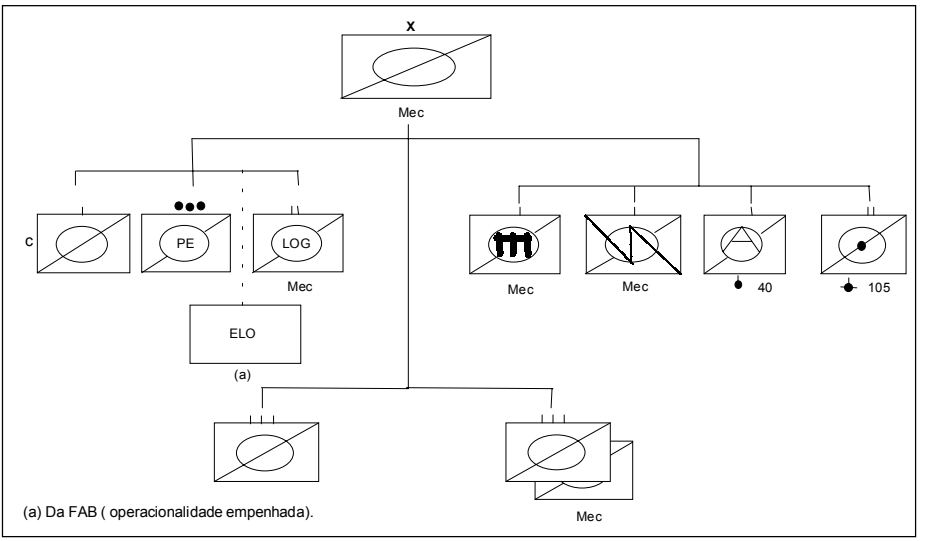


Fig 1-1. Brigada de Cavalaria Mecanizada

1-13. COMANDO

a. Comandante - O Cmt Bda é o responsável pelo comando e controle da grande unidade durante o preparo e o emprego e, assessorado pelo EM, planeja, organiza, coordena e controla as atividades da brigada.

b. Estado-Maior

(1) O EM da Bda tem como missão assessorar o Cmt no exercício do comando.

(2) O EM compreende: o estado-maior geral, o estado-maior especial e o estado-maior pessoal do comandante.

(3) As atribuições de cada um dos membros do estado-maior da brigada constam do Manual de Campanha C 101-5 - ESTADO-MAIOR E ORDENS.

1-14. ELEMENTOS SUBORDINADOS

a. Consideração geral - Para maiores detalhes sobre a organização das unidades (U) e subunidades (SU) pertencentes à Bda, devem ser consultados os respectivos quadros de organização.

b. Esquadrão de Comando - Tem como missão apoiar, em pessoal e em material, o comando da brigada e prover a sua segurança.

c. Regimento de Cavalaria Mecanizado (R C Mec)

(1) É a unidade tática de emprego da Bda nas missões de segurança e reconhecimento.

(2) Organização sumária
(a) Comando.
(b) Esquadrão de comando e apoio.
(d) 3 (três) esquadrões de cavalaria mecanizados.

d. Regimento de Cavalaria Blindado (RCB)

(1) Como elemento de choque amplia a capacidade de combate da brigada e, conseqüentemente, suas possibilidades operacionais no cumprimento de missões de natureza ofensiva. Proporciona, ainda, condições para o combate aproximado e para a manutenção do terreno conquistado.

(2) Organização sumária
(a) Comando.
(b) Esquadrão de comando e apoio.
(c) 2 (dois) esquadrões de carro de combate.
(d) 2 (dois) esquadrões de fuzileiros blindados.

e. Grupo de artilharia de campanha 105 mm autopropulsado - Tem por missão apoiar pelo fogo a Bda, em particular os seus elementos de manobra.

f. Bateria de artilharia antiaérea - Assegura defesa antiaérea (D AAe) contra aviação a baixa altura na área de responsabilidade da brigada, normalmente integrada à defesa aeroespacial. O posto de comando, as posições de artilharia, as instalações de apoio logístico e os pontos críticos devem ser considerados no estabelecimento desta defesa.

h. Companhia de engenharia de combate mecanizada - Tem como missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e contribuir para a proteção, caracterizando-se como um fator multiplicador do poder de combate da Bda.

i. Companhia de comunicações mecanizada - Tem como missão prover o apoio de comunicações à Bda, assegurando o pleno exercício do comando.

j. Batalhão logístico mecanizado - Proporciona Ap Log às U e SU orgânicas da Bda, tendo a seu cargo, inclusive, a evacuação do material salvado e capturado.

l. Pelotão de polícia do exército - Proporciona apoio de polícia à Bda.

ARTIGO V

ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

1-15. GENERALIDADES

a. A organização para o combate e as relações de comando são ditadas pela missão, inimigo, terreno, condições meteorológicas, meios disponíveis, tempo e pelas conclusões do estudo de situação do comandante tático, tendo em vista o emprego mais eficaz da Bda.

b. O Cmt Bda, normalmente, ao organizá-la para o cumprimento de missões ou operações específicas que exijam a utilização de uma forma peculiar de combate ou forças de determinado valor e natureza, poderá organizar forças-tarefas de armas combinadas. Tais forças são criadas pelo reforço recíproco entre os R C Mec e o RCB, bem como, acrescidas de elementos de apoio ao combate e apoio logístico que se fizerem necessários.

1-16. FATORES A CONSIDERAR

a. Condições de emprego - A ordem de integração, reforço, comando ou controle operacional deve especificar o prazo de permanência nessa situação e quaisquer limitações ou condições quanto ao seu emprego.

b. Oportunidade - As modificações na organização para o combate devem ser planejadas e reguladas cuidadosamente para evitar a interferência desnecessária nas operações de combate. Um elemento não deve ser retirado enquanto estiver engajado com o inimigo ou quando isso possa prejudicar o cumprimento da missão da unidade à qual está incorporado. Sempre que possível, as principais modificações exigidas na organização para o combate devem ser efetivadas enquanto a Bda ou os elementos considerados estejam em reserva, em períodos de baixa atividade de combate ou quando for mínima a interferência do inimigo.

c. Logística - Os elementos designados para integrar, reforçar ou apoiar outra unidade devem preparar-se o mais cedo possível para o cumprimento de suas missões. Esta preparação inclui os recompletamentos, bem como , a manutenção de equipamentos e armamentos.

d. Coordenação - O comandante da fração integrante, em reforço ou em apoio, deve ligar-se imediatamente com o comandante da unidade integrada, reforçada ou apoiada para as necessárias ordens e coordenação e, também, com as seções do EM interessadas para orientação e instruções adicionais, inclusive sobre o apoio logístico necessário.

e. Comunicações - O sistema de comunicações do elemento integrante, em reforço ou apoio, deve estar consoante ao da unidade integrada, reforçada ou apoiada. Em certos casos, equipamentos adicionais devem ser fornecidos para o cumprimento dessa exigência.

ARTIGO VI

SISTEMAS OPERACIONAIS

1-17. GENERALIDADES

A Bda C Mec é integrada pelos seguintes sistemas operacionais: comando e controle, manobra, apoio de fogo, inteligência, defesa antiaérea, engenharia

e apoio logístico, que permitem ao Cmt coordenar o emprego oportuno e sincronizado dos seus meios no tempo, no espaço e na finalidade.

1-18. SISTEMA DE COMANDO E CONTROLE

a. Esse sistema permite ao Cmt Bda visualizar o campo de batalha, apreender a situação e dirigir as ações necessárias ao êxito das operações. A comunicação é o elemento vital para o exercício do comando e controle em combate.

b. O Cmt deve se posicionar, no campo de batalha, onde melhor possa controlar seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias para influir no combate.

c. Deve-se preferir a coordenação realizada pelo contato pessoal à realizada por meio de qualquer outro meio de comunicações, desde que seja oportuna.

d. A atuação dos meios de GE sobre as comunicações no campo de batalha exige que os Cmt estejam preparados para prosseguir no combate sem ligação com o Esc Sp. O perfeito entendimento da "intenção do Cmt" sobre a missão e a forma de cumpri-la, bem como, o conhecimento das ordens e planos de operações de, no mínimo, dois escalões acima da brigada, são de fundamental importância. O perfeito conhecimento da intenção do comandante e do conceito da operação permitem que as ações dos subordinados possam ser realizadas com maior iniciativa, oportunidade e menor dependência dos meios de comunicações.

1-19. SISTEMA DE MANOBRA

a. É pela manobra, que consiste na combinação do fogo e do movimento, que a Bda posiciona-se, no campo de batalha, de maneira vantajosa em relação ao inimigo. A manobra cria as melhores condições para conquistar e manter objetivos, bem como, para proporcionar segurança e reconhecer. Todos os demais sistemas trabalham para facilitar, orientar e apoiar a manobra.

b. Os regimentos mecanizados (R Mec) são os elementos mais aptos a realizar as operações de segurança e reconhecimento. Podem realizar operações ofensivas altamente móveis, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição, e defensivas, onde são particularmente adequados a realizarem os movimentos retrógrados ou serem empregados como elemento de economia de forças em proveito do escalão enquadrante.

c. O RCB é o elemento de manobra mais eficaz para conduzir operações ofensivas e defensivas continuadas, cerrando sobre o inimigo a fim de destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra, o combate aproximado e a ação de choque. Na ofensiva é especialmente apto para realizar incursões, atacar, aproveitar o êxito e perseguir o inimigo, participando de

manobras de flanco. Nas operações defensivas mantém o terreno, executa movimentos retrógrados, particularmente a ação retardadora, e realiza contra-ataques.

1-20. SISTEMA DE APOIO DE FOGO

a. A sincronização dos fogos com a manobra é chave para o êxito das operações. O sistema de apoio de fogo sincroniza os fogos orgânicos e os fogos aéreos e navais com a manobra planejada. Proporciona ao Cmt a capacidade de tirar o máximo proveito da aplicação de fogos em toda a profundidade do campo de batalha.

b. O Cmt Bda planeja e coordena seu apoio de fogo para neutralizar ou destruir o inimigo. O Coordenador de Apoio de Fogo assessora o Cmt no planejamento e coordenação do apoio de fogo. Em complemento aos fogos orgânicos, a Bda poderá receber apoio de fogo do escalão superior (Esc Sp) e da força aérea (F Ae).

c. A artilharia provê apoio de fogo indireto orgânico, contribuindo para a destruição ou neutralização do inimigo e favorecendo a manobra das unidades.

d. A FAT provê fogos adicionais aos meios terrestres. A brigada normalmente recebe um Oficial de Ligação Aérea (OLA).

1-21. SISTEMA DE INTELIGÊNCIA

a. É fundamental para a eficácia do planejamento e sua execução, bem como para a segurança da tropa. Para proporcionar uma visão precisa do campo de batalha, exige direção centralizada, ação simultânea em todos os níveis de comando e difusão oportuna das informações pela cadeia de comando. O comandante dirige as atividades de inteligência da Bda e orienta a busca dos elementos essenciais de informação, conforme as necessidades.

b. Todas as unidades têm a responsabilidade de transmitir, com oportunidade, dados e conhecimentos sobre o inimigo para o Esc Sp.

c. Na Bda, os R C Mec são os meios mais utilizados para a busca de dados sobre o inimigo e o terreno.

d. É fundamental a estreita ligação do Sistema de Inteligência com os Sistemas de Manobra e de Comando e Controle.

d. Os meios de GE do Esc Sp devem, sempre que possível, apoiar as operações da brigada, ampliando a capacidade de busca de informações sobre o inimigo e disponibilizando estes dados.

1-22. SISTEMA DE DEFESA ANTIAÉREA

a. O sistema coordena as atividades de D AAe, ativas e passivas, de todos os elementos subordinados à Bda C Mec e integra-se ao sistema similar do Esc Sp executando as medidas de coordenação e controle do espaço aéreo por esse determinadas.

b. Os procedimentos para a coordenação e controle do espaço aéreo são emitidos pelo Esc Sp e aplicados na Bda pelo E/3 do Ar. Durante os planejamentos, o E/3 deve considerar a influência desses procedimentos sobre o esquema de manobra da Bda.

c. O comandante da artilharia antiaérea orgânica é o assessor do Cmt Bda para os assuntos inerentes à defesa antiaérea e do E/3 do Ar, naquilo que se referir à coordenação e controle do espaço aéreo.

d. Para a sua D AAe, a Bda emprega a bateria de artilharia antiaérea orgânica e os meios que estejam em reforço de fogos ou em reforço, os quais, normalmente, são insuficientes para a defesa de todos os seus elementos. Por isso, estes elementos devem utilizar-se das medidas passivas de defesa antiaérea, em especial a camuflagem e a dispersão, e, em última instância, empregar o fogo das armas individuais e coletivas na autodefesa antiaérea.

e. Como parte mais significativa do sistema de D AAe, a AAAe emprega seus sistemas de armas, de controle e alerta, de comunicações e de Ap Log para cumprir a sua missão e proporcionar à Bda a segurança necessária contra a ameaça aérea.

f. O eficiente funcionamento do sistema de D AAe é, no cenário tático da atualidade, fundamental para assegurar liberdade de manobra para a Bda C Mec.

1-23. SISTEMA DE ENGENHARIA

a. O sistema de engenharia visa proporcionar à Bda o apoio à mobilidade, à contramobilidade, à proteção e o apoio geral de engenharia.

b. Na Bda, as necessidades de apoio fazem-se sentir, particularmente, junto aos elementos de primeiro escalão, exigindo, desta forma, a colocação dos meios mais à frente possível. A Companhia de Engenharia de Combate (Cia E Cmb) é organizada com meios destinados a atender às necessidades mínimas e mais imediatas da frente de combate. Assim, quando ocorre deficiência de meios em material ou pessoal a Cia E Cmb depende do apoio do Esc Sp de Eng para saná-la.

c. Em face das características das ações neste escalão, os trabalhos de engenharia são sumários e rápidos, devendo atender, em princípio, apenas às necessidades mais prementes da Bda.

1-24. SISTEMA DE LOGÍSTICA

a. O sistema de logística é o responsável pelo conjunto de ações voltadas para preparar e garantir a continuidade das operações. Está presente em todas as fases do combate. Deve estar sincronizado com o sistema de manobra e possuir a capacidade de responder às condições dinâmicas do combate de qualquer intensidade.

b. O Ap Log no nível Bda orienta-se, fundamentalmente, para o apoio ao pessoal e material dos elementos de combate e apoio ao combate. Este apoio está relacionado basicamente ao transporte e distribuição de suprimentos, à manutenção do material e à saúde.

c. O E/4, Oficial de Logística da Bda, é o responsável pelo planejamento coordenação e supervisão de todas as atividades logísticas.

1-25. O ELEMENTO HUMANO

a. Embora não seja um sistema operacional, o ELEMENTO HUMANO é um componente crítico das operações. As missões no campo de batalha são cumpridas por soldados e não por sistemas de armas.

b. A coesão deve ser mantida a todo custo, para que a confiança dos soldados em seus comandantes e nas suas frações seja maximizada.

c. O Cmt deve considerar a experiência e o adestramento de seus homens no planejamento operacional da GU, bem como estimulá-los para que desenvolvam suas qualidades individuais.

d. Planos para o repouso da tropa, para a segurança individual e coletiva e para a manutenção da disciplina devem receber a atenção dos Cmt em todos os níveis.

e. Atenção especial deve ser dada para os aspectos relacionados com a manutenção de vigor físico e com o estado sanitário da tropa, bem como a adoção de medidas que visem o seu conforto e a manutenção ou melhoria de seu moral.

f. O Cmt deve assegurar-se de que todas as medidas estão sendo tomadas para fortalecer o moral, a saúde, o bem estar e o adestramento para o combate.

g. Somente guarnições bem adestradas poderão utilizar em sua plenitude os recursos disponíveis nos modernos meios de combate, empregando-os com eficiência e eficácia. Essa necessidade de uma maior capacitação técnica e tática dos homens e das guarnições e de um maior adestramento das frações deverá ser atendida por meio de um programa de instrução, desenvolvido, permanentemente, nos momentos estáticos do combate, nas zonas de reunião (Z Reu) e, principalmente, nos períodos em que a Bda não estiver empregada em combate. Esse programa deverá proporcionar às guarnições e frações a

possibilidade de uma reciclagem periódica, por intermédio de uma análise crítica dos erros cometidos e dos ensinamentos adquiridos, enfocando a utilização dos equipamentos, das viaturas e do emprego tático das frações e das SU.

CAPÍTULO 2

COMANDO E CONTROLE

ARTIGO I

RESPONSABILIDADES

2-1. GENERALIDADES

a. Comandar, em qualquer nível, é a arte de motivar e conduzir soldados para o desempenho de tarefas que visem o cumprimento da missão. O comando de operações engloba dois componentes vitais: a habilidade de liderar e a habilidade de decidir. O comando exige do Cmt a capacidade de: visualizar a finalidade da operação; transformar essa visão em diretrizes concisas e claras que orientem com simplicidade as ações a realizar; formular o conceito da operação; e proporcionar à força vontade para concentrar o poder de combate no ponto decisivo com superioridade em relação ao inimigo.

b. O Cmt usa o controle a fim de regular forças e ações no campo de batalha para que a sua decisão seja cumprida fielmente. O controle também tem dois componentes vitais. Primeiro, o controle obedece o princípio da unidade de comando, pelo qual um comandante deve controlar um escalão abaixo e gerenciar as forças até dois escalões abaixo do seu. Segundo, o controle deve ser compatível com o dinamismo das operações, possibilitando ao Cmt tomar decisões oportunas.

c. Na Bda C Mec, o comando normalmente é exercido de forma descentralizada em decorrência das extensas frentes e profundidades, das incertezas do conhecimento acerca do inimigo e das poucas informações disponíveis relativas ao terreno.

d. Os elementos de combate, apoio ao combate e logísticos interagem, integrando sistemas operacionais, que permitem ao Cmt coordenar o emprego

oportuno e sincronizado de seus meios no tempo, no espaço e na finalidade. Os sistemas operacionais são: comando e controle; inteligência; manobra; apoio de fogo; defesa antiaérea; engenharia e logístico. Para designar os sistemas de comando e controle da Bda C Mec emprega-se a sigla C2 /Bda C Mec.

2-2. RESPONSABILIDADES

a. O Cmt Bda C Mec é o responsável pelo sistema de comunicações e eletrônica da GU, sendo a companhia de comunicações mecanizada da brigada encarregada da instalação, exploração e manutenção do mesmo.

b. O E/3, perante o Cmt, é o responsável pelo planejamento do Sistema de Comunicações da Brigada, contando, para tal, com o assessoramento do comandante da companhia de comunicações.

c. O comandante da companhia de comunicações é o Oficial de Comunicações e Eletrônica da Bda. Como integrante do EM especial, assessora o Cmt e o EM em todos os aspectos relativos às comunicações e à guerra eletrônica. Além disso, planeja, coordena e supervisiona as atividades de comunicações de todos os elementos da Bda.

2-3. INTEGRAÇÃO DOS SISTEMAS

a. A Bda C Mec estabelece um Sistema de Comunicações de Comando capaz de suprir as necessidades de ligação entre o posto de comando principal (PC Pcp), o posto de comando tático (PC Tat) e o posto de comando recuado (PCR) da brigada, quando escalonados, e do PC Pcp/Bda com os elementos subordinados. Envolve o estabelecimento de centros de comunicações de comando que servem os postos de comando da Bda, bem como a instalação e manutenção de sistemas de enlace entre o PC Pcp/Bda e os centros de comunicações das unidades subordinadas.

b. O sistema de comunicações da brigada integra o sistema tático de comunicações da divisão de exército (SISTAC/DE), ou do exército de campanha, quando diretamente subordinada a este, por intermédio do sistema de comunicações de área da divisão de exército (SCA/DE), ou do Ex Cmp.

c. Os PC Pcp/PCR das Bda se interligam aos PC Pcp/PCR da DE e PC das GU da base divisionária por intermédio do SCA/DE, o qual funciona mediante o estabelecimento de enlaces de microondas em visibilidade, cabo múltiplo ou fibra ótica entre os centros nodais (CN) e destes com os centros de comunicações (C Com) dos elementos integrantes da DE.

d. As unidades subordinadas da Bda C Mec estabelecem os respectivos sistemas de comunicações de comando com os meios orgânicos, cabendo à Bda integrá-los ao seu sistema de comunicações.

e. A integração dos sistemas de comunicações dos elementos em apoio à Bda é da responsabilidade dos mesmos.

f. As ligações laterais necessárias à Bda são estabelecidas através do sistema de comunicações do Esc Sp. Entre as unidades da Bda, as ligações laterais se fazem, normalmente, utilizando o sistema de comunicações da própria Bda. Na ausência de ordem ou norma interna particular, a responsabilidade pelo estabelecimento dessas ligações laterais cabe ao elemento da esquerda, considerando-se a frente voltada para o inimigo.

ARTIGO II

POSTOS DE COMANDO

2-4. GENERALIDADES

a. PC é a denominação empregada para designar o local de funcionamento do comando dos diversos escalões da F Ter quando em operações que impliquem saída dos seus respectivos aquartelamentos.

b. A Bda C Mec normalmente escalona seu PC, com o objetivo de estabelecer sistemas de comando e controle específicos para operações e para atividades logísticas. Assim, o PC é escalonado em posto de comando principal (PC Pcp) e posto de comando recuado (PCR).

c. Em função do tempo disponível, das características da área de operações, das possibilidades do inimigo e da situação tática, o PC Pcp/Bda C Mec pode desdobrar-se em PC Pcp e PC Tat. O PC Pcp é o órgão de comando e controle voltado, particularmente, para o planejamento e coordenação das operações táticas correntes e futuras. O PC Tat, por sua vez, é a instalação de comando e controle de constituição leve e com excepcional mobilidade, dotada de reduzido pessoal e material, instalados em veículos apropriados ou, excepcionalmente, em plataforma aérea. A sua missão é conduzir operações em curso, fornecendo, em interação com o PC Pcp, informações em tempo real ao comando da Bda.

d. O PCR da Bda, quando desdobrado, é o local onde o comando estabelece a supervisão e coordenação do Ap Log e das atividades de segurança da área de retaguarda. Costuma ser localizado junto à área de apoio logístico da brigada (A Ap Log Bda).

2-5. COMPOSIÇÃO DO PC Pcp

a. O PC Pcp/Bda C Mec é constituído, normalmente, pelo Cmt e pelo seu EM pessoal, pelo chefe do estado-maior (Ch EM), pelas seções de estado-maior geral, pelas seções de estado-maior especial necessárias às operações táticas, pelo centro de coordenação de apoio de fogo (CCAF) - composto por elementos do estado-maior geral e de ligação, pelos oficiais de ligação e pelos elementos do escalão superior, conforme a situação.

b. As 2ª e 3ª seções do EM da Bda, normalmente engajadas de forma direta nas operações táticas, operam, geralmente, como um todo no PC Pcp. Em situações muito dinâmicas e a critério do Cmt/Bda, os chefes ou os adjuntos dessas seções integram o PC Tat para acompanhar o Cmt Bda em locais mais próximos da linha de contato (LC). Já as 1ª, 4ª e 5ª seções costumam ser localizadas, com a maioria de seus meios, no PCR/Bda.

c. Na área do PC Pcp, para apoiar o Cmt Bda e seu EM, encontram-se elementos do esquadrão de comando, a companhia de comunicações (menos os elementos empregados no centro de comunicações do PCR e no PC Tat, quando desdobrado), os elementos da bateria de artilharia antiaérea (Bia AAAe) responsáveis pela defesa antiaérea da área e o pelotão de PE.

2-6. LOCALIZAÇÃO DO PC Pcp

a. Cabe ao E/3, assessorado pelo OCE, propor ao Cmt Bda a localização do PCP para determinada operação; ao E/1, em íntima ligação com o comandante do esquadrão de comando da Bda e com o OCE, planejar o local exato e selecionar a disposição das instalações do PC Pcp.

b. A localização do PC Pcp deve permitir o exercício do comando e controle pelo Cmt Bda. Para isso, diversos fatores devem ser considerados, particularmente a situação tática, o terreno, a segurança e as comunicações, a seguir apresentados.

(1) Situação Tática

(a) Orientar na direção do esforço principal ou frente mais importante. Nas operações de movimento, deve permitir acompanhar o deslocamento de elemento de manobra empregado na ação principal e, se necessário, facilitar a rocada para a ação secundária.

(b) Prover o apoio cerrado aos elementos subordinados.

(c) Proporcionar espaço para desdobramento dos elementos e outras instalações que integram a zona de ação (Z Aç) da Bda.

(d) Estar próximo e ter acesso a local onde possa ser instalado posto de observação para o Cmt Bda.

(2) Terreno

(a) Ter facilidade de acesso.

(b) Ter boa circulação interna na área para pessoal e viaturas.

(c) Possuir área compatível para a dispersão entre as instalações do PC Pcp.

(d) Apresentar instalações ou edificações.

(e) Estar apoiado em rede de estradas que permita deslocamentos rápidos nas mudanças de PC Pcp e/ou desdobramento do PC Tat.

(f) Favorecer a adoção das medidas de controle de pessoal e material.

(3) Segurança

(a) Ter proteção de massa cobridora e ser desenfiado face ao inimigo.

(b) Estar coberto ou possuir facilidades de camuflagem natural.

(c) Estar próximo de U ou SU de arma base.

(d) Permitir a dispersão de órgãos e unidades no terreno, de modo a não criar alvos compensadores para o inimigo.

(e) Estar dentro da distância de segurança, medida da linha de contato, em operações ofensivas, e, da orla anterior dos últimos núcleos de aprofundamento da Bda nas operações defensivas. Para a definição desta distância, considerar as possibilidades do inimigo, particularmente o alcance dos seus fogos terrestres.

(f) Estar afastada de flancos expostos e de caminhos favoráveis à infiltração inimiga.

(g) Distanciar-se de possíveis alvos de interesse ao inimigo.

(4) Comunicações

(a) Dispor de recursos de telecomunicações civis ou militares no local.

(b) Estar afastado de fontes de interferências.

(c) Atender ao alcance dos meios de transmissão orgânicos.

(d) Permitir equilíbrio de distâncias para o sistema de comunicações da Bda.

(e) Não conter obstáculos ao estabelecimento dos diversos meios de transmissão.

(f) Permitir instalação de sítio de antenas, atendendo às necessidades técnicas e táticas.

(g) Possuir local para o pouso de helicópteros e ter acesso a aeródromo.

2-7. LOCALIZAÇÃO DO PC Tat

a. A seleção do local do PC Tat deve atender primordialmente às necessidades táticas e técnicas que justificam o seu desdobramento. Portanto, não obedece a pré-requisitos.

b. Para manter a segurança e continuidade do comando e controle, o PC Tat/Bda pode localizar-se em qualquer parte da Z Aç, inclusive justapor-se a um PC de elemento subordinado.

2-8. LOCALIZAÇÃO DO PCR

O PCR deve ser localizado, sempre que possível, nas proximidades das instalações da A Ap Log, sem, no entanto, estar no interior desta. Por este motivo, a distância de segurança para o PCR é a mesma prevista para a localização da A Ap Log/Bda.

ARTIGO III

SINCRONIZAÇÃO

2-9. GENERALIDADES

a. Sincronização é a combinação das atividades no campo de batalha em tempo, espaço e finalidade com o objetivo de proporcionar o máximo poder relativo de combate no lugar decisivo, embora não se limite a ele. Algumas atividades que o comandante sincroniza em uma operação podem ocorrer antes do momento decisivo. A sincronização visa obter poder de combate vencedor.

b. As características dinâmicas da Bda C Mec em combate diminuem os prazos disponíveis para a tomada das decisões, tornando imprescindível a estreita sincronização dos meios postos à disposição do Cmt para a obtenção do êxito.

c. A sincronização constitui um poderoso fator multiplicador do poder de combate. Com certeza, o defensor terá muito mais dificuldades em resistir ao atacante se tiver que enfrentar, simultaneamente, seu ataque terrestre, aéreo, fogos diretos e indiretos, interferência eletrônica em suas redes de comando e controle, contrabateria, assalto aeromóvel, bombardeio de suas instalações logísticas e de comando por lançadores múltiplos, incursões de comandos em sua retaguarda etc. A simultaneidade dessas ações pode levar o inimigo ao colapso em curto prazo, pois a soma dos efeitos será maior do que se as ações fossem sucessivas.

d. Nas operações da Bda C Mec, onde as distâncias entre os diversos elementos normalmente são grandes, somente um sistema de comunicações eficiente poderá proporcionar condições essenciais para obter-se a sincronização das ações. No entanto, além desse fator, é fundamental que os estados-maiores geral e especial estejam atentos para as conseqüências e reflexos das ações planejadas, de forma a alterá-las, quando necessário, para viabilizar a desejada simultaneidade das ações.

e. A sincronização, usualmente, requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização, a não ser que o comandante primeiro visualize os efeitos desejados e qual a seqüência de atividades que os produzirá. O EM precisa conhecer a intenção do comandante, pois é o EM que faz uma grande parte do plano de sincronização acontecer. A sincronização deve estar sempre na mente dos comandantes e, a partir daí, no planejamento e coordenação de movimento, fogos e atividades de apoio. Ensaios são a chave para o êxito de operações sincronizadas.

f. O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que possa melhor contribuir para obter a superioridade no local e momento decisivos. A sincronização exige:

(1) o perfeito conhecimento dos efeitos produzidos pelos diversos meios de combate;

(2) o conhecimento da relação entre as possibilidades do inimigo e as forças amigas;

(3) o domínio perfeito das relações entre o tempo e o espaço; e

(4) a clara unidade de propósitos.

g. A sincronização acontece a partir da concepção da operação pelo Cmt e seu EM, quando estes planejam que ações realizar e como estas ações devem ocorrer no tempo e no espaço para atingir seu objetivo. A sincronização visa fazer com que os efeitos da ação de diversas forças se façam sentir de maneira total no momento e no local desejados.

h. O resultado da sincronização efetiva é o máximo uso de todos os recursos para obter a máxima contribuição para o sucesso. Sincronização implica no julgamento e escolha entre atividades simultâneas e seqüenciais. O Cmt deixa claro para o seu EM e comandantes subordinados quando os efeitos de uma atividade são pré-condição para uma ação subseqüente. Atingir isto requer uma antecipação dos eventos que vem com o "pensar em profundidade", com o domínio das relações de tempo e espaço e um completo conhecimento da interação das nossas possibilidades com as do inimigo. Acima de tudo, sincronização requer um claro estabelecimento da intenção do comandante.

i. A sincronização implica a judiciosa exploração do fator da decisão "tempo".

j. A sincronização dos sistemas de combate da Bda C Mec ocorre verticalmente, do Esc Sp para a Bda e através das U e suas SU. Ela ocorre também, horizontalmente, entre as seções do EM.

2-10. SINCRONIZAÇÃO NA BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

A Bda C Mec normalmente sincroniza suas operações da seguinte forma:

a. assegurando-se de que seus meios de inteligência de combate estão ajustados às necessidades do comandante e que responderão a tempo de influenciarem nas decisões e na operação;

b. determinando qual será o esforço principal e carreando os meios necessários para estes elementos;

c. coordenando a manobra com os meios de apoio ao combate e apoio logístico disponíveis;

d. utilizando a estimativa logística para assegurar-se que os meios necessários estarão disponíveis e alocados;

e. emassando rapidamente seu poder de combate no ponto decisivo para obter a surpresa, a massa e uma efetiva ação de choque, sem demoradas explanações e expedições de ordens;

f. planejando “à frente”, para explorar as oportunidades criadas pelo sucesso tático;

g. permitindo uma execução descentralizada das operações;

h. utilizando as ferramentas da sincronização; e

i. conduzindo ensaios de sincronização.

2-11. FERRAMENTAS DE SINCRONIZAÇÃO

a. Matriz da sincronização

(1) É um documento empregado pelo EM da Bda na visualização e ensaio de todas as ações a serem realizadas antes, durante e após o combate. Este documento não é padronizado, podendo ser adaptado ao sistema de trabalho do EM da Bda ou da operação a ser conduzida. Em princípio, constitui-se numa planilha de dupla entrada onde, na coluna vertical são lançados os eventos e faseamento do combate, a situação do inimigo, os sistemas operacionais, os meios disponíveis e ações de dissimulação e simulação previstas para a operação e, na coluna horizontal, são lançados o tempo ou o faseamento da operação. É feita uma interação destas duas colunas, reagindo-se cada sistema com o faseamento da operação/tempo, considerando-se a interferência do inimigo, do terreno, das condições meteorológicas, e de outros dados que poderão interferir no cumprimento da missão.

(2) A matriz de sincronização pode ser utilizada para suplementar o calco de operações e ordens verbais. O preenchimento da matriz não substitui a ordem de operações para o cumprimento da missão.

(3) O **Anexo "A"** apresenta o exemplo de uma Matriz de Sincronização preenchida.

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (EXEMPLO)					
DADOS			FASEAMENTO DA OPERAÇÃO		
D/H DOS EVENTOS, OBJETIVOS OU FASES (PREVISÃO)					
SITUAÇÃO DO INIMIGO					
SISTEMAS OPERACIONAIS	INTELIGÊNCIA	Terreno			
		Pos Inimigas			
		Obstáculos			
	MANOBRA	Unidades			
		Z Aç Pcp			
		Área Rg			
		Profundidade			
	Ap FOGO	Art			
		Armt AC			
		Aéreo			
	ENGENHARIA	Equipamento			
		Pessoal			
	Def AAe	Tubo			
		Msl			
		Sist Vig/Tiro			
		PC Pcp			
	Ap Log	Ct civis e PG			
		Cl I			
		Cl III			
		Cl V			
		Cl IX			
		Mnt			
		Ap Saúde			
SIMULAÇÃO					
DISSIMULAÇÃO					
MEIOS		U			
		Bda			
		DE			
NOTAS		Dados essenciais à operação			

b. Planilha de acompanhamento do combate - É um documento de trabalho empregado pelas seções de EM e elementos de combate, de apoio ao combate e logístico. Nestas planilhas são sintetizadas as ações, atividades e atuações de cada sistema operacional, visando facilitar o acompanhamento das ações do combate e a realização do estudo de situação continuado e planejamentos dele decorrentes. O emprego destas planilhas permite maior rapidez na introdução de correções no planejamento inicial, que se fizeram necessárias durante o combate.

2-12. PROCESSOS DE SINCRONIZAÇÃO

a. A sincronização possui três fases distintas: a sincronização realizada durante o planejamento da operação, a sincronização do ensaio da operação e a sincronização durante o combate.

b. A sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico realizada durante a fase inicial de planejamento é conduzida pelo comandante da Bda, auxiliado pelo seu EM. Nesta fase são planejadas as ações a realizar e como estas ações irão ocorrer.

c. Encerrada a fase de planejamento e com a ordem de operações pronta, é realizado um ensaio da operação, conduzido pelo Ch EM com a presença do EM, comandantes dos regimentos e os elementos de apoio ao combate e apoio logístico. Neste ensaio todas as ações previstas para o combate são interagidas com a provável atuação do inimigo, possibilitando a introdução de modificações que venham contribuir para a execução do planejamento inicial. A finalidade deste ensaio conduzido pelo Ch EM, além de ajustar o planejamento, é garantir que todos os elementos do EM, comandantes de regimento, elementos de apoio ao combate e apoio logístico conheçam a intenção do comandante, compreendam o conceito da operação, saibam o que fazer em todas as fases do combate e qual a missão de todos os elementos subordinados da Bda.

d. O ensaio de sincronização tem início com o E2 expondo todos os dados e conhecimentos disponíveis sobre o terreno, as condições meteorológicas e o inimigo e, de que forma se espera que interfiram na operação. Em seguida, e para cada fase da operação, os oficiais responsáveis pelos sistemas de combate (manobra, apoio de fogo, engenharia, comando e controle, logística e defesa antiaérea) e os comandantes subordinados expõem como o seu sistema/regimento atuará durante a fase considerada. O E2 passa a atuar como se fosse o comandante inimigo (com base nos dados e conhecimentos disponíveis sobre efetivos, equipamentos, doutrina etc...), interferindo na explanação de cada responsável por sistema de combate, procurando neutralizar o planejamento de cada um destes sistemas, levando o EM a modificar o planejamento inicial. Ao final do ensaio, e tendo certeza da viabilidade da operação e de que todos sabem o que fazer, o Ch EM dá por encerrada esta fase da sincronização e informa ao comandante da Bda os resultados obtidos, se este não tiver acompanhado o ensaio.

e. Ao iniciar-se o combate, o Ch EM passa a conduzir a terceira fase da sincronização no PC Pcp. Ele mantém-se informado da situação tática e logística da Bda, do Esc Sp e dos elementos vizinhos, realizando um estudo de situação continuado, com o apoio do E2 e dos demais elementos do EM, quando necessário. Com base neste estudo de situação ele introduz modificações no planejamento inicial, após contato com o Cmt Bda, agilizando a resposta dos elementos necessários, face à mudança da situação tática ou logística.

ARTIGO IV

LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

2-13. LIGAÇÕES

a. Generalidades

(1) Ligações são as relações ou as conexões estabelecidas entre os diferentes elementos que participam de uma mesma operação, sendo uma ferramenta de apoio às atribuições de comando e controle.

(2) Constituem meios de ligação: a rotina burocrática, o contato pessoal, a observação direta, o agente de ligação, o destacamento de ligação e os meios de comunicações.

b. Ligações necessárias - As ligações necessárias permitem o exercício do comando e controle no âmbito da Bda C Mec, a sua integração ao sistema de comando e controle do Esc Sp e a conexão com os elementos subordinados, vizinhos, apoiados, em apoio, em reforço e, quando for o caso, de outras forças singulares.

c. Responsabilidade pelas ligações - A responsabilidade pelas ligações necessárias obedece os seguintes princípios: (Fig 2-1)

(1) o Esc Sp tem a responsabilidade pela ligação com seus escalões diretamente subordinados, incluindo-se os recebidos em reforço ou em integração;

(2) o elemento que apóia é responsável pela ligação com o apoiado. Nas operações de substituição, a tropa substituída fornece o apoio;

(3) entre elementos vizinhos, caso não haja instruções específicas, a responsabilidade é do elemento da esquerda, considerando-se o observador posicionado com a sua frente voltada para o inimigo.

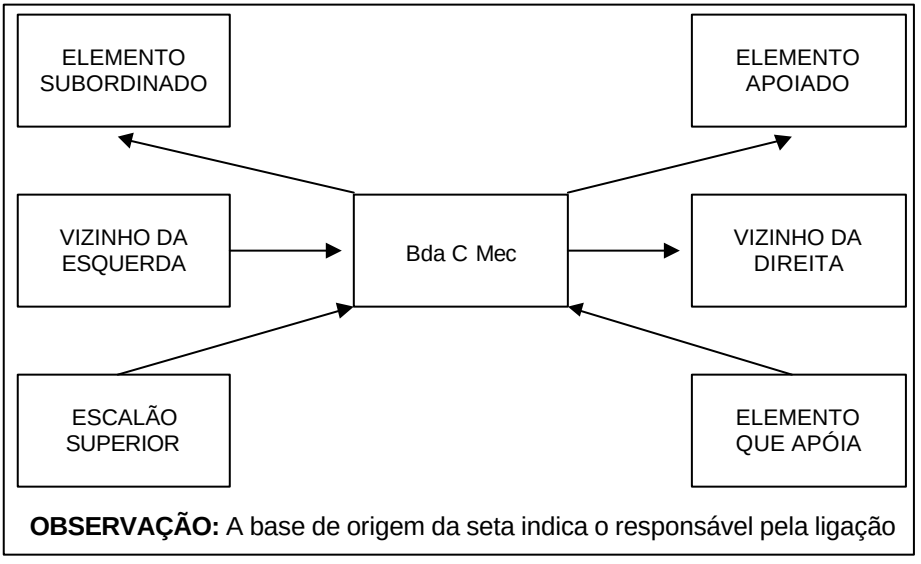


Fig 2-1. Ligações necessárias

2-14. COMUNICAÇÕES

a. Generalidades- Os meios de comunicações utilizados pela Bda C Mec incluem o rádio, o multicanal, o mensageiro, os físicos, os acústico, os visuais e os diversos. Estes meios têm possibilidades e limitações diferentes e são empregados de forma a que cada um complemente o outro, aumentando a confiabilidade do sistema de comunicações da Bda, evitando que haja dependência exclusiva de qualquer um deles. Os meios mais empregados pela Bda C Mec devem ser os que proporcionem o máximo de confiabilidade, flexibilidade, segurança e rapidez.

b. Estrutura - A configuração, extensão e composição do SISTAC/Bda são condicionadas pelos fatores missão, terreno, inimigo, meios, espectro eletromagnético e tempo disponível.

c. Composição

(1) O SISTAC/Bda C Mec compreende, basicamente:

(a) C Com Cmdo instalados no PCP e no PCR da Bda;

(b) sistema de enlace por microondas em visada direta para a ligação PCP-PCR/Bda;

(c) sistema de enlace por rádio composto por redes-rádio internas e postos-rádio em redes externas, que podem variar em função da situação e subordinação da Bda. Em operações mais dinâmicas, este sistema pode constituir a base do SISTAC/Bda C Mec;

(d) sistema de enlace físico composto por equipamentos de transmissão e recepção (telefone, fax, telégrafo e microcomputador) e meios de

transmissão físicos (fio duplo telefônico, cabo múltiplo etc);

(e) sistema de enlace por mensageiro responsável pela entrega de mensagens, documentos e pacotes de um C Com Cmdo a outro; e

(f) meios acústicos, visuais e diversos, empregados em complemento aos demais, normalmente para ligações a pequenas distâncias, nos escalões mais baixos. O crescimento da importância da guerra eletrônica tende a tornar o uso destes meios mais intenso.

(2) Para maiores informações quanto a composição do SISTAC/Bda C Mec, consultar o manual de campanha que regula o emprego das Comunicações na Brigada.

ARTIGO V

ZONAS DE REUNIÃO

2-15. FINALIDADE

As Z Reu têm por finalidade facilitar:

a. a organização para o combate das unidades da Bda e a ultimação dos preparativos para um ataque;

b. a realização de inspeções sumárias, a execução de pequenos reparos no material e viaturas, o reabastecimento destas e a distribuição de alguns suprimentos; e

c. o reagrupamento da tropa após uma operação.

2-16. LOCALIZAÇÃO

No caso particular do ataque, a Z Reu deve ser localizada fora do alcance dos fogos da artilharia média do inimigo. Essa distância não deve ser menor do que 1(uma) hora de deslocamento por estrada até a linha de partida e a linha de contato (LP/LC).

2-17. OCUPAÇÃO DA ZONA DE REUNIÃO

a. A dissimulação na ocupação de uma Z Reu é obtida por meio de lançamento de fumígenos, do deslocamento da coluna por infiltração ou pela utilização de itinerários desenfiados. Em princípio, a ocupação deve ser feita à noite.

b. Atingindo as Z Reu, as unidades não devem deter-se ao longo das estradas. Balizadores e guias devem ser postados, em número adequado, para assegurar a rápida liberação dessas estradas. Os reajustamentos das posições das viaturas devem ser evitados.

2-18. SEGURANÇA DA ZONA DE REUNIÃO

a. No âmbito da Bda, as medidas de segurança da Z Reu comportam os seguintes aspectos: o aproveitamento de cobertas e de obstáculos naturais; a obstrução de estradas; a dispersão de viaturas; o reconhecimento de áreas suspeitas; as ligações com unidades vizinhas, a obediência às CCME no emprego das comunicações e a adoção de um sistema de vigilância em locais que dominem as prováveis vias de acesso do inimigo.

b. Os efetivos dos postos avançados devem ser compatíveis com a situação. Normalmente, a missão cabe a um esquadrão que instala vários postos avançados (postos de escuta, à noite) e aciona as patrulhas que se fizerem necessárias. O grosso da brigada mantém-se articulado, em condições de apoiar ou acolher os postos avançados.

c. A segurança imediata do PC/Bda é atribuída a uma fração de tropa sempre que o pelotão de segurança (orgânico do esquadrão de comando) estiver empenhado em outra missão. As viaturas blindadas do EM/Bda também podem ser aproveitadas neste mister.

d. O comandante do esquadrão de comando ou o E-1, ao deslocar-se para reconhecer a região do novo posto de comando, deve fazer-se acompanhar de elementos incumbidos da sua segurança.

e. No planejamento do emprego das comunicações da Bda C Mec em Z Reu, algumas considerações são fundamentais:

(1) manutenção do sigilo - deve ser considerada a possibilidade do inimigo interceptar as emissões eletromagnéticas da Bda e obter informações através da sua análise;

(2) redução das comunicações ao mínimo indispensável;

(3) máxima utilização de recursos locais e de mensageiros; e

(4) maior prioridade à organização do PC Tat para atender à necessidade de deslocamento do Cmt e EM da Bda.

CAPÍTULO 3

APOIO AO COMBATE

ARTIGO I

APOIO DE FOGO

3-1. GENERALIDADES

a. O comando da Bda C Mec é responsável pelo emprego eficiente de todos os elementos de manobra e de apoio de fogo que integram a grande unidade, ou que forem postos sob seu controle direto. Ainda, é de sua responsabilidade a coordenação dos fogos com a manobra, assessorado pelo E/3.

b. O apoio de fogo de que dispõe a Bda é fornecido pelo grupo de artilharia de campanha orgânico, que poderá ser ampliado pelos fogos de outras unidades de artilharia do Esc Sp, pelo apoio aerotático e pelo fogo naval, quando disponíveis.

c. A sincronização do fogo com a manobra é fator essencial para o sucesso das operações e deve ser buscada durante todas as fases das operações. Para melhor implementá-la, o comandante da brigada conta com o coordenador de apoio de fogo, que é o comandante de seu grupo orgânico.

3-2. PLANEJAMENTO

a. Plano de Apoio de Fogo e Plano de Fogos

(1) O plano de apoio de fogo (PAF) é elaborado pelo coordenador do apoio de fogo, e espelha a intenção do Cmt no tocante ao apoio de fogo. Contém os pormenores necessários para a coordenação, integração e execução dos fogos, em total harmonia com a manobra.

(2) A formalidade do desenvolvimento do PAF varia com o escalão de comando e com o tempo disponível para o planejamento. No nível esquadrão,

o plano pode conter apenas uma lista de alvos. No escalão regimento, o plano é mais formal e inclui os fogos de morteiros, de metralhadoras, anticarro, de mísseis etc (de acordo com o seu armamento orgânico), além dos fogos de artilharia, de apoio aéreo e naval, se for o caso. Ressalta-se que os fogos de apoio aéreo e naval não são incluídos, normalmente, nos PAF de escalões inferiores a GU.

(3) O E3, assim como todo o EM da Bda, deve atentar para a coordenação geral daquele plano com o esquema de manobra ou plano de defesa, de acordo com a intenção do Cmt. Os representantes de todos os meios de apoio de fogo e o E3 trabalham juntos nessa integração.

(4) O PAF é baseado na diretriz do comandante, e pormenoriza a parte do apoio de fogo do Conceito da Operação, fornecendo informações e instruções específicas.

(5) O PAF pode constar da ordem (plano) de operações da Bda, no subparágrafo "apoio de fogo" do parágrafo terceiro, ou ser expedido como um anexo a essa ordem, caso as prescrições relativas ao apoio de fogo sejam em grande número. Deve-se mostrar aos elementos subordinados como o comandante da brigada organizou o apoio de fogo disponível, suas prioridades, como obter esse apoio de fogo, as limitações existentes e as medidas de coordenação necessárias.

(6) O plano de fogos é um documento específico referente a um determinado meio de apoio de fogo, indicando seu emprego. Assim, poderá haver planos de fogos de artilharia, plano de fogos de morteiro, plano de fogos navais etc. Estes planos de fogos são expedidos como anexos à ordem de operações, se o PAF estiver no corpo da ordem de operações, ou em apêndices ao PAF, se este for um anexo à ordem de operações.

b. Planejamento de fogos de artilharia

(1) O planejamento de fogos de artilharia tem início no nível SU, com os observadores avançados de artilharia, que preparam as respectivas listas e calcos de alvos de artilharia, orientados pelos comandantes de esquadrão. Estas listas, após aprovadas pelo comandante do esquadrão, são remetidas para os respectivos oficiais de ligação de artilharia, no centro de coordenação de apoio de fogo (CCAF) dos regimentos.

(2) No CCAF do regimento, o oficial de ligação de artilharia prepara o plano provisório de apoio de artilharia à unidade, coordenando-o com o plano de fogos de morteiro, após o exame das listas dos observadores avançados. As necessidades do regimento incluem, normalmente, alvos situados além dos objetivos dos esquadrões e de interesse do Rgt como um todo. Pedidos de apoio de fogo para outros meios disponíveis, tais como a força aérea, são encaminhados pelos canais específicos. Após aprovado pelo comandante do regimento, o plano provisório de apoio de artilharia é encaminhado à central de tiro (C Tir) do grupo de artilharia de campanha (GAC) orgânico.

(3) No CCAF da Bda, o coordenador do apoio de fogo, ou seu representante, elabora e remete à C Tir do GAC orgânico o plano provisório de apoio de artilharia da Bda, que contém as necessidades de apoio de artilharia à Bda.

(4) Na C Tir do GAC orgânico é organizado o plano de fogos de artilharia (PFA), como resultado da consolidação dos planos provisórios de apoio de

artilharia recebidos dos CCAF dos regimentos e da Bda, após a eliminação de duplicações.

(5) O PFA é então enviado ao CCAF da Bda; este remete ao elemento coordenador do apoio de fogo (ECAF) do centro de operação táticas da divisão de exército (COT/DE) uma lista de alvos (sob a forma de calco), que a devolve, após consolidada. Só então o PFA da Bda é definitivamente organizado e submetido à aprovação do comandante da brigada. Os alvos que não possam ser eficientemente batidos pelo GAC orgânico são remetidos ao COT da artilharia divisionária (AD), para incluí-los no PFA/DE. A figura 3-1 mostra o fluxo do planejamento de fogos de artilharia. O manual C 100-25 - PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS estabelece os princípios, processos, métodos e técnicas do planejamento e coordenação de fogo em apoio às operações terrestres, detalhando tais procedimentos.

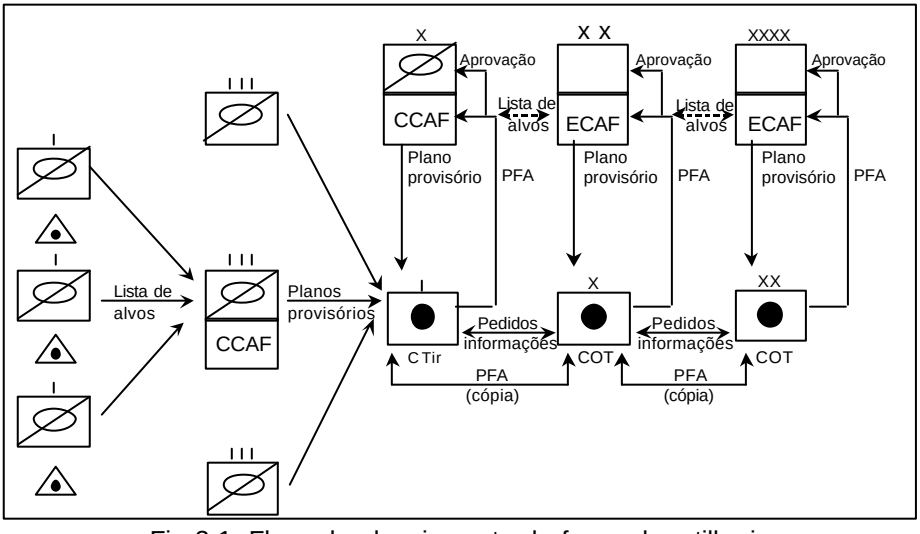


Fig 3-1. Fluxo do planejamento de fogos de artilharia

c. Planejamento de apoio de fogo aéreo - O planejamento do apoio de fogo aéreo (pré-planejado) é processado entre os S3 dos Rgt e o E3 do Ar da Bda, em conjunto com os coordenadores do apoio de fogo, com base nos pedidos pré-planejados de apoio de fogo aéreo aprovados. O plano de fogos aéreos (P F Ae) é integrado com os demais planos de fogos e expedido à semelhança do PFA. O manual que regula as Operações Ar-terra apresenta pormenores sobre o planejamento do apoio de fogo aéreo.

d. Planejamento de apoio de fogo naval - Quando a Bda dispõe de navios de apoio de fogo, em ação de conjunto ou apoio direto, recebe da força naval elementos de ligação e observadores de fogo que assessoram a Bda e regimentos subordinados quanto às possibilidades e limitações do apoio de fogo naval. O plano de fogos naval (P F Nav) é elaborado pelos representante do apoio de fogo naval junto aos CCAF da Bda e dos Rgt.

3-3. PEDIDOS DE APOIO DE FOGO

a. Fogos de artilharia - Os pedidos destes fogos são feitos pelo observador avançado (OA), de acordo com as necessidades do esquadrão apoiado, e transmitidos, logo após, diretamente à C Tir do GAC. Os pedidos de fogos de artilharia originados dos Rgt e da Bda são remetidos, também, diretamente à C Tir do GAC. O O Lig, no CCAF da Bda, analisa esses pedidos, só intervindo quando alterações no pedido ou medidas de coordenação adicionais sejam necessárias. A C Tir do GAC solicita as necessidades de fogos exigidos à unidade de artilharia em reforço, quando for o caso, ou ao COT da AD. (Fig 3-2)

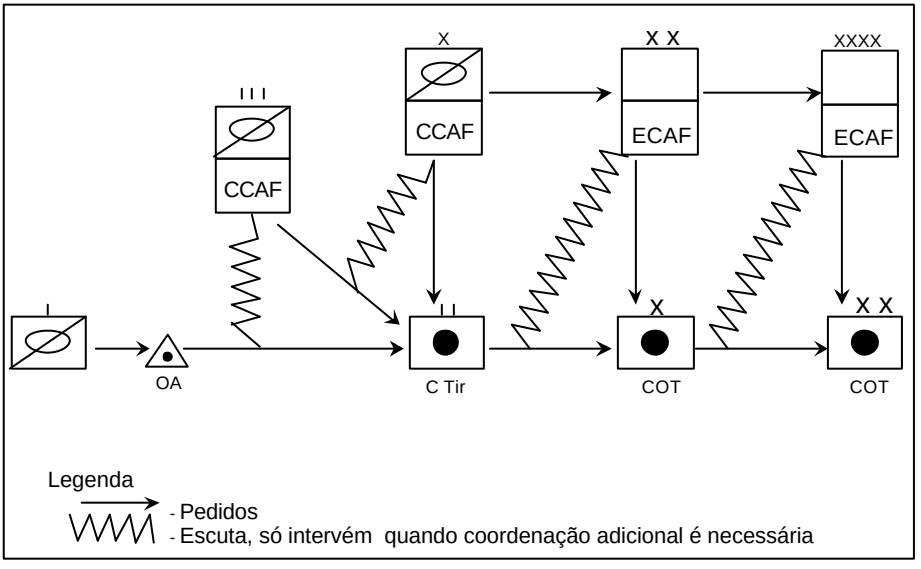


Fig 3-2. Canais de pedido de apoio de fogo de artilharia

b. Fogo aéreo - Os pedidos pré-planejados para o Ap Ae são processados pelos Rgt e pela Bda, da mesma forma que para os outros fogos. Tais pedidos são transmitidos através dos canais de pedido aéreo pelo E3 do Ar da Bda ao elemento de apoio aerotático no COT da DE. Após aprovação no COT, o pedido é avaliado, recebe uma prioridade e é consolidado antes de ser submetido ao COT do Ex Cmp. Normalmente, o COT do Ex Cmp realiza a seleção final sobre todos os pedidos pré-planejados e submete os aprovados e consolidados ao COAT da FAT para fins de execução.

c. Os pedidos para Ap Ae imediato se originam no Rgt e são transmitidos pelo CAA diretamente ao E3 do Ar da DE. O E3 do Ar da Bda não toma qualquer providência, a menos que o pedido seja desaprovado pelo seu Cmt, caso em que o E3 do Ar entra na rede de pedidos aéreos para comunicar a desaprovação. A figura 3-3 ilustra os canais de pedido de Ap Ae.

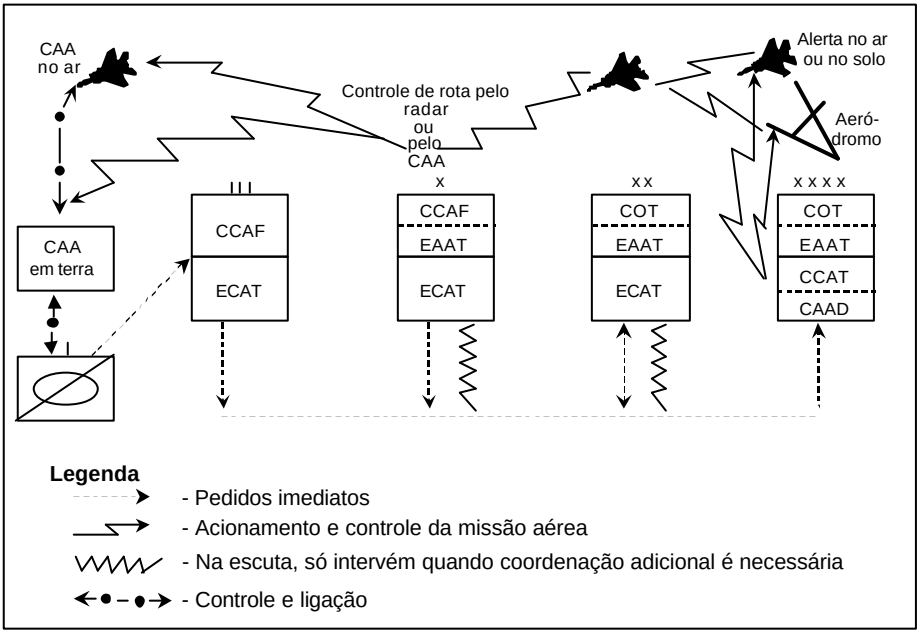


Fig 3-3. Canais de pedido de apoio aéreo aproximado (missões imediatas)

d. Pedidos imediatos podem ser expedidos diretamente do Rgt ao COAT se o controlador aéreo avançado (CAA), dotado com adequados meios de comunicações, estiver presente. Em tal situação, a equipe de controle aerotático da unidade funciona da mesma maneira que as equipes de controle aerotático de comandos intermediários.

e. Quando o apoio aéreo naval estiver disponível, os pedidos são feitos através do elemento de apoio de fogo aeronaval à disposição da Bda.

c. Fogo naval - Os pedidos das unidades de combate para fogo naval são submetidos através do pessoal de ligação do fogo naval à disposição da Bda. Quando o fogo naval é empregado, sua execução é feita pelos navios de apoio direto ou ação de conjunto de acordo com as normas de apoio de fogo naval.

3-4. COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO

a. A eficiência com que um Cmt emprega o apoio de fogo disponível pode ser um fator decisivo para o sucesso da operação planejada. O fogo e a manobra são interdependentes e devem ser planejados simultaneamente, cabendo a responsabilidade da coordenação ao Cmt de cada escalão.

b. O objetivo da coordenação do apoio de fogo é obter dos meios disponíveis o melhor rendimento possível, evitando duplicações de esforço ou interferência, bater os alvos com os meios mais adequados, e proporcionar

segurança à força amiga, através da adequada integração dos fogos com a manobra.

c. Os procedimentos para execução da coordenação do apoio de fogo variam com o escalão, com o volume e o tipo de apoio de fogo disponível, devendo ser considerado ainda o tipo de operação.

d. O artilheiro é o CAF em todos os escalões, exceto no nível esquadrão, onde a coordenação compete ao seu próprio comandante. Na Bda, o CCAF, localizado no PC Pcp da Bda, em íntima ligação com o E3, é o órgão responsável pelas minúcias desta coordenação, pela preparação do PAF e pela supervisão da sua execução.

e. A composição básica do CCAF da Bda compreende o Cmt do GAC orgânico da Bda, que é o CAF da Bda e o oficial de ligação de artilharia, Adj do CAF. Quando for o caso, participam do CCAF o E3 do Ar, as equipes de controle aerotático e os representantes do apoio de fogo naval.

f. Sempre que o apoio de fogo é solicitado, o CCAF do escalão considerado verifica se sua execução não afeta a segurança da tropa amiga ou interfere na execução de outros fogos ou nas operações de forças vizinhas. A coordenação planejada com antecedência, através de medidas de coordenação propostas pelo CAF, facilita o desenvolvimento das operações e diminui o tempo de resposta dos meios de apoio de fogo.

g. As medidas de coordenação do apoio de fogo devem ser adotadas sempre que necessárias, sendo imprescindíveis no combate não-linear, onde as peças de manobra atuam escalonadas, dentro da mesma Z Aç. Pelo estabelecimento de normas a serem seguidas, durante um determinado período de tempo, facilitam-se as operações e evita-se a necessidade de contínua coordenação do apoio de fogo. Na Bda, além dos limites de sua própria Z Aç, a medida de coordenação normalmente estabelecida é a linha de segurança de apoio da artilharia (LSAA). O manual de campanha de emprego da artilharia de campanha apresenta pormenores sobre o emprego de medidas de coordenação do apoio de fogo.

3-5. PECULIARIDADES DO EMPREGO DO GRUPO DE ARTILHARIA ORGÂNICO DA BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

a. Generalidades - A concepção geral da atual doutrina militar terrestre preconiza grande ímpeto e valorização da manobra, com ação simultânea em toda a profundidade do campo de batalha. Devido à natureza das operações da Bda C Mec, e também à essa concepção, o grupo de artilharia orgânico autopropulsado apresenta algumas peculiaridades de emprego, particularmente no que se refere à organização para o combate, ao desdobramento, à segurança, à organização e conduta do tiro, à observação avançada e ao planejamento de fogos. Particularidades de cada tipo de operação, especificamente, encontram-se nos manuais que regulam o emprego da artilharia de campanha e do GAC.

b. Organização para o combate

(1) É normal a articulação de baterias em apoio direto ou mesmo o fracionamento do grupo com baterias reforçando as FT ou os Rgt a fim de atender às largas frentes e ao apoio cerrado e contínuo da ação desses elementos pelos diversos eixos de progressão. Assim, as baterias devem estar em condições de atuar com um maior grau de autonomia, desdobrando-se fora da posição do grupo, deslocando-se por itinerários diferentes, reconhecendo, ocupando posição e atirando com sua própria CTir.

(2) Em operações de movimento é normal o emprego parcelado ou descentralizado do GAC, sendo que a artilharia desloca-se de acordo com a possibilidade de contato com o inimigo. Se o contato for remoto, desloca-se com a formação de coluna de marcha, segundo as técnicas e princípios adotados nas marchas administrativas. Se for pouco provável, visando a não retardar os trabalhos de reconhecimento, escolha e ocupação de posição e a posterior abertura do fogo, articula-se na coluna da Bda, lançando à frente os seus reconhecimentos e seus grupos de ligação e observação avançada. Quando o contato é iminente, articula-se no dispositivo da Bda visando apoiar, inicialmente, as ações da vanguarda, proteger o desdobramento do grosso e, finalmente, apoiar as ações da Bda como um todo.

(3) O recebimento de meios adicionais de artilharia é freqüente, particularmente quando as operações são descentralizadas. Neste caso, o meio em reforço pode atuar centralizado com o grupo orgânico, receber a missão de apoio direto ou mesmo reforçar um elemento de manobra da Bda.

c. Desdobramento

(1) A rapidez das ações, típica da Bda C Mec, e a constante possibilidade de receber fogos de contrabateria impõem as mudanças de posição com uma freqüência muito maior do que em outras operações. Os elementos apoiados atingem, em curto prazo, o alcance máximo do material, acarretando o constante deslocamento para sucessivas posições de manobra, próximas aos eixos de progressão, a fim de possibilitar a continuidade do apoio.

(2) Os elementos de reconhecimento do grupo e das baterias se posicionam o mais à frente possível, reconhecendo as prováveis áreas de desdobramento levantadas na carta e realizando, se for o caso, o reconhecimento minucioso e mesmo o preparo de posições que possibilitem a rápida ocupação e abertura do fogo.

(3) A proteção blindada oferecida pelo material autopropulsado possibilita a ocupação de posições mais avançadas e próximas à LC.

d. Segurança - Devido ao desdobramento em posições avançadas e à natural fluidez das operações da Bda C Mec são maiores os problemas de segurança, seja nos deslocamentos, seja em posição durante a execução dos fogos. Caso o inimigo possua meios de busca de alvos, devem ser adotadas medidas que reduzam a vulnerabilidade do grupo, tais como: deslocamento das baterias, para ocupar posição, por diferentes itinerários desenfiados e com escalonamento de tempo; menor tempo de permanência na posição após a realização de fogos; realização de regulações apenas quando extremamente necessárias, e a utilização de trajetória mais tensa e com menor duração do trajeto, evitando, assim, a localização e identificação pelos radares inimigos.

e. Organização e conduta do tiro

(1) A velocidade das operações, acarretando mudanças de posição freqüentes e a curto prazo, exige, normalmente, a execução de reconhecimento, escolha e ocupação de posição com tempo restrito, o emprego de mensagens de tiro e regulação abreviadas e a adequação da prancheta de tiro às possibilidades do levantamento topográfico e ao tempo disponível. O levantamento topográfico deve ser sempre realizado com a maior precisão possível, dentro do tempo disponível e de acordo com o material de levantamento topográfico existente.

(2) Existe uma preponderância de fogos inopinados sobre os fogos previstos precedidos de levantamento topográfico, sondagens meteorológicas e correções especiais. A grande profundidade e a larga frente em que normalmente atua a Bda C Mec fazem com que a artilharia tenha que trabalhar com cartas em escalas não adequadas à técnica de tiro e, muitas vezes imprecisas, bem como fotografias aéreas, esboços e mapas.

f. Observação avançada - A natureza das operações requer o embarque do observador avançado em CC ou viatura blindada. A condução do tiro do interior da viatura, mesmo em movimento, exige uma preocupação constante do observador avançado em manter-se sempre orientado. É pouco freqüente a ocupação de postos de observação fixos ou instalados no terreno. Caso o observador avançado de artilharia não possua uma viatura blindada, deve embarcar em viatura da subunidade, normalmente do comandante, o que pode trazer problemas de espaço e de comunicações.

g. Planejamento de fogos - Os fogos em apoio à Bda C Mec são desencadeados prioritariamente contra as armas anticarro do inimigo, seus postos de observação, radares e meios de apoio de fogo. É freqüente o emprego de munição fumígena com o objetivo de cegar a observação inimiga, impedir a pontaria e o guiamento de armamento anticarro ou proteger nosso movimento, cobrindo e dissimulando a progressão de unidades ou a travessia de cursos de água. Os fumígenos são, inclusive, empregados à noite, a fim de neutralizar alguns dispositivos de visão noturna. Durante o movimento, particularmente nos assaltos embarcados, podem ser desencadeadas concentrações, com tiro de tempo, poucos metros à frente ou mesmo sobre os nossos carros de combate a fim de manter o inimigo abrigado no interior de espaldões, impedindo de atirar contra a força atacante.

ARTIGO II

DEFESA ANTIAÉREA

3-6. GENERALIDADES

a. A D AAe da Bda C Mec engloba as defesas realizadas pelos meios antiaéreos orgânicos, em reforço de fogos e em reforço, e a autodefesa antiaérea realizada por todos os seus elementos, através de medidas ativas e passivas.

b. A Bda C Mec dispõe de uma Bia AAAe orgânica para atender às suas principais necessidades de D AAe. Conforme o tipo de operação que realiza e sua área de operações, a brigada poderá contar com o reforço de meios antiaéreos e/ou com a D AAe do Esc Sp em apoio às suas operações.

c. Os meios antiaéreos da Bda devem possuir mobilidade igual ou superior a dos seus elementos, sendo, normalmente, empregados canhões e mísseis autopropulsados e mísseis portáteis.

d. O Cmt da Bia AAAe orgânica assessora o Cmt da Bda quanto ao estabelecimento de prioridades de D AAe, ao planejamento e ao emprego da AAAe e na coordenação da autodefesa antiaérea.

e. A critério do Cmt da Bda e considerando as possibilidades da ameaça aérea, os meios antiaéreos podem cumprir, em situações extremas, missões de superfície, sobretudo contra blindados.

3-7. A AMEAÇA AÉREA

a. Os recentes conflitos têm demonstrado a prioridade que o vetor aéreo inimigo dedica à destruição das forças blindadas e mecanizadas do seu oponente.

b. No transcurso das operações ofensivas e defensivas, o inimigo aéreo realiza missões de cobertura, de ataque, de reconhecimento armado e de reconhecimento aéreo, incidindo sobre colunas de marcha, pontos sensíveis nos itinerários, blindados, órgãos de comando e controle, elementos de apoio de fogo e órgãos de apoio logístico.

c. Particularmente nas situações de movimento, tais como na marcha para o combate (M Cmb), no aproveitamento do êxito (Apvt Exi) e nos movimentos retrógrados (Mvt Rtg), avulta de importância o emprego eficiente de todos os meios antiaéreos e de autodefesa antiaérea.

3-8. NECESSIDADES DE DEFESA ANTIAÉREA

a. As necessidades de D AAe são levantadas considerando o tipo de operação, as características das tropas que integram a brigada, o terreno e as possibilidades do inimigo aéreo.

b. Em face das possibilidades do inimigo aéreo, normalmente as forças de segurança, os elementos em primeiro escalão, os meios de apoio de fogo, os órgãos de apoio logístico, os órgãos de comando e controle, as reservas e os pontos sensíveis nos itinerários constituem necessidades de D AAe.

c. Após o levantamento das necessidades, é estabelecida uma prioridade de D AAe em consonância com a importância de cada elemento para a manobra da Bda, sua vulnerabilidade, sua recuperabilidade e as possibilidades do inimigo aéreo de infligir-lhe danos.

d. Especial atenção deve ser dedicada à D AAe dos veículos blindados e mecanizados, por se constituírem em alvos prioritários para o inimigo aéreo.

e. Os dados necessários para o adequado estabelecimento das prioridades de D AAe são obtidos através da análise de inteligência de combate realizada durante o estudo de situação de artilharia antiaérea.

3-9. PLANEJAMENTO E EMPREGO DA ARTILHARIA ANTIAÉREA

a. O emprego da AAAe orgânica, em reforço de fogos ou em reforço é definido pelo comandante da Bda C Mec, assessorado pelo Cmt da Bia AAAe.

b. O tipo de operação realizado pela Bda e o terreno são fatores decisivos para o emprego centralizado ou não da AAAe. Em princípio, busca-se manter o comando e o controle centralizados, porém, os conceitos doutrinários do combate moderno e da guerra de movimento, normalmente, condicionarão o emprego descentralizado da AAAe, com a missão tática de apoio direto ou em reforço.

c. O emprego da AAAe será planejado pelo Cmt da Bia AAAe orgânica da brigada, a quem cabe propor a organização para o combate e a atribuição de meios antiaéreos para a execução da D AAe dos elementos definidos como prioritários.

d. O Manual de Campanha que regula o Emprego da Artilharia Antiaérea especifica o planejamento e o emprego da AAAe.

3-10. COORDENAÇÃO E CONTROLE

a. A coordenação e o controle da AAAe orgânica da Bda e em reforço são exercidos pela AAAe do Esc Sp através da ligação entre o centro de operações antiaéreas principal (COAAe P), normalmente o do grupo de artilharia antiaérea (G AAAe) na Z Aç da DE e o centro de operações antiaéreas secundário (COAAe S), neste caso o da Bia AAAe.

b. O COAAe da Bia AAAe controla a ação das D AAe estabelecidas através da transmissão do alerta antecipado e do estabelecimento dos estados de ação, do estado de alerta e de outras medidas de coordenação necessárias para a adequação das ações de D AAe à coordenação do uso do espaço aéreo determinada pelo Esc Sp.

c. A integração da D AAe com a manobra em curso é efetivada através da ligação do COAAe da Bia AAAe com o CCAF da Bda.

3-11. A AUTODEFESA ANTIAÉREA

a. Normalmente, os meios antiaéreos são insuficientes para a defesa de todas as necessidades levantadas. Essa deficiência é reduzida pelo emprego dos meios orgânicos de todas as U e SU da Bda em uma correta e bem adestrada autodefesa antiaérea.

b. Principalmente nas situações de movimento, a redução da eficiência do alerta aéreo antecipado impõe a necessidade de que medidas ativas e passivas de autodefesa antiaérea estejam perfeitamente assimiladas pela tropa.

c. As guarnições dos veículos blindados e mecanizados devem priorizar as medidas passivas de D AAe, sobretudo o uso de fumígenos, de cobertas e de abrigos e o largo emprego da dispersão.

d. As medidas ativas serão executadas, preferencialmente, por tropa desembarcada e, se possível, abrigada.

ARTIGO III

APOIO DE ENGENHARIA

3-12. GENERALIDADES

a. A Bda C Mec é uma grande unidade básica de combinação de armas e sua constituição lhe confere a capacidade de atuar independentemente e de durar na ação. Para atender a essas características, a engenharia, como um dos elementos fundamentais de apoio ao combate, deve propiciar à Bda um apoio adequado pela dosagem e natureza dos meios.

b. A íntima ligação entre a tropa apoiada e a engenharia adquire maior importância no escalão Bda, onde o apoio à mobilidade e à contramobilidade estão diretamente ligados às ações de combate da manobra tática planejada. Em face das características das operações neste escalão, os trabalhos de engenharia, mais do que nos outros escalões, são sumários e rápidos, atendendo, em princípio, apenas às necessidades mais prementes da Bda.

c. As missões e as ações da Bda C Mec são caracterizadas por grande fluidez, velocidade, descentralização e mudanças constantes de situação, de direção de atuação e de organização para o combate. Essas características acarretam para o apoio de engenharia aspectos próprios e peculiares, particularmente porque exige, na maioria das vezes, descentralização de comando, grande flexibilidade no dispositivo de apoio e maior rapidez na execução dos trabalhos de engenharia.

d. Quando detidos face a obstáculos, os blindados e as viaturas mecanizadas da Bda C Mec tornam-se muito vulneráveis, principalmente às ações aéreas. É essencial, portanto, que o apoio de engenharia seja prestado o mais à frente possível e que o material de que dispõe seja adequado a uma rápida

transposição de obstáculos, particularmente de cursos de água, por meio de portadas pesadas, pelos carros de combate e viaturas blindadas e mecanizadas.

e. As operações de transposição de cursos de água realizadas pela Bda C Mec apresentam alguns aspectos específicos, pela existência de grande número de viaturas anfíbias e pela possibilidade de contarem com CC que podem, sob determinadas condições, realizar a travessia, submersos, pelo fundo do rio.

f. A engenharia da Bda C Mec

(1) A engenharia orgânica da Bda C Mec é dotada de viaturas mecanizadas para o transporte de pessoal, o que facilita o apoio cerrado. Quando o Esc Sp de engenharia tiver de aumentar o apoio da brigada com meios em pessoal, é conveniente, sempre que possível, que eles sejam dotados com o mesmo tipo de material da engenharia da Bda.

(2) A engenharia da Bda C Mec é organizada à base de meios destinados a atender às necessidades mínimas e mais imediatas da frente de combate. Assim, quando ocorre uma deficiência de meios em pessoal ou material, a engenharia de Bda depende do apoio do Esc Sp de engenharia para saná-la.

g. Normalmente, a Bda C Mec é empregada em missões de segurança, sendo comum que a sua engenharia se preocupe, também, com trabalhos à retaguarda, principalmente os referentes à manutenção de pontos críticos.

h. Para maiores detalhes consultar o manual de campanha Emprego da Engenharia.

3-13. COMPOSIÇÃO DA ENGENHARIA DA Bda C Mec

A Cia E Cmb Mec orgânica das Bda C Mec é composta por uma seção de comando, um pelotão de engenharia de apoio, um pelotão de engenharia de equipagem de assalto e três pelotões de engenharia de combate mecanizado conforme mostrado na figura 3-4.

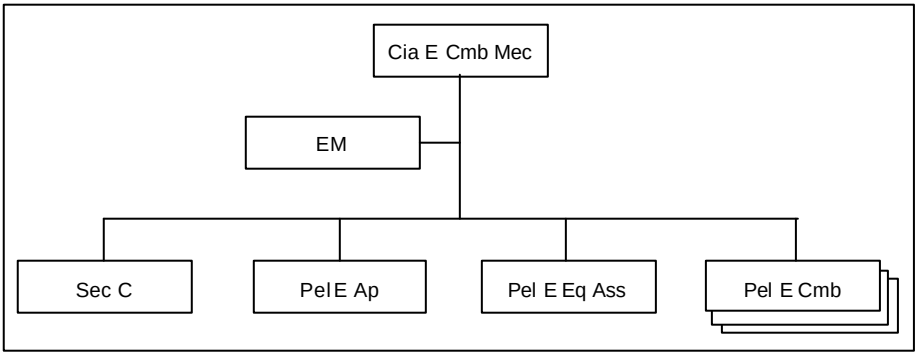


Fig 3-4. Organograma da Cia E Cmb Mec

b. O Cmt da Cia E Cmb Mec é o engenheiro da Bda, desempenhando também a função de oficial do EM especial da Bda, como assessor do Cmt da GU para todos os assuntos de engenharia nesse escalão. O engenheiro da Bda é assistido pelo seu EM, que tem o SCmt como coordenador das atividades.

c. Os elementos de execução da E Bda são, essencialmente, pelotão de engenharia de combate (Pel E Cmb) e o pelotão de engenharia de apoio, que podem receber apoio do pelotão de engenharia de equipamento de assalto (Pel E Eq Ass).

d. A companhia de engenharia tem mobilidade plena, com material, equipamento e meios de transporte inteiramente adequados à natureza da GU apoiada e ao ambiente operacional.

3-14. ORGANIZAÇÃO DA ENGENHARIA DE BRIGADA PARA O COMBATE

a. Generalidades - Para uma perfeita execução das missões que lhe forem atribuídas, o Cmt da Cia E deve:

(1) planejar o apoio de engenharia no âmbito da brigada e supervisionar os trabalhos, inclusive os das tropas que a apóiam;

(2) coordenar, orientar e supervisionar a ação do apoio de engenharia, durante todas as fases da operação, seja através da cadeia de comando ou através dos canais técnicos de engenharia;

(3) articular os seus meios, repartindo entre eles as missões de interesse do conjunto e dos elementos subordinados; e

(4) coordenar a exploração de recursos locais de engenharia para a Bda.

b. Emprego

(1) O Cmt Cia designa, normalmente, um Pel E Cmb para apoiar cada elemento de manobra de 1º escalão. Os demais meios da Cia são mantidos em apoio ao conjunto.

(2) Os Pel E Cmb Mec são empregados sob a forma de apoio direto ou em reforço (situação de comando) aos elementos que necessitam de apoio imediato e contínuo de engenharia.

(3) O apoio ao conjunto é, normalmente, atribuído à E Bda reduzida dos elementos empregados em apoio direto, apoio suplementar ou em reforço (situação de comando) às peças de manobra. Os meios em apoio ao conjunto realizam os trabalhos de interesse da Bda como um todo ou mesmo do interesse de dois ou mais elementos subordinados e ficam em condições de aumentar o apoio aos elementos em primeiro escalão, quando necessário, e apoiar as reservas táticas da Bda, quando empregadas.

(4) Em virtude da reduzida disponibilidade de meios de engenharia da Bda, deve haver uma preocupação constante em recuperar aqueles que, uma vez cumprida sua missão ou executado seu trabalho, possam se tornar prescindíveis e, portanto, passíveis de receberem novos encargos.

c. Possibilidades - A Cia E Cmb Mec, com seus meios orgânicos, tem como principais possibilidades:

(1) prestar limitado apoio na transposição de curso de água obstáculo, realizando a transposição de elementos em botes de assalto e construindo passadeiras e portadas;

(2) enquadrar, por períodos limitados, até mais dois pelotões de engenharia;

(3) lançar ou construir obstáculos, abrigos e outros trabalhos de organização do terreno que requeiram mão-de-obra e/ou equipamento especializados;

(4) realizar a abertura e o fechamento de passagens em obstáculos;

(5) executar limitados trabalhos de reparação e conservação de estradas, vaus, bueiros e pontilhões;

(6) executar limitados trabalhos de conservação, reparação e construção de instalações de comando e controle e de apoio logístico; e

(7) prover sua autodefesa e, eventualmente, a dos seus canteiros de trabalho.

d. Apoio do escalão superior

(1) O apoio prestado pelo Esc Sp tem por finalidade atender às necessidades que ultrapassem as possibilidades da E Bda.

(2) Uma análise dos fatores da decisão pode ressaltar, antes mesmo do início da operação, a necessidade de se aumentar o valor da engenharia da Bda. Tal necessidade pode, também, surgir na evolução do combate.

CAPÍTULO 4

SEGURANÇA E RECONHECIMENTO

ARTIGO I

SEGURANÇA

4-1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. Segurança compreende o conjunto de medidas adotadas por uma força, visando a preservar-se contra a inquietação, a surpresa e a observação por parte do inimigo. Sua finalidade é preservar o sigilo das operações, manter a iniciativa das mesmas e obter a liberdade de ação.

b. A segurança é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça; pelo tempo e espaço suficientes para a manobra, a fim de que a força possa reagir a uma ameaça; e evitando, neutralizando ou destruindo uma ameaça. A segurança é proporcionada pelas informações oportunas e precisas, bem como pelo movimento rápido e agressivo. Toda unidade é responsável pela sua própria segurança, a despeito da proporcionada por outras unidades.

c. A força que proporciona segurança a uma tropa deve ser suficientemente forte e apropriada para fornecer-lhe o tempo necessário para que possa reagir. De acordo com suas possibilidades, as forças de segurança engajam o inimigo apenas o tempo suficiente para cumprirem suas missões. Contudo, medidas de segurança não devem ser tomadas desnecessariamente, de tal forma que desviem o esforço da unidade do real cumprimento de sua missão.

4-2. SEGURANÇA CONTRA AÇÕES TERRESTRES

As ameaças terrestres para a segurança de uma tropa incluem o reconhecimento, o fogo, o ataque por forças terrestres, infiltrações, forças de guerrilhas,

sabotadores, forças aeromóveis e aeroterrestres. As forças de segurança (F Seg) devem aproveitar o terreno e os obstáculos para o cumprimento de suas missões. A segurança contra ataques terrestres é proporcionada pelos reconhecimentos aéreo e terrestre; pelas forças de cobertura, de proteção e de vigilância, por elementos locais de segurança e por fogos de interdição . As missões de cobertura, proteção e vigilância são executadas à frente, nos flancos e à retaguarda de uma força amiga. O valor e a composição das F Seg dependem dos fatores da decisão. Em qualquer caso, as forças de segurança devem ter a possibilidade de conduzir operações nas mesmas ou em melhores condições do que as forças inimigas possam ameaçar.

4-3. FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

a. Proporcionar alerta preciso e oportuno ao escalão superior - A F Seg deve informar ao Esc Sp, precisa e oportunamente, sobre a localização ou movimento das forças inimigas que possam constituir uma ameaça à missão deste escalão. Somente pelo alerta oportuno e informações precisas, fornecidas pela força de segurança ao Esc Sp, pode o comandante deste decidir sobre a aplicação de seus meios, prazo e local para engajar-se com o inimigo e manobrar suas forças, a fim de obter a surpresa e vantagens táticas.

b. Garantir espaço para manobra - A F Seg atua suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir-lhe o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, buscando ou evitando o contato com o inimigo. A distância entre ambas é função da análise judiciosa dos fatores da decisão.

c. Orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera - Uma F Seg manobra de acordo com a localização ou movimento da tropa em proveito da qual opera, interpondo-se entre ela e a conhecida ou provável ameaça do inimigo.

d. Executar um contínuo reconhecimento - Toda F Seg deve executar um reconhecimento contínuo e agressivo, capaz de fornecer ao comandante informes sobre o terreno e o inimigo e, ainda, possibilitar a localização adequada da força de segurança em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga.

e. Manter o contato com o inimigo - O contato com o inimigo deve ser mantido até que este não constitua mais uma ameaça ou que se afaste da Z Aç da tropa em proveito da qual a F Seg opera. O Cmt de uma F Seg não pode, voluntariamente, romper o contato com o inimigo, a menos que seja determinado pelo comando superior. Se a força inimiga, ou parte da mesma, abandona a Z Aç sob responsabilidade da F Seg, deve-se informar, imediatamente, às unidades amigas interessadas, auxiliando-as no estabelecimento do contato com o inimigo.

4-4. GRAUS DE SEGURANÇA

a. Cobertura - É a ação que proporciona segurança à determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-los, engajá-lo, desorganizá-lo ou enganá-lo antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta.

b. Proteção - É a ação que proporciona segurança à determinada região ou força, pela atuação de elemento no flanco, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida.

c. Vigilância - É a ação que proporciona segurança à determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do inimigo logo que ele entre no raio de ação ou no campo dos instrumentos óticos ou sensores eletrônicos do elemento que a executa.

4-5. FORÇAS DE SEGURANÇA

a. Generalidades

(1) As missões de segurança são realizadas basicamente, por forças de cobertura (F Cob), de proteção e de vigilância. Complementarmente, incluem-se também, entre as missões de segurança, tanto a que estabelece a ligação entre duas outras forças de maior valor, visando, principalmente, tamponar uma brecha, quanto aquela que realiza a segurança de área de retaguarda. Os postos avançados gerais (PAG) e os postos avançados de comando (PAC) incluem-se entre as forças de segurança que atuam na área de segurança à frente do limite anterior da área de defesa avançada. A Bda pode operar como:

(a) força de cobertura (F Cob), no curso de operações ofensivas ou defensivas, em proveito de um exército de campanha ou de uma divisão de exército ou, ainda, de uma região prédeterminada;

(b) força de vigilância (F Vig) em proveito de Esc Sp;

(c) força de ligação (F Lig) para tamponamento de brecha;

(d) força de segurança (F Seg) de área de retaguarda;

(e) postos avançados gerais (PAG).

(2) A extensão da frente atribuída a uma F Seg depende de vários fatores, tais como: o grau de segurança desejado; os prazos impostos pela missão; as possibilidades do inimigo, particularmente a sua doutrina de emprego e meios; o terreno (dando-se ênfase às vias de acesso e eixos penetrantes); as condições meteorológicas e as possibilidades da força de segurança. Podem ser atribuídas frentes mais extensas às F Seg que contem com o apoio de elementos aéreos.

b. Forças de cobertura

(1) Generalidades

(a) A F Cob é uma força de segurança taticamente autônoma, que opera a uma considerável distância à frente, no flanco ou à retaguarda de uma

tropa amiga estacionada ou em movimento. Recebe, normalmente, missões de natureza ampla que poderão incluir:

1) esclarecimento da situação;
2) destruição de forças inimigas;
3) conquista de acidentes capitais do terreno; e
4) ações que objetivam iludir, retardar, canalizar, desorganizar forças inimigas e degradar seu poder de combate.

(b) Quando empregada como F Cob, a Bda recebe, normalmente, a mesma Z Aç do exército ou divisão de exército que a enquadra.

(c) A organização para o combate da Bda, na cobertura, é função, particularmente, da Z Aç recebida, do valor e da distância a que se encontra o inimigo e da rede de estradas.

(2) Força de cobertura avançada

(a) Na ofensiva - O modo de atuação da Bda C Mec, no movimento para a frente, é conduzido empregando-se técnicas semelhantes às das operações de reconhecimento de zona ou de eixo executadas pelos regimentos. A progressão é feita em larga frente, aproveitando ao máximo a rede de estradas (Fig 4-1). Estabelecido o contato a operação visa, sobretudo, à posse de acidentes capitais ou de linhas do terreno que assegurem o cumprimento da missão. Caso seja forçada a atacar, a brigada não se engaja decisivamente no combate, pois pode correr o risco de ficar isolada do grosso. Autorizada a desbordar uma força inimiga, a Bda destaca uma fração de tropa compatível para manter o contato com a mesma.

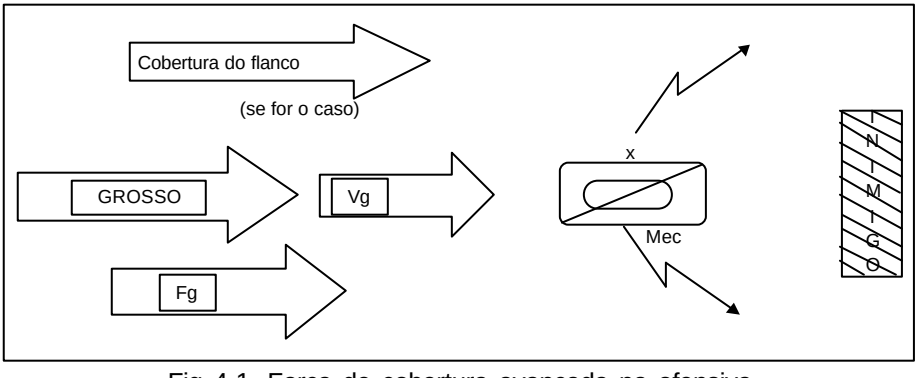


Fig 4-1. Força de cobertura avançada na ofensiva

(b) Na defensiva - Quando empregada em proveito de uma força que conduz uma operação defensiva, a Bda procede, inicialmente, como na ofensiva. Não tendo mais condições de prosseguir no movimento ou tendo ganho o tempo e o espaço necessário à manobra do grosso, passa a realizar uma ação retardadora. (Fig 4-2)

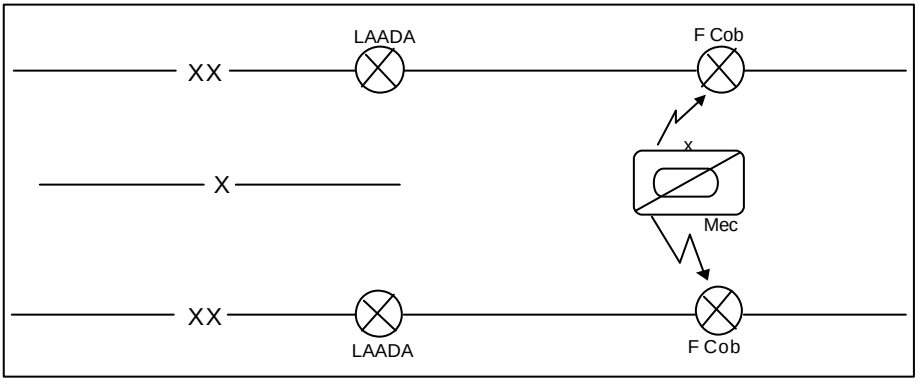


Fig 4-2. Força de cobertura avançada na defensiva

(3) Força de cobertura de flanco

(a) Generalidades

1) A F Cob de flanco é uma força de segurança que opera a uma considerável distância, no flanco de uma força estacionada ou em movimento. No cumprimento de sua missão ela pode empregar tanto ações ofensivas como defensivas. A F Cob de flanco pode ser fixa ou móvel, dependendo da situação da força coberta, se estacionada ou em deslocamento.

2) Por suas características, a Bda C Mec é apta ao cumprimento de missões de cobertura de flanco em proveito de uma DE ou de um Ex Cmp.

3) Quando a Bda cumpre uma missão de força de cobertura de flanco em proveito de uma força em deslocamento, pode adotar dois dispositivos:

a) os regimentos em coluna (Fig 4-3);

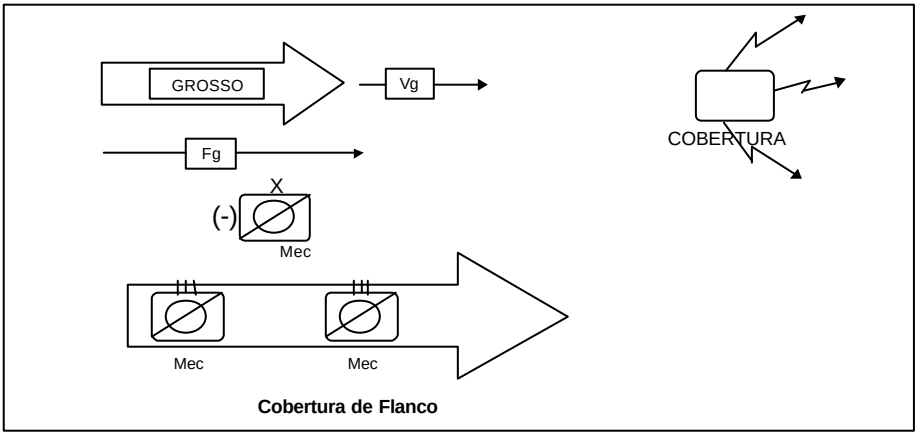


Fig 4-3. Cobertura de flanco (duas unidades em coluna)

b) os regimentos em escalão. (Fig 4-4)

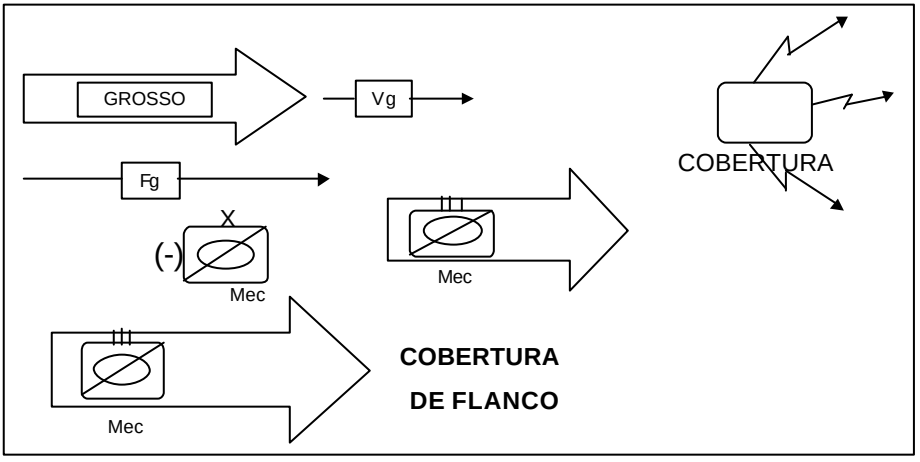


Fig 4-4. Cobertura de flanco (duas unidades em escalão)

4) O Rgt em primeiro escalão se comporta como vanguarda da Bda, mantendo ligação com a vanguarda do grosso. A outra unidade fica em condições de barrar qualquer penetração inimiga pelo flanco e destruir as resistências que se apresentarem.

5) Quando o grosso se detém e adota uma atitude defensiva, a Bda se desdobra no terreno face ao flanco a ser coberto. Excepcionalmente, pode ser atribuída à Bda a cobertura dos dois flancos.

6) Há três processos básicos de deslocamento: lanços alternados, lanços sucessivos e marcha contínua. O processo selecionado depende da velocidade da progressão da força coberta e da situação do inimigo.

7) A área de responsabilidade da força de cobertura de flanco vai da retaguarda da vanguarda do grosso, até os últimos elementos deste.

(b) Planejamento e conduta

1) Seqüência de planejamento

a) Inicialmente, é feito um reconhecimento na carta da área de operações(com o apoio de imagens de satélite e outras, se disponíveis) e selecionadas as vias de acesso e as penetrantes no flanco mais favoráveis para aproximação do inimigo. São selecionadas, também, uma série de posições de bloqueio no flanco, geralmente paralelas ao eixo de progressão da força coberta. Estas posições devem ser localizadas em terreno com boas características defensivas e que dominem as prováveis vias de acesso e penetrantes do inimigo. As posições de bloqueio devem ser localizadas de tal maneira que neguem ao inimigo a possibilidade de execução dos fogos de artilharia de campanha sobre a força coberta.

b) Seleciona-se o itinerário de progressão, que deve estar afastado suficientemente do eixo de progressão da força coberta para evitar a interferência da força de cobertura com a manobra daquela força.

c) Em seguida, estabelece-se um esquema de manobra que permita ocupar e manter as posições de bloqueio selecionadas e cobrir a área entre o eixo de progressão da força coberta e as posições de bloqueio.

d) São estabelecidos limites entre os regimentos que mantém as posições de bloqueio no flanco e linhas de controle transversais à direção do movimento.

e) Finalmente é selecionada uma formação que permita um rápido emprego contra uma ameaça inimiga. A formação deve ser flexível para permitir uma rápida resposta a qualquer mudança de situação. A formação em coluna proporciona o melhor controle e a melhor flexibilidade. A F Cob provê a sua própria segurança. Aeronaves podem ser empregadas para prover a segurança da força de cobertura e ampliar o reconhecimento.

2) Conduta

a) Durante as operações de uma força de cobertura móvel, o regimento em primeiro escalão atua como uma vanguarda. Ela provê a segurança da área entre a força coberta e a linha de posições de bloqueio da Bda. Os demais regimentos deslocam-se preparados para ocuparem as posições de bloqueio, mediante ordem. A decisão de ocupar estas posições depende da velocidade com que a força coberta avança e a situação do inimigo no flanco exposto.

b) Se a F Cob se depara com uma força inimiga superior, conduz uma ação retardadora. As linhas de controle, longitudinais ao movimento, se necessário, podem ser utilizadas como posições de retardamento.

c) Na defesa, a F Cob de flanco ocupa uma série de posições de bloqueio no flanco considerado. As posições de bloqueio são localizadas em acidentes do terreno que dominam as prováveis vias de acesso e penetrantes do inimigo para o interior da Z Aç. No cumprimento da missão, a F Cob emprega táticas defensivas ou retrógradas. Se fortemente pressionada em suas posições, realiza uma ação retardadora, proporcionando tempo e espaço para que o Cmt que conduz a defesa possa reagir à ameaça inimiga.

(4) Força de cobertura de retaguarda - Normalmente, quando designada como força de cobertura de retaguarda, a Bda C Mec atuará em proveito de uma força que realiza um retraimento ou uma retirada. Nesta situação, a brigada poderá utilizar a própria linha anteriormente ocupada pela tropa coberta, ou uma linha próxima, para estabelecer a sua posição inicial. As técnicas utilizadas são semelhantes àquelas empregadas na ação retardadora. (Fig 4-5)

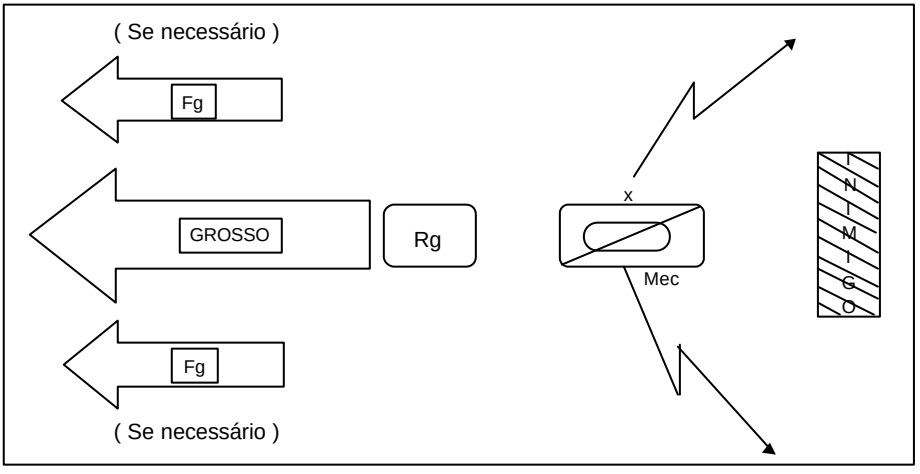


Fig 4-5. Cobertura de um movimento retrógrado

c. Forças de proteção

(1) Força de proteção é a força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os tiros diretos e os fogos de surpresa do inimigo. Ela repele, destrói ou retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos inimigos que ameaçam a força segurada. A força de proteção opera dentro do alcance dos fogos de apoio da força protegida.

(2) A força de proteção é constituída, normalmente, de unidades da força protegida ou que a estejam reforçando. A Bda C Mec não cumpre missão de força de proteção, porém, quando necessário, constitui forças de proteção em seu próprio benefício. Essas forças têm por base os regimentos, reforçados se necessário.

(3) Para maiores detalhes consultar o manual de campanha que regulam o emprego do Regimento de Cavalaria Mecanizado (R C Mec).

d. Força de vigilância

(1) A missão se traduz pelo estabelecimento de uma cortina de vigilância (fixa ou móvel), materializada pela instalação de uma série de postos de observação, onde cabe à Bda:

(a) alertar sobre a aproximação do inimigo;

(b) manter o contato visual e informar sobre todos os movimentos e valor do inimigo;

(c) destruir ou repelir os elementos de reconhecimento inimigos (ação de contra-reconhecimento); e

(d) dificultar o avanço das forças inimigas pelo emprego de fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

(2) Uma força de vigilância proporciona um alerta, o mais cedo possível, pela observação sobre uma área estendida à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento.

(3) Uma missão de vigilância é dada quando uma extensa área deve ser mantida sob observação e há poucos meios disponíveis. Patrulhas a pé, motorizadas ou aeromóveis reconhecem aquelas áreas que não podem ser observadas dos postos de observação ou por outros meios.

(4) O Cmt da força que está sendo protegida designa o traçado geral da linha de vigilância, as unidades a serem protegidas e a responsabilidade pela área entre a força de vigilância e a(s) força(s) protegida(s).

(5) Uma vez estabelecido o contato visual com o inimigo, ele deve ser mantido. Os postos de observação informam com precisão e oportunidade, podendo conduzir os fogos para destruir as forças inimigas. Se for autorizado o retraimento, a força de vigilância desloca-se por lanços, mantendo o contato visual com o inimigo e continuando a ajustar os fogos de apoio. Sob determinadas circunstâncias, a força de vigilância pode permitir infiltrações de pequenas frações inimigas, desde que necessário, para que forças inimigas de grande valor possam ser observadas. Precauções devem ser tomadas para assegurar que os elementos que se infiltrarem não se reúnam com outras forças infiltradas e, desta forma, ameacem a força de vigilância

(6) A força de vigilância combate para sua própria segurança e somente procura destruir ou repelir forças inimigas de pequeno valor, quando necessário ao prosseguimento da missão.

e. Força de ligação para tamponamento de brecha

(1) A ligação é a ação que visa ocupar um espaço vazio entre duas forças amigas, ou seja, tamponar uma brecha.

(2) O comando de um Ex Cmp ou superior pode atribuir a uma Bda C Mec, tanto na ofensiva como na defensiva, a missão de tamponamento de uma brecha.

(3) Planejamento e execução

(a) A amplitude do intervalo, o terreno e as possibilidades do inimigo condicionam o dispositivo a adotar.

(b) Na ofensiva, a cada elemento em primeiro escalão é atribuído, normalmente, um eixo de progressão. Há necessidade de manter o contato físico com grandes unidades vizinhas e o planejamento deve estar perfeitamente coordenado com os dessas forças. Entre as unidades da Bda, o contato pode ser físico, visual ou pelo rádio.

(c) Na defensiva, a Bda cumpre a missão de tamponamento de uma brecha, realizando uma vigilância, executando um movimento retrógrado ou tomando a seu cargo a defesa de uma área quando, normalmente, utiliza as técnicas de defesa móvel.

f. Força de segurança de área de retaguarda - O assunto referente à força de segurança de área de retaguarda está contido no Capítulo 7 do presente manual.

g. Postos Avançados Gerais

(1) A Bda C Mec pode receber a missão de constituir os PAG em proveito de uma tropa instalada defensivamente no terreno.

(2) As missões normais de uma força em PAG são aquelas inerentes

a um escalão de segurança, isto é, fornecer alerta oportuno da aproximação do inimigo e, dentro de suas possibilidades, iludir, retardar, canalizar, desorganizar, destruir suas formações e degradar seu poder de combate.

(3) A frente de uma Bda em PAG varia em função do valor defensivo do terreno e, sobretudo, do número de eixos que o inimigo possa utilizar para aproximar-se da posição defensiva.

(4) Uma brigada em PAG organiza-se no terreno em:

(a) área de segurança, onde lança patrulhas e instala postos de vigilância à frente da linha dos PAG;

(b) área de defesa avançada (ADA), constituída de posições de bloqueio de valor esquadrão, barrando as principais vias de aproximação do inimigo, junto à linha de resistência e em profundidade (assemelha-se a uma defesa em larga frente);

(c) área da reserva, normalmente de pequeno valor.

(5) A missão de uma força em PAG só estará concluída após o seu acolhimento na ADA. Entretanto, o tempo ganho no retardamento do inimigo entre as linhas dos PAG e do LAADA não é considerado no planejamento daquela força.

4-6. VIGILÂNCIA DE COMBATE

a. Generalidades

(1) A vigilância de combate é um dos principais meios para a detecção e a localização de unidades, instalações e atividades do inimigo. Compreende todas as técnicas utilizadas para realizar uma contínua e sistemática observação sobre o campo de batalha, em particular de áreas críticas, estradas, pontes, áreas de lançamento e de aterragem etc.

(2) Os fatores principais que influenciam a execução da vigilância de combate são as condições de visibilidade, o terreno, as cobertas naturais e artificiais, a ameaça aérea e as características dos próprios equipamentos de vigilância.

(3) A vigilância de combate faz parte da segurança de qualquer unidade e é conduzida em todo tipo de operação. Entretanto, as unidades de cavalaria têm grande aptidão para o desempenho da vigilância de combate e a conduzem, normalmente, como parte inerente às missões de reconhecimento e de segurança, pela manutenção de uma contínua e sistemática observação sobre uma extensa área, a fim de coletar e transmitir informes sobre o inimigo e o terreno.

b. Tipos de vigilância de combate

(1) Visual - A vigilância visual é realizada pelas unidades terrestres e aéreas. A transmissão dos dados observados é feita rapidamente, através dos canais de inteligência ou de comando, dependendo das ordens estabelecidas pelo Esc Sp. Utiliza equipamentos de visão noturna, amplificadores de luz residual ou termais.

(2) Eletrônica - É a vigilância realizada com a utilização de meios especiais, tais como: radares, radiogoniômetros, equipamentos de rádio-escuta, sensores, câmeras de televisão etc.

(3) Fotográfica - Consiste, essencialmente, no emprego de equipamentos fotográficos especiais, montados em aeronaves leves ou veículos aéreos não-tripulados (VANT). A cobertura fotográfica realizada pelas unidades de cavalaria no cumprimento das missões de vigilância é, normalmente, limitada ao emprego de equipamento manual.

c. Missões de vigilância de combate - As unidades da Bda podem receber encargos de vigilância de combate, enquanto conduzem outras missões, tais como:

(1) determinação, por meio da observação, de atividade com significação militar (mesmo realizadas por civis) ou ausência dessas atividades, em determinadas áreas;

(2) localização de alvos para serem atacados pela F Ae, fogos de artilharia, agentes químicos etc;

(3) observação e controle dos fogos indiretos orgânicos e não-orgânicos ou aéreos;

(4) avaliação de danos;

(5) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da área de operações;

(6) observação de vias de acesso do inimigo e vias de transportes;

(7) observação de eixos e acidentes importantes do terreno no interior da área de retaguarda.

d. Planejamento e conduta

(1) Planejamento

(a) As unidades de cavalaria mecanizada são as mais aptas para a execução da missão de vigilância de combate.

(b) As técnicas e os procedimentos adotados por uma força com uma missão de vigilância de combate assemelham-se àquelas utilizadas no desempenho das missões de vigilância.

(c) Uma tropa no desempenho da vigilância de combate deve prever a substituição periódica dos elementos nela engajados, seja pela rotatividade de missões, seja pela atribuição de frentes que permitam o rodízio entre os elementos subordinados. O emprego desta técnica proporciona uma vigilância mais eficiente durante um longo período. As unidades da Bda podem realizar uma vigilância de combate eficiente, sobre uma extensa área, por um período que não exceda vinte e quatro horas contínuas.

(2) Conduta

(a) Postos de observação (PO), de escuta e patrulhas são estabelecidos para proporcionar observação contínua e sistemática. Uma força de vigilância não é constituída para oferecer uma forte resistência ao inimigo. Contudo, ela deve ser capaz de dispor de segurança própria.

(b) As unidades da Bda, no exercício da vigilância de combate, adotam um dispositivo linear relativamente estático.

(c) A unidade que realiza, especificamente, missão de vigilância de combate é responsável apenas pela sua própria segurança. Quando, no desenrolar das operações, for exigido o emprego de uma força de maior valor do que a necessária às ações de autoproteção, o comandante deve solicitar uma

redução da frente anteriormente atribuída. O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar a uma redução da Z Aç ou à execução de um retraimento.

(d) Nas operações diurnas emprega-se, particularmente, a vigilância visual. À noite, as operações exigem tanto a vigilância de escuta como o emprego de meios eletrônicos e fotográficos. Todos os dados obtidos pela observação na área vigiada são transmitidos sem perda de tempo.

(e) A vigilância de combate estabelecida na área de retaguarda limita-se em princípio, à instalação de postos de observação ou escuta. O patrulhamento de rodovias é incluído, normalmente, na missão de defesa de área de retaguarda. A vigilância de combate é uma missão eminentemente passiva. Entretanto, a força que a realiza pode, algumas vezes, receber pequenos encargos, como, por exemplo, bloqueios de estradas, desde que não a obrigue ao emprego permanente de parte de seu efetivo.

(f) É normal o emprego da vigilância de combate realizada por elementos infiltrados, em posições à retaguarda das linhas inimigas.

4-7. SEGURANÇA AEROMÓVEL

a. A Bda C Mec, cumprindo missão como F Seg, com a totalidade ou parte dos seus meios, pode dispor de frações da aviação do exército atuando em seu proveito, seja executando missões de combate, de apoio ao combate ou de apoio logístico.

b. Força de Vigilância

(1) Na condução de operações de vigilância, a Bda pode constituir força tarefa aeromóvel (FT Amv) compostas por suas peças de manobra (ou frações das mesmas) e forças de helicópteros (F Helcp).

(2) Devem ser consideradas as limitações das aeronaves, particularmente quanto às condições meteorológicas adversas e as conseqüentes dificuldades que terão para manter a continuidade das ações quando a visibilidade for reduzida.

c. Força de Cobertura - A F Helcp que participa de uma F Cob conduzida pela Bda C Mec pode ser empregada em:

(1) reconhecimento aeromóvel à frente e nos flancos;

(2) vigilância aeromóvel à frente e entre as posições de bloqueio estabelecidas;

(3) ataque aeromóvel para neutralizar, destruir ou desorganizar o inimigo;

(4) ligação de comando para facilitar a coordenação e o controle da manobra e para manter a ligação com as forças de proteção e cobertura; e

(5) transporte tático de tropa e transporte de material e pessoal em benefício da manobra.

d. Maiores considerações sobre segurança aeromóvel podem ser encontradas nas Instruções Provisórias que regulam o emprego do Esquadrão de Aviação do Exército.

4-8. CONTRA-RECONHECIMENTO

a. Generalidades

(1) O contra-reconhecimento (C Rec) é um conjunto de medidas, ações e técnicas que permeiam as missões de cobertura, destinadas a negar aos elementos de reconhecimento do inimigo informações relacionadas às forças ou áreas cobertas pela Bda C Mec. O C Rec não é, pois, um tipo de missão de segurança.

(2) A Bda C Mec, por intermédio do sistema de inteligência, localiza, identifica e avalia a força de reconhecimento do inimigo.

(3) O C Rec visa a destruição ou neutralização dos elementos de reconhecimento do inimigo. As ações de C Rec podem ser de natureza ofensiva ou defensiva.

(4) O C Rec ofensivo procura deliberadamente o contato com os elementos de reconhecimento do inimigo e a sua destruição ou neutralização pelo combate.

(5) O C Rec defensivo procura evitar, se necessário pelo combate, que elementos de reconhecimento inimigo penetrem em determinadas áreas ou partes da Z Aç da Bda ou do Esc Sp.

(6) As forças de C Rec devem ter seu movimento e conduta orientados segundo os fundamentos da operação de segurança onde estão inseridas.

(7) O apoio da Av Ex e/ou da F Ae aumenta a eficácia do combate de C Rec, seja pela possibilidade de localização antecipada das forças de reconhecimento inimigas (Rec Ini) e das suas linhas de infiltração, seja pela possibilidade de destruí-las ou de auxiliar na condução dos fogos indiretos.

b. Valor e composição da Força de Contra-Reconhecimento

(1) O valor e a composição da força de C Rec a ser empregada serão previstos no planejamento da operação de segurança, em função do estudo dos fatores da decisão, em particular da F Rec inimiga e da maneira como esta realiza taticamente o reconhecimento, bem como da intenção do Cmt Bda.

(2) Dependendo da dimensão do esforço necessário para as ações de C Rec a serem executadas pelos regimentos de 1º escalão, a força de C Rec pode variar de um pelotão a um esquadrão reforçado, por Rgt. O regimento poderá ser reforçado por artilharia de campanha, engenharia e equipamentos de alerta antecipado.

(3) Caso o poder de combate da F Rec inimiga exceda as possibilidades de C Rec dos regimentos de 1º escalão, a Bda empregará uma força de C Rec com poder de combate compatível, preferencialmente do escalão unidade. Essa força poderá ser constituída pela reserva da Bda C Mec reforçada por elementos de apoio ao combate e aviação, se disponível.

(4) Em função da intenção do Cmt, da análise dos fatores da decisão e da disparidade do poder de combate em favor do inimigo, a força de C Rec poderá adotar uma atitude defensiva.

c. Execução do C Rec

(1) Os Rgt de 1º escalão desdobram, à frente do seu dispositivo, elementos com a missão de vigilância de combate, a fim de identificar e localizar elementos de reconhecimento inimigo, em complemento aos meios de busca da Bda.

(2) De posse de dados atualizados a respeito do inimigo, analisam o poder relativo de combate. Caso o poder de combate seja compatível, atacam para destruir as F Rec inimigas. Caso contrário, poderão:

(a) atacar para destruir o inimigo, após serem convenientemente reforçados pela Bda;

(b) adotar uma atitude defensiva, conduzindo-a, prioritariamente, à retaguarda de um obstáculo. Nesse caso, deverão canalizar o inimigo para áreas de engajamento onde será destruído, ou neutralizado, pelo fogo, preferencialmente, ou pelo C Atq;

(c) adotar uma atitude defensiva e apoiar as ações ofensivas de C Rec a cargo da Bda.

(3) As ações ofensivas de C Rec empregam, preferencialmente, os ataques de oportunidade e as manobras desbordantes.

ARTIGO II

RECONHECIMENTO

4-9. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. A Bda C Mec, como GU, não recebe, normalmente, missão exclusiva de reconhecimento. A princípio, a Bda conduz as ações de reconhecimento dos seus Rgt durante a execução das missões de segurança, particularmente a F Cob.

b. Reconhecimento é a operação conduzida, em campanha, pelo emprego de meios terrestres e aéreos, com o propósito de obter informes sobre o inimigo e o terreno.

c. É pelo reconhecimento que se levantam as informações que permitirão ao comando completar seu estudo de situação e formular os planos de manobra.

d. O reconhecimento e a segurança se complementam mutuamente e não podem ser facilmente separados. Um eficiente reconhecimento proporciona um certo grau de segurança e a força que executa uma missão de segurança provê, também, informes sobre o inimigo e o terreno.

e. O Rec é uma responsabilidade contínua de cada Cmt e de todo o combatente de cavalaria. A instrução do Rgt, as normas gerais de ação e as prescrições do comando devem dar ênfase à importância da transmissão precisa e oportuna dos informes, positivos ou negativos, seja do inimigo ou da área de operações. Os informes devem conter fatos e não opiniões. O informe é participado tal como é obtido.

f. O emprego ou ameaça de emprego de agentes químicos implicam na utilização de técnicas especiais para determinação da ausência ou do grau de contaminação que há em determinadas áreas.

4-10. ÓRGÃOS DE RECONHECIMENTO

Os órgãos terrestres de reconhecimento incluem pessoal e unidades especialmente organizados e instruídos para executar missões de reconhecimento. Os elementos especificamente organizados e equipados para execução de missões de reconhecimento são os Rgt e os Esq C Mec. Outras unidades, não organizadas e nem equipadas, para a execução de missões de reconhecimento, podem ser consideradas como órgãos de reconhecimento quando, ao cumprirem suas missões, realizem ações de reconhecimento de certa monta.

4-11. FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DE RECONHECIMENTO

a. Orientar-se segundo os objetivos de informações - O reconhecimento deve ser orientado para tropas inimigas, acidentes capitais do terreno, pontos sensíveis, localidades, direções de atuação, zonas ou áreas específicas. Contrariamente ao que se observa nas missões de segurança, os elementos que realizam um reconhecimento atuam de acordo com a localização ou movimento dos objetivos de informações, condicionante essencial para o adequado cumprimento da missão.

b. Participar, com rapidez e precisão, todos os informes obtidos - Os informes, positivos ou negativos, devem ser transmitidos logo que obtidos. Eles devem ser participados tal como foram obtidos, não devendo conter opiniões e, sim, fatos.

c. Evitar engajamento decisivo - Uma F Rec deve manter a sua liberdade de manobra. O engajamento em combate ocorre, quando necessário, para a obtenção dos informes desejados, ou para evitar a destruição ou captura da força.

d. Manter o contato com o inimigo - Na execução de uma missão de reconhecimento, o contato deve ser obtido o mais cedo possível. Uma vez estabelecido, é mantido e não deve ser rompido voluntariamente, sem a autorização do Esc Sp. O contato pode ser mantido, também, por meio da observação terrestre ou aérea.

e. Esclarecer a situação - Quando o contato com o inimigo é estabelecido ou um obstáculo é encontrado, a situação deve ser esclarecida rapidamente. A localização, o valor, a composição e o dispositivo do inimigo são determinados e um esforço especial é realizado para determinar os flancos da posição inimiga. De acordo com a missão, o Cmt deve rapidamente decidir se deve atacar ou desbordar a resistência inimiga.

4-12. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

a. Planejamento centralizado e execução descentralizada.

b. Execução rápida e agressiva, evitando, tanto quanto possível, a interrupção do movimento.

c. Segurança compatível durante o movimento.

d. Ênfase na utilização da rede viária mais adequada.

e. Máxima iniciativa dos comandos subordinados.

f. Rápida transmissão ao Esc Sp dos informes obtidos.

g. Carência de informações sobre o inimigo.

h. Máximo acionamento dos órgãos de busca.

OBSERVAÇÃO: Para maiores esclarecimentos sobre as operações de reconhecimento consultar o Manual de Campanha que regula o emprego do Regimento de Cavalaria Mecanizado.

4-13. RECONHECIMENTO AÉREO

a. O reconhecimento aéreo deve ser contínuo e coordenado com o reconhecimento terrestre. O Cmt Bda, por intermédio do E2, deve explorar todos os meios de reconhecimento aéreo disponíveis. Os pedidos para missões de reconhecimento aéreo das unidades subordinadas são recebidos, processados e coordenados pelo E2 da Bda e transmitidos ao centro de operações táticas da divisão ou Esc Sp, conforme o caso, para aprovação. Aqueles que não possam ser cumpridos são remetidos ao Esc Sp.

b. Aeronaves de ligação e observação quando disponíveis, apoiam o reconhecimento terrestre. As aeronaves (Anv) dispõem de alcance e velocidade que possibilitam cobrir, rapidamente, grandes áreas. Esta possibilidade permite aos elementos terrestres se concentrarem sobre áreas de maior probabilidade de informes.

c. As possibilidades de reconhecimento aéreo das aeronaves da força aerotática complementam as das aeronaves de ligação e observação. As aeronaves da força aerotática possuem uma grande variedade de sensores, têm grande velocidade, podem realizar o mapeamento por meio de radar, fotografias aéreas, observação eletrônica e reconhecimento das condições meteorológicas. Estes elementos de reconhecimento aéreo realizam missões de reconhecimento sobre a área avançada da zona de combate e penetram no espaço aéreo sobre as forças avançadas do inimigo e à sua retaguarda. A maior velocidade e capacidade dos sensores das aeronaves da FAT permitem cobrir extensas áreas de forma mais rápida do que as da esquadrilha de ligação e observação; todavia, sua velocidade exige que operem em maiores altitudes, o que implica numa redução dos informes obtidos pela observação visual.

d. A equipe de controle aerotático realiza o assessoramento e fornece informações pormenorizadas referentes ao emprego dos meios de reconhecimento da força aérea.

e. A figura 4-6 apresenta os canais de pedidos de reconhecimento aéreo.

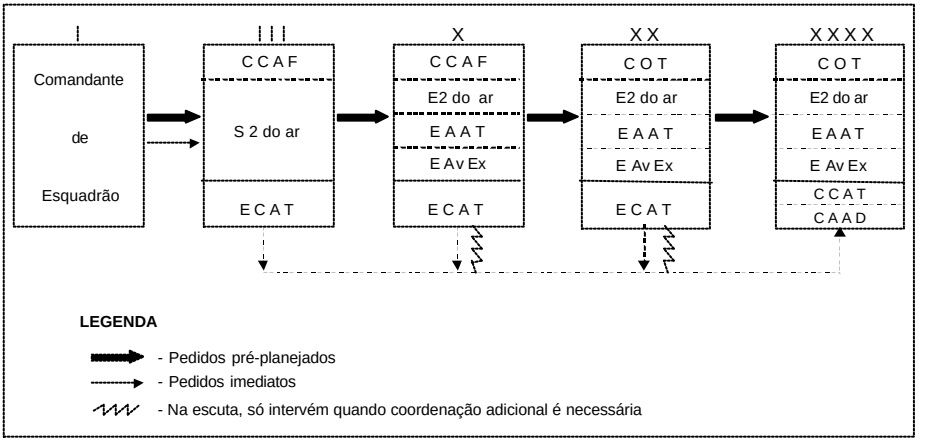


Fig 4-6. Pedidos de reconhecimento aéreo

4-14. RECONHECIMENTO AEROMÓVEL

a. O reconhecimento aeromóvel (Rec Amv) é a missão na qual uma F Helcp, constituindo ou não uma FT Amv com elementos de superfície, e sob o comando da F Helcp, realiza atividades de reconhecimento em benefício do escalão enqüadrante.

b. A mobilidade, rapidez, flexibilidade e potência de fogo proporcionadas pelas aeronaves da Av Ex permitem aumentar o dinamismo e a eficiência das ações desenvolvidas na manobra terrestre.

c. A execução de operações de Rec Amv à frente ou nos flancos de uma Bda C Mec proporciona aumento da velocidade de progressão e dos informes obtidos. Em contrapartida, é exigida uma estreita coordenação entre as forças envolvidas.

d. Uma operação de Rec Amv é conduzida, normalmente, pela F Helcp em proveito de uma DE ou Bda. Em algumas situações, quando atuando com a Bda C Mec, a F Helcp poderá ser apoiada por frações daquela GU para a execução de trabalhos específicos como reconhecimento de pontes, vaus, localidades etc, constituindo FT Amv ou não.

e. As operações de reconhecimento aeromóvel são executadas de acordo com os preceitos contidos nas Instruções Provisórias que regulam o emprego do Esquadrão de Aviação do Exército.

CAPÍTULO 5

OFENSIVA

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

5-1. GENERALIDADES

a. As operações ofensivas são essenciais para se obter resultados decisivos e, mesmo durante as operações defensivas, um Cmt deve procurar todas as oportunidades para empreender ações ofensivas.

b. As operações ofensivas visam ao cumprimento de uma ou mais das seguintes finalidades:

(1) destruir forças inimigas;
(2) conquistar áreas ou pontos importantes do terreno;
(3) obter informações sobre o inimigo;
(4) privar o inimigo de recursos essenciais; e
(5) desviar a atenção do inimigo de outras áreas.

c. Como as operações táticas ofensivas normalmente expõem o atacante, elas exigem superioridade de poder de combate no local selecionado para o ataque. Esse fato e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito implicam aceitar riscos em outras partes não selecionadas da frente. O Cmt deve obter superioridade relativa de combate esmagadora em seu ataque principal, a fim de destruir o inimigo no momento e local escolhidos.

d. Na frente selecionada, o Cmt deve evitar a parte mais forte do dispositivo inimigo, atraí-lo para fora de suas posições defensivas, isolá-lo de suas linhas de suprimento e forçá-lo a atuar numa direção não planejada e em terreno não preparado para a defesa. Agindo dessa maneira, o inimigo ficará exposto e o princípio da surpresa será favorável ao atacante. Sempre que for possível, deve-

se priorizar atuar sobre o flanco e a retaguarda do inimigo. Somente em situações excepcionais devem ser realizadas manobras frontais. As tropas de cavalaria mecanizada, devido a sua mobilidade, relativa proteção blindada e potência de fogo, além da capacidade de transposição de cursos de água com suas viaturas anfíbias, devem ser preservadas para as ações dinâmicas e em profundidade, auxiliando a maximização do princípio da surpresa, enfatizando o combate onde o inimigo não espera e não deseja.

e. As operações táticas ofensivas são batalhas contínuas. Podem prolongar-se por semanas, mantendo o inimigo sobre pressão constante e deixando-lhe poucas opções. Por esse motivo, o Cmt deve planejar sua operação como uma operação continuada, de longa duração, com pouco ou nenhum tempo para descanso. O repouso da tropa, principalmente dos elementos de comando e controle, deve ser previsto como parte importante do planejamento, com o emprego de tropas descansadas, alternância ou combinação de diferentes formas de manobra ou tipo de operações, substituições, estabelecimento de esquemas de sono e rotação de funções, a fim de minorar os efeitos negativos da fadiga no desempenho individual e coletivo.

f. O ataque é planejado cuidadosamente e executado com agressividade. Os planos devem possibilitar o aproveitamento de quaisquer vantagens que surjam durante o mesmo. Para tanto, o Cmt deve procurar manter uma reserva potente e móvel que permita aproveitar os êxitos obtidos. Quando se apresenta uma oportunidade decisiva, o comandante emprega todos os recursos necessários e exige o máximo empenho de suas tropas. A aplicação de uma pressão contínua, dia e noite, sobre pontos fracos do dispositivo inimigo, impede que este se recupere e tenha oportunidade de obter a iniciativa na ação.

g. Todos os esforços são feitos para cortar e neutralizar o apoio e a possibilidade de reforço do inimigo, enfatizando-se o isolamento do campo de batalha.

h. A superioridade de fogos deve ser obtida o mais cedo possível e mantida durante todo o ataque, permitindo liberdade de manobra e evitando perdas desnecessárias de unidades amigas. Os efeitos dos fogos devem ser explorados.

i. Nem sempre a brigada poderá utilizar-se das melhores faixas do terreno para a sua progressão, pois tenderão a ser mais bem defendidas pelo inimigo. Cresce de importância a obtenção da surpresa. A surpresa é sempre procurada e pode ser obtida quando a defesa inimiga é iludida por meio da escolha da oportunidade, local, direção e forma de manobra inesperados. A obtenção da surpresa é facilitada quando se empregam fintas e demonstrações. O ataque noturno, ou sob condições de visibilidade limitada, aumenta a probabilidade de obtenção da surpresa.

j. O planejamento e a execução das operações ofensivas são baseados nos princípios de guerra, nos fatores da decisão e nos fundamentos da ofensiva, que são apresentados no manual de campanha C 100-5 - OPERAÇÕES.

5-2. TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

a. No cumprimento de suas missões, a Bda C Mec pode realizar os seguintes tipos de operações ofensivas:

(1) marcha para o combate;
(2) reconhecimento em força;
(3) ataque;
(4) aproveitamento do êxito; e
(5) perseguição.

b. A Bda C Mec poderá, no decorrer de suas operações, ter de realizar outras ações ofensivas, tais como o combate de encontro, a incursão, a técnica de desbordamento e a dissimulação tática.

ARTIGO II

MARCHA PARA O COMBATE

5-3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

a. A marcha para o combate (M Cmb) é uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens que facilitam as operações futuras.

b. A Bda C Mec conduz sua própria M Cmb ou a executa como parte de uma força superior.

c. A força que realiza uma M Cmb avança, freqüentemente, em colunas múltiplas. A M Cmb caracteriza-se pela execução descentralizada e pelo emprego parcelado das forças. Ela termina, normalmente, quando a resistência inimiga exige o desdobramento e o esforço coordenado da brigada numa ação centralizada.

d. A melhor utilização da rede de estradas e do terreno é particularmente enfatizada. São feitas previsões para a transposição de obstáculos e para a rápida passagem em desfiladeiros.

e. A Bda C Mec, quando da realização de uma M Cmb, avança, freqüentemente, em colunas múltiplas. No entanto, quaisquer das formações básicas ou combinações de formações podem ser empregadas. Os Rgt subordinados adotam formações ou variações destas formações que possibilitam o cumprimento das missões que lhes forem atribuídas.

f. Preponderantemente, a iminência do contato e o terreno determinam o grau de controle necessário. O controle deve permitir a pronta reação das unidades subordinadas quando das mudanças de missão, de normas de marcha, de organização e de medidas de coordenação e controle.

g. Aeronaves de apoio aerotático executam missões de reconhecimento para apoiar as aeronaves das esquadrilhas de ligação e observação na localização de unidades inimigas, obstáculos, emboscadas ou movimentos no interior da Z Aç e provêem informes sobre o terreno por onde a força deve deslocar-se. A F Ae aérea amplia a segurança à frente e nos flancos. Comumente é utilizada a missão de cobertura.

h. Forças aeromóveis, quando disponíveis, asseguram o controle de acidentes capitais do terreno essenciais ao avanço ininterrupto da grande unidade. A disponibilidade de meios que permitam mobilidade aérea aumenta a capacidade de pronta reação da reserva no decurso da operação. Elementos de Av Ex em apoio podem ser empregados no reconhecimento e na segurança aeromóvel.

i. A M Cmb é executada agressivamente para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir.

j. A Bda C Mec em uma M Cmb é organizada em força de segurança e força principal (grosso).

5-4. CLASSIFICAÇÃO

a. Quanto à segurança

(1) Coberta - A marcha é coberta quando, entre o inimigo e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança. A marcha coberta deve ser executada, de preferência, à noite.

(2) Descoberta - A M Cmb é descoberta quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada não for suficiente.

b. Quanto ao dispositivo

(1) Coluna - Facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento.

(2) Linha - O dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um poderio de fogo à frente.

c. Quanto à possibilidade do contato

(1) Contato remoto - Situação em que o inimigo terrestre não pode atuar sobre a Bda.

(2) Contato pouco provável - É a fase de transição entre o contato remoto e o iminente. O término desta fase se dá quando o contato se torna iminente.

(3) Contato iminente - Situação em que a Bda pode, a qualquer momento, sofrer ação terrestre do inimigo. O contato torna-se iminente a partir da linha de provável encontro , linha do terreno onde se estima que possa haver o encontro inicial ou o restabelecimento do contato com os primeiros elementos das forças inimigas.

5-5. ORGANIZAÇÃO

a. Força de segurança

(1) Força de cobertura (F Cob)

(a) Quando a Bda integra uma força superior, a F Cob é, normalmente, fornecida por esse Esc Sp, que mantém o controle sobre a mesma. A Bda, nesse caso, não lançará a sua F Seg.

(b) Quando a Bda conduz a sua própria M Cmb, ela encarregar-se-á, se for o caso, de lançar a sua segurança. Cabe ressaltar que devido às características da operação de cobertura e da conseqüente necessidade de uma tropa taticamente autônoma e capaz de atuar a grande distância, a Bda, normalmente, não irá dispor de elementos que possibilitem, com eficiência, o cumprimento dessa missão. Em conseqüência, o mais usual é que a Bda, ao conduzir sua própria M Cmb, não se utilize de força de cobertura.

(c) A Bda C Mec é a tropa mais apta a cumprir as missões de F Cob em proveito de Esc Sp, nas operações de M Cmb.

(2) Força de proteção

(a) Vanguarda - A vanguarda é uma força de proteção que tem como missão precípua assegurar o movimento ininterrupto do grosso da Bda C Mec, impedindo os fogos diretos e ataques de surpresa sobre esta tropa. A vanguarda, normalmente, provém do elemento de primeiro escalão do grosso e pode estar reforçada por elementos de apoio ao combate, de acordo com as necessidades para o melhor cumprimento da missão. Normalmente, a vanguarda opera sob o controle do elemento de primeiro escalão do grosso e em ligação com a força de cobertura de flanco (F Cob Fln).

(b) Flancoguarda e retaguarda

1) Os elementos que compõe a retaguarda e a flancoguarda devem ter um poder de combate tal que lhes possibilite bater fracos elementos inimigos ou retardar forças de maior valor, de forma a permitir o desdobramento do grosso da brigada. A flancoguarda e a retaguarda têm como missão precípua proteger o grosso da Bda C Mec da observação terrestre, dos tiros diretos e do ataque de surpresa.

2) A responsabilidade da flancoguarda, normalmente, se estende desde a testa da unidade de primeiro escalão até a cauda do último elemento da Bda, exclusive a força de retaguarda.

(c) As forças de proteção operam sob o comando da força principal da Bda C Mec e dentro do alcance da artilharia da Bda.

b. Força principal - A força principal compreende a maior parte do poder de combate da Bda C Mec. Esta força constitui o elemento disponível a ser empregado, sem perda de tempo, para atacar o inimigo ou conquistar o objetivo da Bda. As unidades da força principal são organizadas para o combate e colocadas em posições que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego durante o movimento ou após o estabelecimento do contato.

ARTIGO III

RECONHECIMENTO EM FORÇA

5-6. GENERALIDADES

a. O reconhecimento em força (Rec F) é uma operação ofensiva, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações.

b. O Rec F permite, normalmente, a obtenção de informes de maneira mais rápida e pormenorizada do que outros tipos de reconhecimento. O Cmt que conduz tal operação, com a finalidade precípua de obter informações, deve estar preparado para explorar, prontamente, a descoberta de pontos fracos no dispositivo inimigo.

c. Caso a situação do inimigo precise ser esclarecida em uma larga frente, o reconhecimento em força deve ser realizado por meio de ações potentes, em pontos selecionados da frente. O poder da força empregada deve ser capaz de obrigar o inimigo a reagir de tal forma que venha a revelar sua localização, o dispositivo e valor. Entretanto, um Cmt ao decidir pela execução de um reconhecimento em força deverá considerar:

(1) o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo, a urgência e importância das informações desejadas;

(2) a eficiência, rapidez e disponibilidade de outros órgãos de busca;

(3) até que ponto a realização do reconhecimento em força poderá comprometer o sigilo das operações do seu escalão e do superior;

(4) a possibilidade de, com o Rec F, arriscar-se a um engajamento decisivo com o inimigo.

d. A Bda C Mec poderá empregar os Rgt simultaneamente ou escalonados no tempo e no espaço, visando desarticular o dispositivo inimigo e revelar os seus planos de emprego da reserva e de apoio de fogo.

e. O RCB é a tropa mais apta à execução de um Rec F e deverá ser reforçado com meios de apoio ao combate e, se disponível, com meios aéreos.

f. Os êxitos obtidos pelo elemento que realiza o Rec F devem ser imediatamente aproveitados.

g. São feitos planos para explorar as vulnerabilidades do inimigo, assim como estabelecidas medidas para desengajamento e retraimento da força.

5-7. EXECUÇÃO DO RECONHECIMENTO EM FORÇA

a. O Rec F pode ser executado como um ataque com objetivo limitado ou como uma incursão.

b. Ataque com objetivo limitado - Neste caso a ação pode ser dirigida exclusivamente sobre uma determinada área a respeito da qual o comando deseja rápidas e precisas informações ou pode se traduzir em uma série de ataques, que não passem de sondagens agressivas, desencadeados ao longo de toda a frente ou de grande parte da mesma. A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do reconhecimento em força. A operação tem por finalidade obter o máximo de informes com relação ao inimigo. A profundidade de qualquer objetivo designado depende da finalidade do Rec F. Quando os dados sobre o inimigo são obtidos pode ser dada outra missão à força que realiza este reconhecimento, tais como: retrair, manter o contato, apoiar a ultrapassagem de uma outra força ou até mesmo, explorando uma deficiência encontrada, aproveitar o êxito obtido. (Fig 5-1 e 5-2)

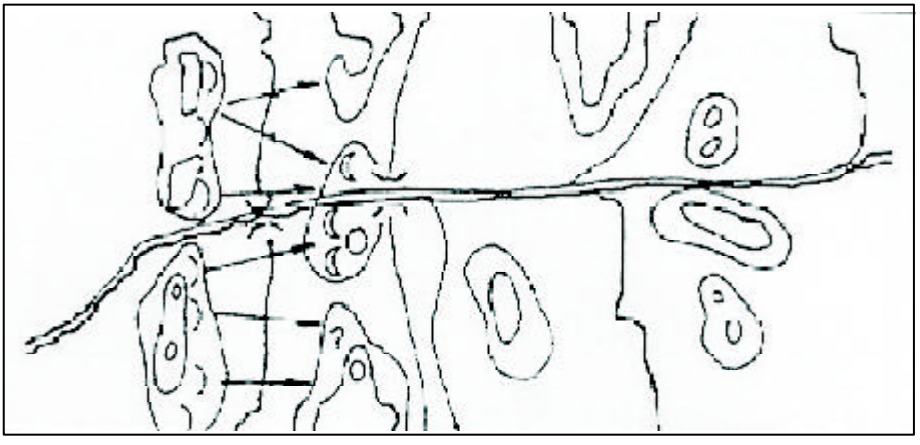


Fig 5-1. Reconhecimento em força (ataque com objetivo limitado ao longo de toda a frente)

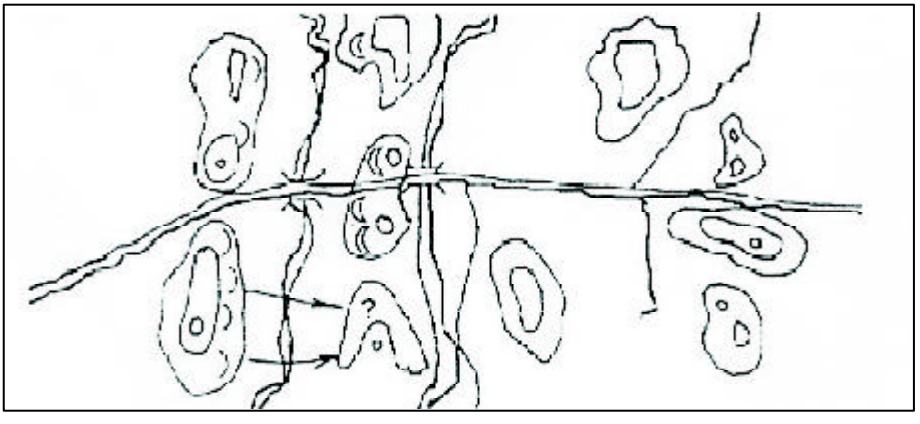


Fig 5-2. Reconhecimento em força (ataque com objetivo limitado sobre determinada região)

c. Incursão - Ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a idéia de conquistar ou de manter o terreno. Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos. Após esta ação segue-se também um rápido retraimento para as linhas amigas. A incursão pode caracterizar-se por uma varredura de CC executada pelo RCB. Deve-se atentar para o fato de essa ser uma ação de difícil execução e elevado risco quando o inimigo já se encontra posicionado no terreno com todos os seus meios, tendo, ao contrário, a execução facilitada quando o inimigo ainda cerra parte de seus meios para a Z Aç. (Fig 5-3)

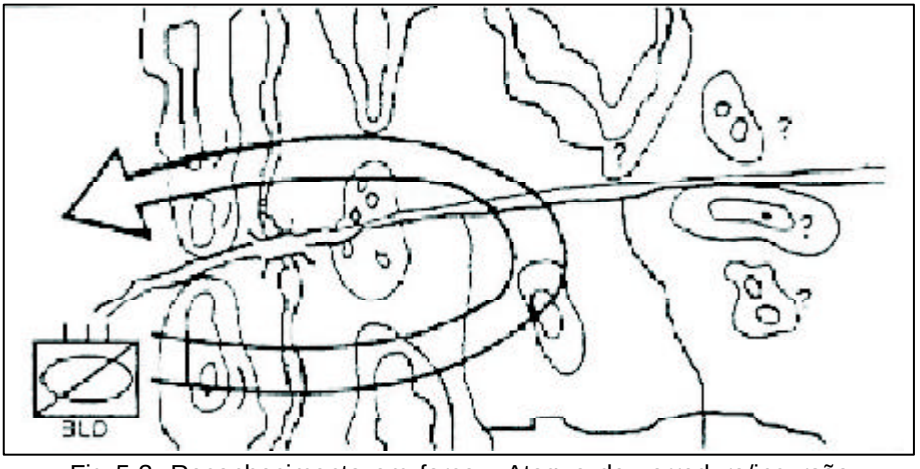


Fig 5-3. Reconhecimento em força - Ataque de varredura/incursão

ARTIGO IV

ATAQUE

5-8. GENERALIDADES

a. A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o inimigo. A diferença entre os tipos de ataque reside no tempo para planejamento, coordenação e preparação antes da execução, ou seja, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.

b. Existem dois tipos de ataque: o ataque de oportunidade e o ataque coordenado.

c. Ataque de oportunidade

(1) O ataque de oportunidade pode ser executado na seqüência de um combate de encontro ou de uma defesa com sucesso. Caracteriza-se por trocar tempo de planejamento por rapidez da ação. A fim de manter a impulsão, o ritmo

da operação ou a iniciativa é dedicado um tempo mínimo para o planejamento e a preparação e as forças destinadas ao ataque são aquelas que estão imediatamente disponíveis. O ataque de oportunidade procura tirar partido da falta de preparação do inimigo e envolve audácia, iniciativa,surpresa e rapidez para alcançar o sucesso antes que o inimigo tenha tempo para melhorar sua defesa. Se houver perda de impulsão pode ser necessária a realização de um ataque coordenado.

(2) O princípio básico na conduta de um ataque de oportunidade é obter e manter a iniciativa, por meio da qual o comandante pode, em seqüência, adotar a melhor forma de cumprir a missão. Em princípio, deve ser buscada a execução de manobras de flanco.

(3) O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de ordens fragmentárias pelo comandante, destinadas aos elementos de manobra e apoio de fogo, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão. Caracteriza-se, também, pela atribuição de missões, pela finalidade, pela necessidade de um perfeito entendimento da intenção do Cmt, pelo emprego simultâneo do máximo poder de combate e pela execução rápida e agressiva.

(4) Apesar de ser passível de execução por forças de qualquer natureza, na Bda C Mec, o RCB é a tropa mais apta a realizar esse tipo de ataque ou a ação principal da Bda, contando com os apoios necessários.

(5) O ataque de oportunidade deverá ser realizado quando o comandante, após esclarecer a situação e analisar os fatores da decisão, concluir sobre a viabilidade de realizar um ataque imediato, sem perda de impulsão, com a finalidade de aproveitar oportunidade vantajosa oferecida pela situação.

(6) Quando, após a análise dos fatores da decisão, o Cmt concluir que necessita de mais tempo para esclarecer a situação e se organizar para o combate, poderá optar por um ataque coordenado.

d. Ataque coordenado

(1) O ataque coordenado caracteriza-se pelo emprego coordenado da manobra, da potência de fogo e da ação de choque para cerrar sobre as forças inimigas e destruí-las ou neutralizá-las. É empregado contra posições defensivas inimigas sobre as quais as informações disponíveis indicam a necessidade de um planejamento completo. O apoio aerotático e aeromóvel, se disponíveis, concorrem para o êxito do ataque coordenado.

(2) Um ataque coordenado é uma operação planejada que pode ser precedida por uma marcha para o combate, por um reconhecimento em força ou por um ataque de oportunidade, exigindo um estudo de situação completo e minucioso.

(3) A realização de um ataque coordenado requer tempo suficiente para permitir o planejamento, o reconhecimento e a conseqüente avaliação tática. (Fig 5-4)

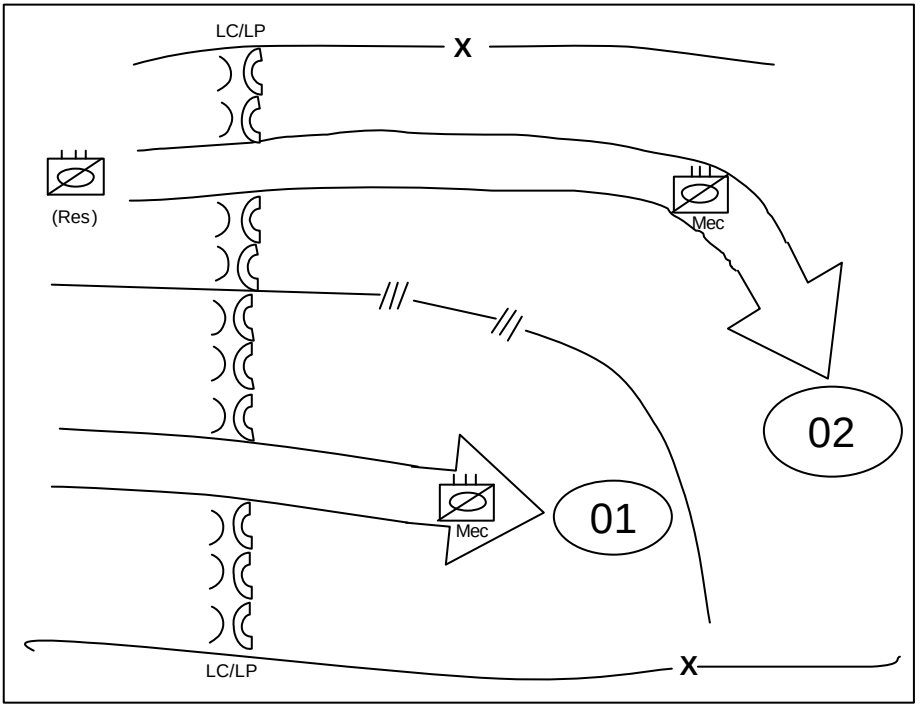


Fig 5-4. A Bda C Mec no ataque coordenado

5-9. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

a. Os detalhes de planejamento e execução de um ataque terão validade tanto para o ataque coordenado como para o ataque de oportunidade, desde que adaptados às limitações de tempo e demais condicionantes do ataque de oportunidade.

b. Distribuição das forças

(1) Escalões - Num ataque coordenado, a Bda reparte suas forças de combate em três escalões:

(a) escalão de ataque;
(b) base de fogos; e
(c) reserva.

(2) Escalão de ataque

(a) O maior poder de combate possível deve ser atribuído ao escalão de ataque. O poder de combate é maximizado com o emprego de helicópteros de ataque.

(b) O escalão de ataque, utilizando fogo e movimento, cerra sobre o inimigo o mais rápido e diretamente possível. Normalmente, é organizado de modo a que sua formação tenha massa e profundidade e deve procurar explorar os pontos vulneráveis do dispositivo inimigo.

(3) Base de fogos - O grupo de artilharia orgânico é o elemento principal da base de fogos da Bda. Podem ainda participar, os morteiros pesados, as armas de apoio das unidades em contato ou das que se encontram em reserva. Quando o terreno e os obstáculos impedem o emprego dos carros de combate no escalão de ataque, estes podem ser utilizados como base de fogos, normalmente priorizando o apoio à unidade a qual pertencem, a fim de apoiarem o ataque pelo fogo direto e, complementarmente, protegerem os flancos do escalão de ataque. É importante ressaltar que deverá haver uma grande preocupação na preservação dos CC em condições de participar de ações dinâmicas e futuras, particularmente no que concerne ao ressuprimento de munição. Em conseqüência, se houver previsão de emprego posterior dos CC e dificuldades para ressuprimento em curto espaço de tempo ou no transcorrer de determinada etapa da operação, os mesmos não deverão ser empregados como base de fogos.

(4) Reserva - A reserva da Bda tem, em princípio, o valor de uma unidade. Poderá ter elementos participando, temporariamente, da base de fogos (armas de apoio e carros de combate).

c. Formações de combate

(1) A Bda conduz o ataque em duas formações básicas: em coluna e em linha. Pode também combinar as duas formações.

(2) Uma força está em coluna quando somente uma de suas frações constituídas está à testa, seguindo-se, à retaguarda, as outras frações subordinadas.

(3) Uma força está em linha quando duas ou mais frações constituídas estão justapostas e à testa.

(4) Em ambas as formações as unidades podem não adotar a mesma formação da Bda.

(5) Formação em coluna

(a) A formação em coluna proporciona profundidade ao ataque, uma vez que as unidades são dispostas para se deslocarem na esteira da unidade testa. Essa possibilidade contribui para a flexibilidade e manutenção da iniciativa e da impulsão, como a seguir se explica:

1) flexibilidade - O Cmt, empregando a formação em coluna, tem, normalmente, várias linhas de ação abertas que lhe permitem manter a iniciativa e a impulsão do ataque e uma resposta rápida, necessária ao emprego em qualquer situação;

2) manutenção da iniciativa - A formação em coluna tem um poder de combate significativo, não empregado inicialmente, sob a forma de unidades em reserva, que podem participar da ação em tempo e lugar da escolha do comandante; e

3) manutenção da impulsão do ataque - Empregando a formação em coluna, o comandante conta com forças disponíveis para reassumir a missão da unidade testa, desde que o poder de combate desta decresça e não seja suficiente para ser empregado na exploração do êxito.

(b) A formação em coluna proporciona um alto grau de segurança aos flancos, pela facilidade das unidades poderem intervir em qualquer direção.

(c) A formação em coluna facilita o controle da Bda.

(d) As considerações que favorecem a adoção da formação em coluna são:

1) necessidade ou possibilidade de concentrar a maioria de meios sobre um ponto específico do dispositivo inimigo, explorando uma deficiência;

2) espaço restrito para a manobra;

3) defesas inimigas que devem ser atacadas em uma frente estreita; e

4) reservas inimigas de valor e localização que possam proporcionar um combate de encontro antecipado.

(e) O Cmt, ao empregar uma formação em coluna, deve tomar o cuidado de não empregá-la enfatizando indevidamente a segurança e a flexibilidade, a custo da velocidade e da colocação do máximo poder de fogo à frente.

(6) Formação em linha

(a) A formação em linha é obtida pela colocação de duas ou mais unidades à frente, liderando a formação. A formação em linha proporciona poder de combate sobre frente relativamente larga.

(b) O Cmt que emprega a formação em linha desdobra seus elementos por forma a que seus ataques sejam apoiados mutuamente.

(c) Empregando a formação em linha, o Cmt obtém informes de uma larga frente muito mais rapidamente do que se empregasse uma formação em coluna. Brechas, pontos fracos, ou flancos do dispositivo inimigo são mais rapidamente descobertos.

(d) A formação em linha é mais difícil de controlar do que a em coluna.

(e) As considerações que favorecem a adoção da formação em linha são:

1) espaço adequado para a manobra;

2) defesas inimigas pouco profundas;

3) necessidade de maior poder de combate para uma unidade subordinada;

4) necessidade de um avanço rápido sobre uma larga frente; e

5) necessidade de esclarecer a situação.

d. Frentes de ataque

(1) O Cmt seleciona, normalmente, dentro de sua Z Aç, uma frente onde pretende empregar a sua maioria de meios e realizar as ações mais importantes. Essa seleção de frente visa colocar o maior poder de combate possível no local decisivo.

(2) O estudo da frente de ataque selecionada baseia-se nos fatores da decisão: missão, inimigo, terreno, meios disponíveis e tempo.

(3) No restante da Z Aç, as U e/ou SU realizam ações secundárias, tais como a manutenção do contato, fixação etc.

(4) De um modo geral, a Bda C Mec é mais bem empregada em um ataque profundo e em frente estreita.

5-10. PLANEJAMENTO DO ATAQUE

a. Generalidades - O sucesso do ataque depende, em grande parte, de um planejamento judicioso. Planos bem concebidos e energicamente executados facilitarão o cumprimento da missão.

b. Seqüência - No planejamento para o ataque, o Cmt e seu EM obedecem a uma seqüência lógica, que pode ser sintetizada nas seguintes atividades:

(1) análise da missão, com base nas informações pertinentes;
(2) planejamento do emprego do tempo disponível;
(3) expedição de diretrizes de planejamento para o EM;
(4) expedição de ordem preparatória para os elementos subordinados;
(5) prosseguimento do estudo de situação do comandante e tomada de decisão na carta, quando for o caso;
(6) estabelecimento das ligações, particularmente com as unidades a serem ultrapassadas e as vizinhas;
(7) realização de reconhecimentos no terreno, sempre que possível;
(8) sincronização da manobra, apoio ao combate e apoio logístico;
(9) tomada da decisão final; e
(10) distribuição da ordem de operações para o ataque.

c. Ordem de operações - A ordem de operações traduz a decisão pormenorizada do Cmt para efetivar a operação planejada. Integram a ordem de operações: o calco de operações, o plano de apoio de fogos e outros documentos que se façam necessários quanto às informações e à segurança, às demais medidas de coordenação e controle, ao apoio logístico e às comunicações. A ordem poderá ser verbal ou escrita. No entanto, no escalão Bda é aconselhável a emissão de ordens escritas, ainda que possam ser complementadas por instruções verbais.

d. Calco de operações

(1) O calco de operações é a representação gráfica dos elementos essenciais da L Aç adotada para o cumprimento da missão da GU.

(2) O calco de operações deve ser simples e permitir uma visualização clara de como foi planejado o emprego da Bda, incluindo seu dispositivo, a localização e previsão do movimento de suas peças de manobra até os objetivos a serem conquistados.

(3) Um calco de operações, normalmente, inclui as seguintes medidas de coordenação e controle:

(a) objetivo;
(b) zona de ação (definida por limites);
(c) linha de partida;
(d) localização inicial da reserva; e
(e) outras julgadas necessárias, tais como eixo de progressão, faixa de infiltração etc.

e. Plano de apoio de fogos

(1) O PAF regula o emprego coordenado de todos os fogos disponíveis, inclusive os das armas orgânicas e em reforço, dos carros de combate, da artilharia em apoio e do apoio aerotático, tendo em vista a realização da manobra concebida pelo Cmt.

(2) O comandante do grupo de artilharia orgânica é o coordenador do apoio de fogo no âmbito da Bda.

(3) Em princípio, o plano de apoio de fogo inclui:

(a) a localização dos fogos;

(b) a programação dos fogos;

(c) os tipos de fogos;

(d) as missões das unidades de apoio de fogo; e

(e) a prioridade de fogos.

f. Reconhecimentos

(1) Antes do ataque, todo o esforço é desenvolvido objetivando a obtenção do maior número possível de informações sobre o inimigo e o terreno. No âmbito da Bda, o Cmt e oficiais do EM realizam seus reconhecimentos, a fim de complementarem o estudo de situação realizado na carta.

(2) O reconhecimento terrestre é o mais eficiente; entretanto, o reconhecimento aéreo é de grande valor, sobretudo na determinação de Z Reu, escolha de itinerários, posições de ataque, entre outros. Deverão ser empregados, exaustivamente, todos os demais meios colocados à disposição, tais como: imagens de satélite, VANT, radares etc.

g. Ligações

(1) Antes do ataque, o Cmt Bda, pessoalmente ou por intermédio do seu EM e do O Lig, estabelece as ligações necessárias com os elementos vizinhos e em contato, a fim de obter as informações de que necessita e de ajustar medidas de coordenação entre as respectivas forças, tendo em vista a operação a ser desenvolvida pela grande unidade.

(2) No caso da Bda realizar uma ultrapassagem, a ligação prévia com a tropa a ser ultrapassada, normalmente, inclui:

(a) seleção de posições de ataque para as unidades da Bda;

(b) escolha e fixação de prioridades para utilização de itinerários que permitam cerrar os meios da Bda;

(c) reconhecimento das posições da tropa ultrapassada - balizamento e sinalização de locais;

(d) obtenção de informações sobre o inimigo e o terreno;

(e) coordenação dos planos de fogos;

(f) fixação do horário de assunção de comando da Z Aç; e

(g) coordenação do apoio logístico a ser prestado pela unidade ultrapassada.

h. Coordenação e controle

(1) A coordenação e o controle durante o ataque são assegurados pelo emprego eficiente de todos os meios disponíveis e pela adoção de medidas destinadas a favorecer a convergência de esforços e a manutenção da direção

e do ímpeto da ação.

(2) As medidas de coordenação e controle utilizadas pela Bda no ataque podem incluir: eixos de progressão; linha de partida; zonas de ação; pontos de controle; objetivos; direções de ataque; pontos de ligação; hora de ataque e faixas de infiltração.

i. Conduta do ataque

(1) O ataque deve ser desencadeado com violência e com a máxima utilização da potência de fogo disponível. Toda potência de fogo dos CC, das viaturas blindadas de reconhecimento, da artilharia, dos morteiros, das armas automáticas e helicópteros de ataque, quando disponíveis,é concentrada sobre as posições inimigas, de acordo com o plano elaborado.

(2) Conduta do escalão de ataque

(a) A Bda C Mec deve priorizar as manobras desbordantes, evitando incidir sua maioria de meios onde o inimigo defende empregando o seu maior poder de combate. A mobilidade e proteção blindada da Bda favorecerão ações em profundidade, na busca de resultados decisivos e com menor número de baixas. Ações secundárias deverão ser previstas nas partes não selecionadas de frente, a fim de iludir o inimigo quanto à verdadeira intenção da manobra e visando sujeitá-lo ao risco de destruição em posição.

(b) O escalão de ataque deve cerrar sobre o objetivo o mais rapidamente possível. É conveniente, portanto, que o emprego dessa força seja feito em terreno favorável a uma rápida e contínua progressão das viaturas de combate da Bda. Quanto maior for o tempo de exposição do escalão de ataque aos fogos inimigos, maiores devem ser suas perdas. A rapidez do movimento multiplica o efeito da potência de fogo e da ação de choque do escalão de ataque. Mesmo quando o escalão de ataque for obrigado a progredir por lanços, o que deve ser evitado, deve fazê-lo com agressividade assegurando a rapidez e a continuidade do movimento.

(c) Os elementos transportados em viaturas blindadas de transporte de pessoal devem progredir embarcados o maior tempo possível. Muitas vezes, desembarcam para reduzir o inimigo não destruído pelos CC ou para remover obstáculos e localizar armas anticarro. Nesses casos, os elementos a pé designam os alvos a serem batidos pelos CC. No entanto, sempre que as condições sejam favoráveis, os elementos a pé embarcam em suas viaturas para continuar a progressão.

(d) As armas das viaturas blindadas de transporte de pessoal, após seus elementos terem desembarcado, são empregadas para reforçar os fogos dos CC e apoiar a progressão dos elementos a pé.

j. Apoio de fogo

(1) A base de fogos, constituída pelos fogos de todas as armas disponíveis, proporciona um contínuo apoio de fogo ao escalão de ataque, desde a transposição da LP até o final da operação. Seus fogos fixam o inimigo ao terreno e neutralizam as suas armas, de modo a permitir que o escalão de ataque, com o mínimo de perdas possível, cerre sobre as posições inimigas. A continuidade do apoio de fogo é assegurada pelos sucessivos deslocamentos dos elementos de apoio de fogo.

(2) A preparação dos fogos de artilharia e do apoio aerotático deve ser tão ampla, no tempo e no espaço, quanto possível. Muitas vezes, a necessidade de sigilo pode levar a uma curta preparação ou mesmo desaconselhar a sua realização. Quando a necessidade de surpresa não for preponderante ou quando o número de alvos conhecidos for insuficiente para justificar uma preparação, pode ser desencadeada uma intensificação de fogos. Todos os fogos de apoio devem ser desencadeados sobre as posições inimigas reveladas, logo que o escalão de ataque cruze a LP.

l. Reserva

(1) A reserva deve ser localizada em uma posição em que possa apoiar melhor o ataque principal, aproveitar o êxito, perseguir o inimigo, preservar seu poder de combate dos fogos da artilharia média do inimigo, deslocar-se rapidamente para um flanco, a fim de ampliar um desbordamento ou proporcionar segurança.

(2) O Cmt da reserva mantêm-se a par da situação por meio da ligação, da observação e de freqüentes visitas ao posto de comando da Bda. Formula planos para emprego da sua força, buscando visualizar todas as possíveis situações de emprego. Mudanças na situação podem exigir que o comandante da reserva reveja e atualize seus planos. Continuamente, são realizados reconhecimentos de itinerários e estudos na carta. Os elementos integrantes da reserva devem ser constantemente informados sobre a situação.

(3) A reserva deve ser empregada, prioritariamente para explorar o êxito e não para corrigir insucessos.

m. Prosseguimento do ataque

(1) Após a conquista de um objetivo, a Bda pode continuar o ataque imediatamente, realizar uma parada temporária para uma reorganização ou pode ter que defender o objetivo conquistado e manter o contato com o inimigo que retrai.

(2) A parada num objetivo intermediário ocorre por imposição da missão, reação inimiga, necessidade de reorganização ou deslocamento das armas de apoio. Quando possível, a conquista do objetivo é seguida de um rápido prosseguimento do ataque, sendo a reorganização realizada em movimento.

(3) Como norma de ação, o tempo de permanência em um objetivo intermediário deve ser o menor possível.

m. Consolidação da posse do objetivo

(1) A ocupação inicial do objetivo é uma das fases críticas do ataque. Isto porque, além do controle tornar-se difícil, a ocasião é muito favorável para o inimigo desencadear um C Atq planejado, coordenado e apoiado por todos os seus fogos disponíveis. Terminado o assalto, tem início a consolidação da posse do objetivo cujas finalidades são a efetiva consolidação do terreno conquistado e a reorganização da unidade, tendo em vista o desempenho de missões na área do próprio objetivo ou o prosseguimento do ataque.

(2) A consolidação do objetivo compreende todas as medidas executadas para assegurar a sua posse e enfrentar possíveis contra-ataques do inimigo.

Estas medidas variam desde o estabelecimento de segurança local até a completa organização para a manutenção do objetivo e, normalmente, incluem:

(a) segurança, particularmente, por meio do estabelecimento de postos de observação e escuta e do lançamento de patrulhas, se necessário;

(b) reconhecimento, não só para efetivar a segurança, mas também tendo em vista o desempenho de missões imediatas ou futuras;

(c) tomada de dispositivo adequado à manutenção do objetivo ou para o prosseguimento; e o

(d) deslocamento de armas de apoio e realização dos fogos, tendo em vista a consolidação e o prosseguimento do ataque, se for o caso.

(3) A reorganização compreende todas as ações realizadas para restabelecer ao máximo a eficiência combativa e o controle da força. Tais ações incluem, normalmente, relatórios, recompletamento, evacuação e controle.

(a) Relatórios - Todas as U remetem informações ao Cmt Bda, sobre as suas localizações e situações, bem como sobre os seus planejamentos para as operações subseqüentes.

(b) Recompletamento - Todas as U informam as baixas ocorridas e os recompletamentos são distribuídos tão cedo quanto possível.

(c) Evacuação - Providências são adotadas para a evacuação de baixas, prisioneiros de guerra e equipamentos danificados.

(d) Suprimento - A munição e os equipamentos necessários são distribuídos; elementos de suprimento e manutenção cerram à frente para recompletar e prestar o apoio necessário.

(e) Controle - O comando da Bda deve cerrar sobre o objetivo logo que o mesmo tenha sido consolidado; novo planejamento para as comunicações é realizado ou os planos existentes são revistos; as instalações de comando cerram à frente para locais que facilitem o controle e o prosseguimento das operações.

o. O **Anexo C** deste manual apresenta, à guisa de exemplo, uma redação de decisão e apresentação do esquema de manobra de uma Bda C Mec realizando um ataque coordenado.

ARTIGO V

APROVEITAMENTO DO ÊXITO

5-11. GENERALIDADES

a. Conceituação

(1) O aproveitamento do êxito (Apvt Exi) é a operação que se segue a um ataque bem sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga se encontra em dificuldades para manter suas posições. Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou realizar um movimento retrógrado ordenado.

(2) Das operações ofensivas, o aproveitamento do êxito é a que obtém resultados mais decisivos. Permite a destruição do inimigo e de seus recursos com um mínimo de perdas para o atacante. O seu efeito psicológico cria confusão e apreensão nas forças inimigas, reduzindo sua capacidade de reação.

(3) A Bda C Mec pode aproveitar seus próprios êxitos, dependendo da situação e dos meios disponíveis. Pode, também, ser empregada como força de Apvt Exi ou de acompanhamento e apoio do Esc Sp. A mobilidade, a potência de fogo e a ação de choque da Bda C Mec a torna, depois das brigadas blindadas, na mais apta a executar operações como força de Apvt Exi.

(4) É importante destacar que a Bda C Mec é a tropa mais apta a cumprir as missões de força de acompanhamento e apoio.

b. Considerações básicas

(1) As F Apvt Exi podem receber missões de conquistar objetivos profundos na retaguarda inimiga, cortar vias de comunicações, cercar e destruir forças inimigas, bloquear vias de escape de uma força cercada e destruir reservas inimigas.

(2) As F Apvt Exi devem ser essencialmente móveis e possuir apreciável poder de combate. Na Bda C Mec, o RCB constitui, normalmente, o escalão avançado no Apvt Exi. O apoio de engenharia proporciona os meios de transposição de obstáculos.

(3) O Cmt Bda deve estar permanentemente alerta para executar o aproveitamento de um êxito obtido.

(4) Após iniciado, o Apvt Exi deve ser executado ininterruptamente, sem conceder ao inimigo qualquer alívio da pressão ofensiva, até a conquista do objetivo final.

(5) O Apvt Exi é caracterizado pela execução descentralizada. Entretanto, o comandante deverá manter um controle eficiente de forma a evitar que a brigada se estenda demasiadamente. Um mínimo de medidas de controle é utilizado. Os planos das unidades de combate e de apoio ao combate devem ser flexíveis. O Ap Log é, comumente, descentralizado.

(6) Elementos da Av Ex, quando disponíveis, proporcionam segurança, informes sobre o inimigo e o terreno e atacam tropas inimigas que possam interferir no movimento da F Apvt Exi. Cumprem, ainda,missões de apoio ao combate e logístico.

(7) Elementos de ligação e observação, quando disponíveis, mantêm contato com o inimigo e observam seus movimentos e atividades, fornecendo dados ao comando da Bda.

(8) Aeronaves da força aerotática, quando disponíveis, atacam as reservas e as colunas inimigas em retirada e informam a situação do inimigo.

(9) Tendo em vista o grande consumo de combustível, é necessário que sejam feitas previsões para que o suprimento se faça rápido e continuamente. A segurança das colunas de suprimento deve ser considerada, particularmente quando a Bda tem elementos avançados operando na retaguarda inimiga. Nesses casos, muitas vezes, pode ser necessário realizar o suprimento pelo ar.

(10) As F Apvt Exi devem receber um adequado apoio de meios de

D AAe. Os princípios estudados na marcha para o combate são aplicáveis a este tipo de operação ofensiva.

(11) A Bda C Mec no Apvt Exi progride em uma larga frente, desde que o terreno e a rede de estradas o permitam. São mantidas em reserva apenas forças que possibilitem assegurar a flexibilidade, a impulsão e a segurança.

(12) A eficiência da operação pode ser aumentada pelo emprego de forças com a missão de seguir e apoiar a força designada para realizar o Apvt Exi. A força de acompanhamento e apoio assume as tarefas que possam retardar o avanço da força de aproveitamento do êxito, tais como: evitar que o inimigo feche as brechas na penetração, manter acidentes capitais conquistados durante o ataque, manter livre as vias de comunicações e de suprimento, destruir resistências inimigas ultrapassadas e substituir elementos da F Apvt Exi que estejam contendo resistências inimigas desbordadas. A Bda C Mec, por suas características, é especialmente apta a cumprir o elenco de missões anteriormente citados.

c. Início do aproveitamento do êxito

(1) O Apvt Exi é iniciado quando uma força inimiga apresenta dificuldade visível de manter sua posição. Muitas vezes, aproveitamento de êxitos locais podem parecer insignificantes, entretanto, seus efeitos cumulativos podem ser decisivos.

(2) A oportunidade para o Apvt Exi pode ser indicada pelo aumento do número de prisioneiros capturados e do material abandonado, pela ultrapassagem de posições de artilharia, de instalações de comando, de comunicações e de depósitos de suprimento do inimigo.

(3) A transição de uma operação para o Apvt Exi pode ocorrer progressivamente, à medida que o ataque se desenrola ou pode dar-se rapidamente, em conseqüência do emprego de reservas. Iniciado o Apvt Exi, todos os esforços são feitos objetivando a continuidade da progressão, ultrapassando as resistências inimigas, quando possível, e empregando o máximo apoio de fogo disponível quando se apresentam alvos apropriados.

5-12. PLANEJAMENTO

a. A execução descentralizada é a característica do Apvt Exi. Os planos de Ap Log e apoio ao combate devem ser flexíveis.

b. A rede de estradas, o dispositivo e as necessidades de coordenação e controle são fatores que devem ser considerados no planejamento da operação de Apvt Exi.

(1) Rede de estradas - em face da necessidade de rapidez, uma operação de Apvt Exi deve utilizar o maior número possível de eixos disponíveis que demandem aos objetivos impostos, situados profundamente na retaguarda inimiga.

(2) Dispositivo - A Bda se desloca, normalmente, com dois elementos em primeiro escalão e apoiados por artilharia e engenharia. Os trens das unidades deverão ser escoltados por frações de tropa.

(3) Coordenação e controle

(a) Um mínimo de medidas de controle é utilizado a fim de conceder, durante a progressão, ampla iniciativa aos comandos subordinados, de modo a evitar retardos desnecessários e prejudiciais às operações.

(b) Os objetivos da Bda situam-se:

1) nos flancos e retaguarda da posição inimiga (reservas, centros de comando e controle e instalações logísticas);

2) em acidentes capitais do terreno (desfiladeiros, cruzamentos de estradas, nós ferroviários, pontes etc);

3) em regiões favoráveis ao desembarque de forças aeroterrestres.

(c) É indispensável um perfeito controle sobre o movimento das unidades, a fim de tornar possível a passagem rápida da coluna de marcha para o dispositivo de ataque.

(d) Além da observância de rigorosa disciplina de marcha e do estabelecimento de um seguro sistema de comando e controle, a Bda fixa eixos de progressão, linhas e pontos de controle e pontos de ligação, entre outras medidas de coordenação e controle.

(e) Uma perfeita sincronização dos sistemas operacionais presentes na operação proporcionará a sinergia necessária para o cumprimento da missão.

5-13. CONDUTA NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

a. Força de aproveitamento do êxito

(1) Como F Apvt Exi, a Bda C Mec recebe, normalmente, um objetivo profundo na retaguarda do inimigo que corte suas vias de comunicações e desorganize seu comando e controle. A operação é conduzida tão vigorosamente quanto possível, para que a grande unidade atinja rapidamente seu objetivo e tenha condições de mantê-lo, a despeito dos esforços inimigos para retomá-lo. Quando disponíveis, são empregadas forças aeromóveis e pára-quedistas para conquistar acidentes capitais importantes. A Bda procura não se engajar com as forças inimigas encontradas, a menos que estas possam interferir no cumprimento de sua missão ou não possam ser desbordadas. A decisão de desbordar ou engajar forças inimigas encontradas é do Cmt Bda. Entretanto, este pode delegar esta autorização aos comandantes das unidades subordinadas. Normalmente, no aproveitamento do êxito é dada liberdade de ação e estimulada a iniciativa dos Cmt subordinados. Nesse tipo de operação, mais do que em qualquer outro, cresce de importância a intenção do comandante.

(2) Geralmente, os Rgt de primeiro escalão atacam partindo da coluna de marcha para reduzir bloqueios de estrada e pequenos bolsões de resistência ou para executar o reconhecimento necessário ao esclarecimento da situação. As ações caracterizam-se pela agressividade, pronta utilização da po-tência de fogo e emprego rápido e sem hesitação das unidades não empenhadas.

(3) Durante o Apvt Exi, a Bda desborda as forças inimigas que não tenham poder suficiente para ameaçá-la ou interferir no cumprimento da missão do Esc Sp. O Cmt Bda informa ao Esc Sp sobre as forças inimigas desbordadas.

As forças inimigas que interferem ou ponham em risco a missão da Bda são fixadas, desbordadas ou destruídas, mediante um ataque de oportunidade. Se isto não for possível, a brigada pode executar um reconhecimento em força para esclarecer a situação e informar ao Esc Sp a decisão tomada. Nesse caso, normalmente centraliza as ações e executa um ataque coordenado.

b. Força de acompanhamento e apoio

(1) Como força de acompanhamento e apoio, a Bda C Mec apóia a força de Apvt Exi, liberando-a das tarefas que possam retardar o seu avanço, como por exemplo, evitar que o inimigo feche a brecha na penetração e manter acidentes capitais conquistados durante o ataque. Nessa missão a Bda mantém livres as vias de comunicações e suprimento, apóia os elementos da força de Apvt Exi, destrói resistências inimigas desbordadas pela força de aproveitamento do êxito e amplia a Z Aç a cavaleiro do eixo de progressão.

(2) A força de acompanhamento e apoio substitui os elementos da força de aproveitamento do êxito empenhados no bloqueio do inimigo ou proteção de áreas ou instalações, possibilitando rápido retorno a seu comando de origem, recompondo-o para o prosseguimento da missão.

(3) Normalmente, a força de acompanhamento e apoio não se subordina à força de aproveitamento do êxito. Ambas são enquadradas por um comando de DE responsável pela operação de Apvt Exi.

c. O **Anexo D** deste manual apresenta, à guisa de exemplo, uma redação de decisão e apresentação do esquema de manobra de uma Bda C Mec como força de Apvt Exi.

ARTIGO VI

PERSEGUIÇÃO

5-14. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

a. A perseguição é a operação destinada a cercar e a destruir uma força inimiga que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao Apvt Exi e difere deste por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da força inimiga que está em processo de desengajamento ou que tenta fugir.

b. A perseguição difere do Apvt Exi porque, neste, o objetivo principal é, geralmente, um objetivo físico situado bem à retaguarda do inimigo. No Apvt Exi, a Bda C Mec evita, ultrapassa ou rompe as resistências inimigas, concentrando-se somente na conquista do objetivo que lhe foi atribuído. Na perseguição, apesar da Bda poder orientar sua progressão para um objetivo físico, a missão é a destruição da força principal do inimigo.

c. Indícios de um colapso inimigo alertam a Bda para a realização de uma perseguição. Ordens preparatórias são, então, emitidas. As forças são reagrupadas e é previsto apoio logístico adicional, particularmente de suprimentos de classes III e V.

d. A perseguição exige a manutenção de uma pressão constante sobre o inimigo, impedindo-o de reorganizar-se e organizar novas defesas. Homens e equipamentos são exigidos até os limites de suas possibilidades. Os comandantes conduzem a operação de forma a evitar que o ímpeto do ataque seja perdido. Durante a perseguição, os comandantes podem correr riscos maiores que em outros tipos de operações ofensivas, a fim de obter resultados decisivos.

e. Quando a Bda C Mec conduz uma operação de perseguição, organiza uma força de pressão direta de valor e composição suficientes para manter uma pressão contínua e uma força de cerco, que deve ter mobilidade igual ou superior à do inimigo e ter capacidade para realizar uma operação semi-independente. A incapacidade de reação do inimigo reduz a necessidade de apoio mútuo. Tanto a força de pressão direta como a de cerco devem ser dotadas de elementos de engenharia, para tornar mais rápido os seus movimentos, de adequado apoio de fogo e de comunicações.

f. O Ap Log deve merecer especial atenção. O consumo de combustíveis, lubrificantes e munições é elevado. As unidades de primeiro escalão podem, muitas vezes, ser supridas por via aérea.

g. A velocidade de progressão, a possibilidade de reação inimiga e a dispersão de forças aumenta a importância da segurança.

h. A Bda C Mec pode conduzir, independentemente, uma perseguição. Entretanto, é comum seu emprego neste tipo de operação, enquadrada por uma força maior. Neste caso, será mais comum o seu emprego como força de cerco, procurando atingir com rapidez as regiões que dificultam a retirada do inimigo, enquanto as brigadas blindadas mantêm pressão direta sobre o mesmo.

i. Elementos de Av Ex disponíveis podem ser empregados em missões de reconhecimento e segurança, assim como, em ações ofensivas contra tropas e instalações inimigas.

j. Aeronaves de reconhecimento realizam contínua observação das áreas vitais na retaguarda inimiga, buscando, juntamente com outras forças, determinar a direção de retirada do inimigo, manter o contato com as colunas em retirada e localizar os movimentos dos reforços inimigos em sua Z Aç.

k. A FAT inflige o máximo de danos ao inimigo em retirada. Seu apoio concentra-se sobre os pontos críticos ao longo das vias de retirada do inimigo (especialmente os desfiladeiros), sobre as colunas que se retiram e sobre as reservas, impedindo-as de vir a reconstituir a defesa. Devido à natureza fluída das operações de perseguição, a coordenação do apoio aerotático com as unidades de manobra é de importância vital para assegurar o máximo de danos aos alvos inimigos transitórios, sem perigo para o movimento rápido das forças amigas.

l. O transporte aéreo pode ser necessário para o lançamento de suprimento pelo ar, particularmente de classes III e V, permitindo ao Cmt Bda manter a impulsão da perseguição e uma contínua pressão sobre o inimigo.

m. A D AAe é prevista de maneira idêntica àquela de uma marcha para o combate. Normalmente, grande parte das armas automáticas da artilharia de D AAe é empregada em missões de superfície.

5-15. CONDUTA NA PERSEGUIÇÃO

a. A perseguição é determinada quando o inimigo não tem mais condições de manter-se em posição e procura a retirada. Nesta oportunidade, a Bda C Mec muda o ritmo das operações, e passa a buscar a destruição do inimigo. Indícios importantes de fraqueza do inimigo são: o avanço contínuo em uma direção decisiva, sem forte reação inimiga; a conquista de objetivos críticos; o aumento do número de prisioneiros capturados, de armas abandonadas e de mortos insepultos; a diminuição ou cessação dos fogos de artilharia e a ausência de outras reações ou contramedidas inimigas.

b. A perseguição é conduzida em uma frente tão larga quanto possível. A pressão direta é mantida incessantemente, enquanto uma força de cerco corta as vias de retirada do inimigo. Quando as condições permitirem, e houver superioridade marcante, tenta-se o duplo desbordamento da força que retrai e de seus componentes.

c. Não deve ser permitido que as forças de retaguarda e flancoguarda inimigas desviem a força principal de sua direção decisiva. Se houver insucesso na tentativa de cortar as vias de retirada do inimigo, uma nova força de cerco é rapidamente constituída.

d. Quando necessário, para desalojar rapidamente uma força inimiga, o Cmt Bda ataca imediatamente, empregando suas forças, à medida que elas estejam prontas.

e. Para as forças empregadas na pressão direta e nas ações de cerco são designados objetivos profundos e missões amplas. O máximo grau de iniciativa é permitido aos elementos subordinados. Se necessário, os meios de apoio ao combate e logístico são descentralizados.

f. A missão da força de pressão direta é atacar continuamente, a fim de evitar que o inimigo desengaje e reconstitua a sua defesa e para infligir-lhe o máximo de baixas. A força de pressão direta ataca incessantemente, dia e noite. Nenhuma oportunidade é dada para que o inimigo reorganize sua defesa. Em hipótese alguma, o contato deve ser rompido. Os elementos de primeiro escalão da força de pressão direta atuam agressivamente sobre as colunas inimigas ao longo de todas as estradas disponíveis; ultrapassam pequenas resistências que são reduzidas pela força de acompanhamento e apoio. Durante a noite, as unidades prosseguem atacando para manter o inimigo desequilibrado. A força de pressão direta deve, também, através da manobra, cortar a retirada e destruir partes do inimigo, quando essas ações não ameacem sua missão principal.

g. A missão da força de cerco é bloquear a retirada do inimigo derrotado para que ele possa ser destruído entre ela e a força de pressão direta. Quando

há disponibilidade de meios, o Esc Sp pode realizar, eficientemente, um envolvimento vertical sincronizado com a força de cerco.

h. A Bda C Mec, ao executar a manobra de cerco, avança ao longo de estradas paralelas às vias de retirada do inimigo, buscando atingir desfiladeiros, pontes e outros pontos-chaves antes do grosso das forças inimigas. Quando as forças de cerco não podem antecipar-se ao grosso do inimigo, buscam engajá-lo pelo flanco.

ARTIGO VII

OUTRAS AÇÕES OFENSIVAS

5-16. COMBATE DE ENCONTRO

a. Generalidades

(1) Na M Cmb para o combate, no Apvt Exi e em outras situações de movimento, a Bda C Mec participa, freqüentemente, de combates em situações em que não se encontra completamente desdobrada e engaja-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, sobre a qual dispõe de poucas informações. Em tais encontros, as ordens breves e as ações rápidas e agressivas tornam-se imprescindíveis para conquistar e manter a iniciativa.

(2) Em área operacional do continente (AOC), com forças altamente móveis e dispersas lateralmente e em profundidade, em amplos espaços, atuando primordialmente ao longo dos eixos rodoviários, os combates de encontro podem ocorrer freqüentemente, desde o nível brigada até o mais baixo escalão de comando.

(3) O ataque, no combate de encontro, é caracterizado por:

(a) reconhecimento imediato e agressivo;

(b) rápido estudo de situação;

(c) imediata expedição de ordens fragmentárias; e

(d) ataque direto partindo da coluna de marcha, conforme as unidades cerrem à frente e tornem-se disponíveis para o emprego.

b. Conduta

(1) O princípio básico que rege a conduta de um combate de encontro é a conquista e manutenção da iniciativa. Mantendo a iniciativa, o comandante pode, subseqüentemente, adotar a melhor L Aç para o cumprimento de sua missão.

(2) As seguintes ações ajudam o comandante a manter a iniciativa:

(a) realizar um rápido estudo de situação e emitir ordens fragmentárias;

(b) empregar as unidades subordinadas a partir da coluna de marcha;

(c) organizar a vanguarda com forças móveis capazes de reconhecerem pelo fogo, desdobrarem-se rapidamente e atacarem com velocidade; e

(d) posicionar a artilharia na coluna, de forma a assegurar fogos de

apoio durante a ação inicial.

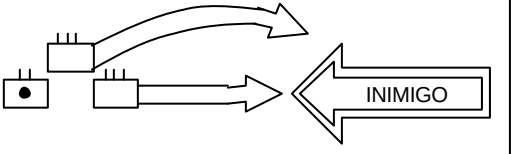
(3) Em um combate de encontro, dentro dos princípios anteriormente enunciados, o comandante da brigada se defronta com três linhas de ação: (Fig 5-5)

(a) atacar diretamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo as unidades possam ser lançadas ao combate (ataque de oportunidade);

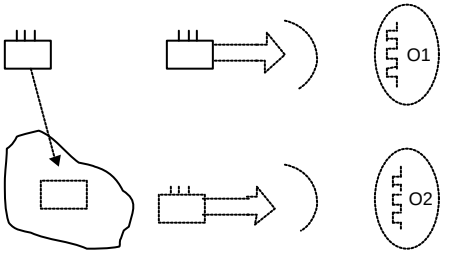
(b) reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em uma operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente; e

(c) desbordar a força inimiga, após informar o Esc Sp, deixando elementos com a missão de manter o contato.

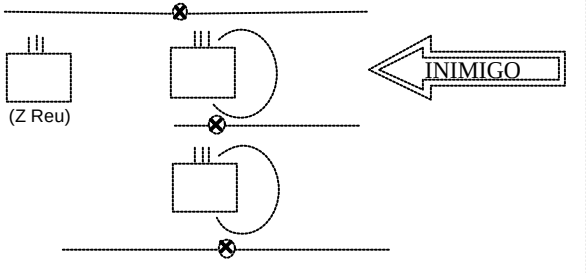
A - Ataque de Oportunidade



B - Ataque Coordenado



C - Dispositivo Defensivo



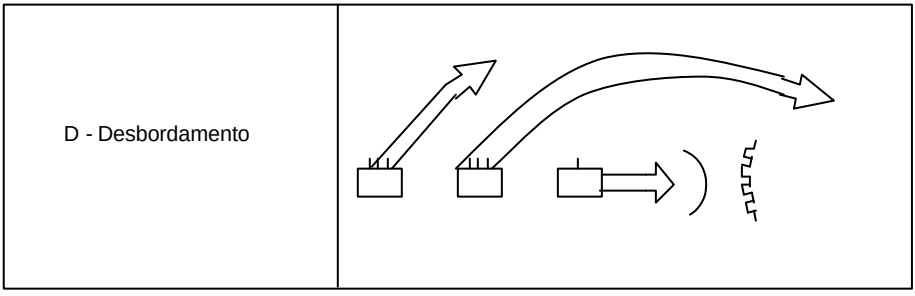


Fig 5-5. Combate de encontro

(4) A ação vigorosa e agressiva revela a situação inimiga. O desbordamento por um flanco exposto, geralmente, revela o dispositivo inimigo mais rapidamente do que um ataque frontal e dá maior oportunidade para a surpresa tática e para o obtenção de resultados decisivos.

(5) Quando o inimigo se encontra em posição, pode-se, deliberadamente, evitar o engajamento. Nestas condições, se a força inimiga não é suficientemente forte para comprometer o cumprimento da missão, a resistência deve ser fixada por um mínimo de elementos e, em seguida desbordada. Tal conduta é mais indicada quando existem à retaguarda forças disponíveis que podem desincumbir-se da redução dos elementos ultrapassados, quando a missão requer um avanço rápido e contínuo ou quando não couber à tropa que avança realizar a limpeza de sua Z Aç. No caso contrário a resistência inimiga é fixada e, em seguida, atacada de preferência em seus flancos, a fim de obter a surpresa e, desde logo, determinar a frente e a profundidade da mesma. Se o inimigo também está em movimento, ataques parcelados são desencadeados sobre seus flancos, com a finalidade de obter a surpresa e a iniciativa, revelando, ao mesmo tempo, o valor e o dispositivo de suas forças. Quando o encontro se der com forças inimigas superiores, adota-se, rapidamente, um dispositivo defensivo, proporcionando tempo suficiente para que outras forças amigas se preparem para prosseguir o movimento. Os Esc Sp e vizinhos são informados a respeito do estabelecimento do contato, bem como da decisão tomada.

(6) Os Cmt de cada escalão fornecem aos comandos vizinhos e superiores informes relativos à situação e a seu plano de manobra. Em todas as oportunidades, os comandantes dos regimentos da brigada devem estar continuamente informados sobre o dispositivo de outras forças e preparados para reagirem rapidamente a qualquer situação.

5-17. INCURSÃO

a. Incursão é uma operação ofensiva, normalmente de pequena escala, compreendendo rápida penetração em área sob controle inimigo, extremamente agressiva e de elevada mobilidade, realizada com a finalidade de obter um resultado específico no interior da posição inimiga. Pode ser empregada em qualquer tipo de operação ofensiva, particularmente no reconhecimento em

força, no ataque e no Apvt Exi.

b. Normalmente é de pequena ou média duração e sem a intenção de manter o terreno onde se realiza.

c. A incursão termina num retraimento planejado.

d. As ações de incursão estão baseadas na abordagem indireta do combate, onde os sistemas operacionais do inimigo são destruídos separadamente, tornando-o vulnerável.

e. Uma situação favorável ao emprego de ações de incursão poderá surgir quando:

(1) existir espaço suficiente para a manobra;

(2) for identificada uma baixa densidade ou inexistência de forças inimigas em determinado local do campo de batalha, permitindo uma infiltração ou desbordamento do inimigo;

(3) os eixos de comunicações e suprimento do inimigo estiverem muito distendidos;

(4) houver disponibilidade de apoio aéreo e/ou aeromóvel e apoio de fogo de artilharia; e

(5) a disponibilidade de informações sobre o inimigo permitir um planejamento detalhado e meticuloso da ação.

f. Os requisitos básicos para uma ação de incursão são a surpresa, a dissimulação, a mobilidade, a existência de superioridade aérea local e de disponibilidade de apoio de fogo terrestre.

g. Normalmente, a Bda C Mec como um todo não realiza uma incursão. Todavia,pode ser encarregada pelo Esc Sp de realizar uma incursão ou executá-la por iniciativa própria empregando elementos de manobra subordinados. Em qualquer caso, as incursões podem ser conduzidas dentro ou fora da distância de apoio do escalão imediatamente superior às forças de incursão.

h. A força que realiza uma incursão retrai após o cumprimento de sua missão. O retraimento é a parte mais difícil da operação, devendo ser cuidadosamente planejado e conduzido.

i. A segurança é vital nesse tipo de operação, porque a força que incursiona fica exposta ao ataque do inimigo em todas as direções.

j. As incursões são planejadas e executadas à semelhança de qualquer tipo de ataque, ressaltando-se a surpresa e a velocidade de execução como fatores de importância capital.

k. Normalmente, as incursões são limitadas no tempo e no espaço, ficando o Ap Log restrito ao que possa ser conduzido nas viaturas de combate e em reduzido número de viaturas logísticas que poderão acompanhar a força incursora. Entretanto, planos alternativos de ressuprimento devem ser elaborados. O apoio de manutenção fica limitado a pequenos reparos. A evacuação médica é feita nos veículos de combate ou pelo ar.

l. Nesse tipo de operação, é necessária uma cuidadosa coordenação da força de incursão com os meios de apoio de fogo.

m. A força de incursão, a ser empregada pela Bda, deve ser de tal valor que constitua uma autêntica ameaça para o inimigo, forçado-o a destacar considerável parcela de suas forças para bloqueá-la, neutralizá-la, destruí-la ou persegui-la.

n. A força de incursão deve ser tática e logisticamente auto-suficiente para o período de duração da missão, sendo capaz de sobreviver com reduzido apoio logístico e operar com elevada rapidez e letalidade, devendo ser integrada por elementos de CC, fuzileiros blindados, engenharia de combate, defesa antiaérea e, se possível, por artilharia de campanha autopropulsada. O RCB, devidamente reforçado, é o elemento de combate da Bda mais apto a cumprir esse tipo de missão. (Fig 5-6)

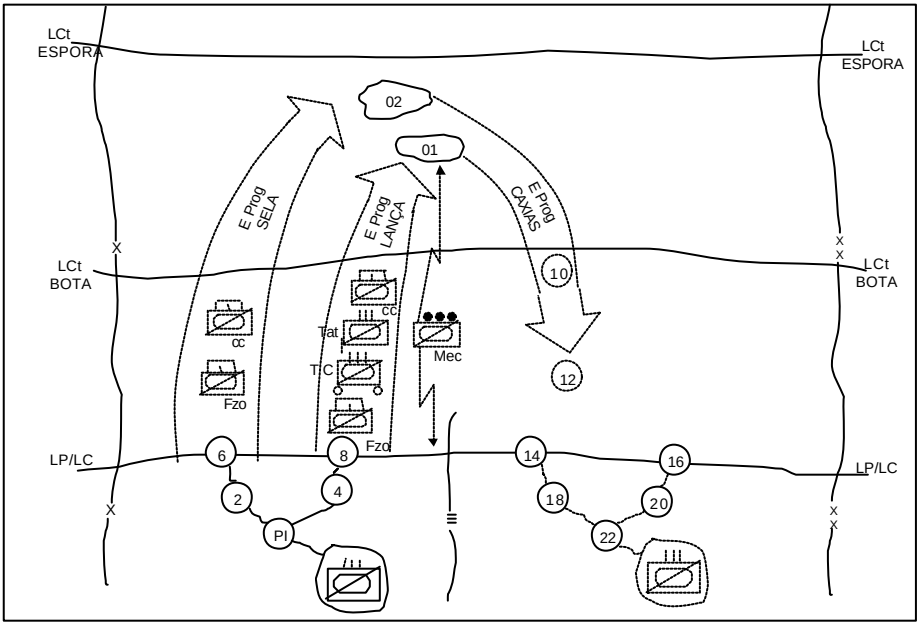


Fig 5-6. Incursão realizada pelo RCB e coordenada pela Brigada

5-18. FINALIDADES DA INCURSÃO

Uma ação de incursão poderá ser empreendida com as seguintes finalidades:

a. fixar as reservas do inimigo, impedindo que possam intervir no combate;

b. impedir ou dificultar o desengajamento ou retraimento da força principal do inimigo, ocupando temporariamente posições importantes à retaguarda daquela força;

c. realizar junção, apoiar, reforçar ou contribuir para a exfiltração de forças aeromóveis ou pára-quedistas;

d. bloquear vias de acesso importantes no campo de batalha, à retaguarda ou nos flancos do inimigo ou em profundidade, impedindo ou dificultando o movimento de suas reservas;

e. cobrir o flanco de uma outra força, durante uma ação ofensiva de desbordamento ou envolvimento;

f. iludir ou desgastar o poder de combate do inimigo;

g. obter informações para o planejamento operacional do Esc Sp;

h. destruir instalações de comando e controle, logísticas, posições de artilharia de campanha e antiaérea e meios de engenharia e de comunicações, na área de retaguarda do inimigo; e

i. atuar contra os eixos de suprimento e de comunicações do inimigo.

5-19. CONDUTA NA INCURSÃO

a. A operação de incursão poderá comportar uma ultrapassagem. Esta ação deve ser cuidadosamente coordenada com a tropa a ser ultrapassada.

b. Caso a incursão seja iniciada com uma infiltração, a operação deverá seguir as táticas e procedimentos normais para essa forma de manobra.

c. A força incursora deverá concentrar sua atuação sobre o objetivo que lhe foi atribuído, procurando explorar a surpresa e a velocidade, evitando qualquer tipo de engajamento desnecessário com o inimigo.

d. Quando a incursão é realizada durante o dia, na aproximação do objetivo, tanto quanto possível, deverão ser utilizados itinerários cobertos.

e. O itinerário de retraimento, em princípio, não deve ser o mesmo utilizado na aproximação do objetivo. Os nós rodoviários e os acidentes do terreno de importância, devem ser evitados. Destacamentos de segurança e fogos de proteção podem ser empregados para manter livres os itinerários de retraimento.

f. O retraimento deve ser feito sem perda de tempo. Um cuidadoso

planejamento e uma coordenação antecipada facilitam o acolhimento através das linhas amigas, que se realiza de forma semelhante a uma operação de junção.

g. Devem ser planejadas ações, tal como o contra-ataque de desaferramento,que visem impedir um engajamento decisivo da tropa que realiza a incursão.

5-20. ATAQUE DE VARREDURA

a. O ataque de varredura é uma ação ofensiva, rápida e violenta, desencadeada contra uma força inimiga para infligir-lhe o máximo de perdas, desorganizá-la e destruir seu equipamento, sem finalidade de conquistar um objetivo.

b. Pode ser empregado para desaferrar uma unidade decisivamente engajada, na realização de um reconhecimento em força, de uma incursão e de outras operações ofensivas.

c. Normalmente, a Bda C Mec como um todo não realiza um ataque de varredura. O RCB, devidamente reforçado, é o elemento de combate da Bda mais apto a cumprir esse tipo de missão. (Fig 5-7)

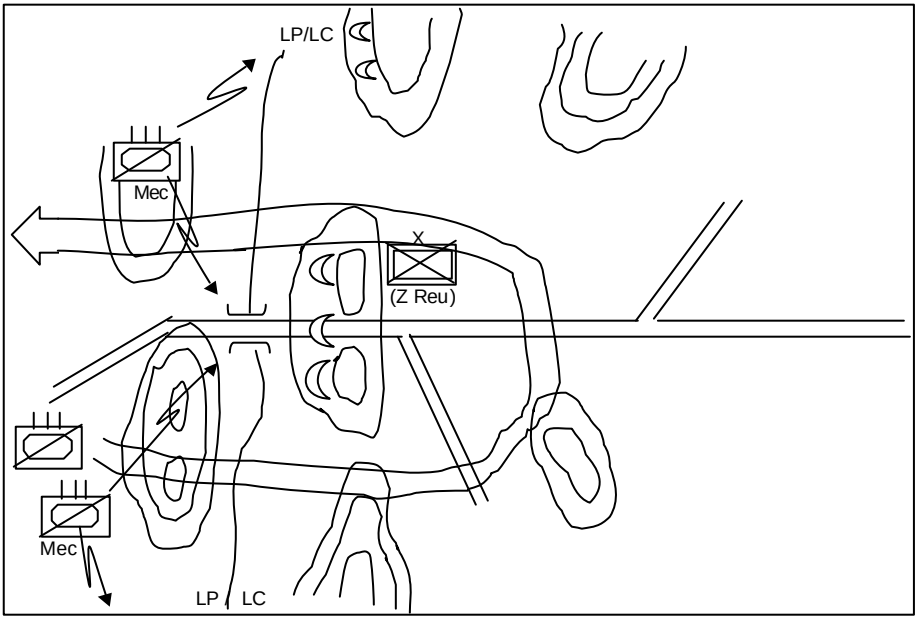


Fig 5-7. Ataque de varredura realizado pelo RCB e coordenado pela Brigada

5-21. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO ATAQUE DE VARREDURA

a. As forças que conduzem o ataque de varredura devem ser, predominantemente, de CC. Elementos de fuzileiros blindados podem ser utilizados com missão específica de guardar ou evacuar prisioneiros de guerra, evacuar as baixas ou executar demolições de material durante a varredura.

b. O planejamento e a execução de um ataque de varredura é semelhante ao de um ataque coordenado, mas, sem a marcação de objetivos. O ataque de varredura passa através da posição inimiga e retorna à posição amiga, em um só movimento.

c. Medidas acentuadas de coordenação e controle são estabelecidas para evitar o fogo das unidades amigas sobre as forças que realizam o ataque de varredura e para coordenar os fogos de apoio.

d. Quando um ataque de varredura é empregado para desaferrar uma unidade decisivamente engajada, ele é planejado em uma área onde seja possível atacar a força para destruí-la, flanqueando-a imediatamente à retaguarda da LC.

e. A formação a ser empregada em um ataque de varredura é a que melhor permita o desencadeamento rápido de fogos pesados e volumosos na direção do inimigo.

f. As unidades se mantêm em movimento e atiram sobre os elementos e instalações do inimigo, logo que eles apareçam. Os CC são tomados pelo fogo com munição apropriada contra blindados. Veículos leves, postos de comando e de suprimentos são destruídos pelas metralhadoras. As forças inimigas de infantaria e as armas, com as guarnições, são metralhadas e fisicamente ultrapassadas.

g. A combinação de fogo potente e manobra rápida, contra ou através das unidades inimigas, garante o efeito de choque necessário para manter a impulsão do ataque de varredura.

5-22. TÉCNICA DE DESBORDAMENTO

a. Generalidades

(1) No desbordamento, como técnica de movimento e não como forma de manobra, o Cmt, deliberadamente, evita o combate ofensivo contra uma força, uma posição ou uma instalação inimiga. Ele se assemelha a um ataque de desbordamento, onde uma ação secundária fixa o inimigo, enquanto a força principal manobra ao seu redor. No desbordamento, como técnica de movimento, não se visa a destruição da força inimiga que foi desbordada, mas sim manter a impulsão do ataque. O desbordamento é realizado para evitar a dissipação ou a diluição do poder de combate em direções que não interessam ao cumprimento da missão. Ele é particularmente aplicável durante o Apvt Exi, a perseguição, ou outras operações ofensivas, quando as forças inimigas encontradas não

comprometem o cumprimento da missão da força.

(2) A autorização para desbordar é delegada pelo Esc Sp. Devido às grandes frentes em que, normalmente operam os regimentos de cavalaria, essa autorização pode ser delegada até o escalão esquadrão.

(3) A despeito do escalão para o qual a autoridade tenha sido delegada, o comandante que conduzir o desbordamento deve notificar imediatamente o Cmt Esc Sp de sua decisão e informar sobre a força inimiga que foi desbordada.

b. Considerações básicas sobre o desbordamento

(1) A primeira consideração a ser feita na decisão do desbordamento de uma força inimiga é a análise dos fatores da decisão.

(2) Inicialmente, as informações disponíveis sobre o inimigo são limitadas. Uma ação agressiva deve ser rapidamemente iniciada para esclarecer a situação, a fim de se obter o conhecimento do inimigo.

(3) Um mínimo de tempo é utilizado para esclarecer a situação e formular planos a fim de apressar a execução do desbordamento.

(4) Forças móveis são particularmente aptas para esclarecer rápida e agressivamente a situação e para localizar possíveis caminhos de desbordamento.

(5) A disponibilidade de forças de acompanhamento e apoio pode influenciar na decisão do comandante para desbordar uma força inimiga.

c. Conduta no desbordamento

(1) Esclarecer a situação - Quando o contato com o inimigo é obtido, as forças amigas desdobram-se, esclarecem a situação inimiga (localização, valor, natureza, composição e dispositivo), selecionam uma L Aç e informam ao Esc Sp. Concomitantemente com as ações para esclarecer a situação, o reconhecimento é conduzido para localizar os possíveis itinerários de desbordamento. Se houver disponibilidade de aeronaves elas podem ser empregadas para facilitar o reconhecimento das posições inimigas e dos possíveis itinerários de desbordamento.

(2) Procedimento para o desbordamento - Um ou ambos dos seguintes procedimentos podem ser empregados:

(a) deter o inimigo pelo fogo e desbordar com os elementos de manobra; e

(b) deter o inimigo com parte dos elementos de manobra e desbordar com o restante da força.

(3) Ações da força de bloqueio

(a) Normalmente, a força de bloqueio engaja o inimigo até que os elementos de manobra tenham completado seu desbordamento e, então, desengajam-se para se reunirem às unidades de manobra. Neste tipo de operação, as forças de bloqueio, normalmente, empregam ações defensivas e ações ofensivas limitadas.

(b) A força de bloqueio é empregada com a finalidade de barrar e manter o contato com o inimigo, até que a força de acompanhamento e apoio a substitua. Isto pode exigir que a força de bloqueio seja reforçada com elementos de apoio ao combate. O comandante da força de bloqueio coordena com o comandante da força de acompanhamento e apoio, tão cedo quanto possível, a sua substituição e proporciona a ele todas as informações disponíveis acerca

do inimigo e do terreno. Simultaneamente com esta operação, o comandante da força de bloqueio planeja reunir-se à força principal.

5-23. DISSIMULAÇÃO TÁTICA

a. A dissimulação tática se constitui em um conjunto de medidas e ações que procuram iludir o inimigo a respeito de determinada situação ou plano de operações, com o propósito de induzi-lo a reagir de modo vantajoso para nossa manobra.

b. O emprego de ataques secundários, incursões, fintas e demonstrações, bem como de fumígenos e de dissimulação eletrônica, desde que destinados a iludir o inimigo, são exemplos de ações de dissimulação tática. A Bda C Mec, tendo em vista a diversidade de seus meios e a presença do RCB, empregando viaturas blindadas sobre lagartas, é particularmente apta para a realização de fintas e demonstrações.

c. A dissimulação tática contribui para a segurança e para a surpresa e aumenta a probabilidade de êxito das operações. Ela pode ser usada para compensar um poder de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso dos meios e do tempo.

d. O plano de dissimulação tática apoia o plano de operações. A Bda C Mec poderá estar participando como um todo de uma operação de dissimulação tática em proveito do Esc Sp, assim como poderá, ao atuar isoladamente, planejar a execução de uma dissimulação tática com seus elementos subordinados, em proveito da sua manobra.

e. Normalmente, as operações de dissimulação tática são empreendidas durante um período relativamente curto, possuem limitada e bem definida finalidade e têm a peculiaridade de serem locais.

f. O tempo disponível para estabelecer a dissimulação, o período para difundi-la pelos canais de informações do inimigo e o espaço de tempo necessário para que o inimigo processe a informação e reaja em função desta, limitam as medidas de dissimulação, sejam elas ativas ou passivas.

5-24. FINTA

a. A finta é uma ação em força com a finalidade de iludir o inimigo e desviar sua atenção do ataque principal. Normalmente, consiste de um ataque pouco profundo, de objetivo limitado, executado por parte da força que realiza uma operação.

b. Uma finta pode influir sobre o desdobramento final da força inimiga. É mais eficiente quando o inimigo dispõe de grande reserva, quando há diversas L Aç exeqüíveis para o atacante e quando a força empregada tem valor adequado para provocar a desejada reação do inimigo.

c. O planejamento e a execução das fintas são semelhantes aos das demais operações ofensivas, podendo variar de uma incursão a um ataque secundário.

d. Salienta-se o fato de que nas ações de finta, a Bda, ou parte dela, conduzirá uma ação ofensiva sobre o inimigo e deverá estar em condições de aproveitar um êxito porventura alcançado.

5-25. FINALIDADES DA FINTA

a. As fintas destinam-se a levar o inimigo a reagir de acordo com a vontade do atacante.

b. O atacante pode pretender que o inimigo reaja fisicamente, pode desviar sua atenção, pode querer confundi-lo ou pode obrigá-lo a reavaliar as possibilidades e intenções do elemento que executa a finta.

c. Algumas reações desejadas quando do emprego das fintas:
(1) forçar o inimigo ao emprego inadequado de suas reservas;
(2) desvio dos fogos de apoio do inimigo do ataque principal;
(3) revelação prematura dos fogos defensivos do inimigo; e
(4) acostumar o inimigo a ataques pouco profundos e freqüentes, de modo a obter surpresa quando for lançado o ataque principal.

5-26. OPORTUNIDADE DA FINTA

a. As fintas podem ser executadas antes, durante ou após o Atq Pcp.

b. Uma finta antes do Atq Pcp pode provocar o movimento das reservas inimigas, atrair seus fogos de apoio, localizar as forças de sua artilharia ou confundi-lo.

c. Uma finta executada durante o Atq Pcp pode desviar a atenção do inimigo e, possivelmente, suas reservas, incluindo armas de apoio, para atuarem contra a finta. A dificuldade do comandante inimigo, em identificar o ataque principal, pode obrigá-lo a manter sua reserva nas posições, aguardando o desenvolvimento de ambos os ataques, até que seja demasiado tarde para interferir no combate.

d. Uma finta executada depois do desencadeamento do Atq Pcp tende a obrigar o inimigo a manter suas reservas em posição, pela nova ameaça e pela incerteza quanto ao local do Atq Pcp.

e. A hora da operação deve ser selecionada levando-se em conta a oportunidade que mais favoreça o sucesso do Atq Pcp.

f. Na seleção da área para a execução de uma finta, os seguintes aspectos são considerados:
(1) a área deve ser de interesse para o inimigo;
(2) evitar a interferência no ataque principal; e

(3) quando a finalidade da finta é provocar o deslocamento das armas de apoio e das tropas inimigas, deve ser executada longe das unidades inimigas, para forçar o seu deslocamento.

5-27. DEMONSTRAÇÃO

a. A demonstração é uma operação em área onde não se procure obter uma decisão. Difere de uma finta porque não há avanço contra o inimigo.

b. As considerações e as técnicas básicas para o planejamento das fintas também se aplicam às demonstrações.

c. A demonstração deve ser conduzida com suficiente realismo. Em sua execução devem ser empregados fogos, fumígenos e outros artifícios, a fim de iludir o inimigo quanto às nossas reais possibilidades.

5-28. CARACTERÍSTICAS DA DEMONSTRAÇÃO

a. É necessário uma menor quantidade de tropa para uma demonstração do que para uma finta.

b. As forças que a executam não precisam ser equilibradas em elementos de combate, apoio ao combate e logística.

c. Nas ações de demonstração, nas quais procura-se evitar o choque com tropas inimigas, os meios deverão estar em condições de, após o cumprimento dessa missão, deslocarem-se rapidamente para outra parte da Z Aç, onde poderão receber outras missões em proveito da ação principal.

5-29. EMPREGO DA DEMONSTRAÇÃO

As demonstrações são particularmente eficientes quando o inimigo e as forças de demonstração estão separados por um obstáculo. Podem ser usadas com vantagem para figurar a concentração para a transposição de um curso de água obstáculo ou para a realização de um ataque a áreas fortificadas.

ARTIGO VIII

FORMAS DE MANOBRA TÁTICA OFENSIVA

5-30. GENERALIDADES

a. Forma de manobra tática ofensiva é a configuração que o Cmt dá ao movimento de suas tropas para colocá-las, bem como aos seus fogos, numa posição vantajosa em relação ao inimigo. As cinco formas básicas de manobra ofensiva são: a penetração, o ataque frontal, o desbordamento, o envolvimento e a infiltração. Há, porém, algumas variações, como por exemplo: o duplo desbordamento, o cerco e o envolvimento vertical.

b. As formas de manobra são resultantes de dois movimentos básicos: o movimento de flanco e o movimento frontal. Assim, elas se situam dentro de um ou de outro destes dois movimentos básicos.

(1) Movimento de flanco - Os movimentos de flanco executados pelas unidades são dirigidos no sentido dos flancos do inimigo, já conhecidos ou que se tenha suspeita. São levados a efeito para obrigar o inimigo a lutar de uma forma para a qual não estava preparado e são mais apropriados para as unidades blindadas do que o movimento frontal, desde que a situação tática permita o seu emprego. O desbordamento e o envolvimento são as formas básicas de manobra utilizadas nos movimentos de flanco.

(2) Movimento frontal - O movimento frontal é orientado diretamente contra a frente, conhecida ou suspeita, do inimigo. Geralmente, é executado quando a situação tática impede um movimento de flanco. As formas básicas de manobra utilizadas, quando se executa um movimento frontal, são: a penetração e o ataque frontal. A diferença básica entre as duas está na intenção do comandante. Normalmente, a penetração é iniciada por um ataque frontal; contudo, a intenção do comandante na penetração não é destruir o inimigo na posição ou fixá-lo, o que é a finalidade do ataque frontal, mas penetrar na posição inimiga, a fim de abrir uma brecha para as forças de Apvt Exi. O contato inicial com o inimigo, em todas as formas de manobra, assemelha-se ao ataque frontal; todavia, a intenção do comandante dita, normalmente, a evolução rápida para uma outra forma de manobra.

5-31. PLANEJAMENTO

Durante o estudo de situação, o Cmt e seu EM visualizam a utilização de uma ou mais formas de manobra para a execução da missão. Ao selecionar as formas de manobra, o comandante leva em consideração que:

a. a forma de manobra deve ser selecionada para atacar o inimigo no seu ponto vulnerável, forçando-o a lutar de uma maneira para a qual não estava preparado; esta consideração, invariavelmente, elimina o ataque frontal como forma de manobra a ser selecionada;

b. em AOC, devido a relação entre as grandes frentes a defender e a reduzida disponibilidade de meios, existirão, normalmente, grandes vulnerabilidades no dispositivo defensivo inimigo, que favorecerão a realização de manobras de flanco; e

c. todos os fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, meios e tempo) devem ser considerados; a análise cuidadosa destes fatores deve ditar a forma de manobra a ser empregada.

5-32. MOVIMENTO DE FLANCO

a. Desbordamento

(1) O desbordamento é a forma de manobra que permite conduzir o ataque principal contra um flanco vulnerável do inimigo. O flanco vulnerável é aquele que pode ser atacado sem que haja necessidade ou previsão de um engajamento decisivo. Normalmente, o desbordamento é empregado em combinação com um ataque secundário. A finalidade do desbordamento é evitar a principal força defensiva do inimigo, conquistando objetivos em sua retaguarda que cortem seus caminhos de retirada, interrompam as suas comunicações e o submeta ao risco de destruição na posição. (Fig 5-8)

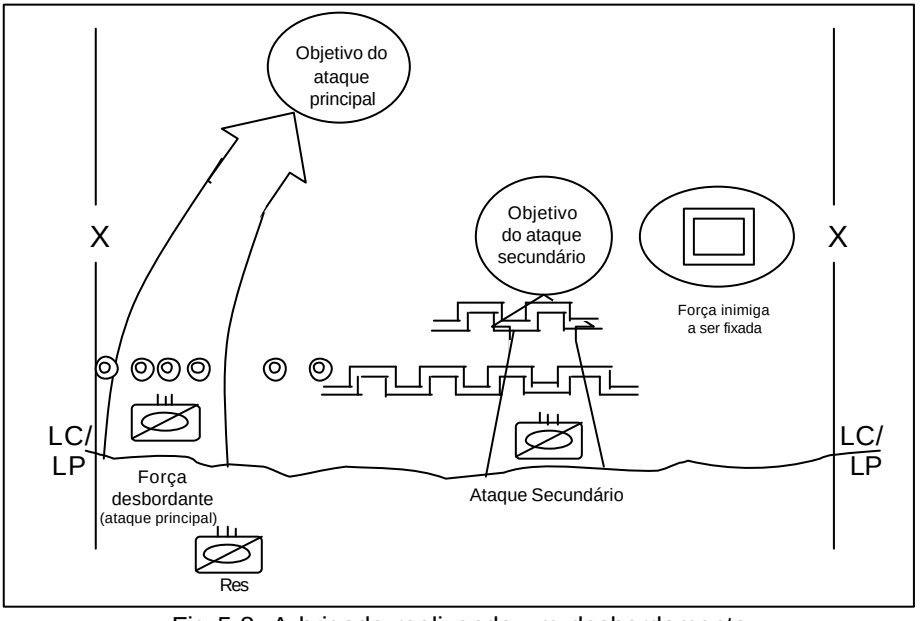


Fig 5-8. A brigada realizando um desbordamento

(2) Uma de suas variações é o duplo desbordamento, que é executado por duas forças de desbordamento e uma ou mais forças de ataque secundário. Isto exige um grande poder de combate e é de difícil controle. A Bda raramente realiza um duplo desbordamento.

b. Envolvimento - No envolvimento, a força atacante contorna por terra ou pelo ar, a principal força inimiga, para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda, forçando-a a abandonar sua posição ou deslocar forças poderosas para deter a ameaça criada pelo envolvimento. O inimigo é destruído em local de escolha do atacante. O envolvimento difere do desbordamento por não ser dirigido para destruir o inimigo em sua posição defensiva. Como o envolvimento exige um grande poder de combate e a força envolvente está, normalmente, fora da distância de apoio de qualquer outro grupo de forças atacantes, não é usual o seu emprego pela Bda atuando de forma isolada.

c. Considerações básicas

(1) A condição de sucesso para os movimentos de flanco é o inimigo possuir um flanco vulnerável ou que o mesmo possa ser criado explorando-se uma deficiência no seu dispositivo defensivo.

(2) A fixação do inimigo em posição é obtida por meio de ataques secundários pouco profundos. O RCB é o elemento mais apto a cumprir missões como força de desbordamento.

(3) O ataque secundário fixa o inimigo quando emprega poder de combate capaz de ameaçar seriamente sua posição defensiva e de forçar, prematuramente, o emprego das suas reservas. Ele também objetiva iludir o inimigo quanto à localização e intenção do Atq Pcp. É desejável que um dos ataques secundários tenha condições de criar condições alternativas de prosseguimento para conquista do objetivo de desbordamento, caso o inimigo decida empregar a sua reserva para barrar o Atq Pcp.

(4) A manobra através do flanco vulnerável é executada pela força desbordante ou envolvente. Esta força conquista o terreno que domina as linhas de suprimento do inimigo e seus caminhos de retirada ou que facilitem o seu reforço. Cabe ressaltar que, dificilmente, a Bda realizará, isoladamente, uma ação de envolvimento, mas sim como integrante de uma força superior enquadrante, onde a Bda realizará o ataque secundário para fixar o inimigo ou atuará como força principal envolvente.

(5) A força que executa o movimento de flanco (Atq Pcp) pode fazer uma manobra próxima ou mais afastada da força de ataque secundário. Em uma manobra mais próxima, os elementos de apoio de fogo são normalmente capazes de, facilmente, apoiar centralizadamente ambas as forças (do ataque principal e secundário). Em uma manobra afastada, os elementos de apoio de fogo poderão ser empregados descentralizadamente. A força conduzindo a manobra afastada, pode ser acompanhada pelos fogos dos seus elementos de apoio. A conquista do objetivo por uma força em movimento de flanco pode ser seguida de um Apvt Exi, caso esta oportunidade ocorra.

(6) O sucesso dos movimentos de flanco depende, amplamente, do grau de surpresa e da mobilidade das forças que o executam e da possibilidade do ataque secundário para fixar o inimigo na posição. O rápido movimento dessas forças e a execução de um ataque secundário, se necessário, são essenciais para impedir o movimento das reservas do inimigo na ocupação de posições previamente preparadas e que venham a interferir no deslocamento do ataque principal.

d. Conduta nos movimentos de flanco

(1) O ataque secundário pode ser desencadeado no mesmo momento que o ataque principal. No entanto, é comum ocorrer uma defasagem no horário do ataque principal, a fim de aumentar a dissimulação e de dificultar o emprego da reserva inimiga nessa frente, haja vista a sua atração pelo ataque secundário.

(2) Pode não haver uma preparação de artilharia em apoio ao ataque da força desbordante ou envolvente, no interesse de se manter o sigilo da operação. Se executada, a preparação deve ser intensa e de curta duração.

(3) Um ataque secundário, conduzido agressiva e violentamente, pode

proporcionar a oportunidade de converter-se em uma penetração bem sucedida.

(4) A força de desbordamento ou envolvimento move-se rápida e diretamente para o objetivo, contornando as forças inimigas que não podem intervir na execução da missão.

(5) Os contra-ataques inimigos que ameacem a execução da missão da força principal são engajados de maneira semelhante ao combate de encontro.

5-33. MOVIMENTO FRONTAL

a. Penetração

(1) A penetração é a forma de manobra que permite romper a posição inimiga em uma frente estreita e alargar uma brecha criada. A finalidade da penetração é destruir ou neutralizar as forças inimigas, instalações e meios de controle e conquistar objetivos que quebrem a continuidade de suas defesas. Esta manobra divide as forças inimigas, permitindo que sejam batidas por partes e, normalmente, criando condições favoráveis ao Apvt Exi. (Fig 5-9)

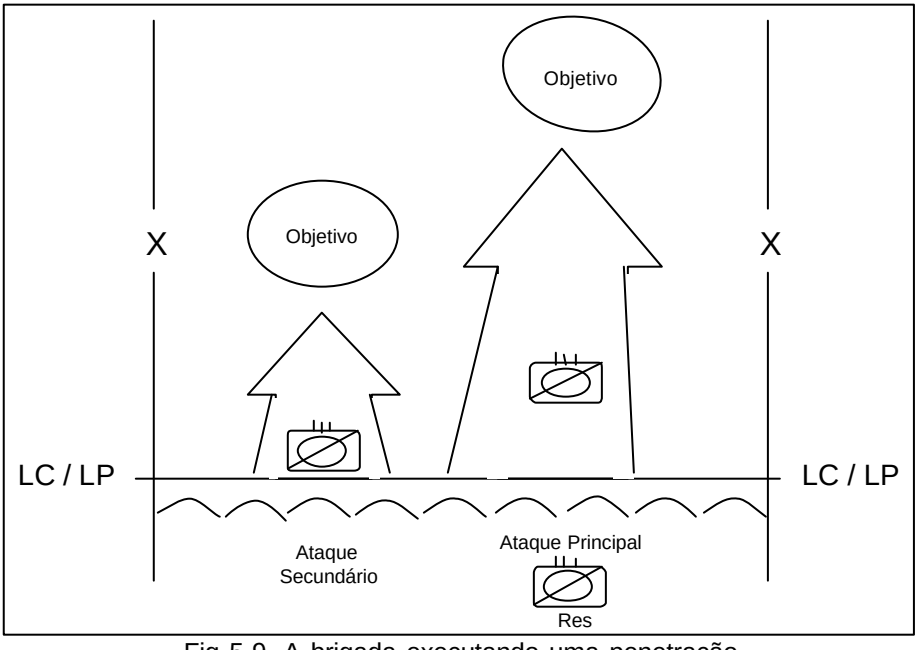


Fig 5-9. A brigada executando uma penetração

(2) Considerações básicas

(a) A penetração deve ser executada quando os flancos inimigos são inacessíveis ou não existe vulnerabilidade em seu dispositivo, quando o inimigo está estendido em larga frente ou quando potentes fogos de apoio estão disponíveis.

(b) A penetração de uma posição inimiga bem organizada exige um

poder de combate suficiente para romper a posição, manter ou alargar a brecha criada e destruir a continuidade da defesa.

(3) Ruptura da posição

(a) A ruptura da posição defensiva do inimigo é feita por um ataque violento em frente relativamente estreita. As forças que dela participam devem ser suficientemente fortes para subjugarem a defesa inimiga e abrirem uma brecha que permita forças de maior mobilidade passarem rapidamente através dela para aproveitarem o êxito.

(b) O ataque é planejado e coordenado cuidadosamente, para assegurar que o assalto tenha força suficiente e impulsão para sobrepujar a defesa inimiga.

(c) Os fogos preparatórios são empregados para enfraquecer a defesa inimiga e neutralizar suas reservas. As forças inimigas isoladas durante a ruptura podem ser neutralizadas pelo fogo.

(d) A ruptura deve ser completada e ampliada tão rapidamente quanto possível, para evitar o reforço ou as ações de bloqueio das reservas inimigas ou para evitar o engajamento de forças inimigas em operações de retardamento.

(4) Conquista ou alargamento da brecha - A conquista ou alargamento de uma brecha pode ser executado por forças de manobra, pelo fogo, ou por ambos. As ações objetivam evitar o movimento de forças inimigas para dentro ou para fora da área de operações. Os contra-ataques inimigos são engajados rapidamente pelas unidades reserva ou pelo fogo. É desejável que sejam barrados pelo fogo ou por outras forças, evitando o fracionamento das peças de manobra.

(5) Quebra da continuidade da defesa

(a) As unidades da Bda C Mec participam de uma penetração dispendendo todo o esforço para manter a violência e a impulsão do ataque. Para romper as posições do inimigo ou para executar um ataque em profundidade na sua área de retaguarda, que quebre a continuidade de sua defesa, são necessárias forças amigas relativamente mais móveis do que as do inimigo.

(b) Logo que a ruptura esteja completa, o ritmo do ataque é aumentado a fim de criar a oportunidade para aproveitar o êxito.

(6) Aproveitamento da penetração - A força que recebe a missão de aproveitar o êxito na penetração, normalmente, não é empregada até que a ruptura esteja completa, mas pode ser empregada para completar esta penetração. Em último caso, é executada uma ultrapassagem da força que executa a ruptura para continuar o ataque com inflexível pressão sobre o inimigo.

b. Ataque frontal

(1) O ataque frontal é a forma de manobra que consiste em atacar toda a frente da Z Aç da força atacante com a mesma intensidade, sem que isso implique no emprego de todos os elementos em linha. A finalidade do ataque frontal é destruir ou capturar um inimigo fraco na posição ou fixá-lo, a fim de apoiar outra forma de manobra.

(2) Considerações básicas - O ataque frontal é a forma de manobra menos desejável, mas deve ser considerada ante um inimigo fraco ou desorga-

nizado; quando a força atacante possui poder de combate esmagador; quando o tempo e a situação exigirem uma reação imediata à ação do inimigo; ou quando a missão é fixar o inimigo na posição, iludi-lo ou auxiliar o ataque principal. A Bda C Mec raramente realiza um ataque frontal, a não ser como parte de um ataque do Esc Sp e mesmo assim em situações excepcionais.

5-34. INFILTRAÇÃO

a. Generalidades

(1) A infiltração é uma forma de manobra tática ofensiva na qual procura-se desdobrar uma força à retaguarda de uma posição inimiga, por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir uma missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que se infiltra.

(2) É essencial que o movimento, através das linhas do inimigo, não seja pressentido ou não possa por ele ser evitado. As missões atribuídas a uma força de infiltração podem compreender:

(a) conquista de terreno decisivo para o contexto das operações;

(b) ataque a posições sumariamente organizadas e pontos fortes nos flancos e retaguarda do inimigo;

(c) destruição de instalações vitais do inimigo, ataques as suas reservas, aos seus meios de apoio de fogo, de comando e controle e logísticas;

(d) obtenção de informes;

(e) inquietação e desgaste do inimigo; e

(f) interdição de áreas na retaguarda do inimigo visando restringir o movimento de tropas.

(3) O ataque precedido por infiltração permite a destruição de unidades e instalações inimigas sem se recorrer ao apoio de fogo de artilharia, aéreo ou naval e desaconselha a utilização, pelo inimigo, desses fogos, devido à falta de alvos compensadores.

(4) As unidades da Bda C Mec não são as mais aptas a realizarem uma infiltração, tendo em vista o material de que são dotadas, devendo ser preservadas para as manobras de movimento, particularmente pelos flancos. No entanto, os Esqd e Pel Fzo Bld / RCB poderão realizar infiltração em proveito da Bda, de forma limitada, em determinadas situações do combate.

(5) Uma infiltração bem planejada e conduzida pode, freqüentemente, permitir a colocação de uma força com certo poder de combate na retaguarda do inimigo, sem que este se aperceba do movimento. Para a execução da infiltração é fundamental a manutenção do sigilo, a fim de permitir a obtenção da surpresa.

b. Considerações básicas

(1) O êxito de uma infiltração depende da existência de terreno adequado ou de brechas no dispositivo inimigo, ou de ambos, para que o movimento de forças de infiltração, através das defesas avançadas inimigas, não seja pressentido.

(2) A infiltração é facilitada pelo aproveitamento do terreno em que a observação e a vigilância inimiga sejam limitadas. Regiões matosas, pântanos e terreno muito dobrado são exemplos de áreas adequadas à infiltração. Nestas regiões, itinerários adequados para o movimento de pequenos grupos são selecionados pela fração que realiza a infiltração. As condições de visibilidade reduzida, escuridão, neblina e nevasca facilitam o movimento oculto de grupos de infiltração. Tais condições, entretanto, alertam o inimigo para aumentar a sua vigilância.

(3) Uma força inimiga largamente dispersa, com intervalos não ocupados entre as suas posições defensivas, pode sofrer infiltração. A infiltração contra um inimigo alerta, equipado com meios de detecção de movimento, exige um cuidadoso emprego de medidas diversionárias e de dissimulação, de contramedidas eletrônicas e de medidas de segurança passiva.

(4) As medidas de controle devem ser bastante pormenorizadas, já que a infiltração é executada, durante períodos de reduzida visibilidade e, normalmente, através de terreno difícil. Objetivos adequados para o ataque subseqüente a uma infiltração são os acidentes capitais do terreno, especialmente aqueles que restringem o movimento das reservas inimigas ou isolam suas posições defensivas, as reservas, os meios de apoio de fogo, as instalações de comando e de controle e as instalações logísticas mais importantes. Os objetivos devem contribuir para o cumprimento da missão da Bda e não devem resultar em dispersão de efetivos. Quando a unidade de infiltração estiver sob o controle da Bda, os planos de junção são feitos pelo escalão brigada, para facilitar esta fase da operação. Na ocasião da junção, o controle da unidade de infiltração passa para a unidade que realiza a junção.

(5) A infiltração é uma operação de difícil controle e complexa coordenação dos elementos após terem iniciado o movimento. São necessários planos para a junção com outras forças atacantes ou para o retraimento, evacuação, resgate ou para prosseguimento do ataque. Os planos de junção devem proporcionar adequados meios de reconhecimento e unidade de comando, logo que a junção tenha sido efetuada.

(6) Dentro da área de infiltração, o comando que controla a operação designa uma série de faixas de infiltração de suficiente largura para permitir que os grupos de infiltração se desloquem sem serem pressentidos pelo inimigo. As faixas de infiltração, em conjunto com as designações em código dos grupos de infiltração e sua provável seqüência de movimento, os pontos e as linhas de controle, proporcionam os meios para facilitar a informação quanto a progressão da operação e para a coordenação dos fogos com o movimento dos grupos. Outras medidas de controle usadas são: as posições de ataque, os objetivos, os pontos e áreas de reagrupamento e os pontos de liberação. (Fig 5-10)

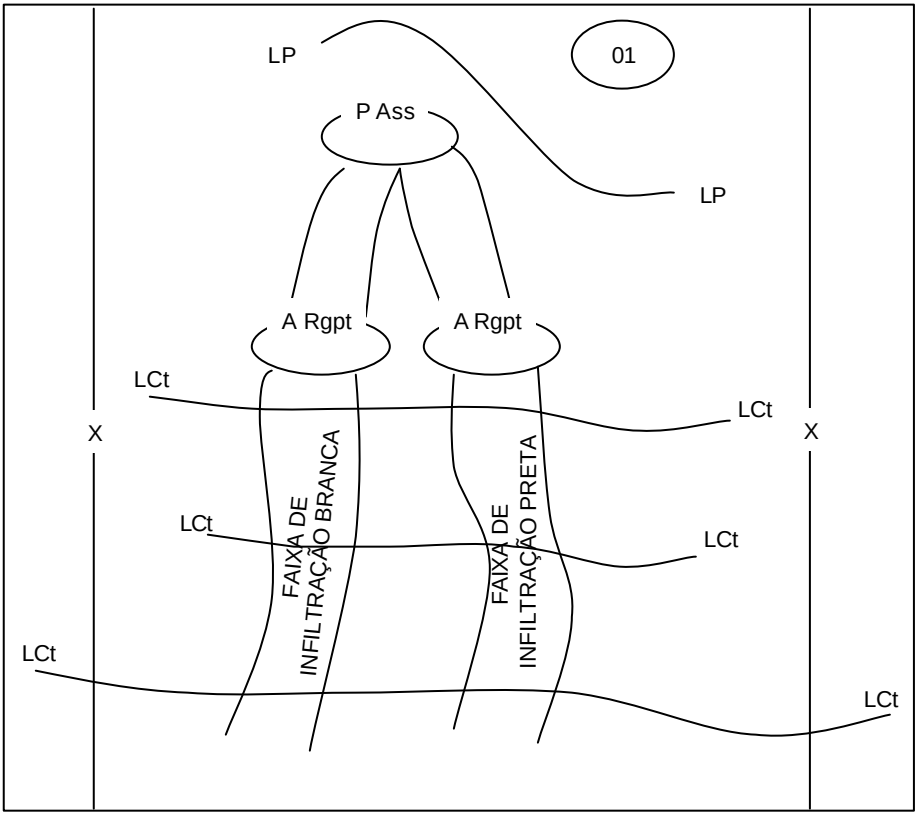


Fig 5-10. Infiltração tática utilizando duas faixas de infiltração

(7) São previstas comunicações adequadas para a utilização no âmbito das unidades ou elementos de infiltração e entre tais unidades ou elementos, com o comando que as controla. As forças de infiltração observam as medidas de segurança das comunicações e limitam suas transmissões ao mínimo possível.

(8) Os grupos de infiltração, deslocando-se a pé, dispõem apenas de armas individuais e coletivas portáteis. Conseqüentemente, devem ser providos de apoio de fogo adicional pelos meios da Bda. Isto exige boa observação, comunicações adequadas e um eficiente sistema de pedido de fogos. Embora os grupos que se deslocam pelo ar possam levar maior quantidade de armas e de maior porte, freqüentemente, também necessitam de apoio de fogo suplementar.

(9) São preparados planos para o lançamento, pelo ar, de armas mais pesadas para essas unidades na área do objetivo, a fim de lhes proporcionar apoio suplementar às operações subseqüentes.

(10) O desencadeamento de uma operação de infiltração requer rigorosa sincronização das ações de todos os escalões presentes no campo de

batalha. É uma operação de difícil realização, exigindo medidas eficientes de coordenação e controle, e uma vez desencadeada será muito difícil introduzir-se modificações no planejamento inicial. Sinais de reconhecimento adequados, tanto visuais como acústicos, são convencionados entre todas as unidades operando na área de provável junção, para evitar riscos de fratricídio.

c. Conduta da infiltração

(1) Os elementos de infiltração são divididos em grupos que passam através ou em torno das posições avançadas de defesa do inimigo ou sobre elas, evitando serem descobertos. Movem-se normalmente em faixas de infiltração múltiplas, para posições de ataque na área da ação decisiva. A passagem dos grupos através da posição inimiga e seu movimento para suas posições de ataque podem ser acompanhados por fintas e demonstrações.

(2) Depois de chegar nas posições de ataque, os grupos de infiltração se organizam em formações de ataque e, a uma hora determinada, a força de infiltração executa sua missão e se prepara para as ações subseqüentes planejadas.

(3) Os grupos que perderem a direção ou não puderem atingir suas posições de ataque prosseguem para os pontos ou áreas de reagrupamento. Planos de emergência orientam suas ações subseqüentes, incluindo sua evacuação, ou seu retraimento, ou seu resgate.

(4) As forças de infiltração que tenham penetrado profundamente ou que tenham de permanecer na retaguarda do inimigo por período prolongado exigem suprimento que, algumas vezes, é realizado pelo ar. Poderá ser prevista a utilização de suprimentos capturados.

ARTIGO IX

ATAQUE NOTURNO

5-35. GENERALIDADES

a. O combate noturno deve ser considerado em todas as operações de forças blindadas e mecanizadas. Ataques noturnos e operações durante a noite oferecem excelentes oportunidades para a obtenção da dissimulação e da surpresa e possibilitam a condução do combate continuado e a manutenção da pressão constante sobre o inimigo.

b. Quando as condições permitirem, o ataque noturno deve prevalecer sobre o diurno. Atualmente o combate noturno é mais exeqüível em face da larga utilização de equipamentos de visão noturna, os quais minimizam as restrições da pouca visibilidade.

c. O combate noturno obtém a surpresa e oferece oportunidade para o sucesso quando as operações durante o dia são impraticáveis. Isto é verdadeiro, especialmente, quando forças amigas dispõem de inferioridade aérea. A pressão contínua, aplicada dia e noite, particularmente contra um inimigo enfraque-

cido, apressa a decisão. Um sistemático e implacável Apvt Exi nega ao inimigo o tempo necessário para reorganizar-se e acelera sua destruição.

d. Os movimentos de tropa, a concentração de forças antes do ataque, bem como a conduta do ataque durante a noite, podem resultar num risco mínimo para forças amigas e produzir menores baixas.

e. Operações com emprego de fumígenos, o nevoeiro, a neblina e outras condições de visibilidade reduzida exigem o emprego de técnicas especiais. As vantagens proporcionadas pelos períodos de reduzida visibilidade devem ser aproveitadas na condução de operações ofensivas.

f. Os fundamentos aplicados nas operações noturnas são os mesmos das operações realizadas durante o dia. Contudo, as técnicas podem variar. Assim, um maior número de medidas de controle pode ser imposto às unidades durante as operações noturnas do que nas operações durante o dia.

g. A iluminação do campo de batalha, os equipamentos de visão noturna e de vigilância de combate aumentam a eficiência operativa das unidades à noite e sob condições de visibilidade reduzida e facilitam o emprego do apoio de fogo.

5-36. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

a. O combate noturno é caracterizado pela reduzida eficácia do tiro sobre o inimigo tendo em vista a diminuição do alcance de observação, bem como pela dificuldade de movimento e de coordenação e controle. Esses fatores concorrem para o aumento dos riscos de fratricídio.

b. Para sua execução, o ataque noturno exige maior tempo de planejamento e tropas treinadas em operações noturnas.

c. O moral das tropas, tanto amigas quanto inimigas, é altamente sensível aos fatores físicos e psicológicos. As tropas treinadas e condicionadas às operações noturnas podem utilizar-se desses fatores como uma vantagem para elas mesmas. O ataque noturno favorece psicologicamente o atacante que sabe da sua realização.

d. A escuridão aumenta a dificuldade do movimento, da manutenção da direção e do controle. O tempo necessário para a execução do movimento e a colocação das armas em posição é muito maior à noite do que durante o dia. Planos simples, com objetivos e itinerários bem definidos, facilitam a coordenação e o controle e a obtenção da surpresa. Os comandantes devem estar bem à frente, nos escalões de ataque. O máximo emprego de meios auxiliares de orientação ajudam na manutenção da direção.

e. Uma consideração importante é a de que as tropas atacantes, tanto quanto possível, estejam familiarizadas com o terreno sobre o qual vão operar. Quando possível, devem ser realizados ensaios nas condições que mais se aproximem das condições reais de ataque, a fim de minorar a fadiga do combate noturno devido ao aumento da atenção e do esforço físico e psicológico.

f. Durante as operações noturnas, a eficácia das tropas blindadas e mecanizadas que empregam equipamentos de visão noturna equivale a das operações diurnas.

g. A iluminação por meio de luz indireta (difusa), em áreas de retaguarda, auxilia o movimento das tropas, as operações de apoio logístico e as operações das armas de apoio.

h. O ataque noturno previsto para conquistar terreno favorável para um ataque diurno posterior é normalmente executado durante as horas finais de escuridão, a fim de reduzir ao mínimo o tempo disponível para o inimigo interferir na ação subseqüente.

5-37. PLANEJAMENTO DO ATAQUE NOTURNO

a. Em geral, o planejamento para o ataque noturno é semelhante ao do ataque durante o dia. Contudo, os planos para o ataque noturno são muito mais pormenorizados, com rigorosas medidas de controle que visem assegurar a coordenação dentro e entre os elementos atacantes e os de apoio ao ataque. Quando a tropa não dispuser de equipamentos de visão noturna os planos são menos flexíveis.

b. A decisão do Cmt Bda de realizar um ataque noturno deve ser difundido para os elementos subordinados o mais breve possível, para que eles possam providenciar, com oportunidade, um reconhecimento diurno, um planejamento e coordenação pormenorizados. Quanto maior for o tempo disponível, o planejamento será completo, especialmente quando as unidades estiverem realizando um ataque durante o dia e durante a noite. O comandante deve considerar o risco inerente em tais situações. Todavia, os ataques não são interrompidos porque anoiteceu. A Bda e U subordinadas do escalão de ataque planejam o combate continuado à noite, a menos que ordem contrária seja dada.

c. Reconhecimento - É feito um reconhecimento pormenorizado dos itinerários de deslocamento, das posições de ataque e das posições para os projetores de busca de alvos durante o dia e à noite. Reconhecimentos diurnos pormenorizados devem ser realizados, utilizando-se de todos os meios disponíveis (elementos terrestres, VANT, aeronaves etc). Quando uma ultrapassagem é necessária, o reconhecimento é conduzido conjuntamente com as unidades em contato. Ele inclui, no mínimo, a localização e a identificação dos guias das unidades em contato, os itinerários através das posições amigas e o conhecimento dos campos minados e dos obstáculos. Fotografias aéreas e imagens de radar das áreas sobre as quais o ataque deve ser realizado devem ser distribuídas, ao menos até o escalão subunidade. Pode ser necessário enviar patrulhas para obter informações detalhadas do terreno e a localização e o valor dos elementos de segurança do inimigo. Todo esforço é realizado para localizar os campos minados e planos são feitos para neutralizá-los, bem como a outros obstáculos, antes do ataque.

d. Surpresa e sigilo

(1) No ataque noturno, a surpresa é obtida principalmente por meio do sigilo. O sigilo e a conseqüente surpresa são essenciais para que o ataque noturno seja conduzido com um mínimo de baixas. A simplicidade dos planos facilita a execução da operação.

(2) Medidas para manutenção do sigilo.

(a) Restringir o efetivo dos elementos que participam do reconhecimento e de outras ações preparatórias.

(b) Empregar os fogos de artilharia e morteiro para abafar o barulho das viaturas blindadas.

(c) Conduzir ataques locais em áreas não destinadas para o ataque noturno.

(d) Atacar em hora e direções ainda não empregadas contra o inimigo. Padrões fixos, inclusive processo de ataque, devem ser evitados.

(e) Iluminar outras áreas, que não a área de ataque, para confundir o inimigo.

(f) Intensificar as ações de CCME, particularmente impondo restrição de "rádio-silêncio", de preferência, até a provável linha de desdobramento.

(g) Conduzir o ataque não iluminado até que a força atacante fique exposta ao inimigo ou até que ela atinja a linha de provável desdobramento.

e. Medidas de coordenação e controle

(1) Generalidades - Em face das dificuldades de coordenação e controle inerentes às operações sob visibilidade restrita, em particular o ataque noturno, deve-se evitar manobras que impliquem em mudanças acentuadas da direção de ataque, assim como ataques excessivamente profundos.

(2) Devido às dificuldades de reorganização à noite, é desaconselhável impor-se a conquista de mais de um objetivo pelos regimentos.

(3) Gerais - Posições de ataque, linha de partida, pontos de ligação, limites, direção de ataque e objetivos são as principais medidas para o ataque noturno.

(4) Linha limite de progressão - Para manter o controle e evitar que o escalão de ataque seja atingido pelos fogos amigos, o comandante da brigada estabelece um limite avançado. Este limite deve ser facilmente identificável sob condições de visibilidade reduzida. Ele deve ser traçado o mais à frente possível, à frente e para os flancos do objetivo, a fim de permitir espaço suficiente para os elementos de segurança executarem suas missões. Os elementos de apoio de fogo podem engajar as forças inimigas além da linha limite de progressão sem revelarem a localização das unidades.

(5) Linha de provável desdobramento - Esta linha deve ser um acidente do terreno facilmente identificável (rodovia, ferrovia, ou outro acidente qualquer). É a linha onde as unidades se desdobram em uma formação de assalto, se o contato com o inimigo não foi feito. A iluminação é, normalmente, iniciada nesta hora e a prescrição de "rádio em silêncio" é liberada.

f. Iluminação

(1) O ataque noturno pode ser iluminado (iluminação artificial) ou não iluminado. A iluminação do campo de batalha permite reduzir, em parte, as

deficiências próprias do combate noturno, aumentando, com isso, a velocidade de progressão do escalão de ataque. O ataque não iluminado é realizado com mais lentidão, porém com maior probabilidade de obtenção da surpresa.

(2) Ataque não iluminado

(a) Um ataque noturno, não iluminado, é feito sob proteção da escuridão, usando-se somente a luz natural e os equipamentos de visão noturna veiculares e individuais. Este ataque necessita de grande coordenação e de rigorosas medidas de manutenção do controle e da direção durante a escuridão.

(b) O objetivo designado deverá ser bem definido e facilmente identificável à noite.

(3) Ataque iluminado

(a) Os ataques iluminados são empregados quando o fator sigilo não for preponderante ou não se dispuser de equipamentos de visão noturna para a maioria dos integrantes do escalão de ataque.

(b) Para a iluminação do campo de batalha são empregados artifícios iluminativos lançados por morteiros, artilharia de campanha e pela força aérea.

(c) Um ataque noturno iluminado pode ter maior profundidade que um ataque não iluminado. O prosseguimento do ataque sobre objetivos mais profundos pode ser feito empregando-se a iluminação.

(4) Se houver pouca ou nenhuma possibilidade de surpreender o inimigo, a iluminação pode ser empregada logo no início do ataque. Se a surpresa pode ser obtida, a iluminação fica suspensa até que o inimigo coloque seus fogos sobre o atacante. Em qualquer caso, a iluminação deve ser planejada e executada quando os fogos inimigos começarem a cair sobre a tropa ou se o inimigo iluminar o campo de batalha por iniciativa própria.

(5) A decisão de realizar um ataque iluminado ou não é do Cmt Bda e tomada em função do valor do inimigo, do grau de preparação de suas posições, de suas medidas de segurança, do terreno, das condições de luminosidade (fases da lua) e, particularmente, dos meios disponíveis. Quando a posição inimiga é forte, há pouca possibilidade de obtenção da surpresa, sendo mais conveniente o ataque iluminado.

g. Apoio de fogo

(1) Em um ataque noturno, os fogos de apoio são planejados e controlados da mesma maneira que num ataque diurno. Eles podem ser empregados antes, durante e após o ataque.

(2) Os ataques noturnos são classificados em apoiados e não apoiados.

(a) Um ataque noturno apoiado é feito com o emprego de fogos de apoio antes, durante e depois do ataque. Estes ataques, quer sejam iluminados ou não, podem ser executados quando a possibilidade de surpresa for remota.

(b) Um ataque noturno não apoiado é feito para permitir que a força atacante avance até a distância de assalto sem o auxílio dos fogos de apoio. Uma vez iniciado o assalto, os fogos são executados normalmente. Embora não haja intenção de emprego, os fogos de apoio devem ser sempre planejados tendo em vista eventuais necessidades.

(3) Quando o ataque é não apoiado, os fogos que já vinham sendo

desencadeados devem ser mantidos com a finalidade de manter a fisionomia da frente e abafar o ruído das viaturas blindadas durante o avanço.

(4) As posições para as armas de apoio são reconhecidas e marcadas e os dados de fogo são preparados durante o dia. As armas se deslocam acobertadas pela noite.

h. Comando e controle - O rádio é o principal meio do qual dispõe o comandante para comandar e controlar a Bda durante o ataque. O rádio em silêncio pode ser imposto à força atacante para confundir o inimigo da intenção do movimento dos veículos. Quando quebrado o sigilo, a restrição de rádio em silêncio é suspensa. Em qualquer caso, meios suplementares, tais como sinais pirotécnicos, luz infravermelha e dispositivos eletrônicos são planejados e empregados.

5-38. ESQUEMA DE MANOBRA PARA O ATAQUE NOTURNO

a. As possibilidades de manobra durante um ataque noturno dependem, principalmente, da natureza do objetivo e da visibilidade. A mudança de direção é muito difícil. Manobras complicadas são evitadas para diminuir o perigo do fratricídio. Os ataques, normalmente, são feitos em uma direção e em uma formação relativamente cerrada para facilitar o controle. Todavia, manobras mais complexas podem ser empregadas pelas unidades blindadas, empregando meios auxiliares de orientação e equipamentos de visão noturna.

b. Formações - Formações simples são utilizadas em todos os escalões. As formações em coluna são mantidas o maior tempo possível para facilitar o controle, preferencialmente até que a linha de provável desdobramento seja atingida.

c. Hora do ataque - Horas padronizadas de ataque devem ser evitadas para facilitar a surpresa. Devem ser levadas em consideração a missão e a situação do inimigo. Se o ataque é feito para conquistar um acidente capital do terreno, a fim de favorecer o ataque durante o dia, ele deve ser desencadeado durante as últimas horas de escuridão para dar ao inimigo o mínimo de tempo de interferir com o ataque subseqüente. Contudo, o ataque desencadeado durante as primeiras horas da noite, permite ao atacante a vantagem de um longo período de escuridão e poder explorar a confusão do inimigo e a conseqüente perda de seu controle. Os ataques podem ser iniciados durante a noite e continuarem sem interrupção durante o dia.

5-39. CONDUTA NO ATAQUE NOTURNO

a. As forças atacantes cruzam a linha de partida na hora prescrita pela ordem de operações. Os comandantes devem estar o mais à frente possível para assegurar o movimento agressivo de suas unidades, a manutenção da direção e a coordenação com outras unidades e com a base de fogos. Todos os comandantes devem exercer um controle cerrado sobre os seus elementos para evitar um assalto prematuro. O ideal é conduzir o ataque não iluminado o mais

à frente possível e daí passá-lo a iluminado para a consolidação do objetivo de uma maneira semelhante ao ataque diurno.

b. As F Seg do inimigo, encontradas durante o avanço, são eliminadas pelos elementos da testa. Esta ação pode exigir o desdobramento de forças antes mesmo da hora planejada.

c. O assalto noturno deve ser conduzido da mesma maneira que o assalto diurno. Quando a surpresa não pode ser obtida, a iluminação é iniciada ou aumentada.

5-40. AÇÕES NO OBJETIVO APÓS O ATAQUE NOTURNO

Elementos de segurança são enviados o mais à frente possível para alertar se as forças inimigas estão se organizando para o contra-ataque dentro da distância de assalto da posição capturada. Se for necessário que eles se desloquem além do limite avançado estabelecido, seus movimentos são cuidadosamente coordenados com a base de fogos. Deve ser dada atenção à utilização dos equipamentos de visão noturna durante a consolidação e reorganização no objetivo. Isto é necessário porque as unidades de ataque sofrem de cegueira noturna por 15 a 30 minutos após a extinção da luz. Antes do clarear do dia, todos os elementos devem estar preparados para continuar o ataque ou defender a posição conquistada.

ARTIGO X

MISSÕES DADAS PELA FINALIDADE

A Bda C Mec, na ofensiva, particularmente quando atuando isolada, recebe missões dadas pela finalidade. Nessas situações, o comandante e seu EM, ao planejarem, irão determinar o enquadramento do tipo de operação ofensiva, os seus objetivos e, seguindo o método de estudo de situação, determinarão a melhor maneira de cumprir a missão.

As figuras 5-11 a 5-20 apresentam alguns exemplos esquemáticos da Bda no cumprimento de alguns destes tipos de missões.

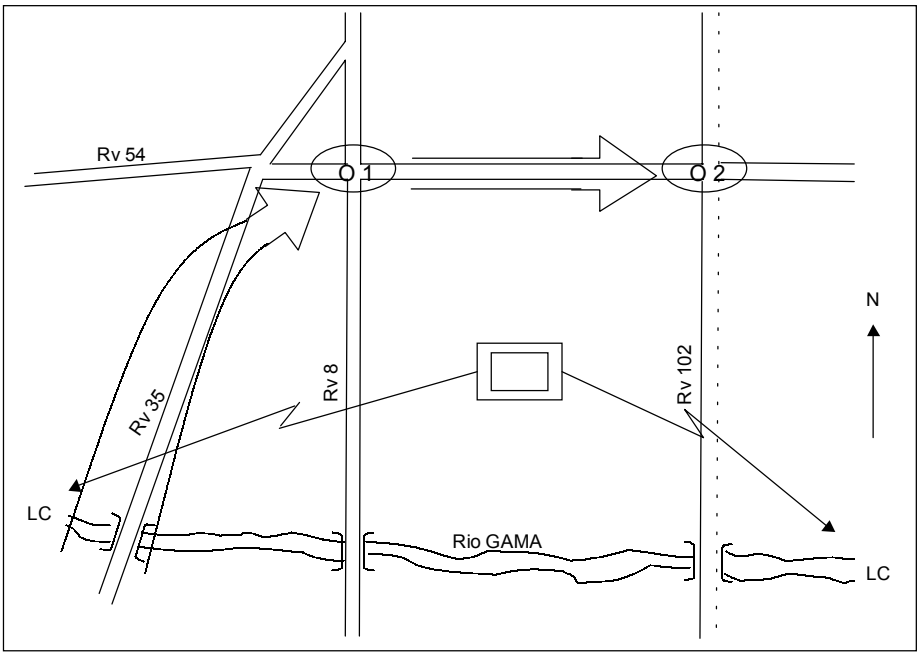


Fig 5-11. A brigada com a missão de cercar o inimigo ao N do Rio GAMA

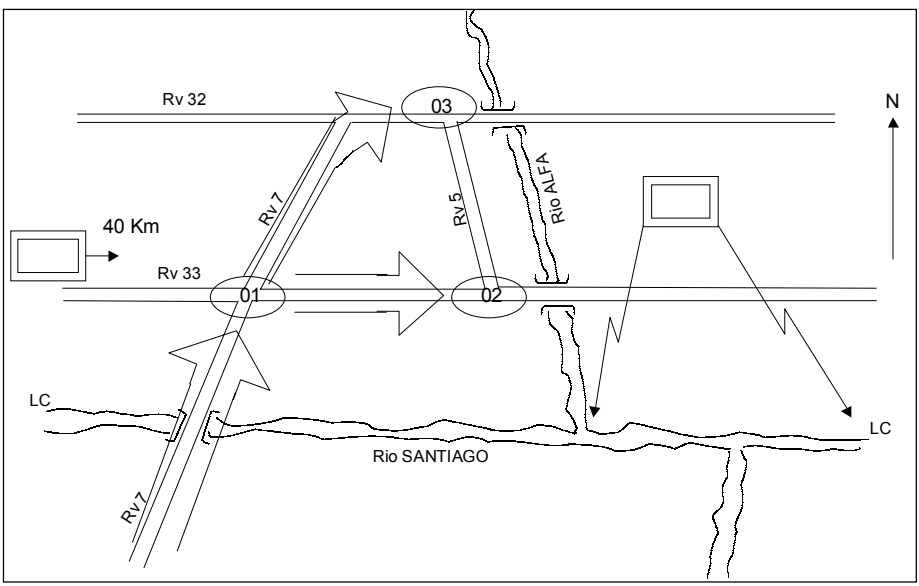


Fig 5-12. A brigada com a missão de cercar o inimigo a W do Rio ALFA

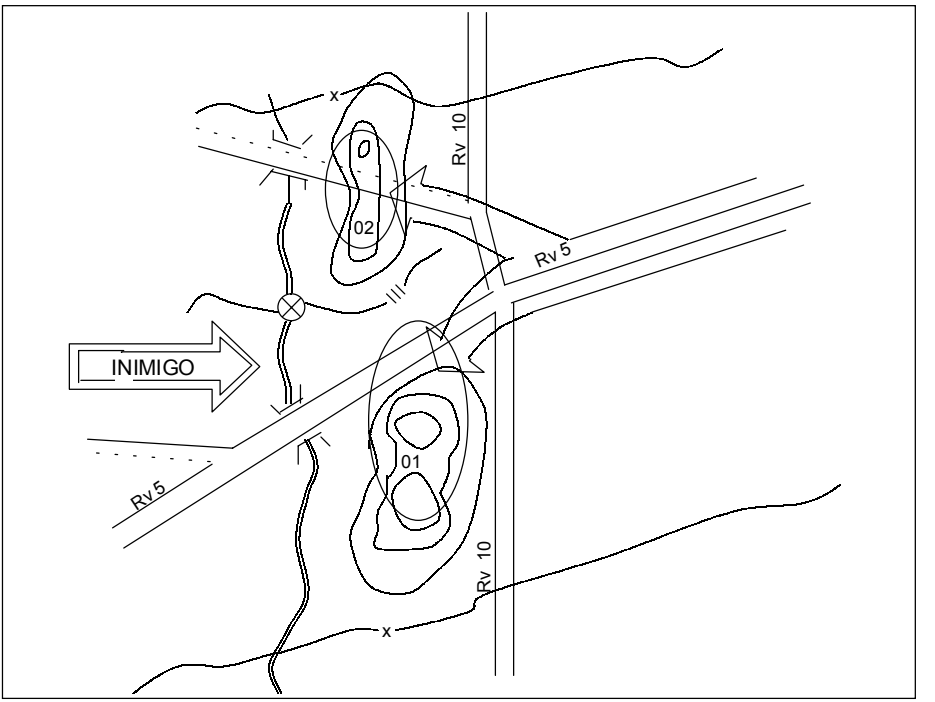


Fig 5-13. A brigada com a missão de impedir a utilização, pelo inimigo, de determinado trecho da Rv 10

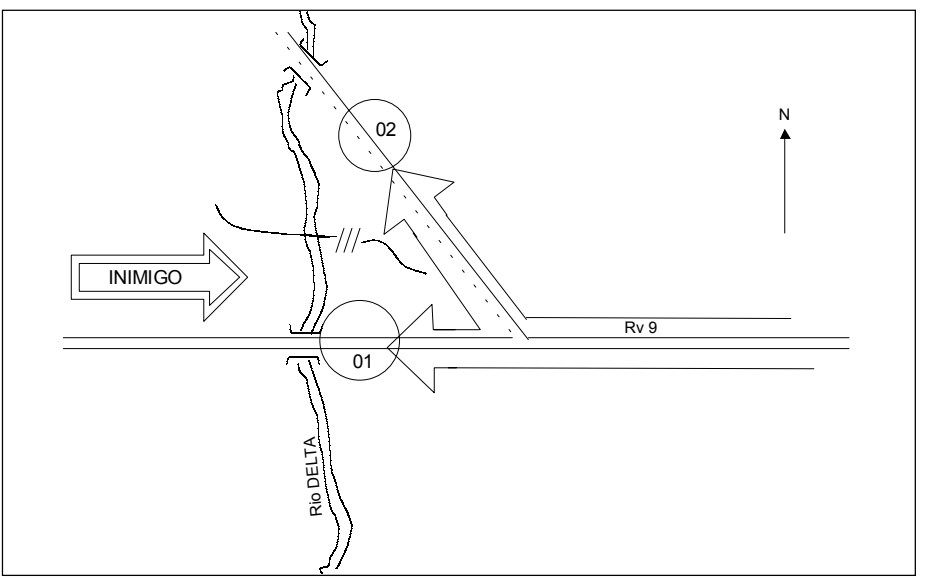


Fig 5-14. A brigada com a missão de impedir a utilização, pelo inimigo, da Rv 9 a E do Rio DELTA

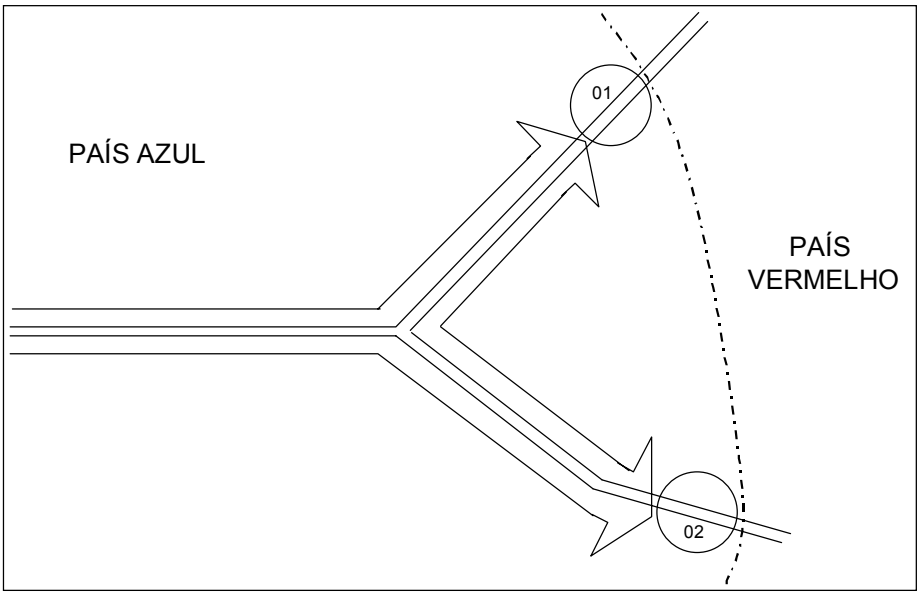


Fig 5-15. A brigada com a missão de restabelecer a fronteira ou a integridade territorial do País AZUL

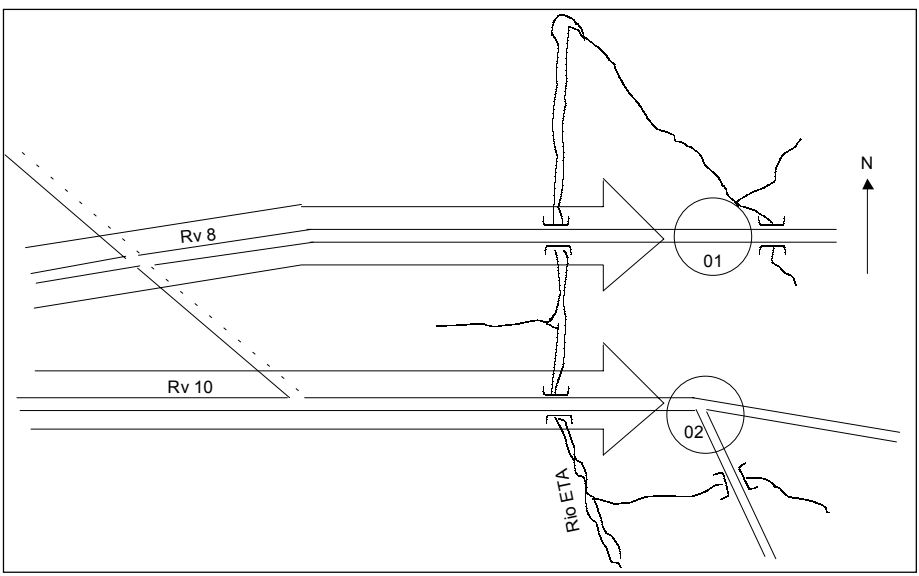


Fig 5-16. A brigada com a missão de criar condições de prosseguimento a E do Rio ETA

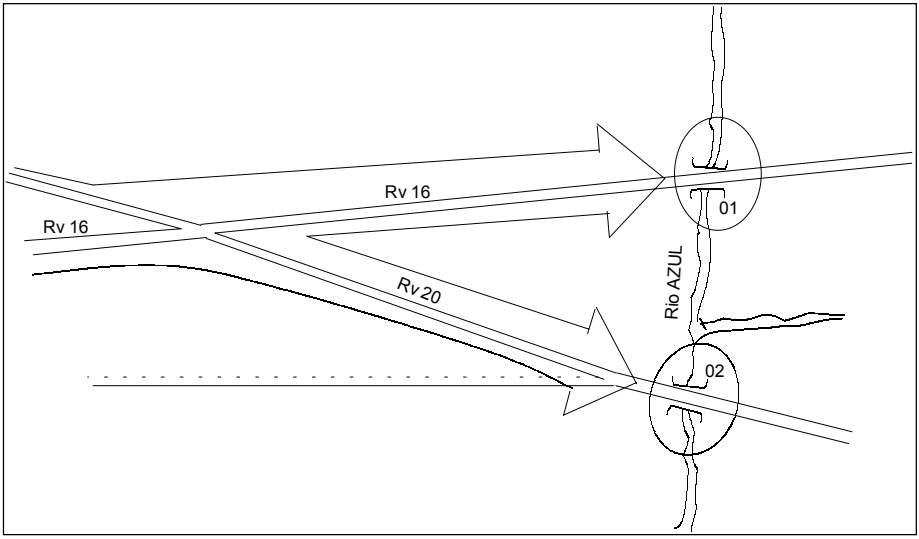


Fig 5-17. A brigada com a missão de conquistar regiões de passagens no Rio AZUL

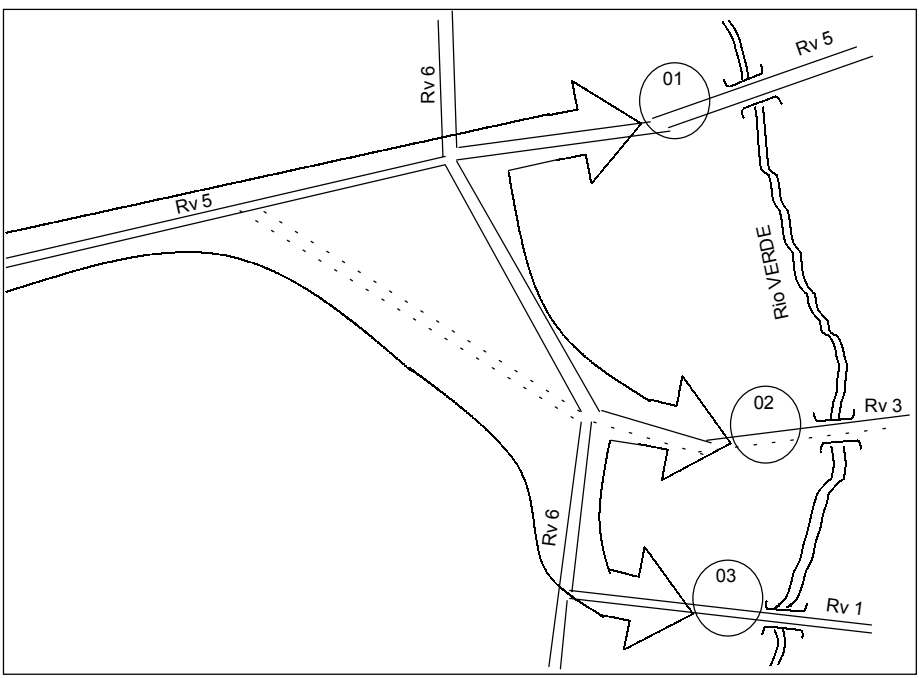


Fig 5-18. A brigada com a missão de conquistar regiões que dominem, por W, as passagens sobre o Rio VERDE

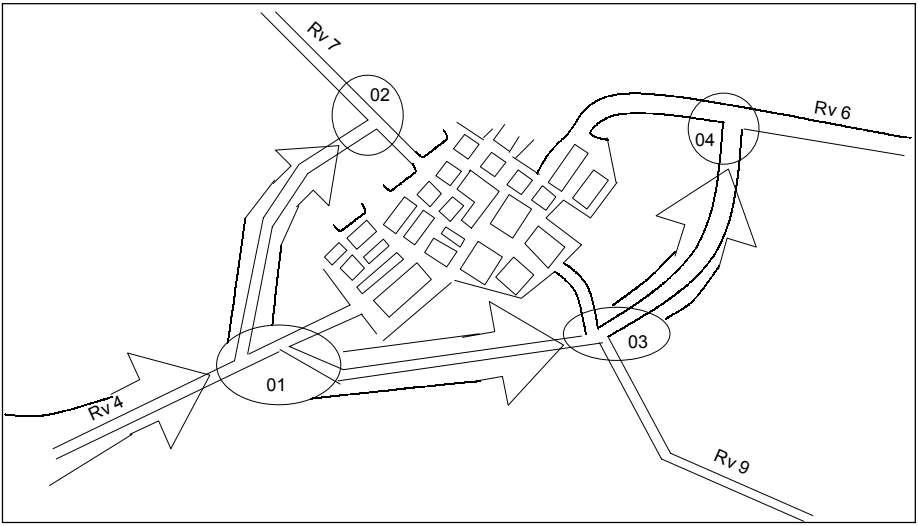


Fig 5-19. A brigada com a missão de isolar uma localidade

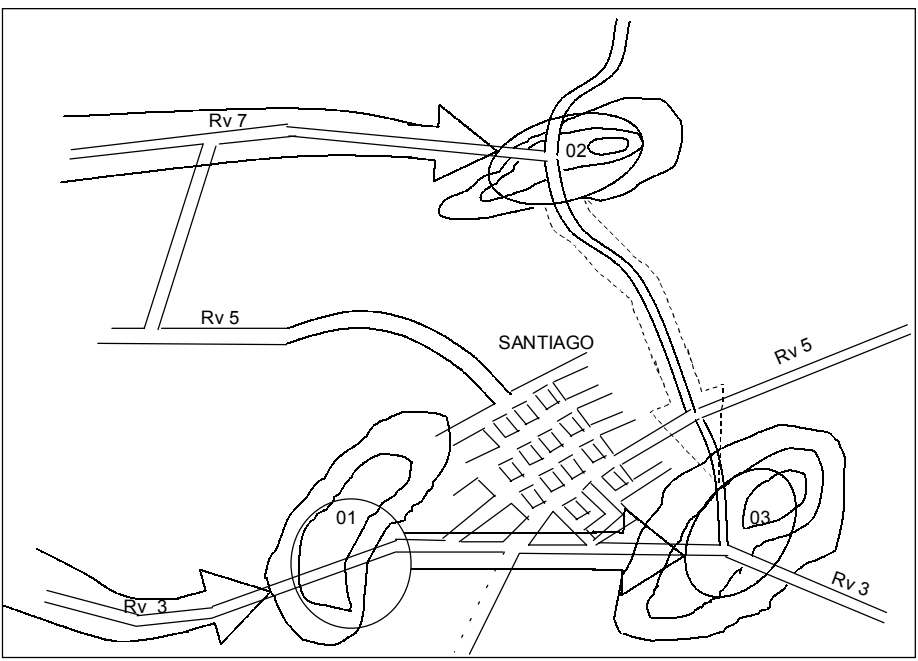


Fig 5-20. A brigada com a missão de conquistar as regiões que dominam a localidade de SANTIAGO

CAPÍTULO 6

DEFENSIVA

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

6-1. GENERALIDADES

a. As operações defensivas constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela F Ter até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a ofensiva o mais rápido possível.

b. O espírito ofensivo é a base para o êxito da defesa, por meio do planejamento e execução de ações dinâmicas. Uma vitória decisiva só é obtida se a defensiva terminar ofensivamente.

c. A Bda C Mec, por suas características, é mais apta para ser empregada nos movimentos retrógrados. Entretanto, pode ser empregada na defesa em posição, particularmente quando em missões de segurança ou como elemento de aplicação do princípio de economia de forças pelo Esc Sp.

d. Ao cumprir missões de segurança ou no Apvt Exi e na perseguição, a Bda, muitas vezes, por curtos períodos, precisa adotar dispositivo defensivo.

e. As largas frentes atribuídas, normalmente, a uma Bda C Mec impõem uma judiciosa seleção das frentes a defender, retardar e a vigiar e uma adequada articulação de seu dispositivo. Isto requer cuidadoso estudo de situação, planejamento eficiente e correta execução pelos elementos subordinados.

f. Quando o inimigo dispõe de unidades blindadas, o planejamento da DAC constitui preocupação fundamental do comando da Bda.

g. As operações defensivas empregam todos os meios e processos disponíveis para impedir, resistir ou destruir um ataque inimigo. As operações defensivas têm por finalidade:

(1) criar condições mais favoráveis às operações ofensivas subseqüentes;

(2) impedir o acesso do inimigo a objetivos táticos ou estratégicos;

(3) reduzir a capacidade de combate do inimigo;

(4) destruir forças inimigas ou canalizá-las para uma área onde possam ser destruídas;

(5) realizar economia de forças em uma área, a fim de poder aplicá-las em uma ação decisiva em uma outra região; e

(6) obrigar uma força inimiga a se concentrar ou a emassar-se.

h. Durante a execução da defesa, o defensor esforça-se para não perder a iniciativa e destruir o inimigo. O atacante é inquietado, continuamente, pelos fogos e pela manobra ofensiva, conforme for apropriado. O defensor emprega todos os meios disponíveis para descobrir as vulnerabilidades do inimigo e mantém suficiente flexibilidade em seu planejamento para explorá-las. Deve ser aproveitada toda oportunidade para conquistar e manter a iniciativa e destruir o inimigo. A iniciativa é obtida:

(1) selecionando a área de combate;

(2) forçando o inimigo a reagir de acordo com o plano defensivo;

(3) explorando as vulnerabilidades e os erros inimigos, por meio de ações ofensivas;

(4) contra-atacando as forças inimigas; e

(5) fundamentos das operações defensivas.

6-2. FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES

O planejamento e a execução das operações defensivas são baseados nos princípios de guerra, nos fatores da decisão e nos fundamentos da defesa apresentados no manual de campanha C 100-5 - OPERAÇÕES.

6-3. TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

a. As operações defensivas, em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem um certo grau de resistência à força atacante. São dois os tipos de operações defensivas: a defesa em posição e os movimentos retrógrados.

b. Na defesa em posição, uma força procura contrapor-se à força inimiga atacante numa área organizada em largura e profundidade e ocupada, total ou parcialmente, por todos os meios disponíveis, com a finalidade de:

(1) dificultar ou deter a progressão do atacante, em profundidade, impedindo o seu acesso a uma determinada área;

(2) aproveitar todas as oportunidades que se lhe apresentem para desorganizar, desgastar ou destruir as forças inimigas;

(3) assegurar condições favoráveis para o desencadeamento de ações ofensivas.

c. A Bda C Mec pode conduzir, isoladamente ou integrando uma DE ou Ex Cmp, os diferentes tipos de operações defensivas, possuindo maior aptidão para os movimentos retrógrados.

d. O Cmt estabelece o tipo de operação defensiva que melhor se ajuste à situação e, ao fazê-lo, revela como pretende conduzir sua manobra e estabelece a sua intenção. No escalão Bda, a liberdade de escolha é freqüentemente limitada pelo plano do escalão enquadrante. Quando atuando independente, a Bda tem maior liberdade de ação, embora seu plano deva também integrar-se ao do Esc Sp.

e. A possibilidade de emprego da dissimulação tática por parte do inimigo deve ser considerada pelo comandante e pelo EM por ocasião do estudo de situação.

f. Os movimentos retrógrados (Mvt Rtg) são tratados no Artigo VI deste capítulo.

6-4. FORMAS DE MANOBRA TÁTICA NA DEFESA EM POSIÇÃO

a. A defesa em posição compreende duas formas de manobra: a defesa de área e a defesa móvel. Na defesa móvel, o enfoque é a destruição da força inimiga atacante. É permitido o avanço inimigo para uma posição que o exponha ao C Atq de destruição. A reserva deve ser móvel e potente. Na defesa de área, o objetivo é a manutenção do terreno, devendo-se impedir o avanço inimigo através de uma série de posições em profundidade. Reservas menores são empregadas. Ambas situam-se nos extremos de uma ampla escala de variações nas formas de manobra tática atinentes à defesa em posição. Freqüentemente, nenhuma delas, isoladamente, é adequada para determinada situação ou missão. Em tais casos pode ser empregada uma variante que incorpore partes aplicáveis a cada uma delas.

b. Defesa móvel

(1) A defesa móvel emprega uma combinação de ações ofensivas, defensivas e retardadoras. Nessa forma de manobra tática, o comandante emprega um menor poder de combate à frente, na ADA, e se vale da manobra, dos fogos e da organização do terreno para recuperar a iniciativa. A defesa móvel visa a destruição das forças inimigas e, para isso, apóia-se no emprego de forças ofensivas, dotadas de grande mobilidade e poder de choque. As forças da ADA realizam o combate defensivo, retardam o inimigo ou executam limitadas ações ofensivas, sempre que for necessário fazer com que o atacante torne-se vulnerável ao contra-ataque, a ser desencadeado com a finalidade de destruí-lo. Na defesa móvel, a reserva recebe maior prioridade na distribuição do poder de combate, sendo empregada em vigorosa ação ofensiva, para destruir o inimigo em momento e local mais oportunos. A defesa móvel é, normalmente,

conduzida pela DE ou Esc Sp e nela a Bda C Mec pode participar como F Seg, como força de fixação ou da força de contra-ataque. É desejável a superioridade aérea local das forças de defesa no momento oportuno.

(2) Normalmente, para atingir as finalidades de uma defesa móvel, parte dos meios opera como na defesa de área e uma outra parte como força de fixação, com a missão de retardar o inimigo, canalizando-o para uma área que favoreça o desencadeamento do C Atq de destruição. Em AOC, essa forma de manobra é aplicável à guerra de grande mobilidade e às situações em que amplas frentes devam ser defendidas. Na sua condução, devem ser evitados métodos padronizados de ação. A manutenção da liberdade de ação é importante para a decisão do momento e do local oportunos para execução do C Atq. A mobilidade, igual ou superior à do atacante, é essencial aos integrantes da força defensiva. A disponibilidade de forças aeromóveis e de meios da Av Ex aumenta a flexibilidade e a presteza da força para reagir às situações táticas.

(3) O êxito da defesa móvel depende da possibilidade de a força de fixação ceder terreno ao inimigo, dentro de uma penetração máxima admissível, bloqueando-o em profundidade, com a finalidade de permitir o C Atq de destruição desencadeado pela força de choque. As forças da ADA devem ficar adequadamente dispersas evitando o inimigo batê-las por partes. Devem ser dotadas de poder de combate suficiente para forçar o inimigo a concentrar-se em locais onde possa ser destruído pela manobra e pelo fogo. A força de fixação não pode expor os flancos dos elementos vizinhos que realizam a defesa de área, quando de seu Ret.

c. Defesa de área

(1) A defesa de área dá ênfase à manutenção ou ao controle de uma área específica, por um determinado período de tempo. Nessa forma de manobra, a manutenção do terreno é baseada na ação das forças desdobradas na ADA, no sistema de barreiras e no apoio de fogo visando engajar e repelir o atacante. O defensor pode não possuir meios suficientes para ocupar todos os acidentes capitais do terreno na sua Z Aç, no entanto, emprega suficiente poder de combate à frente para controlá-la. Na defesa de área, o defensor planeja aceitar um engajamento decisivo com o atacante ao longo do LAADA. Na distribuição do poder de combate, a ADA tem maior prioridade. A reserva é empregada, entre outras missões, para bloquear o inimigo, eliminar penetrações ou reforçar forças ameaçadas.

(2) A defesa de área tira o máximo proveito do terreno, procura reduzir a possibilidade do ataque noturno ou da infiltração e força o atacante a empregar o máximo poder de combate para realizar a penetração, evitando, assim, as manobras de flanco.

(3) A ocupação de posições em profundidade na ADA traz a vantagem de forçar o atacante a expor suas tropas ao realizar sucessivos ataques contra os núcleos defensivos. Os C Atq devem ser realizados, prioritariamente, contra os flancos da tropa inimiga.

6-5. ESCALONAMENTO DA DEFESA

A defesa é escalonada em três áreas: a área de segurança, a área de defesa avançada e a área de reserva (Fig 6-1). As forças distribuídas a cada uma delas variam em natureza e valor, de acordo com a missão, as possibilidades do inimigo, o terreno em que a defesa é conduzida e as possibilidades dos meios disponíveis, incluindo-se os apoios ao combate e logístico. A ADA e a área de reserva constituem a posição defensiva.

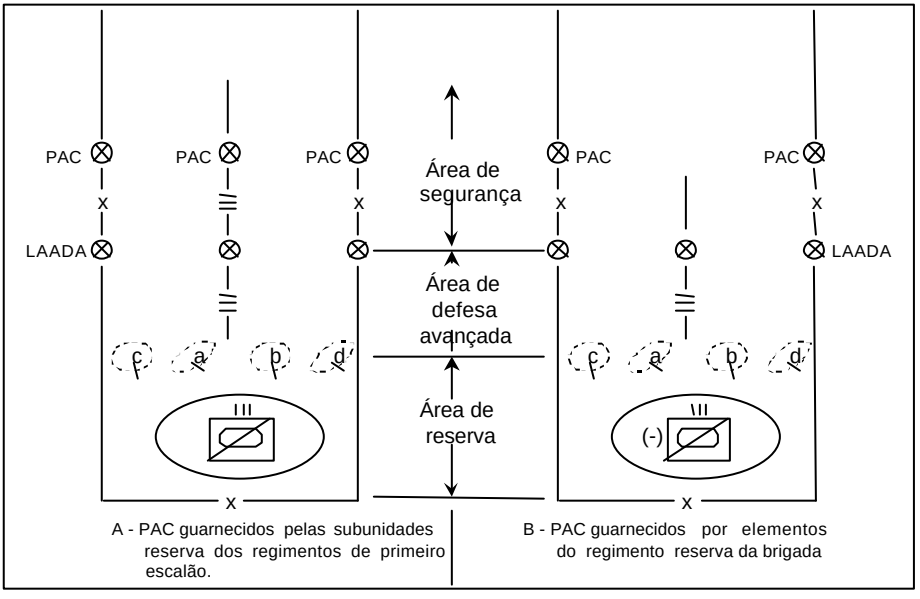


Fig 6-1. Escalonamento da defesa

6-6. ÁREA DE SEGURANÇA

a. A área de segurança começa no LAADA e se estende para a frente e para os flancos em função do valor dos elementos empregados no escalão de segurança. A profundidade desta área pode ser limitada, à frente, pela presença de forças de segurança do Esc Sp. Nesta área, a Bda estabelece os seus PAC. A Bda C Mec pode constituir os PAG/DE, ou ainda, a F Cob de um grande comando. As forças que guarnecem a área de segurança constituem as F Seg (ou o escalão de segurança).

b. A missão do escalão de segurança é fornecer informações e alerta oportuno da aproximação do inimigo e, dentro de suas possibilidades, iludir quanto à verdadeira localização da posição defensiva, retardar, canalizar, desorganizar, reduzir seu poder de combate e negar-lhe observação terrestre direta sobre a ADA, proporcionando uma cortina de C Rec. Suplementarmente, o escalão de segurança localiza alvos reais e prováveis para o defensor e pode

receber missão de deixar elementos à retaguarda do inimigo para conduzir fogos, fornecer informes e desorganizar suas operações.

c. As F Seg da Bda podem ser fornecidas pelos elementos de sua ADA, sob controle das forças que a ocupam; ou serem constituídas por forças fornecidas pela reserva, sob controle dos elementos avançados adequados ou sob controle centralizado da Bda. (Fig 6-1)

d. O escalão de segurança pode ser reforçado com meios de reconhecimento e observação de longo alcance, terrestres e aéreos, de apoio de fogo, de engenharia e de comunicações e guerra eletrônica. Na área de segurança, podem operar outros elementos dos Esc Sp, tais como forças de cobertura, de vigilância aeromóvel e de segurança dos flancos e de retaguarda.

6-7. ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

a. A ADA estende-se para a retaguarda, desde o seu limite anterior até o limite de retaguarda das unidades da Bda empregadas em primeiro escalão. As forças que guarnecem a ADA (forças de defesa avançada) ocupam a área ao longo do LAADA e recebem a missão de impedir o acesso do inimigo à referida área ou de, mediante um retardamento, canalizá-lo para uma região favorável, onde, com o fogo e a manobra pretenda destruí-lo. A composição das forças na ADA depende da forma de manobra defensiva adotada.

b. As forças desdobradas na ADA, na defesa móvel, devem ter possibilidade de desorganizar, forçar o desdobramento, retardar e canalizar o inimigo para áreas adequadas ao emprego da força de C Atq ou para forçar o inimigo a emassar-se. Estes elementos devem receber apoio de fogo de longo alcance e possuir um grau de mobilidade igual ou superior ao do inimigo.

c. Quando a defesa é baseada na manutenção do controle do terreno, como na defesa de área, o grosso do poder de combate é normalmente empregado para organizar e ocupar a ADA. A reserva é a necessária para manter a continuidade da defesa.

d. Os intervalos porventura existentes na ADA são cobertos pela vigilância, pelos fogos e pelos obstáculos. As unidades dispõem suas forças na ADA de acordo com a missão e com a maior ou menor facilidade de defesa oferecida pelo terreno.

6-8. ÁREA DE RESERVA

a. A área de reserva, também a área de retaguarda da Bda, se estende desde o limite de retaguarda das tropas de defesa avançada até o limite de retaguarda da Bda. A reserva é constituída dos elementos de manobra não empregados inicialmente na ADA, mantidos sob o controle da Bda, para emprego na oportunidade e local decisivos. A reserva dá profundidade à posição defensiva e é o principal meio pelo qual o Cmt pode influir no combate defensivo

e retomar a iniciativa, seja atuando no interior ou à frente da ADA. A reserva, sempre que possível, deve ser forte em carros de combate.

b. A localização da reserva é baseada no seu provável emprego. Quando a reserva é reduzida ou a natureza do terreno, as condições meteorológicas e as possibilidades do inimigo possam interferir no seu movimento, torna-se necessário localizá-la nas proximidades das regiões de emprego mais provável. A mobilidade da reserva aumenta sua capacidade ofensiva.

c. A reserva proporciona flexibilidade ao Cmt para a retomada da iniciativa, por meio de ações ofensivas. O emprego da reserva no ponto decisivo, com oportunidade, é fundamental para o êxito da defesa. Quando empregada, a reserva deve ser a ação principal.

6-9. DISPOSITIVO DE EXPECTATIVA

a. No âmbito de uma defesa em posição, a insuficiência de informações sobre o inimigo e a exigüidade dos meios disponíveis ante os amplos espaços a bloquear exigem, freqüentemente, a adoção de um dispositivo de expectativa. Isso é particularmente útil quando não houver informações suficientes sobre a direção por onde o inimigo emprega a maioria de seus meios.

b. O dispositivo de expectativa permite que os meios necessários sejam orientados, em curto prazo, na direção para a qual o inimigo tenha dirigido seu esforço. Essa possibilidade é particularmente útil quando se opera em AOC.

c. Tal opção implica em preservar, inicialmente, na área de reserva, o grosso do poder de combate da Bda, a fim de empregá-lo no momento e local decisivos e com adequado poder relativo de combate, tão logo seja possível detectar a orientação da maioria dos meios do inimigo,.

d. A F Cob, à frente da posição defensiva, deverá ser empregada para:

(1) alertar sobre a aproximação do inimigo;

(2) retardar e desgastar o inimigo;

(3) levantar o valor, o dispositivo e a orientação da maioria de seus meios; e

(4) canalizá-lo para a região mais favorável à condução da defesa.

e. Na ADA, bloqueando as VA de provável utilização pelo inimigo, devem ser preparados e não ocupados núcleos defensivos para elementos com o valor necessário para repelir o ataque do inimigo ou destruí-lo. Inicialmente, um mínimo de meios é desdobrado na ADA até que se defina a orientação da maioria dos meios do inimigo. Após essa definição, o grosso dos meios da Bda C Mec ocupa a posição defensiva (P Def) como um todo, de acordo com o planejamento realizado. (Fig 6-2 e 6-3)

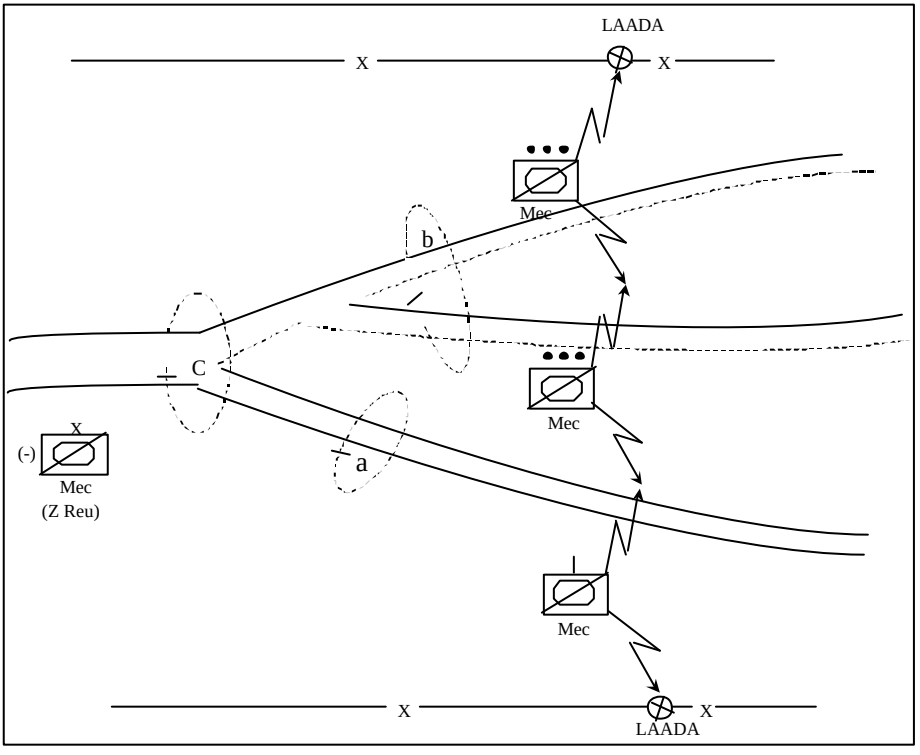


Fig 6-2. Bda C Mec no dispositivo de expectativa - situação inicial

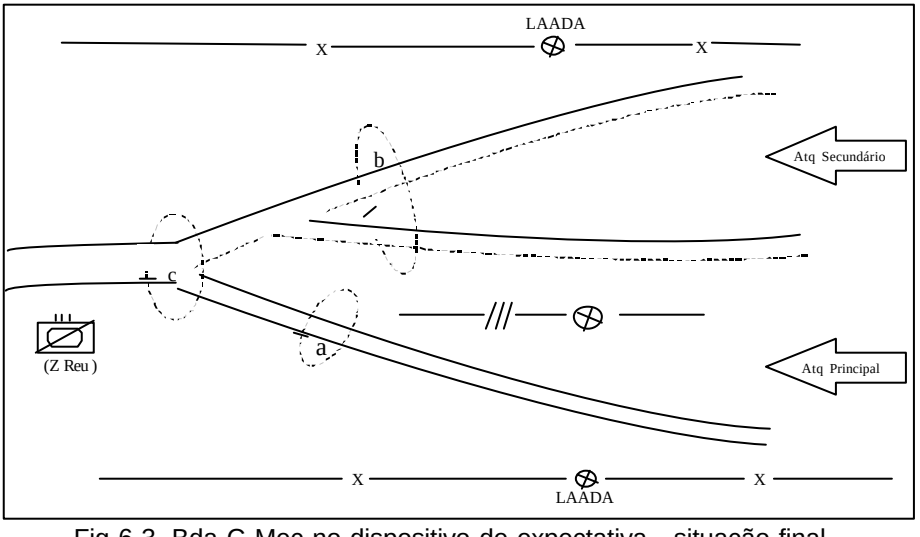


Fig 6-3. Bda C Mec no dispositivo de expectativa - situação final

f. Durante a fase do planejamento o Cmt e o EM da Bda C Mec devem estar atentos ao fator tempo. Há que ser considerado o tempo disponível para o desdobramento da Bda após a definição da orientação da maioria dos meios do inimigo.

g. O Cmt Bda deve empregar seus Rgt de forma modular, isto é, deve evitar atribuir frentes e profundidades que superem as ideais, o que equivale a diluir os meios da defesa, contrariando o propósito essencial do dispositivo adotado.

h. Caracterizada a faixa do terreno por onde o atacante realiza sua ação principal, parte dos meios mantidos à retaguarda desloca-se para essa área e ocupa, de acordo com o planejamento, a posição já preparada e, até então, ocupada apenas por um efetivo reduzido. O dispositivo de expectativa, em sua situação final, evolui para uma defesa de área ou defesa móvel.

i. A reserva da Bda é mantida à retaguarda, em condições de realizar as ações dinâmicas de defesa num quadro de defesa de área ou de defesa móvel, atuando como força de fixação.

j. O dispositivo de expectativa confere um caráter essencialmente dinâmico à manobra defensiva, cuja execução orienta-se para a busca da decisão, por meio da retomada da atitude ofensiva. Assim, o defensor deve articular sua reserva de tal forma que lhe seja possível empregá-la, quer no interior da posição defensiva para destruir parcela do poder de combate oponente, quer em ações profundas sobre as reservas, os sistemas de coordenação e controle, de apoio de fogo e de Ap Log do inimigo.

ARTIGO II

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA DEFESA EM POSIÇÃO

6-10. GENERALIDADES

a. No planejamento da defesa, o Cmt Bda procura correlacionar os meios disponíveis e o terreno para o cumprimento da missão. O defensor tem, normalmente, a vantagem inicial de poder reconhecer o terreno e selecionar a área a ser defendida. Adicionalmente, pode dispor suas forças no terreno e empregá-las sincronizadamente de modo a conduzir o inimigo a emassar-se e, conseqüentemente, levá-lo a apresentar-se como um alvo compensador em áreas batidas por fogos planejados ou favoráveis ao contra-ataque. Por outro lado, o atacante tem a vantagem de escolher a oportunidade e o local para sua manobra ofensiva.

b. O planejamento defensivo é desenvolvido como resultado do estudo de situação. Todos os sistemas operacionais são considerados e empregados de maneira integrada e sincronizada, visando assegurar a utilização máxima dos meios disponíveis.

c. O planejamento defensivo é contínuo e inclui o esquema de manobra e o plano de apoio de fogo, inclusive o de defesa antiaérea e anticarro, além do plano de barreiras, de C Atq e de apoio logístico, entre outros, conforme cada situação.

d. Planos alternativos são elaborados simultaneamente com o plano básico e a transição para um deles é considerada na conduta da defesa.

e. Os planos devem ser simples, flexíveis e condizentes com as possibilidades das forças disponíveis na ocasião em que devem ser postos em execução.

6-11. PLANEJAMENTO DA DEFESA EM POSIÇÃO

a. Durante a concepção dos planos, os fundamentos da defesa são permanentemente considerados. Tais fundamentos estão estreitamente correlacionados e se constituem parte integrante do processo de planejamento.

b. A forma de manobra da defesa em posição a adotar pode ser imposta pelo Esc Sp ou determinada pelo Cmt Bda. Normalmente, a DE é o menor escalão capaz de executar uma defesa móvel, devido à necessidade de uma reserva com elevado poder de combate capaz de realizar um C Atq decisivo.

c. No estudo do terreno e das condições meteorológicas da área a ser defendida, é considerado o melhoramento das condições naturais de defesa do terreno, em consonância com os planos para as operações subseqüentes. Os obstáculos naturais são ampliados ou agravados com o lançamento de obstáculos artificiais.

d. Durante o estudo de situação, são consideradas as áreas de prováveis alvos para interdição. Estas, normalmente, são desfiladeiros nas prováveis vias de acesso do atacante, Z Reu, Pos Atq e outras regiões favoráveis ao desdobramento dos meios de combate, apoio ao combate e apoio logístico da força atacante.

e. O planejamento pode incluir a previsão de execução do C Atq de desorganização, à frente da posição defensiva (P Def), com a finalidade de desarticular ou destruir parcela da força inimiga, seus meios de apoio ao combate e apoio logístico, ou impedir a observação terrestre sobre a área de defesa. Na conduta da defesa, o defensor procura reduzir a eficiência combativa do inimigo, por meio da máxima utilização de seu poder de combate.

f. O Cmt expede planos de C Atq separadamente e os referencia aos planos ou ordens de operações ou então os inclui como anexos aos planos de ordens.

g. Ordens ou planos logísticos separados não são comuns no escalão Bda. Normas gerais de ação são aplicáveis, observadas as modificações ou instruções específicas contidas no parágrafo 4 (quatro) do plano ou da ordem de operações. Quando estas instruções forem muito extensas são expedidas como um anexo.

h. O planejamento da defesa em posição obedece à sistemática preconizada no estudo de situação do comandante em operações defensivas, constante do manual C 101-5 - ESTADO-MAIOR E ORDENS, observando-se, para a elaboração e aperfeiçoamento das L Aç, a metodologia prevista no Processo das 5 (cinco) Fases.

6-12. PLANEJAMENTO PARA SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA

O Cmt Bda deve dar atenção à possibilidade de um insucesso por parte das forças da defesa ou de aplicação de um poder de combate inesperado pelo inimigo. Os planos devem ser suficientemente flexíveis para assegurar oportuna reação e para preservar forças. A menos que seja autorizado, uma posição defensiva não pode ser abandonada. O planejamento para situações de emergência deve considerar esses fatores e possuir suficiente flexibilidade para fazer face a situações inesperadas.

6-13. ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

a. A organização para o combate é o ato de agrupar adequadamente para uma missão os elementos de manobra, Ap Cmb e Ap Log, designando-lhes uma subordinação ou missão tática.

b. O Cmt Bda decide pela organização para o combate, após realizar o estudo de situação, utilizando-se, particularmente, do processo das cinco fases. O Cmt define, então, os meios que serão empregados na área de segurança, na ADA e na área de reserva.

c. O plano da Bda para a defesa inclui a organização pormenorizada para o combate, tendo em vista executar o esquema de defesa. A distribuição de forças para os principais comandos táticos é, normalmente, prevista na composição dos meios do plano (ou da ordem) de operações.

d. As forças são apropriadamente compostas para a execução das ações visualizadas pelo comandante. Os meios disponíveis são comparados com as necessidades para estabelecer a força de segurança, ocupar as posições da ADA, organizar a reserva e executar missões para atender a situações de emergência. O Cmt reforça com elementos de combate, as principais unidades subordinadas na proporção mais adequada para o cumprimento da missão. Os elementos de apoio ao combate e apoio logístico apóiam ou reforçam os diversos escalões, segundo as necessidades. Tais elementos são fornecidos às forças de segurança, às unidades da área de defesa avançada e à reserva. As forças que não forem assim distribuídas são mantidas diretamente sob o controle da Bda.

(1) Na defesa móvel, um mínimo essencial de forças é atribuído à ADA. A reserva, como elemento principal da defesa, tem prioridade na distribuição dos meios.

(2) Na defesa de área, a prioridade de força é atribuída à ADA, onde é empregado o grosso do poder de combate. A reserva recebe suficiente força para assegurar a continuidade da defesa.

e. A Bda C Mec, quando envolvida em outra operação e recebe a missão defensiva, tem inicialmente que se organizar. O tempo para estabelecer a defesa é, normalmente, limitado. Neste caso, o Cmt deve realizar apenas as modificações consideradas essenciais, na organização dos principais comandos subordinados.

f. Forças de segurança - As forças de segurança incluem a força de cobertura, os postos avançados gerais, os postos avançados de combate, os postos de observação e de escuta, as patrulhas e as forças de segurança da área de retaguarda.

(1) F Cob - É organizada para assinalar a aproximação do inimigo, destruí-lo, se possível, retardar, desorganizar e canalizar o seu avanço e iludi-lo quanto à localização da área de defesa. A Bda C Mec pode receber a missão de constituir a força de cobertura do Esc Sp que a enquadre, ou ter parte de seus elementos empregados em tal missão. As técnicas usadas pela Bda como F Cob estão descritas no Capítulo 4 deste manual.

(2) PAG - A DE organiza e controla os PAG, para alertar sobre a aproximação do inimigo, retardar, desorganizar e canalizar o seu avanço e iludi-lo quanto ao plano de defesa. A Bda C Mec pode ser empregada pelo Esc Sp que a enquadre, para constituir os PAG; pode, também, ter parte de seus elementos empregados em tal missão. A composição dos PAG varia de acordo com a missão que lhes é atribuída, com as características da área de operações, com poder relativo de combate, com as possibilidades do inimigo e com o tempo. Em qualquer caso, porém, a mobilidade das forças deve ser igual ou, se possível, superior a do inimigo. Os PAG cumprem sua missão pela observação, pela realização de fogos de longo alcance, pelo patrulhamento e reconhecimento agressivos, pela ação retardadora e pelo uso de medidas de dissimulação. O Cmt do Esc Sp (DE ou Ex Cmp) estabelece a localização geral dos PAG.

(3) PAC - São uma série de postos de observação avançados, cobrindo a parte anterior da ADA. Sua missão consiste em proporcionar alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo e em impedir que o mesmo realize a observação terrestre aproximada e fogos diretos para o interior da área de defesa. São organizados pela Bda, que pode prescrever sua localização geral e determinar seu valor e sua composição. O controle dos PAC pode ser feito pela própria Bda ou pelos Rgt de primeiro escalão. Os elementos que constituem os PAC podem ser retirados da reserva da Bda ou das reservas dos Rgt de primeiro escalão. Sua localização deve permitir o apoio de fogo da Bda ou dos Rgt de primeiro escalão. O valor e a composição dos PAC variam de um pelotão reforçado até uma companhia reforçada, por Rgt de primeiro escalão.

g. As forças de área de defesa avançada são organizadas para cumprir a missão básica de defender ou de retardar. A Bda designa o traçado do seu limite anterior da ADA e atribui responsabilidade aos Cmt subordinados, ao longo desse limite, pelo estabelecimento de limites e pontos limite.

(1) Na defesa móvel os comandos das forças de defesa avançada organizam suas áreas estabelecendo núcleos de defesa. Os núcleos são áreas organizadas, normalmente, para a defesa em todas as direções. Sua localização deve permitir o controle do terreno e o domínio das vias de acesso e repelir, retardar ou canalizar as forças atacantes. O escalão de defesa avançada tem um mínimo essencial de forças para cumprir sua missão e essas forças necessitam de mobilidade igual ou maior do que a das forças oponentes.

(2) Na defesa de área, a Bda organiza a ADA em núcleos de defesa para obter bons campos de tiro e de vistas, tirando proveito do valor defensivo natural do terreno. Ela prepara núcleos de defesa que bloqueiam as VA no limite anterior da área e em profundidade. Para controlar a área e aumentar o valor defensivo natural do terreno utiliza, ainda, obstáculos artificiais, fortificações de campanha e barreiras.

h. A Bda organiza a reserva para destruir ou repelir o inimigo por uma ação ofensiva, no momento oportuno. Quando a Bda não puder contra-atacar, emprega a reserva em uma missão de bloqueio para conter a penetração realizada pelo inimigo. Um comando de Rgt, normalmente, é designado para comandar a reserva.

6-14. MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

a. As medidas de controle utilizadas nas operações defensivas incluem limites, pontos limite, linhas de segurança e coordenação de fogos e outras medidas que se tornem necessárias. As medidas de controle adicionais empregadas nos C Atq são apresentadas no item específico.

b. Os pontos limites estabelecidos pelo escalão imediatamente superior indicam o limite anterior da ADA. Quando esse limite não puder ser definido por acidentes característicos do terreno, pode ser mostrado em carta ou em calco, por meio de uma linha ligando os pontos limites e representando o traçado geral do limite anterior da ADA. Ele é localizado de modo a tirar partido dos obstáculos naturais na área e, freqüentemente, ao longo de uma barreira adequada.

c. O Cmt Bda designa limites para definir a responsabilidade das principais unidades subordinadas. Os limites estendem-se para frente até o alcance dos fogos de apoio direto ou até o limite da observação terrestre, se este for maior do que aquele e indicam o limite mais avançado da responsabilidade territorial. Os limites (laterais) entre as forças da ADA se estendem para a retaguarda para definir a área de responsabilidade de cada unidade ou elemento da área de defesa avançada. Devem fornecer espaço suficiente para permitir adequada manobra e dispersão das forças nas áreas de defesa. O estabelecimento do limite de retaguarda define, com mais clareza, as responsabilidades por áreas específicas do terreno. Os limites laterais são também utilizados como medidas de controle e coordenação de fogos. Ao estabelecer limites entre os principais comandos subordinados, o comandante deve evitar a divisão de responsabilidade por acidentes capitais e VA.

d. Pontos limite são designados em pontos nítidos do terreno para a coordenação dos fogos e da manobra entre unidades vizinhas. São indicados sempre que um limite cruza o limite anterior da área de defesa avançada e a linha das forças de segurança.

e. A Bda controla a localização geral da reserva pela designação de sua(s) zona(s) de reunião. A Bda designa posições de bloqueio (núcleos) que devem ser preparados e ocupados mediante ordem, por elementos da reserva.

6-15. PLANEJAMENTO DO CONTRA-ATAQUE

a. O planejamento de C Atq é desenvolvido simultaneamente com outras fases do planejamento da defesa. A conduta do C Atq varia com a forma de manobra de defesa em posição executada, mas as técnicas de planejamento, tanto na defesa móvel, como na defesa de área, são essencialmente as mesmas.

(1) Na defesa de área, os planos de C Atq são preparados e visam, prioritariamente conter e eliminar as penetrações porventura realizadas pelo inimigo no interior da área de defesa. Os principais fatores considerados ao se visualizar a penetração inimiga prevista são a natureza e o valor das forças que o inimigo pode empregar na via de acesso, considerada as características do terreno na área de penetração; a possibilidade da força da ADA de controlar os limites da penetração e a capacidade de pronta resposta, o valor e a composição da reserva. A prioridade de preparação de tais planos é baseada no efeito de cada penetração sobre a missão da Bda.

(2) Na defesa móvel, o defensor (selecionando no interior da posição defensiva a área onde deseja aceitar o engajamento decisivo) procura forçar o inimigo a reagir de acordo com o plano de defesa, o qual é baseado no movimento e nos fogos. A iniciativa das ações é obtida explorando-se as vulnerabilidades do inimigo e aproveitando todas as oportunidades para destruir as forças inimigas pela ação ofensiva. O Cmt que realiza a defesa móvel considera o planejamento do C Atq e da defesa, simultaneamente.

b. Os planos básicos de C Atq são preparados pela Bda e distribuídos aos comandos subordinados, em tempo que lhes permita realizar o planejamento detalhado. Quando possível, os planos de C Atq são distribuídos com o plano de operações. O planejamento pormenorizado do C Atq é da responsabilidade do Cmt da reserva, inclusive o reconhecimento, a seleção de itinerários, a determinação dos fatores de tempo e espaço e a coordenação com os elementos da ADA. O Cmt da reserva realiza ensaios diurnos e noturnos, visando obter conhecimento completo do terreno e do esquema de manobra previsto para o C Atq. Com base nesses treinamentos, faz os ajustamentos necessários para o controle, a coordenação e a sincronização da manobra e aperfeiçoa os planos de C Atq.

c. O planejamento dos C Atq deve buscar a simplicidade e a flexibilidade, tendo em vista que a realidade do combate raramente corresponderá exatamente ao que foi planejado.

d. O plano de C Atq da Bda deve incluir todos os elementos constantes de um plano de operações, inclusive a(s) hipótese(s) que fundamenta(m) o planejamento.

(1) Missão - Uma breve definição da missão atribuída pelo Esc Sp.

(2) Hipótese(s) - Na(s) hipótese(s) são considerados os seguintes aspectos:

(a) dimensão (área) prevista da penetração;

(b) valor e composição da força inimiga na penetração e sua situação;

(c) situação dos meios na área de defesa avançada, incluindo sua possibilidade de conter a penetração;

(d) valor, localização, situação e aptidão da reserva, no momento da execução do C Atq;

(e) disponibilidades e possibilidades em Classe V e fumígenos; e

(f) outras hipóteses pertinentes à situação existente.

(3) Conceito da operação - Objetivo geral do C Atq é o de destruir o inimigo que realizou a penetração ou o de restabelecer o LAADA ou as posições de primeiro escalão submergidas. Após formular hipóteses sobre as quais se baseia o plano de C Atq, o Cmt estabelece um conceito da operação para cumprir o objetivo geral do C Atq. As considerações relacionadas com a missão, com a organização da Bda, com o terreno e com as possibilidades do inimigo permitem a determinação de contra-atacá-lo, de preferência, nos flancos. O conceito da operação inclui o esquema de manobra e o apoio de fogo, de aviação e de meios eletrônicos.

(4) Medidas de coordenação e controle

(a) Objetivo - A Bda normalmente designa um único objetivo para a F C Atq. O objetivo deve contribuir para a finalidade geral do C Atq e sua conquista ou destruição deve estar dentro das possibilidades dessa força.

(b) Direção de C Atq - Uma direção de ataque normalmente é fixada para orientar o esforço principal da força de C Atq. Normalmente, a direção de C Atq é dirigida sobre o flanco inimigo.

(c) Linha de partida - O Cmt prescreve uma linha de partida para fins de planejamento e ensaio. Ela é selecionada com base na localização prevista da força na ADA e na localização de acidentes do terreno facilmente identificáveis. Sua localização poderá ser modificada, posteriormente, para melhor atender à situação no momento da execução do C Atq. A linha de partida pode ser a linha de contato.

(d) Limites - Se necessário, o Cmt modifica os limites para as ações de C Atq de modo a facilitar a coordenação e o controle, bem como proporcionar suficiente espaço para a manobra da F C Atq. É desejável fazer o mínimo possível de mudanças nos limites existentes. O Cmt da F C Atq assume o controle das forças da ADA dentro dos novos limites.

(5) Ordens aos elementos subordinados - Tais ordens devem conter os pormenores que permitam a execução do conceito da operação do Cmt Bda. É necessária a definição clara das ligações de comando entre as forças da ADA e as de C Atq. O plano deve, também, conter ordens com relação à reconstituição da reserva da Bda, quando a reserva original ou parte desta for empregada.

(6) Apoio de fogo - PAF são preparados para cada plano de C Atq. O emprego do fogo é planejado à frente do LAADA e no interior da posição defensiva. A F C Atq deve ter a prioridade de fogos.

(7) Hora do C Atq - Na fase de planejamento, a hora do C Atq não pode ser estabelecida. Entretanto, os prazos de que a reserva necessita para iniciar a sua execução, após ser acionada, devem ser estimados.

(8) Outras medidas de coordenação e controle - Algumas das medidas de coordenação e controle utilizadas no ataque podem ser aplicadas ao C Atq: pontos e linhas de controle, posição de ataque, itinerário para deslocamento da reserva, composição dos meios etc. (Fig 6-4)

(9) As medidas de coordenação e controle podem ser alteradas pela aplicação das ordens fragmentárias que alterem o C Atq em face da evolução do combate.

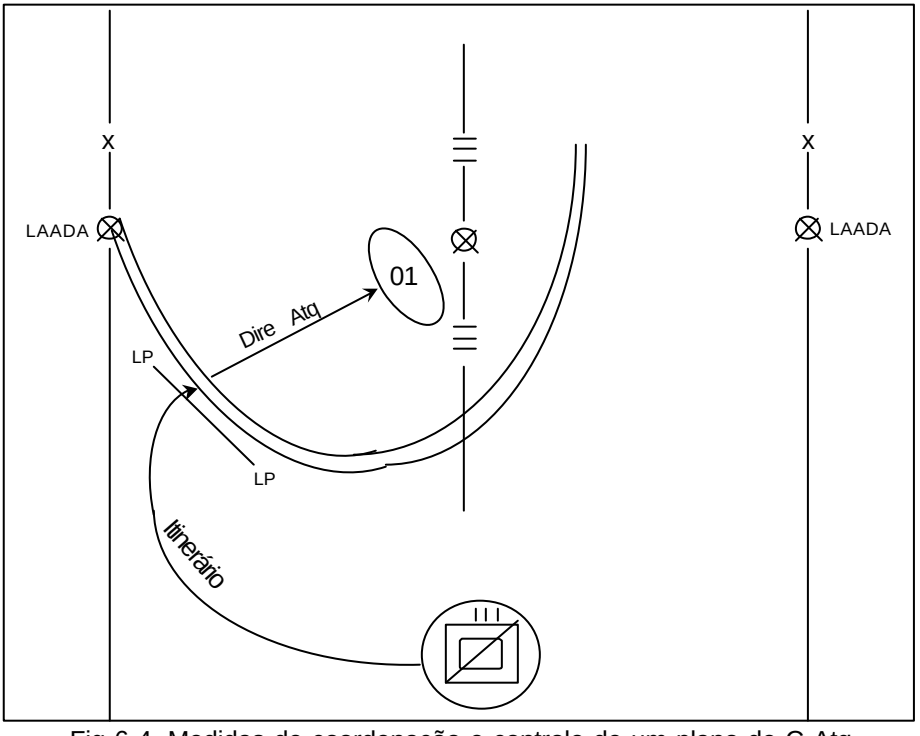


Fig 6-4. Medidas de coordenação e controle de um plano de C Atq

e. O sucesso de um C Atq depende da habilidade do Cmt e do EM em visualizar o máximo de situações que possam ocorrer, de forma que, quando se efetivar o ataque inimigo, seja selecionada a L Aç mais adequada. Os planos básicos de C Atq devem ser altamente flexíveis, para que possam ser prontamente adaptados à situação que se apresenta. Leva-se em consideração, também, a possibilidade de penetrações múltiplas, e cada plano deve incluir instruções à F C Atq, tendo em vista atender a essa eventualidade. O processo mais eficiente é a eliminação dessas penetrações em função da importância da ameaça. Os C Atq simultâneos dividem o poder de combate disponível para a reserva e devem ser evitados, embora possam ser necessários em algumas situações.

f. O C Atq deve ser desencadeado no momento em que a força atacante esteja mais vulnerável. A oportunidade para o seu desencadeamento é uma grave decisão a ser tomada pelo comandante. A eficácia do C Atq está intimamente ligada às condições de tempo e espaço.

6-16. CONTRA-ATAQUE DE DESORGANIZAÇÃO

a. O planejamento da defesa pode incluir C Atq de desorganização, visando impedir ou retardar os ataques inimigos. Esses, normalmente, são realizados por uma força defensora contra forças inimigas que se preparam para um ataque.

b. O C Atq de desorganização é uma ação ofensiva dirigida para um objetivo limitado, a frente da P Def.

c. A mobilidade da F C Atq e o apoio de fogo são essenciais ao êxito do C Atq. A decisão de executar o C Atq, assim como a determinação da hora do seu desencadeamento, devem ser cuidadosamente analisadas, tendo em vista não interferir no cumprimento da missão da Bda ou do Esc Sp.

d. Os Cmt preparam e coordenam os planos para um C Atq de desorganização com a mesma técnica que o fazem quando de um ataque coordenado.

e. O C Atq de desorganização apresenta as seguintes características:

(1) sua finalidade pode ser: destruir parte da força atacante, desarticular o dispositivo inimigo e retardá-lo, conquistar terreno do qual possa ser desencadeado um ataque ou impedir a observação e a vigilância terrestres inimigas sobre a ADA;

(2) os objetivos selecionados devem facilitar o cumprimento da missão defensiva;

(3) o Cmt deve avaliar os riscos envolvidos, em relação a seus efeitos sobre o cumprimento da missão principal;

(4) a força que o realiza deve possuir grande mobilidade e forte apoio de fogo.

f. As figuras 6-5 e 6-6 apresentam, esquematicamente, a realização de um C Atq de desorganização.

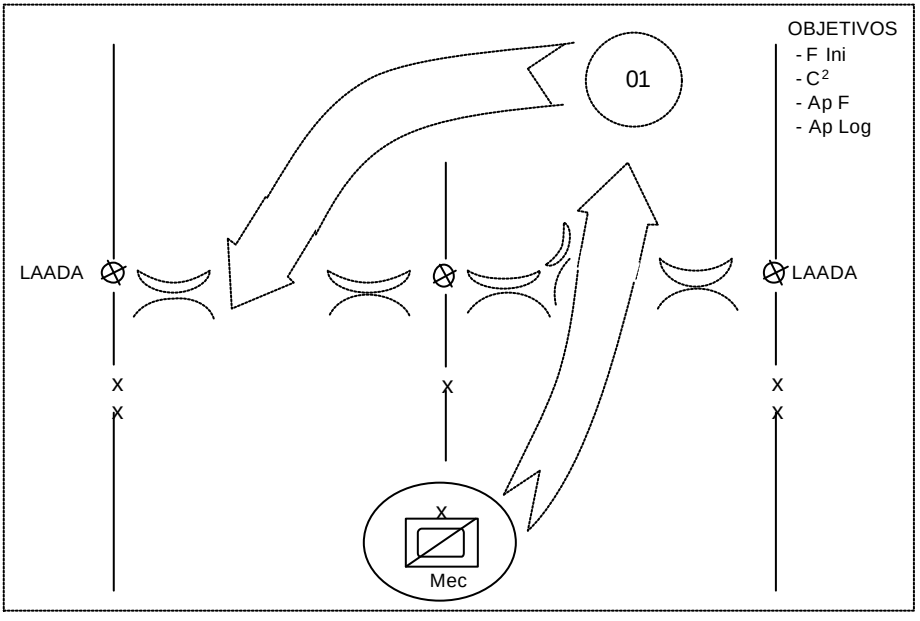


Fig 6-5. A Bda C Mec, integrante de uma DE, realizando um C Atq de desorganização

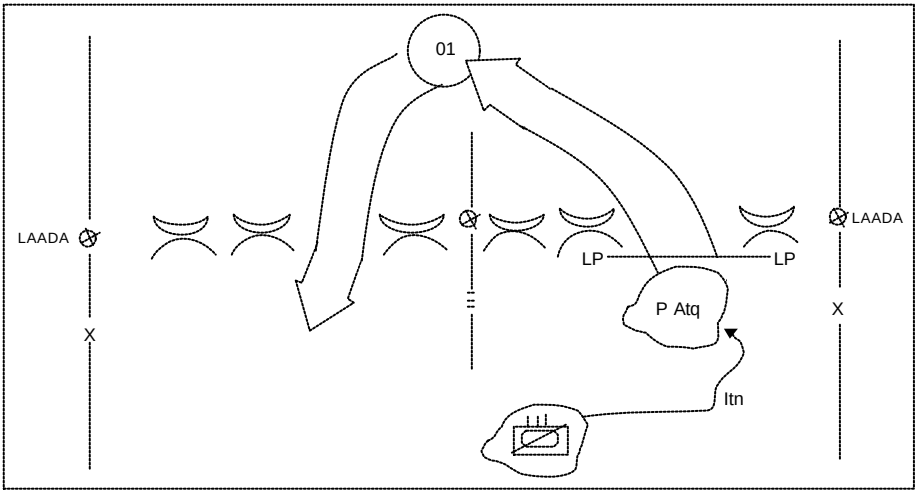


Fig 6-6. Contra-ataque de desorganização, realizado pelo RCB

6-17. EXECUÇÃO DA DEFESA EM POSIÇÃO

a. O êxito da defesa em posição depende das informações de combate oportunas e precisas sobre o inimigo e da capacidade das forças defensivas para reagirem rapidamente. Um esforço contínuo e agressivo na busca de informações, particularmente com o emprego de forças de segurança, de meios aéreos, de GE e de forças irregulares, é essencial para a determinação do provável valor e composição do inimigo e da direção, local e oportunidade do seu ataque. A Bda necessita de um sistema de comando e controle eficiente para receber e transmitir, oportunamente, informações, instruções e ordens.

b. As F Seg, além do elemento aéreo, são normalmente as primeiras a estabelecer e manter o contato com as forças inimigas atacantes. Após o estabelecimento do contato, transmitem um contínuo fluxo de informações ao Cmt Bda. À medida que o inimigo cerra seus meios à frente, as F Seg alertam sobre a sua presença, conduzem uma ação retardadora para desgastar, iludir, canalizar e desorganizar o inimigo, que deve ser batido pelo fogo tão cedo quanto possível. Essas forças evitam o engajamento decisivo com o inimigo, porém, procuram infligir-lhe o máximo de perdas e mantêm o contato, até serem acolhidas no LAADA ou nos PAG, quando esses forem estabelecidos. A conduta ativa das forças integrantes da ADA se inicia quando os elementos de segurança são acolhidos.

c. Os PAC, quando pressionados, retraem, buscando, dentro de suas possibilidades, desgastar o atacante. As forças que ocupam posições avançadas na ADA preparam-se para repelir o atacante pelo fogo e pela manobra. As trilhas e brechas para a passagem das F Seg na barreira de cobertura imediata são fechadas. Os meios de vigilância são empregados para acompanhar todos os movimentos do atacante.

d. Após o acolhimento das F Seg, as forças da ADA engajam o inimigo tão logo esteja dentro do alcance dos fogos de apoio. O máximo esforço é feito para retardá-lo e desorganizá-lo. À medida que estabelecem contato com o inimigo, as forças da ADA realizam ações para impedir seus reconhecimentos e deter, repelir, conter ou desorganizar o seu ataque. Quando não puderem deter ou conter o ataque adversário, os elementos da ADA realizam ações para reduzir o ímpeto do ataque inimigo ou canalizá-lo para uma área que permita à reserva contra-atacar.

e. O dispositivo do inimigo à frente da ADA pode proporcionar a oportunidade para o desencadeamento de um C Atq de desorganização. Tal operação pode ser determinada pelo Esc Sp ou decidida pelo Cmt Bda, que deve analisar os fatores da decisão e os riscos envolvidos em relação aos seus efeitos sobre o cumprimento da missão.

f. O cumprimento da missão pelas forças da ADA envolve ações que variam em função da forma de defesa que está sendo conduzida. Em uma defesa de área, as posições avançadas somente podem ser evacuadas com autorização do Cmt. O Cmt deve guardar flexibilidade, controlando meticulosa-

mente a operação, geralmente por meio de ordens às unidades que estejam sujeitas à ameaça de destruição e determinando seu retraimento para posições alternativas ou em profundidade, dentro de sua área de defesa. A defesa de área exige uma combinação de ações, uma vez que o Cmt pode ser forçado a admitir, em determinadas partes da frente, um grau de resistência inferior ao desejável. Desta forma, um elemento de manobra que tem a missão de defender a cavaleiro de uma VA, pode receber a determinação de apenas retardar ou mesmo vigiar o inimigo, dentro de seu setor. Neste caso, qualquer que seja o grau de resistência determinado a um elemento de manobra na conduta do combate, ele dirá respeito apenas ao trecho compreendido entre o LAADA e as posições de bloqueio das penetrações.

g. Na defesa móvel, os elementos da força de fixação executam, essencialmente, a ação retardadora. Suas operações podem estender-se a uma profundidade considerável na área de defesa. Entretanto, essas forças devem estar preparadas para, em curto prazo, interromper o movimento e manter o terreno, expondo a força atacante ao C Atq. A defesa móvel baseia-se no C Atq como elemento decisivo.

h. A decisão de executar um C Atq e a oportunidade de seu desencadeamento, fundamentam-se num judicioso e rápido estudo da situação. As possibilidades de êxito são maiores quando desencadeado no momento em que o inimigo estiver mais vulnerável. Ocasionalmente, a decisão pode decorrer de ordem do Esc Sp. Quando uma penetração parece iminente ou já teve início, o Cmt Bda informa ao Esc Sp, alerta a F C Atq, aumenta a vigilância sobre a área ameaçada e proporciona todo o apoio possível aos comandantes subordinados interessados.

(1) Na defesa móvel é desejável conter a penetração ou diminuir a impulsão da força atacante; todavia, isso é dispensável. O C Atq deve ser desencadeado antes que o inimigo tenha tempo de consolidar as vantagens obtidas com o ataque e de reorganizar ou reagrupar as suas forças.

(2) Na defesa de área, a Bda dá ênfase ao bloqueio das VA junto ao LAADA e à defesa em profundidade, para manter o terreno. Quando as forças atribuídas à ADA não conseguem eliminar as penetrações, elas barram ou limitam tais penetrações, criando condições para a Bda contra-atacar a fim de restabelecer o limite anterior e, sempre que possível, destruir o inimigo.

i. Quando o Cmt emprega a reserva, não desconhece que a Bda está decisivamente engajada e que, por um curto período de tempo, não disporá de uma reserva de valor considerável. Consequentemente, só realiza um C Atq quando há razoável possibilidade de obter sucesso.

j. Contra-ataque

(1) O planejamento geral da defesa da Bda deve considerar todas as penetrações admitidas ou possíveis, bem como os correspondentes planos de C Atq. Quando se verifica uma penetração, o Cmt executa ou adapta o plano cuja hipótese mais se aproxime da situação em curso. Raramente as situações de conduta acontecem conforme o planejado. Assim, à medida que a situação é

esclarecida, o Cmt Bda deve decidir quanto ao que se segue:

(a) Condições de emprego da reserva:

1) realizando um C Atq;

2) bloqueando penetração.

(b) Hora e direção do C Atq.

(c) No caso de penetrações múltiplas, qual deve ser contra-atacada e quais devem ser bloqueadas.

(2) O Cmt necessita de um contínuo fluxo de informações precisas com relação à situação em curso. Deve conhecer a situação das forças da ADA, saber de suas possibilidades para conter a penetração inimiga e a estimativa de tempo que a reserva necessita para contra-atacar. Necessita, também, avaliar a potência e o ímpeto do avanço inimigo, avaliar suas possibilidades de reforço e conhecer sua doutrina e seus procedimentos táticos.

(3) Quando o Cmt considera que o C Atq deve ser realizado, lança-o com a totalidade dos meios disponíveis, inclusive a prioridade de fogos, para assegurar o sucesso. Evita empregar a reserva por partes. Entre outras considerações, o poder de combate é aumentado com emprego da surpresa, da rapidez, da audácia, do flanqueamento e de uma execução violenta.

(4) Oportunidade para o desencadeamento de um C Atq

(a) A decisão mais difícil é a de determinar quando o C Atq deve ser executado. O Cmt evita lançar o C Atq como se fosse uma reação automática a uma penetração inimiga, e não deve empregar a reserva simplesmente porque o inimigo alcançou determinada linha ou área. Em condições ideais, o C Atq é desencadeado:

1) quando o ataque inimigo tiver sido detido;

2) quando tiver sua impulsão reduzida;

3) quando estiver desorganizado; e

4) antes que seja capaz de consolidar suas conquistas ou durante a fase de reorganização de suas forças.

(b) Entretanto, tais condições não são essenciais, devendo o C Atq ser desencadeado antes que a força inimiga, na penetração, se torne demasiadamente forte e quando houver uma razoável probabilidade de sucesso.

(c) O Cmt deve levar em consideração as possíveis ações do inimigo no intervalo de tempo entre a ordem de emprego da reserva e sua efetivação. Uma acurada análise do fator tempo e a sincronização do C Atq irão multiplicar o poder de combate da F C Atq.

(d) Para o desencadeamento do C Atq o Cmt considera os pontos de apoio à decisão levantados durante o estudo de situação.

(5) Na eventualidade de ocorrência de diversas penetrações, a Bda pode não ter condições de contra-atacar e de restabelecer o LAADA, na frente de todas elas. Nesta circunstância, o Cmt seleciona as penetrações de maior perigo e estabelece a prioridade para a sua eliminação. Pode surgir a necessidade de empregar uma parte da reserva em reforço às forças da ADA para auxiliar a contenção das penetrações secundárias, enquanto se lança à eliminação daquela que lhe pareça prioritária.

(6) É preferível contra-atacar pelos flancos, porque aí o inimigo é, normalmente, mais vulnerável, e a probabilidade de dividi-lo, desorganizá-lo e

destruí-lo é maior. Outras considerações referentes ao tempo, ao terreno, ao espaço de manobra e às possibilidades do inimigo de hostilizar o flanco da F C Atq da Bda podem fazer com que a penetração seja atacada frontalmente.

(7) Organização para o combate - O Cmt ao organizar a Bda para o combate, visando ao desencadeamento do C Atq, deve considerar:

(a) os remanescentes das tropas amigas existentes dentro da área penetrada, normalmente, integram a reserva durante a execução do contra ataque; e

(b) as forças que bloqueiam a penetração. Essas forças podem estar em uma das seguintes situações:

1) permanecer sob o controle da unidade a que estavam subordinadas anteriormente: tal situação proporciona vantagem de manter as unidades integradas a seus comandos normais, sem as dificuldades inerentes à mudança de subordinação; e

2) passar ao controle operacional da F C Atq: nesse caso, além do apoio normal da ultrapassagem, tais unidades podem receber missões específicas e limitadas que contribuam para o êxito do C Atq.

(8) O apoio aerotático e da AAAe são necessários para assegurar a liberdade de movimento da reserva. A Bda deve ter superioridade aérea local, a fim de impedir a interferência aérea inimiga sobre a força de C Atq e para desorganizar e retardar qualquer deslocamento de reforços inimigos para o interior da penetração.

(9) A localização da reserva é fundamental para o seu emprego efetivo. Deve estar posicionada de maneira que possa atuar com oportunidade e a uma profundidade adequada para ficar protegida, bem como para evitar seu emprego prematuro.

(10) Valor da reserva

(a) A força que realiza o C Atq deve ter um valor compatível com a área penetrada e com o próprio valor das forças inimigas no interior dessa área. Os CC são fundamentais para o êxito do C Atq.

(b) Em condições ideais, seu valor deve ser superior ao do inimigo que penetrou, embora seja admissível realizar um C Atq com uma força numericamente inferior à do inimigo, porém com um poder de combate que lhe seja superior. Deve-se considerar, ainda, que o inimigo, no interior da penetração, está com seus elementos distendidos, voltados para várias direções e desgastados. Além disso, a F C Atq tem seu poder de combate acrescido pelo apoio prestado pelas forças de bloqueio, pela perfeita sincronização entre todos os sistemas operacionais, pela surpresa, pelos ataques de flanco, pela velocidade e pela execução violenta.

(c) No C Atq para restabelecer o LAADA, deve-se considerar a necessidade de meios para a reocupação dos núcleos defensivos submergidos.

(d) A combinação de meios terrestres e aéreos torna o C Atq mais eficaz.

(11) Em algumas situações, o Cmt Bda pode concluir que não possui razoável probabilidade de sucesso no C Atq. Quando a Bda não puder contra-atacar com sucesso, o Cmt emprega seus meios para conter ou retardar a força inimiga, a fim de permitir a intervenção do Esc Sp. Uma vez que a Bda tenha

perdido ou esteja ameaçada de perder suas possibilidades de contra-atacar, informa, imediatamente, tal situação ao Esc Sp.

(12) Uma vez desencadeado, o C Atq torna-se o esforço principal e recebe a prioridade dos apoios disponíveis para obter o êxito. Após cumprida a missão, a força de C Atq, normalmente, retorna às suas posições originais ou alternativas, como reserva. Entretanto, pode receber a missão de ocupar e defender a área restabelecida ou de aproveitar o êxito obtido.

k. Durante a conduta de defesa, o comandante considera a possibilidade de executar um C Atq de desorganização. A finalidade deste é destruir parte da força inimiga, desorganizá-la, retardá-la ou impedir ao inimigo a observação e a vigilância terrestre sobre a área defendida.

l. Outras considerações

(1) Atacar um objetivo de cada vez com o máximo de apoio de fogo disponível.

(2) Planejar e ensaiar o C Atq determinando os tempos de deslocamento da reserva da sua Z Reu até as áreas de provável emprego, os itinerários de deslocamento e os objetivos.

(3) Atacar os flancos e a retaguarda do inimigo tirando máximo proveito do terreno e da visibilidade limitada.

(4) Coordenar os fogos, estabelecendo as medidas de coordenação de apoio de fogo necessárias ao C Atq, visando a máxima eficácia dos fogos e evitar o fratricídio, protegendo a força de C Atq.

ARTIGO III

DEFESA DE ÁREA

6-18. GENERALIDADES

a. A defesa de área tem por objetivo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica. É a forma de manobra defensiva que tira o máximo de proveito dos obstáculos existentes, reduz a possibilidade do ataque noturno ou da infiltração e força o atacante a empregar o máximo poder de combate para romper a posição defensiva.

b. A Bda C Mec estabelece uma defesa de área quando isto lhe for especificamente ordenado ou quando condições do terreno ou da missão impuserem esta forma de manobra. Deve-se considerar, todavia, que a Bda C Mec não estará otimizando o aproveitamento de suas características de mobilidade, potência de fogo e flexibilidade ao conduzir uma defesa de área.

6-19. FORÇAS NA ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

a. Generalidades - As forças na área de defesa avançada organizam-se em núcleos defensivos. Estes núcleos devem dispor de bons campos de tiro e condições naturais de defesa. Cada núcleo de defesa é organizado em determinado número de posições. As forças dessas posições devem estar apoiadas mutuamente pelo fogo, dispostas em largura e em profundidade e organizadas para a defesa em todas as direções. Os núcleos de defesa são distribuídos em profundidade visando:

(1) proporcionar apoio mútuo;
(2) limitar penetrações inimigas nas áreas avançadas;
(3) diminuir os efeitos do fogo inimigo;
(4) proporcionar continuidade para a defesa; e
(5) manter posições, a partir das quais os C Atq possam ser lançados.

b. Organização da área de defesa avançada

(1) O Cmt Bda designa as Z Aç, estabelecendo limites e responsabilidades. Estes limites são prolongados para a frente, até o limite do alcance útil das armas de apoio e para a retaguarda, até incluir o local das reservas dos elementos subordinados. Os intervalos entre os núcleos de defesa são cobertos por fogos e obstáculos. O dispositivo e os fogos são coordenados entre as unidades vizinhas pelo estabelecimento de pontos limite.

(2) São atribuídas Z Aç aos elementos subordinados, de tal modo que uma via de acesso e os acidentes capitais que a controlam sejam designados para um mesmo elemento. Isto proporciona unidade de comando para a defesa em tais locais críticos. Os limites entre as Z Aç são localizados em regiões de fácil identificação. Deve-se considerar a conformação topotática do terreno para a definição de limites.

(3) As características defensivas do terreno são melhoradas ao máximo possível, de acordo com o pessoal, o armamento, o material e o tempo disponível, podendo incluir:

(a) a construção de tocas e espaldões para proteção da tropa, armamento e viaturas;
(b) o lançamento de campos de minas e obstáculos de arame;
(c) a construção de obstáculos artificiais;
(d) a proteção dos postos de comando e postos de observação;
(e) a designação de posições alternativas para as armas;
(f) a construção de falsos espaldões;
(g) a melhoria da camuflagem;
(h) a limpeza dos campos de tiro e de vistas; e
(i) a proteção das instalações de suprimento.

6-20. FORÇAS DE SEGURANÇA

a. Os PAC são forças de segurança instaladas e controladas pela Bda ou por suas unidades da ADA. Sua localização deve permitir que eles sejam apoiados pelos fogos dessas unidades.

b. Os PAC alertam, oportunamente, sobre a aproximação do inimigo e impedem sua observação terrestre aproximada e seus tiros diretos sobre a ADA. Dentro do possível, devem dispor de meios que permitam desgastar e retardar o inimigo.

c. O Cmt pode estabelecer os PAC empregando elementos da reserva ou das forças da ADA. Seu valor e composição variam, em uma zona de ação de regimento, de um pelotão reforçado a uma subunidade reforçada (ou força-tarefa valor subunidade), dependendo da situação. Os PAC desdobram-se no terreno em um dispositivo linear com uma série de postos de vigilância.

d. Em situação normal, os PAC são controlados e guarnecidos pelos Rgt de primeiro escalão. Quando estiverem localizados além da distância de apoio das armas das unidades da ADA, houver pouco tempo para a preparação da P Def ou os regimentos de primeiro escalão estiverem com meios insuficientes, os PAC poderão ser controlados pela Bda, que utilizar-se-á de sua reserva para guarnecê-los.

e. Quando a Bda estiver enquadrada por um comando divisionário, normalmente a linha dos PAC será prescrita por esse comando.

f. A Bda C Mec pode constituir ou integrar os PAG de uma DE.

6-21. RESERVA

a. A reserva é constituída pelas unidades não empregadas e mantidas sob controle direto da Bda. É o principal meio pelo qual o comandante influencia na batalha defensiva e retoma a iniciativa.

b. As missões normais da reserva na defesa de área são:

(1) contra-atacar para restabelecer o LAADA;
(2) auxiliar no desengajamento de forças
(3) aprofundar a defesa;
(4) reforçar unidades pressionadas;
(5) substituir elementos da ADA;
(6) manter regiões importantes do terreno;
(7) proporcionar segurança aos flancos e a retaguarda;
(8) agir ofensivamente contra guerrilheiros, pára-quedistas, elementos infiltrados, forças aeromóveis e aeroterrestres, quando o poder de combate do inimigo extrapolar as possibilidades da Força de DEFAR; e
(9) guarnecer os PAC, quando estiverem sob controle da Bda.

c. Em princípio, a reserva será de valor Rgt. O RCB, pelas características de ação de choque, proteção blindada e mobilidade, é a unidade da Bda C Mec com maior aptidão para integrar a reserva.

d. A reserva deverá ser localizada onde possa melhor atender a conduta da defesa, levando-se em consideração, particularmente, a facilidade de movimentos e a provável direção de orientação da maioria de meios do inimigo.

6-22. CONDUTA DA DEFESA

a. A defesa de área tem em vista manter a posse do terreno por um período de tempo. As F Seg depois de acolhidas, recebem outras missões no conjunto da defesa.

b. A missão das unidades na ADA é deter o inimigo à frente do LAADA e não permitir qualquer penetração. Isto é obtido pela utilização dos fogos terrestres e aéreos disponíveis e dos obstáculos.

c. Se o inimigo for bem sucedido ao realizar uma penetração na ADA, ultrapassando ou desbordando uma posição organizada, sua progressão é bloqueada por outra posição organizada em profundidade ou pelo emprego de reservas locais. Quando a penetração tiver sido contida, diminuída no seu ímpeto ou desorganizada, a reserva da Bda ataca para restabelecer o LAADA.

d. As posições avançadas somente são evacuadas com a aprovação do Esc Sp. O LAADA deve ser mantido e os planos devem incluir instruções pormenorizadas para reduzir o ímpeto da progressão do inimigo, antes do lançamento do C Atq. Os planos de C Atq devem visualizar a ação das reservas dos escalões subordinados, que tem, particularmente, a missão de conter as penetrações inimigas. Dessa forma, elas atuam normalmente como forças de contenção e como uma base de fogos, enquanto a reserva da Bda executa o C Atq.

e. A finalidade do C Atq é destruir ou recalcar o inimigo e restabelecer a posição defensiva. A conduta da defesa deve ser agressiva, por esta razão, o C Atq é um elemento decisivo no combate defensivo. A execução dos C Atq segue os mesmos princípios e normas empregados na defesa móvel. Entretanto, na defesa de área, o C Atq normalmente é executado dentro da ADA, para reduzir uma penetração inimiga e restabelecer o LAADA.

f. O **Anexo E** deste manual apresenta um exemplo de decisão de um esquema de manobra da Bda C Mec na defesa de área.

6-23. A BRIGADA COMO RESERVA

Na defesa de área conduzida por uma DE, a Bda C Mec pode ser empregada na reserva com a missão de conduzir operações contra ataques aeroterrestres, aeromóveis, infiltrações, ações de forças irregulares e realizar as ações dinâmicas da defesa. (Ver o parágrafo 6-33, naquilo que for aplicável).

ARTIGO IV

DEFESA MÓVEL

6-24. GENERALIDADES

a. A defesa móvel é a defesa em uma área ou em uma série de posições dispostas em largura e em profundidade, em que a manobra, coordenada com os fogos e a utilização do terreno, é empregada para destruir o inimigo. A defesa móvel não visa defender o terreno como tal, mas é conduzida de modo a manter a integridade da força defensiva e a não conceder ao inimigo seus objetivos decisivos de ataque. A defesa móvel faz o máximo emprego do poder de combate móvel das unidades blindadas e mecanizadas. É uma defesa ativa que emprega ações ofensivas e de retardamento, assim como medidas defensivas, visando manter a capacidade ofensiva.

b. A figura 6-7 mostra o esquema de manobra de um DE realizando uma defesa móvel típica com a Bda C Mec realizando a força de fixação.

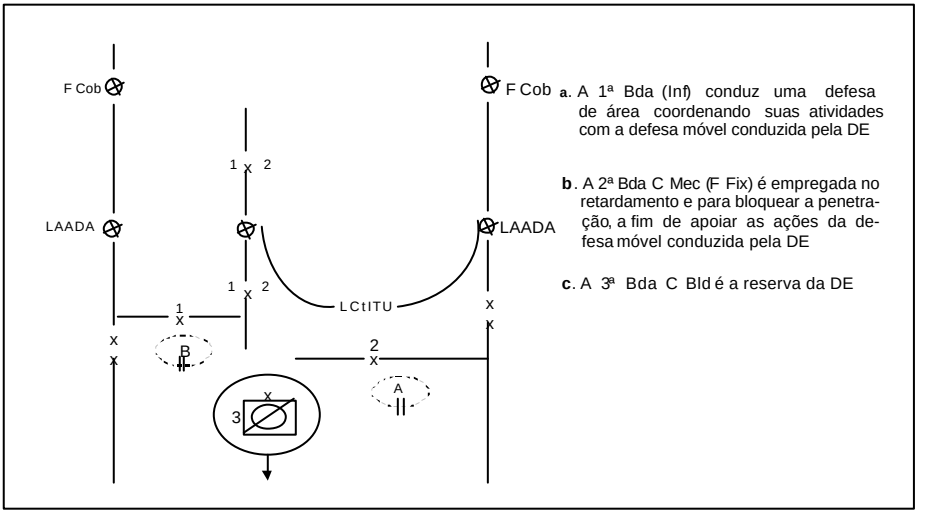


Fig 6-7. Bda C Mec participando de uma defesa móvel no âmbito de uma DE, como força dde fixação

6-25. FORÇAS DE SEGURANÇA

a. As F Seg na defesa móvel podem incluir F Cob, PAG, PAC, postos de escuta, patrulhas, flancoguardas e forças de segurança de área de retaguarda.

b. Postos avançados gerais - A DE organiza e controla, normalmente, os PAG a fim de interceptar, engajar, retardar, desorganizar, canalizar, iludir e desgastar o poder de combate do inimigo antes que ele possa atacar. A missão

precípua dos PAG é a de retardar o inimigo à frente do LAADA por um prazo determinado. Quando este tempo não for fixado, a força dos PAG executa o máximo retardamento possível. Os PAG provêem segurança ao Esc Sp pela observação, pelo reconhecimento, por meio de ações ofensivas e defensivas ou, ainda, pela combinação destas ações. As ações da Bda C Mec, quando em PAG, são essencialmente as mesmas de uma força de cobertura. Salvo quando os PAG gerais têm a missão de manterem-se por um prazo definido, eles iniciam seu retraimento tão logo tenham conhecimento de que uma força inimiga superior esteja desdobrada para agir e haja possibilidade de um engajamento decisivo. A ação em cada posição de retardamento é executada com a finalidade de canalizar, tanto quanto possível, o ataque do inimigo e obrigá-lo a desdobrar o maior número de unidades. Se ocorrer que a DE tenha tempo de preparar sua defesa e não necessite de um prazo maior, os PAG podem receber a missão de estabelecer uma cortina de vigilância à frente do LAADA.

c. Postos avançados de combate - Quando a DE conduz uma defesa móvel, nem sempre determina o estabelecimento de PAC, devido, em particular, ao número limitado de unidades destinadas à ADA. Normalmente, somente as unidades com a missão de defender estabelecem PAC. Aquelas que tem como missão retardar podem empregar postos de observação e de escuta à frente do LAADA, ao invés de PAC.

6-26. A BRIGADA COMO FORÇA DE FIXAÇÃO

a. Generalidades

(1) As forças de fixação são constituídas pelos elementos localizados na ADA de uma defesa móvel com a missão de: retardar, desorganizar e infligir a máxima destruição ao inimigo; forçá-lo a emassar-se, por ações ofensivas ou defensivas; e canalizá-lo para uma área apropriada ao C Atq do Esc Sp.

(2) As forças de fixação cumprem suas missões desdobrando forças de segurança, ocupando posições de bloqueio, realizando ações ofensivas limitadas, bem como ações de retardamento. Posições de bloqueio são áreas organizadas para a defesa em todas as direções e localizadas ao longo do LAADA e em profundidade, cobrindo as VA do inimigo para o interior da posição defensiva. As forças que ocupam uma posição de bloqueio não têm, necessariamente, que manter sua posição inicial. Realizam ações ofensivas e de retardamento, a fim de forçar o inimigo a se emassar, apresentando um alvo compensador e dando tempo suficiente para o emprego das forças de C Atq.

b. Considerações de planejamento - Quando a Bda recebe a missão de força de fixação na defesa móvel, o Cmt planeja e organiza a Bda de modo a tirar toda a vantagem do terreno. Conseqüentemente, um completo reconhecimento da Z Aç é realizado, incluindo a seleção de acidentes capitais que dominam as VA do inimigo e dos itinerários para o movimento das forças defensivas entre as posições e entre a área da reserva e a ADA. Este reconhecimento deve ser realizado tendo em vista a oposição aos possíveis ataques de blindados inimigos. Todo o apoio de fogo disponível deve ter seu planejamento integrado

e sincronizado. Os C Atq, o emprego de fumígenos, de fogos e de barreiras são planejados sincronizadamente. O planejamento da força de fixação deve ser suficientemente flexível para evoluir de acordo com a atuação do inimigo.

c. Organização do terreno - A eficiência da Bda na defesa móvel depende de sua aptidão para manobrar os elementos subordinados rapidamente e para conduzir sua potência de fogo emassada contra o inimigo. A preparação dos itinerários de C Atq no interior e à frente da posição defensiva e dos itinerários entre posições sucessivas, juntamente com a melhoria dos campos de tiro, assumem alta prioridade. As posições de bloqueio são organizadas em profundidade e reforçadas pela construção de obstáculos. Entretanto, todo o cuidado deve ser tomado a fim de que nenhum obstáculo seja construído de modo a interferir o livre movimento da reserva ou da força de fixação. Fumígenos podem ser empregados para proteger flancos ou dificultar o acesso inimigo a áreas críticas.

d. Conduta da força de fixação

(1) Após o acolhimento da F Seg, a força de fixação se prepara para deter ou diminuir o ímpeto do ataque inimigo, dependendo da missão específica imposta pelo comandante. A massa de fogos disponíveis é concentrada sobre o inimigo para desorganizar e deter seu ataque, bem como para forçá-lo a se emassar.

(2) O plano de defesa pode conter prescrições estabelecendo que as forças ocupantes de certas posições de bloqueio, quando atacadas, possam retrair para posições alternativas, a fim de possibilitar a aplicação mais eficiente de um C Atq planejado. As forças que ocupam posições de bloqueio, devem proporcionar o tempo suficiente à reserva para lançar seu C Atq. Elas podem receber a missão de manter a posição, a fim de forçar o inimigo a se emassar e apresentar um alvo compensador.

(3) A reserva da Bda C Mec pode ser empregada para reforçar posições de bloqueio, ocupar outras posições ou conduzir C Atq contra objetivos limitados e de desengajamento, integrando ou não a reserva do Esc Sp.

e. O **Anexo F** deste manual apresenta o exemplo de redação de decisão e um esquema de manobra de uma Bda C Mec na defesa móvel, como força de fixação.

6-27. A BRIGADA COMO RESERVA

a. Conceitos

(1) Reserva - É a totalidade dos meios não empregados inicialmente na ADA e conservados sob controle do Cmt, para emprego em ocasião oportuna. (Conceito aplicável, também, para a defesa de área)

(2) Força de contra-ataque - É a totalidade dos meios empregados, dinâmica ou estaticamente, nas ações de C Atq, inclusive meios de apoio de fogo, de engenharia, de guerra eletrônica e de aviação. (Conceito aplicável, também, para a defesa de área)

(3) Força de choque - É o conjunto de meios dotados de elevado poder de choque, empregados dinamicamente no C Atq para destruir o inimigo, podendo ser integrada não apenas por elementos da reserva divisionária, como também por elementos de outras forças subordinadas à divisão.

b. Generalidades

(1) A reserva, que deve ser forte em CC, tem como missão precípua destruir o inimigo pela ação ofensiva na frente, no interior ou à retaguarda da ADA. A força de choque deve estar preparada para participar do C Atq (e conduzi-lo, se for o caso) onde quer que o inimigo apresente uma oportunidade. (Fig 6-8)

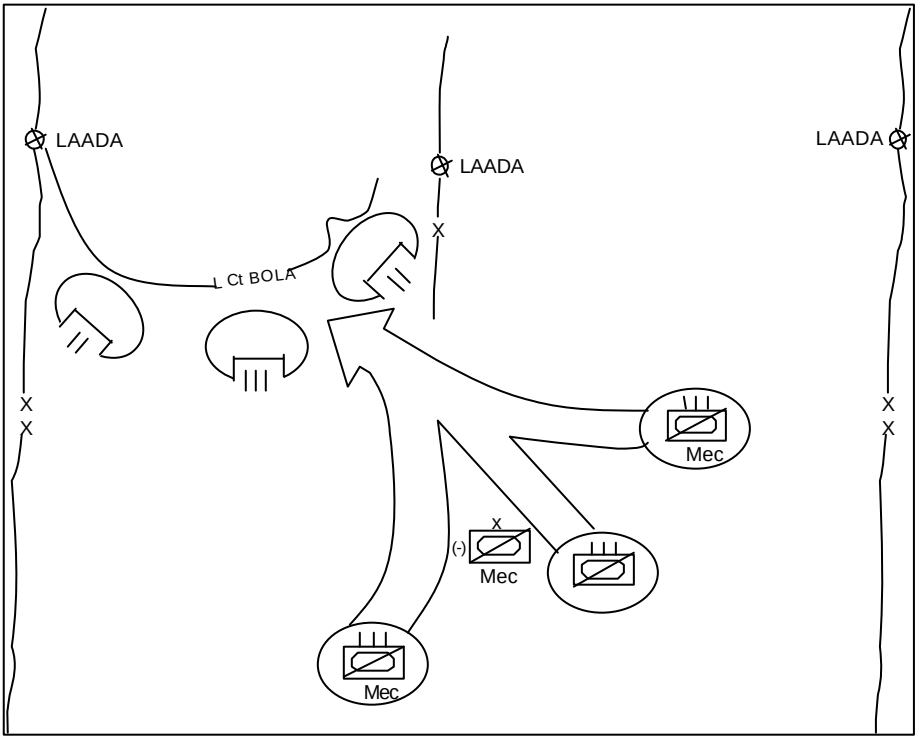


Fig 6-8. A Bda C Mec como força choque de uma DE realiza um C Atq, numa defesa móvel

(2) A reserva é localizada de modo a poder deslocar-se rapidamente para qualquer parte da área de defesa. Elementos da reserva podem ser solicitados a ocupar posições de bloqueio, a fim de auxiliar o estabelecimento de condições favoráveis ao ataque decisivo pela força de C Atq.

(3) O Cmt Bda C Mec, quando em reserva, prepara planos detalhados de C Atq baseados na diretriz do Cmt da divisão e nos planos básicos. Dependendo do tempo disponível, devem ser feitos reconhecimentos minucio-

sos de itinerários e de áreas de C Atq, pelos Cmt subordinados, bem como realizados ensaios. Planos de apoio de fogo são preparados para apoiar cada plano de C Atq.

c. Considerações de planejamento

(1) O C Atq de destruição é a chave do sucesso da defesa móvel. É confeccionado um planejamento separado para o C Atq na mais importante penetração inimiga. A DE baixa diretriz contendo, no mínimo, a indicação da área prevista para a penetração inimiga e a prioridade de preparação de planos para cada previsão feita. Planos detalhados são desenvolvidos pelo Cmdo da Bda.

(2) É estabelecida uma prioridade para a preparação destes planos, de acordo com o efeito que cada penetração deve ter na missão da divisão e a devida consideração dos fatores da decisão. Cada plano inclui ordens preparatórias para a reserva, a fim de cobrir a eventualidade de penetrações secundárias em outras VA, que podem ocorrer simultaneamente com uma penetração principal. O planejamento deve prever que um mínimo de tempo deve ocorrer entre a decisão de lançar o C Atq e o momento de sua execução. Planos pormenorizados de apoio de fogo são preparados para cada plano de C Atq. Tais fogos são sincronizados com o esquema de manobra. Os planos de C Atq devem ser disseminados a todos os escalões subordinados, em tempo que permita um completo estudo de situação e um reconhecimento minucioso pelos comandantes subordinados. Os planos devem prever a transmissão à reserva das informações sobre o inimigo, logo que disponíveis.

d. Formação - As considerações que se prestam à determinação das formações a serem empregadas incluem: a missão, o terreno, os dispositivos amigo e inimigo no momento do C Atq, o valor e a composição da F C Atq, as restrições impostas pelas medidas de controle e o tempo disponível. Normalmente, o C Atq é realizado em uma frente estreita, com o máximo de profundidade, para manter a impulsão. As mesmas considerações que determinam as formações para a ofensiva se aplicam no caso do C Atq na defesa móvel.

e. Conduta do contra-ataque

(1) Quando o Cmt DE está convicto de que a força de fixação que ocupa as posições de bloqueio (sejam elas as principais, alternativas ou suplementares) é capaz de cumprir sua missão sem necessidade de reforço, emprega a totalidade de sua reserva para realizar o C Atq. A finalidade é a destruição do inimigo e não o restabelecimento da posição. Surpresa, audácia, rapidez e violência na execução são as principais características de um C Atq destinado a ter êxito. Os C Atq são apoiados com o máximo de fogos-terrestres e aéreos.

(2) Normalmente, o C Atq é lançado contra um objetivo limitado. O ideal é que incida sobre o inimigo à frente do LAADA após a força de fixação tê-lo forçado a se emassar. Os objetivos selecionados para o C Atq são escolhidos sobre acidentes de terreno perfeitamente identificáveis. A conquista destes objetivos deve concretizar a finalidade mencionada acima, a destruição do inimigo. Os objetivos só coincidentemente são relacionados com as posições previamente ocupadas. A conquista do terreno destinado a restabelecer o LAADA não é válida como um objetivo, a não ser que a retomada de tais posições

contribua para a destruição do inimigo. Como regra geral, o C Atq se situa-se dentro do alcance da artilharia em apoio. Entretanto, se a situação e o tempo permitirem, a artilharia pode deslocar-se para posições de manobra, de acordo com planos previamente preparados, que podem ser alterados para fazer face a situações específicas. Se possível, o C Atq é lançado antes que o inimigo tenha tido oportunidade de ganhar impulsão no ataque. Deste modo, se as informações indicarem que o inimigo está se reunindo para o ataque e as condições forem favoráveis, o C Atq pode ser lançado contra esta posição. As limitações quanto à profundidade do C Atq não impedem a F C Atq de procurar oportunidades para destruir reservas e elementos de apoio do inimigo.

(3) Normalmente, a reserva é empregada, na força de choque, como um todo, para dar um golpe decisivo. O emprego parcelado é evitado.

(4) Caso o inimigo obtenha sucesso ao efetuar penetrações múltiplas na ADA da DE, pode ser necessário fazer face a estas penetrações simultaneamente. Em tais casos, a ameaça maior deve ser determinada e a F C Atq empregada para destrui-la. Para conter as ameaças secundárias, pode ser necessário empregar uma parte da reserva ou de elementos de apoio para reforçar outro elemento da DE e auxiliar na contenção do inimigo. Essa divisão de forças, destinadas a fazer face a penetrações múltiplas não é considerada emprego parcelado da reserva.

6-28. APOIO DE COMUNICAÇÕES E GUERRA ELETRÔNICA

a. Para manter-se informado da situação, comandar e controlar as ações de seus elementos subordinados, o Cmt Bda C Mec planeja e estabelece um sistema de comunicações. Todos os meios de comunicações são empregados, dentro de suas possibilidades e de acordo com as normas apropriadas, visando particularmente à segurança e ao sigilo da operação.

b. Na defesa de área, o fio é o principal meio de comunicações. Quando a Bda conta com adequadas comunicações por fio, o rádio deve ficar em silêncio. Todavia, as redes de rádio permanecem na escuta, uma vez que a comunicação por fio pode ser interrompida ou tornar-se inadequada para a situação. O emprego do rádio é, normalmente, restrito, exceto durante os períodos de contato com o inimigo. Meios visuais podem ser utilizados na defensiva, para a identificação de unidades amigas, para pedidos de abertura e cessação de apoio de fogo e para facilitar a execução dos planos de C Atq.

c. Dependendo do tempo disponível, a ligação por meio fio pode ser estendida aos PAC. Caso isto se concretize, os planos de comunicações devem prescrever medidas para o efetivo recolhimento das linhas após o retraimento daqueles postos, ou mesmo prever ligações alternativas caso ocorra uma interrupção no sistema por fio.

d. Numa situação de defesa móvel, é dada prioridade às comunicações pelo sistema de rádio.

e. Os meios de GE, se disponíveis, devem ser empregados para detectar

atividades inimigas tão à frente quanto possível e empregar CME contra as comunicações do inimigo. O Cmt Bda designa o esforço principal. A interferência deve ser dirigida contra os elementos de reconhecimento, de comando e controle e da rede de controle de fogos do inimigo.

6-29. APOIO DE FOGO

a. A Bda C Mec prepara PAF integrados à matriz de sincronização para apoiar o esquema da defesa. Incluem prescrições sobre fogos de longo alcance destinados a atingir áreas com objetivos de interesse, a bater o inimigo tão cedo quanto possível visando reduzir seu poder de combate e sua velocidade, desorganizá-lo e forçá-lo a se desdobrar, e fogos em apoio imediato às forças da posição defensiva. Prescrições específicas são feitas para a prestação de apoio de fogo aproximado às forças de segurança, às forças de área de defesa avançada e à reserva, quando empregada.

b. Helicópteros de ataque, quando disponíveis, podem fornecer apoio de fogo direto em áreas que não possam ser batidas por outros fogos. O Ap Ae pode ser necessário quando os alvos estão além do alcance ou das possibilidades de outros meios de apoio de fogo.

c. O fogo naval, quando disponível, fornece um considerável volume de fogo.

d. O apoio de fogo é planejado e empregado nas seguintes condições:

(1) nas regiões favoráveis à observação por parte do inimigo;

(2) para iluminar ou reduzir a visibilidade do campo de batalha;

(3) visando cobrir desengajamentos, movimentos e C Atq;

(4) nas VA cobertas e abrigadas e as faixas do terreno favoráveis à infiltração;

(5) nas regiões favoráveis às posições de assalto do atacante;

(6) em VA onde o movimento é canalizado;

(7) para fechar brechas e trilhas abertas nos obstáculos;

(8) para suprimir a defesa AAe do inimigo;

(9) em áreas com objetivo de interesse; e

(10) normalmente, o regimento designado para o esforço principal e a reserva, quando empregada, têm a prioridade de fogos.

e. Defesa antiaérea - Durante a preparação da posição defensiva devem ser considerados os elementos que preparam as posições e os obstáculos no estabelecimento da prioridade de D AAe. Após a preparação, devem ser considerados o PC, a reserva, a artilharia, a logística, regiões de passagem obrigatória, rotas de aproximação aérea e outros pontos críticos, de acordo com a situação.

6-30. APOIO DE ENGENHARIA

a. A missão genérica da engenharia de combate, orgânica da Bda, é a de apoiar, particularmente por meio de trabalhos técnicos, os elementos de manobra da Bda e a Bda como um todo. Na defesa, este apoio visa a aumentar o poder combativo da Bda, especialmente por intermédio de trabalhos de contramobilidade, além da proteção e da mobilidade.

b. Uma das atividades de engenharia, na defesa, é a de prover assessoramento e assistência na formulação e execução do plano de barreiras. As barreiras são utilizadas pelo Cmt para retardar ou canalizar o avanço do inimigo para uma área onde seja mais vulnerável aos fogos e para permitir a destruição do mesmo por meio de uma ação ofensiva. A utilização de barreiras incluindo o emprego de fumígenos, concorre para ganhar tempo. O plano de barreiras é coordenado pelo Esc Sp, para evitar interferência nas operações futuras, e preparado como um anexo ao plano ou à ordem de operações. O Cmt da engenharia orgânica coopera na formulação deste plano e na sua execução. Para isso, trabalha em íntima ligação com os elementos do EM da Bda e sob a orientação do seu Cmt. Nesse planejamento, é levado em consideração a realização do grosso dos trabalhos sob a responsabilidade dos elementos que vão ocupar a posição, cabendo à engenharia a execução dos obstáculos que exijam uma técnica mais apurada ou equipamentos especializados. A engenharia prepara destruições importantes, lança campos de minas e executa o agravamento mecânico dos obstáculos. Compete aos regimentos o preparo dos núcleos defensivos. Os núcleos de aprofundamento podem ser preparados pela engenharia, quando a tropa prevista para ocupá-los estiver empenhada em outra missão. Os elementos de primeiro escalão contam com a colaboração da engenharia, no preparo de seus núcleos em terreno difícil.

c. A engenharia tem ainda o encargo de manter condições de trânsito nas estradas e pistas necessárias à manobra e que não estejam sob a responsabilidade da engenharia do Esc Sp. A ênfase é manter e melhorar o sistema viário existente. Nos C Atq, a engenharia auxilia o movimento da reserva da Bda, realizando os trabalhos de abertura de passagens em obstáculos. A engenharia da Bda realiza outros trabalhos de fortificações (postos de comando, postos de observação, instalações etc.) e presta assistência em todas as medidas concernentes à camuflagem.

d. Nos trabalhos de proteção a engenharia presta assistência ou realiza trabalhos construindo abrigos para tropas, viaturas e armamentos.

e. A Bda pode colocar elementos de engenharia em apoio as seus Rgt ou FT. Em geral, antes do inimigo abordar a posição defensiva, a engenharia trabalha como um todo, em proveito do conjunto da Bda, particularmente no estabelecimento de obstáculos especiais do sistema de barreiras. Após esse abordagem, a engenharia pode ter pelotões em apoio aos elementos de primeiro escalão. Os demais meios, na situação do apoio ao conjunto, ficam em condições de apoiar as ações dinâmicas da defesa e, em determinadas circunstâncias, continua os trabalhos do sistema de barreiras, localizados no interior da posição.

f. Quando a engenharia da Bda é insuficiente para atender seus encargos, a engenharia do Esc Sp pode fornecer-lhe o apoio necessário. Neste caso, as formas de emprego mais indicadas para o Esc Sp apoiar a companhia de engenharia da Bda são:

(1) o apoio suplementar específico, particularmente relativos à organização de sua posição defensiva; e

(2) o reforço em pessoal e material.

g. Orientação para o emprego de obstáculos:

(1) os obstáculos devem ser continuamente observados e cobertos por fogos diretos e indiretos e protegidos por elementos específicos, particularmente, durante os períodos de visibilidade reduzida;

(2) o reforço de obstáculos naturais reduz o tempo de preparo e tem maior eficácia;

(3) os obstáculos não devem dificultar os movimentos do defensor;

(4) os obstáculos devem ser dispostos em profundidade, distantes entre si o suficiente para forçar novos desdobramentos do inimigo;

(5) campos de minas de proteção improvisados podem ser usados por pequenos períodos ou para missões específicas. Devem ser lançados sem levar em consideração padrão ou densidade e as minas serem de fácil detecção e remoção; e

(6) os obstáculos devem surpreender o inimigo. Para isso devem ser desenfiados, camuflados ou simulados.

6-31. INTELIGÊNCIA

Nas operações defensivas os radares de vigilância terrestre são posicionados o mais à frente possível para prover o alerta antecipado e a localização do inimigo, inclusive nos flancos da posição. Seu emprego é eficaz durante os períodos de visibilidade limitada.

6-32. EMPREGO DE FUMÍGENOS

a. Deve constar dos planos de operações o emprego dos agentes fumígenos sincronizado com os fogos, as barreiras e com a manobra defensiva. As concentrações de agentes fumígenos são empregadas com eficiência para cooperar na destruição, na canalização ou no retardamento do inimigo.

b. Os fumígenos são utilizados para ocultar as operações do defensor das vistas do inimigo, cegar os seus PO, dificultar a sua manobra, impedir a observação aérea e as operações aerotáticas. Entretanto, seu emprego não deve prejudicar as ações das forças de defesa.

ARTIGO V

TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS NA DEFENSIVA

6-33. GENERALIDADES

Existe um espectro de variação entre as formas de manobra “defesa móvel” e “defesa de área”. Dentro desse espectro, em muitas situações, para tirar maior proveito de um determinado terreno ou para melhor explorar as características de sua tropa, o Cmt poderá adotar táticas e técnicas especiais da defensiva.

6-34. DEFESA ELÁSTICA

a. Generalidades

(1) A defesa elástica é uma técnica que admite a penetração do inimigo em uma região selecionada da ADA, para, em seguida, emboscá-lo e atacá-lo pelo fogo ao longo de todo seu dispositivo. A posição é ocupada por tropas desdobradas em profundidade, para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga.

(2) A adoção de uma defesa elástica está condicionada, preponderantemente, às características do terreno. Pode ser empregada, por exemplo, quando o terreno dificultar a defesa junto ao LAADA e permitir, em boas condições, o bloqueio do Ini em profundidade. Deve permitir o estabelecimento de áreas de engajamento, sem contudo indicar a realização de uma defesa móvel.

b. Área de engajamento (AE)

(1) É uma área crítica, selecionada ao longo das VA do inimigo, onde suas formações de ataque tornam-se, particularmente, vulneráveis ao efeito dos fogos diretos e indiretos. Uma AE deve dispor de posições de tiro e de observação que permitam otimizar o poder de destruição dos fogos. Deve contar, ainda, com obstáculos naturais e artificiais para reduzir o mobilidade do inimigo.

(2) A preparação de uma AE segue os seguintes passos:

(a) visualizar o ataque inimigo;

(b) selecionar “onde” e determinar “como” o inimigo será destruído;

(c) preparar obstáculos para apoiar a realização dos fogos diretos;

(d) planejar os fogos indiretos; e

(e) posicionar as forças para destruir o inimigo pela realização de fogos.

(3) As dimensões de uma AE, no contexto da defesa elástica, devem ser tais que permitam que os fogos dos núcleos de defesa e das armas de apoio tenham condições de destruir o inimigo que penetrou a ADA. Deve ser compatível com o escalão considerado e com o poder de combate da força inimiga.

c. Considerações sobre a defesa elástica

(1) Na defesa elástica, normalmente, a destruição do inimigo é obtida pela concentração dos fogos de todas as armas sobre uma AE. Podem ser planejados C Atq contra os flancos ou contra a retaguarda do inimigo.

(2) Há necessidade de um grande poder de fogo, principalmente, de armas anticarro, artilharia, metralhadoras, aerotático e de helicópteros.

(3) Explora o combate em toda o profundidade da ADA, tirando o máximo proveito do terreno e da surpresa.

(4) O inimigo deve ser canalizado para o interior da ADA, onde será destruído pelo fogo dos núcleos de defesa, da artilharia e armas de apoio em uma área de engajamento. Deve-se buscar a separação dos fuzileiros e dos carros de combate inimigos, facilitando a destruição do inimigo por partes.

(5) O sucesso na condução da defesa elástica depende, em grande parte, da habilidade em selecionar e preparar uma AE.

d. A Bda C Mec na Defesa Elástica - A Fig 6-9 apresenta um exemplo dessa técnica.

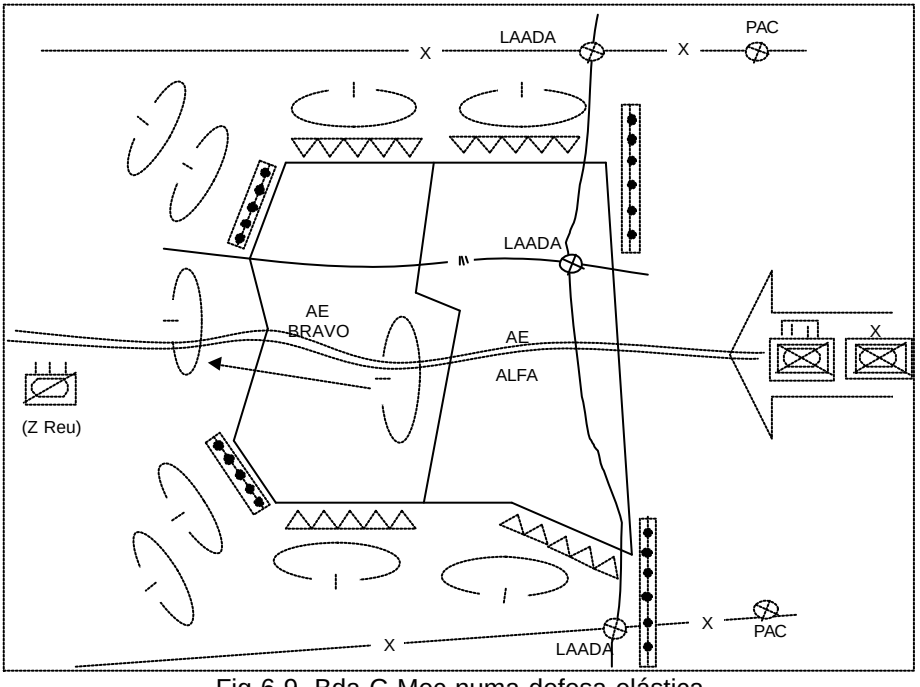


Fig 6-9. Bda C Mec numa defesa elástica

(1) A defesa elástica é conduzida, normalmente, na seguinte seqüência:

(a) acolhimento dos elementos da força de segurança e canalização da força inimiga para as AE;

(b) destruição pelo fogo da força inimiga nas AE; e

(c) contenção da força inimiga nas AE, através de C Atq, impedindo que saia das áreas de engajamento ou desborde a posição defensiva.

(2) A posição defensiva deverá ser estabelecida de forma que o inimigo seja canalizado para o interior das AE. Essa canalização poderá ser obtida:

(a) pelo emprego de obstáculos artificiais e pelo aproveitamento de obstáculos naturais;

(b) pelo posicionamento dos núcleos de defesa; e

(c) pela ação das forças de segurança à frente do LAADA.

(3) O posicionamento dos núcleos defensivos deverá permitir o bloqueio do inimigo no interior da AE. O valor da força inimiga deve ser compatível com o poder de combate da Bda C Mec.

(4) A destruição do inimigo será realizada pelos fogos dos núcleos de defesa, pelos fogos indiretos da artilharia e dos morteiros e pelos fogos das aeronaves de apoio aerotático e helicópteros da aviação do exército sobre a área de engajamento. Na fase da destruição deverá ser buscada a maior profundidade possível no dispositivo inimigo, facilitando a ação sobre seus flancos.

(5) Os PAC são empregados, inicialmente, para vigiar a frente da Z Aç da Bda C Mec, informando sobre a aproximação do inimigo, iludindo-o quanto à localização da P Def, ajustando os fogos de apoio e, dentro do possível, desgastando a força inimiga que aborda o LAADA. Os PAC, juntamente com as demais F Seg (F Cob e/ou PAG), devem canalizar o inimigo para a AE. Após acolhidos, os PAC passam a integrar a reserva da Bda ou os Rgt de 1º escalão.

(6) As armas anticarro são, inicialmente, instaladas em posições avançadas, próximas ao LAADA, engajando o inimigo desde seu alcance máximo e procurando retardá-lo, desorganizá-lo e forçar o desembarque dos fuzileiros blindados inimigos. O uso de obstáculos reforça a posição defensiva, canaliza o Ini para a AE e assegura a máxima eficiência dos fogos anticarro. Mediante ordem, as armas anticarro deslocam-se para posições de onde participarão da destruição do inimigo no interior da AE.

(7) A Bda C Mec deve tirar proveito do terreno compartimentado para reduzir a impulsão do inimigo. Este tipo de terreno torna o inimigo vulnerável a ataques múltiplos nos flancos, que o enfraquecem antes de chegar à área selecionada para a sua destruição.

(8) A defesa elástica se assemelha a uma grande emboscada, onde a surpresa, os ataques violentos e com grande poder de destruição e o emprego de fogos ajustados conduzirão ao êxito.

6-35. DEFESA EM PONTO FORTE

a. A missão de estabelecer e defender um ponto forte implica em deter, dividir ou desviar a direção de forças inimigas de considerável valor. Normalmente, os pontos fortes são estabelecidos ao longo de vias de acesso de grande valor para o inimigo, devendo apoiar-se em terreno restritivo ao movimento.

b. O ponto forte é, essencialmente, uma posição defensiva circular de difícil conquista, com grande apoio mútuo, menor dispersão e com consideráveis trabalhos de organização do terreno. O inimigo não pode ultrapassar um ponto forte sem sofrer grande desgaste.

c. O defensor, por outro lado, ao decidir por estabelecer-se em um ponto forte, também se desgastará. A instalação requer grande quantidade de mão-de-obra, recursos de engenharia para obras de fortificação, construção de obstáculos anticarro, espaldões para viaturas, armas e pessoal. Um ponto forte, como resultado dos trabalhos de organização do terreno, deverá ter condições de suportar maciços fogos de artilharia.

d. Por suas características, o ponto forte deve ser localizado em terreno favorável à defesa, que não pode ser desbordado facilmente. O ponto forte adota o dispositivo de defesa circular, descrito a seguir.

6-36. DEFESA CIRCULAR

a. Generalidades

(1) A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual a unidade é disposta de modo a fazer face, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção.

(2) A defesa circular pode ser empregada nas seguintes situações:

(a) missões independentes;

(b) na defesa de posições isoladas no interior das linhas inimigas;

(c) na defesa de pontos fortes; e

(d) em terreno restritivo (montanhoso, de densa cobertura vegetal) que impeça a organização de um dispositivo de defesa clássico.

(3) Em princípio, o perímetro da posição defensiva circular será dividido em setores de regimentos.

(4) Normalmente, os elementos de comando, de apoio ao combate e apoio logístico são localizados no interior do perímetro defensivo.

(5) A defesa circular caracteriza-se, particularmente, por:

(a) máxima potência de fogo à frente do LAADA;

(b) grande apoio mútuo; e

(c) pequeno espaço de manobra.

b. Planejamento - As considerações a serem levadas em conta no planejamento da defesa circular são similares às tomadas no planejamento de uma defesa de área.

(1) Área de segurança

(a) Os elementos que guarnecem os PAC fornecem alerta oportuno da aproximação do inimigo, impedem sua observação direta sobre as posições e, dentro de suas possibilidades, retardam, causam baixas e desorganizam as forças inimigas.

(b) Os PAC são localizados em regiões que ofereçam boa observação e impeçam a observação e tiros diretos do inimigo sobre a posição. Devem estar dentro da distância de apoio do LAADA.

(2) Área de defesa avançada

(a) Na defesa circular, os elementos de primeiro escalão recebem responsabilidade de organizar e defender uma parte específica do perímetro. A frente designada para cada Rgt de primeiro escalão dependerá da missão, do terreno, do inimigo, dos meios e do tempo disponíveis.

(b) Quando o inimigo não for esperado de uma direção particular, o Cmt organiza a defesa através de uma distribuição homogênea dos elementos subordinados no perímetro. As armas de apoio ficam em condições de apoiar igualmente todo o perímetro defensivo. Quando for conhecida a direção provável do ataque inimigo ou quando parte do perímetro for particularmente perigosa para a defesa, o Cmt atribui uma frente mais estreita para o elemento que defende a VA mais importante. Neste caso, procura dar maior profundidade ao dispositivo nesta parte do perímetro e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nesta direção.

(c) Como os intervalos entre os elementos de primeiro escalão devem ser evitados, particularmente em terreno coberto, as frentes e profundidades são grandemente reduzidas. Devido à pouca profundidade e falta de espaço de manobra, o comandante procura, ao máximo, evitar penetrações na posição. Deste modo, o grosso dos seus meios deve ser localizado no perímetro defensivo, restando uma pequena reserva.

(d) A figura 6-10 apresenta esquematicamente o dispositivo de uma Bda C Mec na defesa circular. Este dispositivo pode variar de acordo com a definição da provável direção de ataque inimigo, o terreno e os planos para operações futuras.

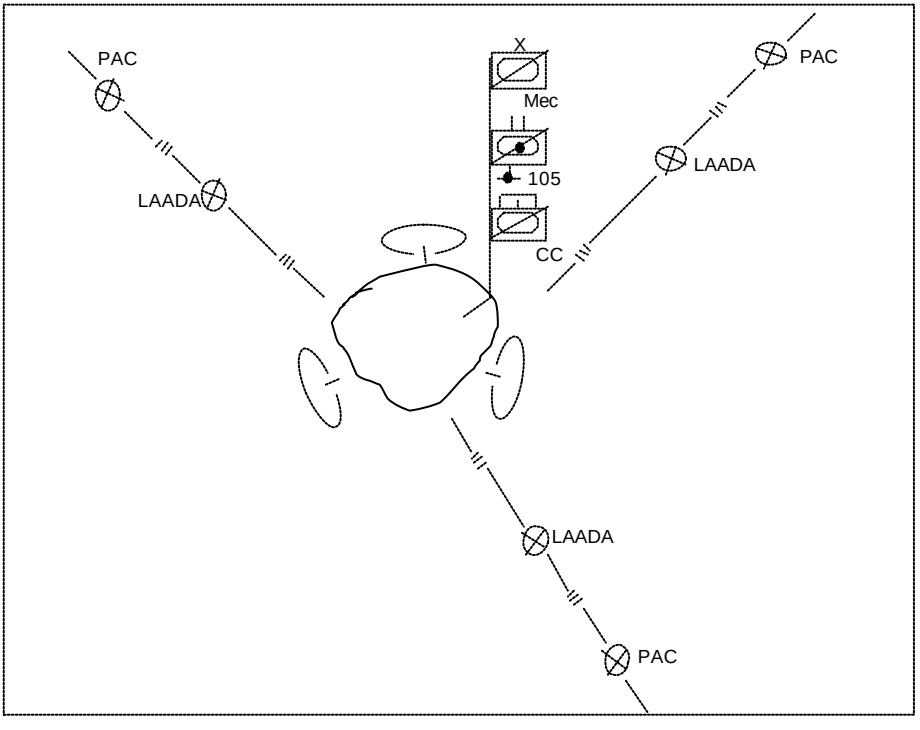


Fig 6-10. A Bda C Mec na defesa circular

(3) Área de reserva

(a) Os elementos de comando, apoio ao combate e apoio logístico são localizados na área de reserva.

(b) A reserva da Bda pode ser constituída por um Rgt ou por SU hipotecadas dos Rgt de primeiro escalão.

(c) As posições de aprofundamento devem ser preparadas para fazer face a um ataque a qualquer parte do perímetro defensivo. A reserva poderá ocupá-las desde logo, particularmente as posições que bloqueiam as direções mais perigosas para defesa.

(4) Apoio de fogo

(a) O emprego dos elementos de apoio de fogo, de um modo geral, assemelha-se ao de uma defesa de área.

(b) As armas AC batem a formação inimiga, obrigando o desembarque dos fuzileiros.

(c) Os CC que integram a reserva podem ser mantidos em Z Reu ou serem colocados em posição de tiro, desde que tenham condições de, rapidamente, serem reunidos para cumprirem suas missões de reserva. São preparadas posições de tiro (e itinerários para atingi-las), de modo a bater todas as VA e facilitar a reunião para o apoio ou execução dos C Atq.

(d) As armas de tiro indireto devem bater o inimigo o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção.

(5) Apoio logístico

(a) Na defesa circular, o suprimento, normalmente, é executado por transporte aéreo. A seleção ou construção de uma zona de aterragem (ou de lançamento) é uma necessidade prioritária na preparação da posição. A zona de aterragem deve ser protegida da observação e do fogo inimigo.

(b) Tendo em vista que o suprimento aéreo depende das condições meteorológicas e é mais vulnerável à ação inimiga, deve ser dada atenção à economia dos suprimentos disponíveis e à construção de abrigo para os mesmos.

(c) Sempre que possível, deve-se utilizar o apoio de fogo das armas localizadas fora do perímetro defensivo, poupando a munição das armas no seu interior.

c. Conduta - A conduta da defesa circular é semelhante a uma defesa de área, entretanto, deve-se dar especial atenção às seguintes considerações:

(1) Força de segurança - PAC devem ser estabelecidos de modo a cobrir as VA, alertando sobre a aproximação do inimigo, conduzindo fogos de apoio, iludindo o inimigo quanto à localização da P Def e, dentro do possível, retardando a progressão da força inimiga.

(2) Força da ADA - Os elementos de primeiro escalão procuram obter o máximo apoio mútuo entre os núcleos. Esses elementos devem manter disciplina adequada, a fim de impedir a localização prematura do LAADA. A defesa procura evitar penetração nas posições, uma vez que os C Atq são de difícil execução.

(3) Reserva - Se o inimigo penetrar na posição, a reserva pode ser empregada para limitar a penetração ou para contra-atacar, a fim de restabele-

cer a posição. Poderá ser necessário o emprego de elementos não engajados em outras partes do LAADA como F C Atq. Neste caso, um elemento de valor adequado deve ser mantido nas posições de onde foram retirados os meios que executarão o C Atq.

6-37. DEFESA EM CONTRA-ENCOSTA

a. A defesa em contra-encosta visa utilizar uma crista topográfica para proteger o defensor da observação terrestre e do fogo direto do inimigo. É particularmente útil quando a ADA está dominada por alturas de posse do inimigo.

b. É uma técnica que tira o máximo proveito da surpresa e obriga o inimigo a empregar parceladamente seus meios. Além disso, reduz o efeito das armas de longo alcance do inimigo e tira o máximo de proveito das armas de curto alcance das unidades em posição.

c. São empregadas medidas de simulação para levar o inimigo a crer que o defensor está na encosta da elevação. À medida que o inimigo se aproxima, é engajado no alcance máximo dos carros de combate e das armas. Emprega-se patrulhas para atacar os flancos do inimigo durante seu movimento para o ataque. Constroem-se posições falsas na encosta, com a finalidade de fazer o atacante desdobrar suas forças para atacá-las.

d. A maior parte das forças do defensor é disposta na contra-encosta, de onde pode engajar o inimigo que atingir a crista topográfica, onde deve ser detido e desorganizado pelo emprego de fogos ajustados e obstáculos. Isso permite ao defensor engajar parceladamente o inimigo que transponha a crista.

e. Os fogos indiretos são empregados para atingir o inimigo que ainda se encontra na encosta da elevação e para retardar sua progressão para a crista topográfica.

f. Aspectos importantes - Ao adotar a defesa em contra-encosta, o Cmt Bda C Mec deve analisar cuidadosamente os fatores de decisão e levar em consideração os seguintes aspectos:

(1) o defensor estará com suas tropas desdobradas em regiões dominadas pelo inimigo, deve, portanto, contar com bons campos de tiro;

(2) o defensor estará abrindo mão do efeito das armas de fogo direto de longo alcance;

(3) é a técnica de defesa que explora ao máximo o emprego da surpresa e de medidas de proteção da força, evitando que o defensor seja engajado por fogos diretos de longo alcance do inimigo;

(4) a força inimiga é engajada de forma parcelada, ao expor sua silhueta na crista topográfica.

ARTIGO VI

MOVIMENTO RETRÓGRADO

6-38. GENERALIDADES

a. Movimento retrógrado (Mvt Rtg) é qualquer movimento tático organizado de uma força, para a retaguarda ou para longe do inimigo. O Mvt Rtg pode ser executado voluntariamente ou forçado pela ação inimiga. Uma força somente o executa, voluntariamente, quando uma vantagem marcante possa ser obtida. Em qualquer caso, deve ser aprovado pelo Esc Sp e é planejado com a devida antecedência. Um Mvt Rtg bem planejado e bem executado pode propiciar excelentes oportunidades para infligir pesados danos à tropa e ao material inimigos; entretanto, em apenas um de seus tipos - a ação retardadora - o contato com o inimigo é desejado.

b. Finalidade - O Mvt Rtg visa preservar a integridade de uma força, a fim de que, em uma ocasião futura, a ofensiva seja retomada. Pode ter uma ou mais das seguintes finalidades:

(1) inquietar , exaurir e retardar o inimigo, infligindo-lhe o máximo de perda de poder de combate;

(2) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;

(3) permitir o emprego da força ou de uma parte da mesma em outro local;

(4) evitar o combate sob condições desfavoráveis;

(5) ganhar tempo sem se engajar decisivamente em combate;

(6) desengajar-se ou romper o contato;

(7) adaptar-se ao movimento de outras tropas amigas; e

(8) encurtar as vias de transporte.

6-39. FORMAS DE MANOBRA DOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

a. Ação retardadora - É o Mvt Rtg no qual uma força, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate. Na execução de uma ação retardadora, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo. Normalmente, o retardamento é conseguido tanto nas posições como entre elas. A força de retardamento mantém o contato permanente com o inimigo e o retarda continuamente. Uma ação retardadora é conduzida, normalmente, em mais de uma posição. Neste caso, pode empregar a técnica do retardamento em posições sucessivas ou do retardamento em posições alternadas, ou ainda, utilizar uma adequada combinação de ambos.

b. Retraimento - É um Mvt Rtg por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do Esc Sp. Alguns elementos permanecem em contato, para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e para infligir-lhe danos, pelo fogo e pela manobra.

c. Retirada - É um Mvt Rtg no qual uma força, que não está em contato com o inimigo, desloca-se para longe dele, segundo um plano bem definido, visando evitar um combate decisivo, em face da situação existente. Normalmente, é executada para permitir que as operações futuras de combate sejam conduzidas sob condições mais favoráveis ou em local, ou oportunidade, mais convenientes.

ARTIGO VII

PLANEJAMENTO

6-40. TERRENO E CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

a. Terreno

(1) A utilização apropriada do terreno pode propiciar a oportunidade de causar um considerável retardamento a uma força inimiga e infligir-lhe pesados danos.

(2) São selecionadas posições que permitam observação e campos de tiros profundos. Isto permite bater o inimigo desde o mais longe possível e mantê-lo sob o fogo cada vez mais intenso, enquanto ele manobra na direção da posição. As forças de retardamento devem considerar na escolha das posições: as cobertas e abrigos existentes, as possíveis Z Reu e os itinerários para os deslocamentos.

(3) Obstáculos artificiais são criados por meio de minas, demolições e agentes químicos. Os sistemas de barreiras fazem a máxima utilização dos obstáculos naturais.

(4) Uma boa rede de estradas facilita o controle de operação e proporciona rapidez aos deslocamentos. Quando possível, deve-se interditar ao inimigo a utilização das rodovias. A área que oferece boas condições de transitabilidade permite ampla dispersão, reduz a vulnerabilidade aos ataques aéreos do inimigo e apresenta melhores oportunidades para a manobra.

(5) A camuflagem é de grande importância neste tipo de operação. Sua eficiente utilização auxilia na destruição do inimigo por meio da surpresa e reduz a possibilidade de localização das forças amigas.

b. Condições meteorológicas

(1) Boas condições meteorológicas favorecem a observação e aumentam o efeito dos fogos e dos agentes químicos. A execução das manobras planejadas, bem como o apoio logístico, são facilitados.

(2) Condições meteorológicas desfavoráveis dificultam a observação, reduzem o efeito dos fogos, limitam o movimento através do campo, diminuem a eficiência do pessoal e dos equipamentos e aumentam os problemas de comando e controle.

(3) Deve-se levar em conta, entretanto, que nem sempre as melhores condições meteorológicas são as desejadas para a unidade empenhada em um Mvt Rtg, porquanto o mau tempo reduz a liberdade de ação do atacante, aspecto que favorece o defensor.

6-41. COORDENAÇÃO E CONTROLE

a. A Bda C Mec quando conduz um Mvt Rtg, freqüentemente se desdobra em larga frente. As operações consistem de uma série de ações independentes de unidades dentro do quadro geral de planejamento. As missões atribuídas aos elementos subordinados e sua seqüência de execução são minuciosas e mais restritivas do que em outras operações. Entretanto, cada comando subordinado deve receber liberdade de ação para explorar as vantagens que surjam em seu escalão. Deve-se tomar cuidado no sentido de não permitir ao inimigo isolar ou desbordar elementos da Bda ou realizar uma penetração que possa ameaçar o cumprimento da missão como um todo. É importante que os comandos subordinados estejam perfeitamente cientes do conceito da operação e da intenção do Cmt.

b. O rádio é o principal meio de comunicação para os efeitos de controle e coordenação. Um planejamento cuidadoso das comunicações é essencial para evitar a revelação prematura do Mvt Rtg. Elas podem ser empregadas, também, para simular um tráfego de mensagens normal durante uma operação de retraimento ou retirada.

c. As medidas de coordenação e controle usadas em um Mvt Rtg incluem:
(1) pontos limites;
(2) pontos de controle;
(3) posições de retardamento;
(4) posições de bloqueio;
(5) limites;
(6) pontos de ligação;
(7) linhas de controle;
(8) itinerários de retraimento;
(9) horário de retraimento;
(10) zonas de reunião;
(11) postos de bloqueio e controle de trânsito; e
(12) regiões de destino.

d. As normas para o controle do movimento de civis devem ser rígidas, de simples execução, facilmente entendidas e capazes de serem postas em execução com um mínimo das tropas de combate. Devem ser distribuídas o mais cedo possível.

6-42. RECONHECIMENTO E SEGURANÇA

a. Nos Mvt Rtg as ações de reconhecimento são de capital importância. Todos os órgãos de busca são empregados. Missões específicas de reconhecimento de eixos e de áreas podem ser atribuídas às unidades dentro de suas respectivas Z Aç.

b. O plano de busca da Bda inclui elementos essenciais de informações, tais como:

(1) localização das posições de artilharia do inimigo;
(2) direção do movimento do inimigo;
(3) valor e composição da principal força de ataque inimiga;
(4) localização dos blindados inimigos;
(5) ações do inimigo para impedir ou bloquear o Mvt Rtg; e
(6) indícios de utilização, pelo inimigo, de forças pára-quedistas ou aeromóveis, de ataque aéreo, de ação de guerrilha ou de infiltração que possam interferir no Mvt Rtg.

c. Informações oportunas do movimento do inimigo permitem o ajuste dos planos, a fim de reduzir a interferência inimiga no Mvt Rtg.

d. O Cmdo da Bda utiliza as informações disponíveis para infligir o máximo de baixas ao inimigo. Assim, uma força que realizar um retraimento ou uma ação retardadora deve planejar e executar ações ofensivas, explorando as informações levantadas.

e. Evita-se, ao máximo possível, que o inimigo perceba a intenção de retrair, ocultando-se o movimento por meio de rigorosas medidas passivas de segurança e de dissimulação. Estas medidas podem incluir: o silêncio rádio para as unidades que retraem da posição e a manutenção de padrões normais de utilização do rádio nos núcleos de primeiro escalão; a manutenção dos fogos normais de artilharia e de outros meios de apoio de fogo; o deslocamento durante períodos de escuridão ou sob condições de visibilidade reduzida e a retenção de tropas suficientes na posição para simular a presença da força como um todo.

f. Devem ser tomadas medidas para proporcionar segurança à frente, nos flancos e à retaguarda do grosso, bem como C Atq aéreos do inimigo.

g. Medidas de dissimulação possibilitam o mínimo de interferência do inimigo no retraimento do grosso e das F Seg da Bda.

6-43. APOIO AO COMBATE

a. Apoio aéreo

(1) As aeronaves da força aerotática são empregadas em ações contra as aeronaves inimigas e para retardar o avanço inimigo, pela inquietação e interdição, em locais críticos. As Anv com a missão de cobertura auxiliam as F Seg no cumprimento de sua missão e apóiam os C Atq e outras ações ofensivas. Controladores aéreos avançados são atribuídos aos elementos de segurança e a outros elementos da Bda, de acordo com o plano geral da operação. Linhas sucessivas de coordenação de apoio de fogo são prescritas nas ordens de operações. Durante os Mvt Rtg, a linha de coordenação de apoio de fogo é localizada mais próxima às unidades amigas e pode ser mudada mais freqüentemente do que durante as operações ofensivas.

(2) Aeronaves de reconhecimento aéreo proporcionam informações, dentre outras, sobre a localização e o dispositivo das forças inimigas. Estas aeronaves procuram levantar qualquer tentativa do inimigo para desbordar

nossos flancos. A concentração de tropas inimigas localizadas pelo reconhecimento aéreo são destruídas por meio de fogos, ações ofensivas terrestres ou por meio de ataques aéreos.

b. Artilharia

(1) Nos Mvt Rtg, a artilharia de campanha é empregada para desencadear fogos sobre o inimigo a grandes distâncias a fim de forçá-lo a desdobrar-se prematuramente. Ela pode ser empregada para interditar vias de acesso do inimigo, desencadear fogos de inquietação e de destruição e apoiar os elementos de combate da Bda. A artilharia de campanha é preparada para prestar apoio contínuo durante todos os tipos de movimentos retrógrados.

(2) Estando a Bda que conduz um Mvt Rtg inferiorizada numericamente em relação ao inimigo, seu poder de combate pode ser aumentado pelo reforço adicional de unidades de artilharia, se disponível.

(3) No planejamento da operação, deve ser considerado o apoio a ser prestado pela artilharia da reserva divisionária ou outros elementos que sejam disponíveis. Aquela pode fornecer OA e OLig desde o início do movimento, a fim de que este possa ser apoiado com um mínimo de retardo.

(4) As unidades de artilharia antiaérea podem ser empregadas centralizadas ou em reforço a unidades subordinadas. Deve ser dada prioridade na proteção às tropas blindadas, aos corredores aéreos de aproximação de baixa altitude, às unidades de apoio e às instalações de comando.

c. Engenharia

(1) A engenharia pode ser empregada em apoio direto ou em reforço às unidades de combate. As unidades em contato com o inimigo, normalmente, devem receber engenharia em reforço.

(2) Uma das mais importantes funções do engenheiro é assessorar o Cmt Bda na elaboração do plano de barreiras. As barreiras são utilizadas pelo comando da força retardadora com a finalidade de retardar o inimigo ou canalizá-lo para destrui-lo com fogos e ações ofensivas. O emprego bem planejado de barreiras auxilia a ganhar tempo e dificulta o ataque inimigo. Os planos de barreiras são coordenados com Esc Sp tendo em vista, particularmente, as operações futuras. O plano de barreiras é redigido como um anexo ao plano ou ordem de operações.

d. Comunicações - Tendo em vista as características do apoio a ser prestado, a companhia de comunicações da Bda recebe suplementação de meios do Esc Sp e, por sua vez, suplementa os meios orgânicos de comunicações das unidades da Bda, a fim de que seja estabelecido um eficiente sistema de comunicações.

e. Apoio logístico

(1) O planejamento do Ap Log aos Mvt Rtg, deve considerar, particularmente:

(a) apoio adequado à operação;
(b) evacuação de suprimentos e de equipamentos;
(c) destruição de suprimentos e equipamentos (exceto os de saúde)

não evacuados; e

(d) evacuação imediata dos baixados.

(2) Os transportes de suprimento desnecessários devem ser evitados, restringindo o fluxo dos mesmos no interior das áreas avançadas e iniciando cedo a evacuação dos excessos. A economia de suprimentos é enfatizada. O Cmt que conduz um Mvt Rtg, emite instruções específicas autorizando a destruição dos suprimentos e equipamentos que não podem ser evacuados e fixando a responsabilidade para tal encargo. Durante os Mvt Rtg, os suprimentos são previamente colocados nas posições ao longo dos itinerários de retraimento. Isto reduz a capacidade inimiga de interferir nas operações de suprimento, simplifica as normas de suprimentos e permite o retraimento das unidades de Ap Log mais cedo.

(3) A evacuação de doentes e feridos é acelerada durante as operações retrógradas. A Ev Aem, quando disponível, é largamente utilizada, principalmente a partir dos postos de socorro das unidades.

(4) Se possível o equipamento danificado deve ser reparado na própria posição, de forma a manter a eficiência do combate e reduzir as necessidades de evacuação. O material seriamente danificado é evacuado para a retaguarda, a fim de evitar sua captura. O equipamento, exceto o de saúde, que não pode ser reparado nem evacuado, deve ser destruído.

(5) O B Log e as instalações são localizados bem à retaguarda durante os movimentos retrógrados, a fim de assegurar a continuidade do apoio, o máximo de proteção e o mínimo de deslocamentos. A dispersão deve ser mantida ao máximo, em consonância com as medidas de controle e de defesa. A unidade de apoio logístico desloca-se o mais cedo possível e, normalmente, sob a cobertura da escuridão, a fim de que não haja congestionamento do tráfego nem interferência no movimento das unidades de combate, bem como, para dificultar as ações do inimigo.

6-44. LIDERANÇA

a. O Mvt Rtg, devido à circunstância de ser um movimento para a retaguarda, exerce considerável influência no moral da tropa. Isto ressalta a importância da liderança em todos os escalões de comando.

b. Coragem pessoal e liderança agressiva são requisitos básicos para que seja mantido o espírito ofensivo.

c. A ação de liderança fica facilitada quando se mantém a tropa esclarecida quanto à finalidade da missão.

d. O espírito agressivo é mantido pela ação pessoal dos comandantes e pela ênfase que se der às oportunidades que possibilitem a destruição do inimigo.

e. É muito importante que todas as oportunidades para uma ação ofensiva bem sucedida sejam aproveitadas e seu sucesso divulgado para todas as unidades.

6-45. PLANEJAMENTO

a. O planejamento de um Mvt Rtg deve ser meticuloso e completo. Os planos devem ser cerradamente supervisionados, efetivamente controlados e vigorosamente executados.

b. Em uma ação retardadora, normalmente são utilizadas quase todas as medidas de coordenação e controle constantes do parágrafo 6-47. Quando há necessidade de limitar ou determinar prioridade na utilização das rodovias são designados itinerários para o retraimento.

c. Em um retraimento, a situação em que ele é executado - com ou sem pressão do inimigo - condiciona as medidas a serem utilizadas que, de acordo com a situação, são menos ou mais restritivas.

d. As medidas de coordenação e controle normalmente utilizadas em uma retirada são os itinerários para os deslocamentos, as linhas de controle e os postos de controle de trânsito.

e. Ao estabelecer as medidas de coordenação e controle, o Cmt Bda deve levar em consideração que restrições desnecessárias prejudicam a iniciativa e a flexibilidade por parte de seus Cmt U. As medidas prescritas devem limitar-se às essenciais, à segurança, à condução das fases do movimento e à manutenção da unidade de comando.

ARTIGO VIII

RETRAIMENTO

6-46. GENERALIDADES

a. Um retraimento (Ret) pode ser diurno ou noturno e ser executado sob pressão do inimigo ou não.

b. O Ret diurno ou em horário próximo ao ICMN deve ser evitado, sempre que possível, para fugir aos fogos observados do inimigo e à atuação de sua força aérea, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra. O desejável é que o Ret inicie e termine em período de pouca visibilidade. Contudo, a proteção blindada, a mobilidade e o alcance do armamento das unidades de cavalaria as tornam capazes de conduzir o Ret diurno com mais sucesso do que as unidades que não tenham essas características.

c. Quando o Ret diurno for inadiável, ressalta a importância do emprego de obstáculos e do apoio de fogo de artilharia e aerotático.

d. Os Ret sem pressão do inimigo são vantajosos em relação aos executados sob a pressão do mesmo, pois o Cmt conserva a iniciativa e pode escolher o momento de sua realização. A dissimulação é facilitada e a eficiência

dos fogos observados do inimigo é reduzida, uma vez que o comando da força que retrai pode beneficiar-se ao máximo da escuridão noturna e dos períodos de visibilidade reduzida.

e. Em qualquer das situações em que o Ret é executado, o contato físico ou visual com o inimigo deve ser mantido. Isto proporciona dissimulação, segurança e contribui para evitar um rápido avanço do inimigo. Uma parcela da Bda, atuando como destacamento de contato ou F Seg, provê segurança e dissimulação para que as unidades possam executar seu retraimento sem que o inimigo cerre rapidamente sobre as mesmas.

f. Quando o Esc Sp realiza um Ret, a Bda C Mec pode ser empregada como F Seg do mesmo, fornecendo a segurança necessária para que o restante da DE ou Ex Cmp retraia.

g. No planejamento de um Ret devem ser previstos planos alternativos para as unidades subordinadas. Assim, mesmo que a previsão seja de um Ret sem pressão do inimigo, deve ser formulado um plano alternativo para o caso de executar-se o movimento sob pressão e vice-versa.

h. No planejamento de um Ret noturno deve ser previsto o emprego de iluminação artificial para a eventualidade da perda do sigilo da operação. Caso ocorra esta perda do sigilo, o Ret passa a ser executado com as técnicas de um Ret sob pressão.

i. Em qualquer dos Ret, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga - fumígenos, por exemplo - quando possível, devem ser utilizados.

j. O Ret pode ser facilitado pela execução de C Atq.

k. Os planos e as ordens para um Ret devem ser preparados pormenorizadamente e tempo suficiente deve ser proporcionado às unidades subordinadas para a execução de reconhecimentos diurnos.

6-47. RETRAIMENTO SEM PRESSÃO DO INIMIGO

a. Um Ret sem pressão do inimigo exige o emprego de contra-inteligência eficaz e depende, principalmente, do controle, da segurança e da dissimulação. O controle e a segurança são proporcionados pela preparação completa e minuciosa de planos pormenorizados. Já a simulação de tráfego rádio, de fogos e de outras atividades normais permitem boa dissimulação.

b. Tão logo o conceito da operação seja formulado, o Cmt emite uma ordem preparatória com os detalhes necessários para que os comandos subordinados possam realizar seus reconhecimentos e planejamento durante o dia.

c. A hora do Ret, normalmente, é determinada pelo Esc Sp. Quando não for, o Cmt Bda a determina para suas unidades. Pode ocorrer furtivamente ou após um ataque realizado para desviar a atenção do inimigo. O início do Ret

noturno deve ser previsto de maneira que o movimento seja completado ainda antes do amanhecer.

d. A fim de assegurar um Ret tão rápido quanto possível, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, a fim de evitar congestionamento desnecessário nas rodovias quando o grosso da Bda retrair.

e. O Cmt Bda, a princípio, determina o valor, a composição e o dispositivo das forças a serem deixadas em contato durante o Ret do grosso. Estas forças são chamadas destacamentos de contato. É designado, também, um oficial do comando da Bda para controlar a operação e prosseguir com o tráfego de mensagens, de tal forma que permaneça semelhante ao que vinha sendo realizado. O sucesso de um Ret sem pressão depende, particularmente, da dissimulação. Sob certas circunstâncias, tal como uma pressão antecipada do inimigo e sem condições de interferência por parte do Esc Sp, a Bda pode ocupar uma posição com a reserva, que passa a proporcionar segurança e proteger o retraimento do grosso.

f. O destacamento de contato tem por missões:

(1) manter a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades);

(2) retardar e iludir o inimigo, de forma a evitar sua interferência durante o retraimento; e

(3) ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da Bda.

g. O planejamento normalmente prevê o Ret simultâneo da maioria dos elementos das unidades empregadas à frente. As unidades destacam parte de suas forças, inclusive elementos de manobra e de apoio ao combate, para comporem o destacamento de contato, que passam a constituir uma força à parte, sob o controle da Bda. Ao se designar os elementos que devem manter o contato, todo o esforço deve ser feito para que os mesmos tenham uma mobilidade superior à do inimigo. Dentro das unidades, a composição, normalmente, é de cerca de um terço dos elementos de manobra e de um terço à metade das armas de apoio orgânicas, permitindo-se a constituição de frações provisórias.

h. Após o Ret das unidades em primeiro escalão, o destacamento de contato assume a responsabilidade pela Z Aç da Bda.

i. O Ret do destacamento de contato deve ser iniciado a tempo de permitir que o seu movimento também seja executado sem pressão do inimigo.

j. Ao iniciar o Ret, o destacamento de contato atua como força de proteção de retaguarda. Sua intenção não será mais de manter a fisionomia da frente e sim de impedir que o inimigo cerre sobre o grosso que retrai. Este destacamento mantém o contato com o inimigo e combate, se necessário, até uma outra posição à retaguarda ou até uma linha de acolhimento estabelecida pela Bda.

k. Se o Ret for noturno, os fogos devem ser utilizados para abafar o ruído das lagartas e dos motores das viaturas.

l. Normalmente, parte da reserva da Bda, cerca de um terço, permanece na posição, com a finalidade de simular um sistema de comunicações e atividades normais de uma reserva, bem como apoiar o Ret do destacamento de contato.

m. Z Reu são normalmente designadas até o escalão unidade, a fim de assegurar o controle das forças antes de entrarem em formação de coluna de marcha. Estas Z Reu são previamente selecionadas e ocupadas pelo menor espaço de tempo possível. Não é normal a designação de uma Z Reu para a Bda, antes de seu acolhimento por uma tropa amiga.

n. Os planos devem incluir previsões para a eventualidade da ação do inimigo por meio do emprego de tropas aeroterrestres, aeromóveis ou infiltradas.

o. Se Ret for detectado pelo inimigo, a Bda passa a executá-lo dentro das técnicas de um retraimento sob pressão. Para isto, todos os comandos subordinados devem ter os seus planos alternativos. (Fig 6-11, 6-12 e 6-13)

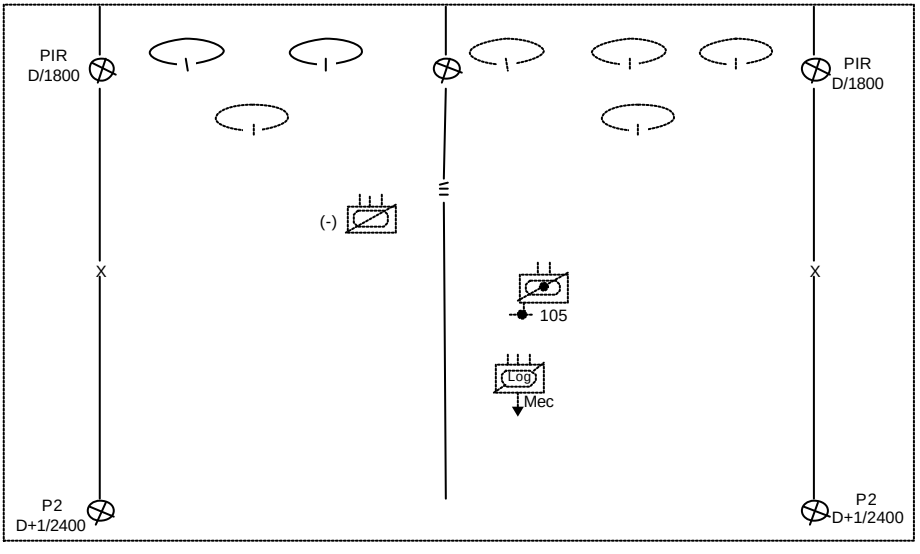


Fig 6-11. Retraimento sem pressão do inimigo (1ª fase)

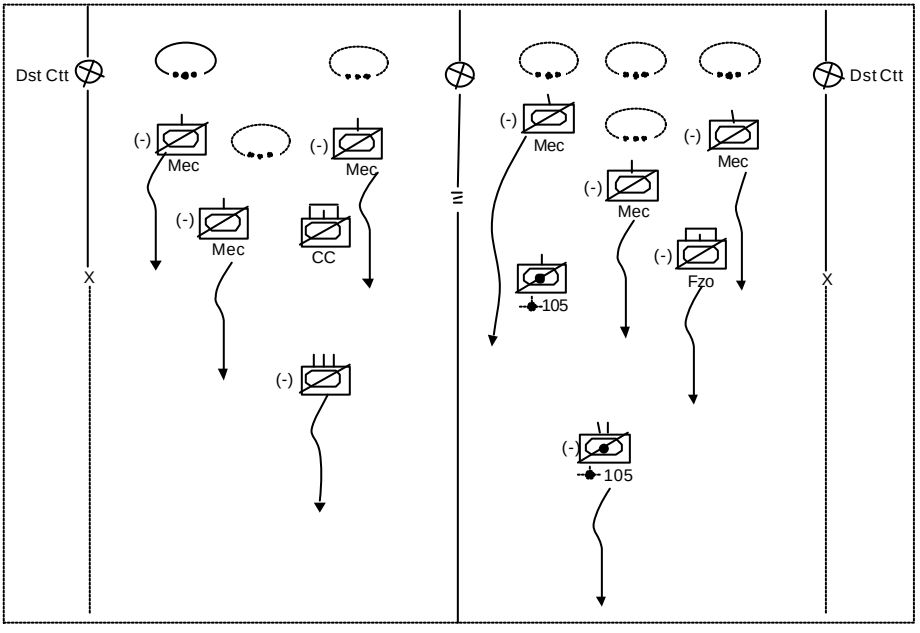


Fig 6-12. Retraimento sem pressão do inimigo (2ª fase)

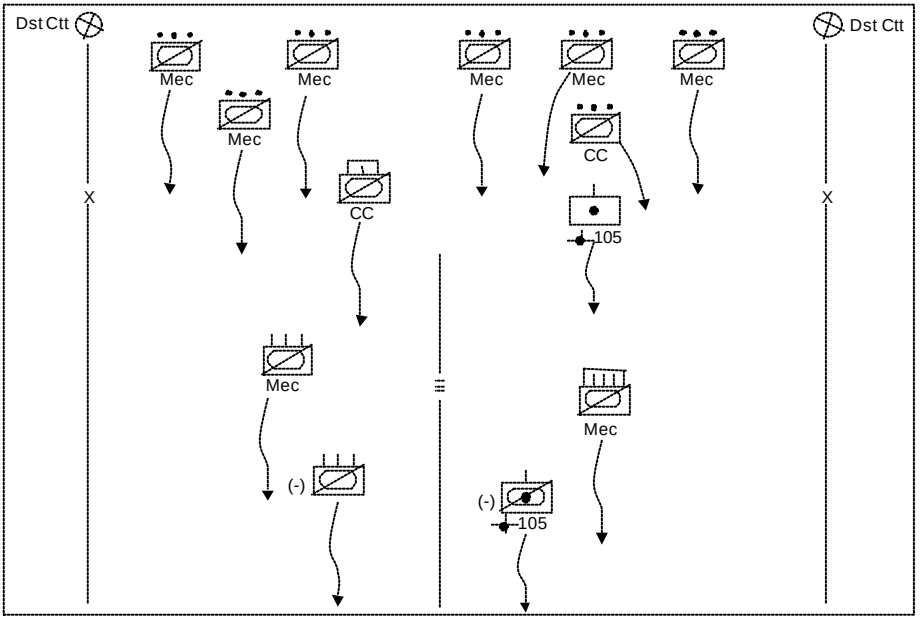


Fig 6-13. Retraimento sem pressão do inimigo (3ª fase)

6-48. RETRAIMENTO SOB PRESSÃO DO INIMIGO

a. Um Ret sob pressão do inimigo, pelo fato de estar sujeito à observação das forças oponentes, depende, para ter sucesso, da mobilidade, dos meios de GE, do apoio de fogo, do controle, do emprego de F Seg e da superioridade aérea local.

b. No Ret sob pressão do inimigo, elementos da força retraem combatendo, utilizando táticas de retardamento. Esta ação é mais bem executada por elementos mecanizados e blindados, em razão de sua proteção blindada, mobilidade e potência de fogo. Todos os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do inimigo que estejam engajados com as forças de retardamento. Um alto grau de coordenação e uma eficaz utilização do terreno e dos obstáculos são essenciais ao sucesso da operação. A autorização para retrair deve ficar a cargo do mais baixo escalão de comando que tenha a missão de coordenar esforços.

c. As medidas de controle e coordenação utilizadas neste movimento são similares às do Ret sem pressão do inimigo.

d. O Cmt Bda C Mec decide se constitui uma F Seg com sua reserva ou se realiza o movimento sem uma segurança a cargo da Bda. A Bda C Mec, por suas características de mobilidade, flexibilidade, potência de fogo e proteção blindada, pode prescindir da F Seg para cobrir um Ret sob pressão do inimigo. A decisão em constituir ou não uma F Seg é tomada em função das seguintes considerações:

(1) forças disponíveis para constituir a F Seg;
(2) tempo disponível para o desdobramento de uma F Seg;
(3) terreno;
(4) existência ou não de uma força de F Seg do Esc Sp;
(5) possibilidades do inimigo; e
(6) duração da missão.

e. A F Seg deve ser constituída, predominantemente, de CC e receberá a denominação de força de proteção (F Ptc).

f. Após o acolhimento pela F Seg, se for o caso, o grosso da Bda forma as colunas de marcha, em geral sem designação de Z Reu, e se desloca diretamente para a retaguarda.

g. A F Ptc de proteção assegura o movimento dos elementos avançados que retraem sem deixar elementos em contato. A estreita coordenação entre essas forças é uma necessidade.

h. São missões da F Seg:

(1) proteger o Ret dos elementos da Bda que estejam engajados;
(2) retardar o inimigo e evitar a sua interferência no Ret do grosso;
(3) estar em condições de atuar como retaguarda da força principal.

i. Quando a Bda não constituir uma F Seg, ela executa uma ação retardadora até que o contato com o inimigo seja rompido ou que ela ocupe novas posições.

j. No Ret sob pressão, as reservas são desdobradas bem à frente, para proporcionar cobertura ao Ret das forças avançadas, ou mesmo para auxiliar tais forças a romperem contato com o inimigo e a executarem o retardamento entre as posições.

k. Quando não for possível realizar um Ret simultâneo de suas unidades, o Cmdo da Bda deve determinar a seqüência de realização. Esta decisão deve atender ao melhor plano para preservar a integridade da Bda e à melhor maneira de cumprir a missão. Normalmente, as unidades menos engajadas são as primeiras a retraírem.

l. Condições adversas, nessa forma de Ret, acarretam aumento no número de baixas. Por isso, é mais favorável sua realização à noite ou sob condições de visibilidade reduzida. Uma forte defesa permite atrasar o Ret até que as condições de visibilidade favoreçam a sua execução.

m. Para assegurar a rapidez do Ret, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários, quando o grosso da Bda retrair. (Fig 6-14, 6-15 e 6-16)

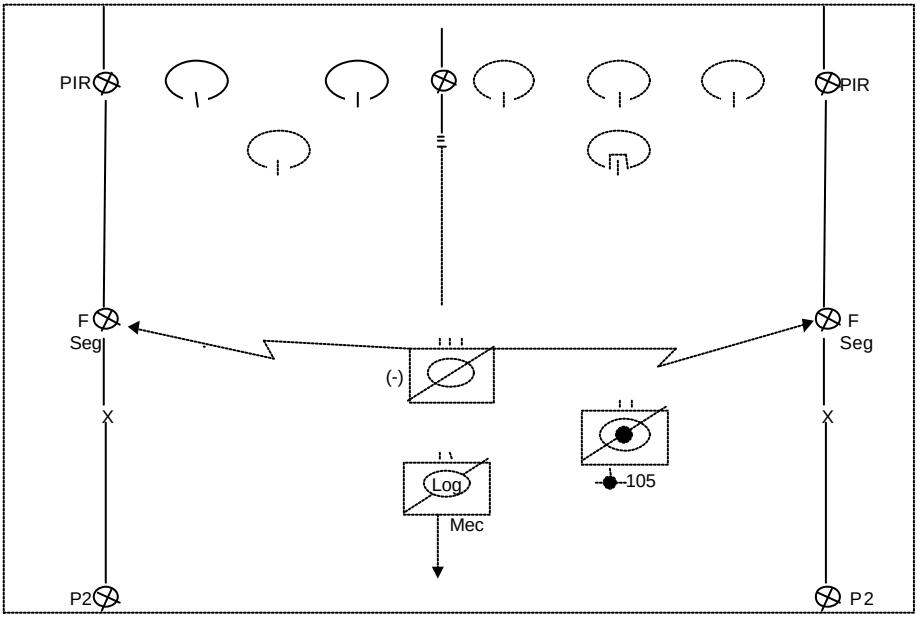


Fig 6-14. Retraimento sob pressão do inimigo (1ª fase)

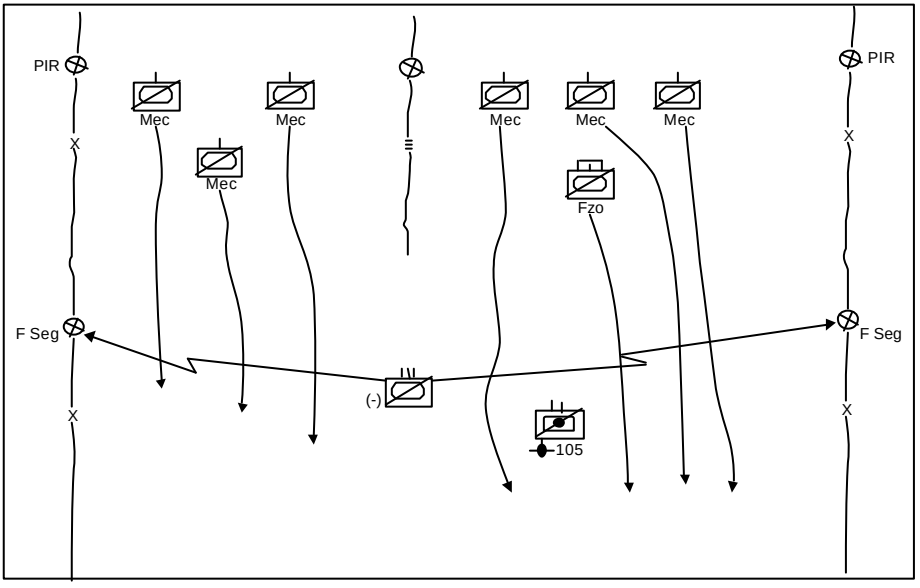


Fig 6-15. Retraimento sob pressão do inimigo (2ª fase)

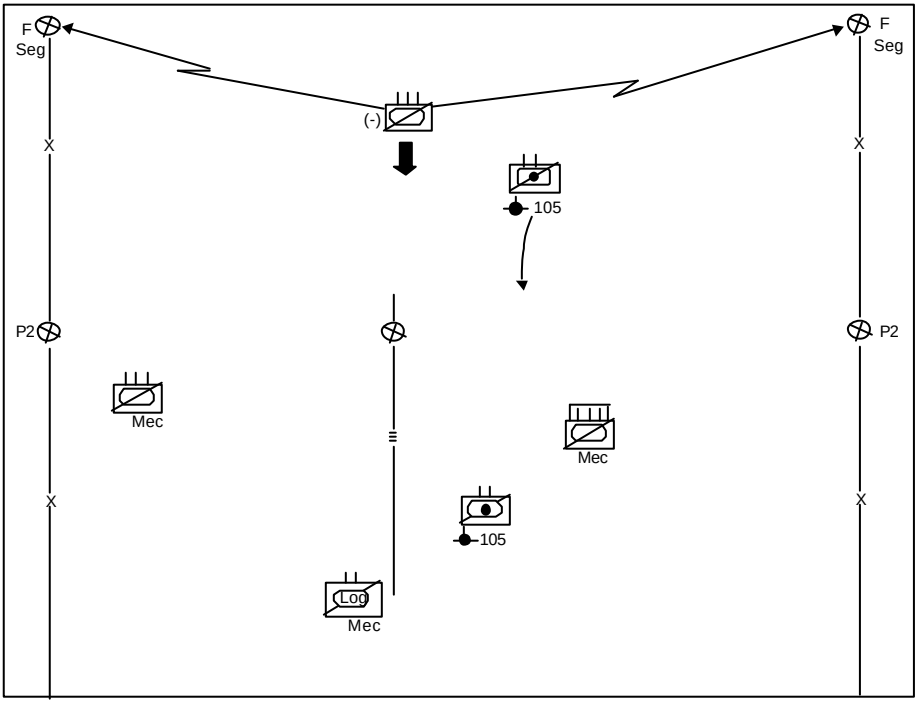


Fig 6-16. Retraimento sob pressão do inimigo (3ª fase)

ARTIGO IX

AÇÃO RETARDADORA

6-49. GENERALIDADES

a. As características da Bda C Mec permitem impor ao inimigo um retardamento contínuo, mesmo em movimento. A Bda utiliza o alcance de suas armas e a proteção blindada de suas viaturas, a fim de forçar o inimigo a desdobrar-se, reconhecer, manobrar e tomar outras medidas que demandem perda de tempo. O inimigo é colocado sob fogo contínuo, a fim de que reduza sua velocidade de progressão e sofra o máximo de perda de poder de combate. Na execução de uma ação retardadora (Aç Rtrd), o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.

b. A Bda C Mec, por suas características de ação de choque, mobilidade, proteção blindada e potência de fogo, a que se alia seu pequeno efetivo em fuzileiros, é mais apta ao retardamento entre as posições de retardamento do que em posição.

c. Apesar do caráter defensivo de que se reveste, na execução de uma Aç Rtrd são realizadas, também, ações ofensivas. A defesa em cada posição deve obrigar o inimigo a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.

d. Normalmente, o retardamento é conseguido tanto nas posições como entre elas. A força de retardamento mantém o contato permanente com o inimigo e o retarda continuamente. São executadas ações ofensivas limitadas em todas as oportunidades que se apresentem, inclusive como meio de dissimulação ou para desaferrar tropas engajadas decisivamente no combate.

e. As posições de retardamento das unidades, normalmente não são organizadas em grande profundidade. O grosso da Bda, concentrado em primeiro escalão, utiliza ao máximo a potência de fogo de seus elementos sobre as prováveis VA do inimigo, como medida inicial para evitar engajamento decisivo no combate.

f. Uma força encontra-se decisivamente engajada no combate quando perde a liberdade de ação e não tem possibilidade de realizar, seja pelo fogo ou pela manobra, qualquer ação anteriormente planejada. Elementos da Bda podem ficar decisivamente engajados, sem que a Bda, como um todo, tenha perdido a liberdade de manobrar.

g. O planejamento da operação é centralizado e sua execução descentralizada. Dentro do planejamento da Bda, deve ser concedido o máximo de liberdade de ação aos Cmt U. Esta liberdade permite explorar a iniciativa dos Cmt e o aproveitamento de qualquer vantagem que possa surgir nos escalões subordinados.

6-50. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE A AÇÃO RETARDADORA

As considerações que se seguem devem ser aplicadas no planejamento e na condução da Aç Rtrd.

a. Controle centralizado e ação descentralizada - Uma Aç Rtrd é caracterizada por operações em larga frente, com o máximo de forças em contato e um mínimo em reserva. Disto resulta uma série de ações independentes de unidades ao longo de toda a frente, nas quais os Cmt devem ter liberdade de ação para conduzi-las. Na conduta do retardamento, o movimento para a retaguarda das unidades deve ser coordenado meticulosamente. Isto assegura que o inimigo não ultrapasse, desborde ou envolva qualquer elemento da força de retardamento, ou obtenha uma penetração que possa comprometer o sucesso da missão de retardamento.

b. Máximo emprego do terreno - O máximo de aproveitamento do terreno deve ser feito durante as ações do retardamento do inimigo, não permitindo-lhe que avance grandes distâncias sem resistência. As posições de retardamento são selecionadas em regiões que permitam o domínio das prováveis vias de acesso do inimigo e de forma a atingi-lo, pelos fogos, a maior distância.

c. Forçar o inimigo a desdobrar-se e a manobrar - O inimigo deve ser engajado no alcance máximo de todas as armas de tiro indireto e no alcance útil das armas de tiro direto. Esta ação deve obrigar o inimigo a perder tempo no desdobramento, no esclarecimento da situação e em movimentos ofensivos contra a força de retardamento em posição. O emprego repetido desta técnica retarda a progressão do inimigo e troca espaço por tempo. Em algumas situações, no entanto, os fogos de longo alcance podem ser deliberadamente contidos para fins de dissimulação.

d. Máximo emprego de obstáculos - O emprego de obstáculos naturais e artificiais é explorado ao máximo para retardar o inimigo. Obstáculos são empregados para canalizar e retardar a progressão e proporcionar segurança de flancos à força que retarda. Para se obter a máxima eficiência, os obstáculos devem ser batidos por fogos.

e. Manutenção do contato com inimigo - Contínuos reconhecimentos devem ser conduzidos visando estabelecer e manter o contato com o inimigo. Forças inimigas, móveis e potentes, com freqüência, tentarão desbordar ou penetrar entre as unidades que estão conduzindo o retardamento. Para evitar penetrações ou desbordamentos, o contato deve ser mantido com toda a força inimiga.

f. Evitar o engajamento decisivo - Na Aç Rtrd, posições são ocupadas por determinados períodos de tempo para obrigar o inimigo a desdobrar seus meios, esclarecer a situação e manobrar para atacar cada posição. A força retardadora retrai para posição seguinte antes de tornar-se decisivamente engajada com o inimigo.

6-51. SELEÇÃO DAS POSIÇÕES DE RETARDAMENTO

a. As posições de retardamento são selecionadas pelo Cmt Bda, que pode ou não receber do Esc Sp a localização da posição inicial de retardamento (PIR). Quando não recebê-la, busca-se estabelecê-la em linha apoiada em um obstáculo de vulto.

b. Uma posição ideal é aquela que permite, com um mínimo de forças desdobradas, forçar o inimigo a concentrar-se e apresentar-se como alvo compensador. O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo indicadas, as quais permitem infligir maior degradação no poder de combate do inimigo, além de reduzir ao máximo o seu espírito ofensivo:

(1) linha de alturas transversal às prováveis VA do inimigo;

(2) obstáculos naturais, tais como rios, pântanos, lagos etc, tanto à frente quanto nos flancos;

(3) elevações que permitam boa observação e campos de tiro profundos;

(4) itinerários desenfiados para os Ret; e

(5) rede de estradas em boas condições de trafegabilidade, através do campo, para os Ret.

c. No intervalo entre as posições de retardamento selecionadas, o Cmt Bda pode estabelecer linhas de controle, a fim de coordenar e controlar o movimento de suas unidades, podendo transformarem-se, em caso de necessidade, em posições de retardamento.

d. Normalmente, o Esc Sp estabelece o prazo a ganhar na missão como um todo. Cabe ao Cmt Bda determinar o prazo a ganhar em cada posição de retardamento selecionada.

e. A distância entre duas posições de retardamento consecutivas deve:

(1) permitir o completo Ret durante a noite;

(2) obrigar a artilharia inimiga a novo desdobramento, para bater a posição de retardamento seguinte; e

(3) induzir o inimigo a retomar o movimento como em uma M Cmb.

f. As posições de retardamento são organizadas com profundidade limitada, tendo em vista que a tarefa principal do desgaste do inimigo é atribuída aos fogos de longo alcance da artilharia e à cortina de fogos das armas em primeiro escalão.

6-52. ORGANIZAÇÃO DO TERRENO E LIMITES

a. No planejamento de uma Aç Rtrd, o Cmt Bda define a Z Aç de cada unidade empregada, por meio de limites.

b. Os limites entre as unidades são estabelecidos em função dos seguintes fatores:

(1) largura da Z Aç;
(2) áreas consideradas passivas;
(3) áreas consideradas secundárias;
(4) número de penetrantes e de vias de acesso para o inimigo que incidem na(s) posição(ões) de retardamento;
(5) prosseguimento das penetrantes e das VA no interior da Z Aç da Bda;
(6) malha rodoviária; e
(7) obstáculos existentes.

c. Os limites podem estender-se em toda a profundidade da Z Aç da Bda, desde o alcance de utilização das armas das unidades na PIR até a linha do terreno onde a Bda será acolhida ou terminará sua missão. Entre duas posições consecutivas, caso não seja constituída uma F Seg da Bda, os limites estendem-se por toda a profundidade da Z Aç. Nesta situação, as unidades retardam o inimigo entre as posições dentro das respectivas Z Aç. Quando houver F Seg, os limites estendem-se até a linha de acolhimento.

d. Ao designar as Z Aç para as unidades, o Cmt Bda procura, sempre que possível, não atribuir a responsabilidade de retardamento sobre uma penetrante ou VA inimiga a mais de uma unidade. Os limites são traçados de modo que os acidentes capitais que controlam a observação e o fogo, dentro de uma determinada Z Aç, fiquem sob responsabilidade da unidade a quem a zona foi atribuída. Pontos de coordenação são designados para facilitar a coordenação e dar continuidade à posição.

e. Os obstáculos naturais são agravados na organização das posições. São também utilizados obstáculos artificiais, a fim de melhorar as posições, com o material e mão-de-obra disponíveis dentro do prazo previsto. Embora importante, um obstáculo por si só não deve ser considerado como capaz de conter a progressão de inimigo. Nenhum terreno é intransponível para um inimigo decidido, bem equipado, treinado e agressivo. Ele pode buscar alcançar a surpresa atacando por terreno considerado intransponível. Por isto, em princípio, todos os obstáculos naturais e artificiais, devem ser batidos pelo fogo a fim de causar o máximo de retardamento.

f. As posições de retardamento são organizadas em largura e com profundidade limitada.

6-53. PLANEJAMENTO DA AÇÃO RETARDADORA

a. Como foi visto anteriormente, o Cmt Bda seleciona posições de retardamento, podendo também determinar linhas de controle entre as posições que, se necessário, serão utilizadas como posições de retardamento.

b. Quando o Esc Sp estabelece um prazo a ganhar na missão como um todo, o Cmt Bda estima um prazo a ser ganho em cada posição de retardamento. O esforço deve ser no sentido de ganhar o maior prazo nas posições mais

avançadas, especialmente na PIR, o que proporciona maior flexibilidade. Se não for estabelecido o prazo a ser ganho pelo Esc Sp, são selecionadas apenas linhas de controle.

c. Para o Cmt Bda estimar o prazo a ser ganho em cada posição de retardamento, deve levar em conta, particularmente, o terreno, como por exemplo: valor do obstáculo (se houver) à frente e nos flancos das posições; linhas favoráveis ao retardamento entre as posições; penetrantes e VA para o inimigo; largura e profundidade da Z Aç etc. Todavia, o valor e a natureza do inimigo, as condições meteorológicas e o fator tempo devem ser considerados.

d. Os Cmt Rgt podem selecionar posições de retardamento entre as da Bda. Normalmente os Cmt SU não estabelecem posições intermediárias entre as do Rtg, mas núcleos de pelotões à frente e em profundidade. A Fig 6-17 mostra, esquematicamente, a visualização do dispositivo de uma Bda C Mec na Aç Rtrd. Neste caso o Cmt Bda selecionou três posições de retardamento (PIR, P2 e P3) e os comandos subordinados núcleos de defesa na PIR.

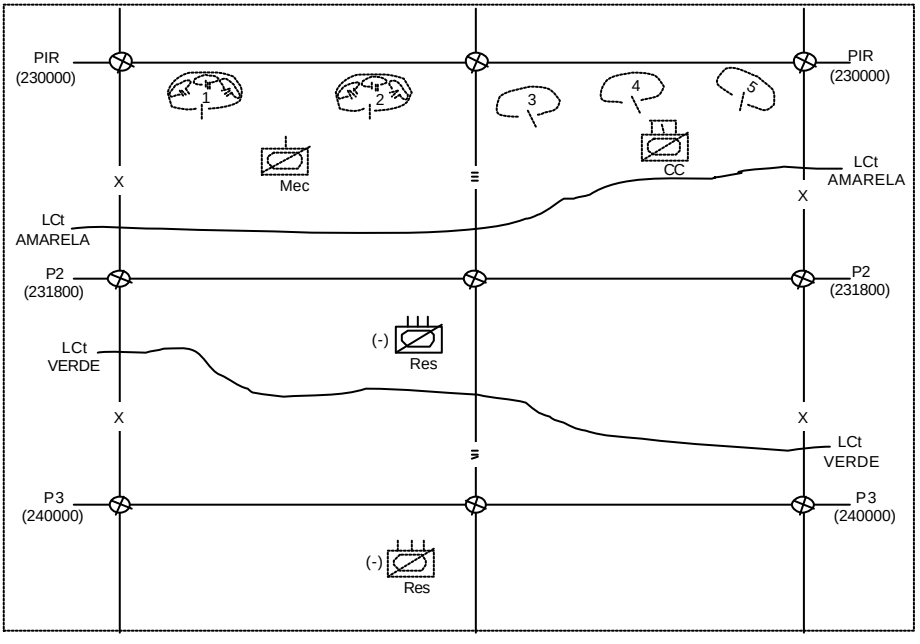


Fig 6-17. Visualização do dipositivo de uma Bda C Mec na ação retardadora

e. Uma Aç Rtrd é conduzida, normalmente, em mais de uma posição de retardamento. Nesse caso, pode-se empregar a técnica do retardamento em posições sucessivas ou do retardamento em posições alternadas, ou, ainda, utilizar uma adequada combinação de ambas.

f. Na última posição de retardamento procura-se empregar o máximo de meios à frente, podendo a reserva, nesta situação, ser de menor valor.

6-54. RETARDAMENTO EM POSIÇÕES SUCESSIVAS

a. É a maneira mais comum da Bda conduzir uma Aç Rtrd e, neste caso, emprega a maioria de seus meios em primeiro escalão. (Fig 6-18)

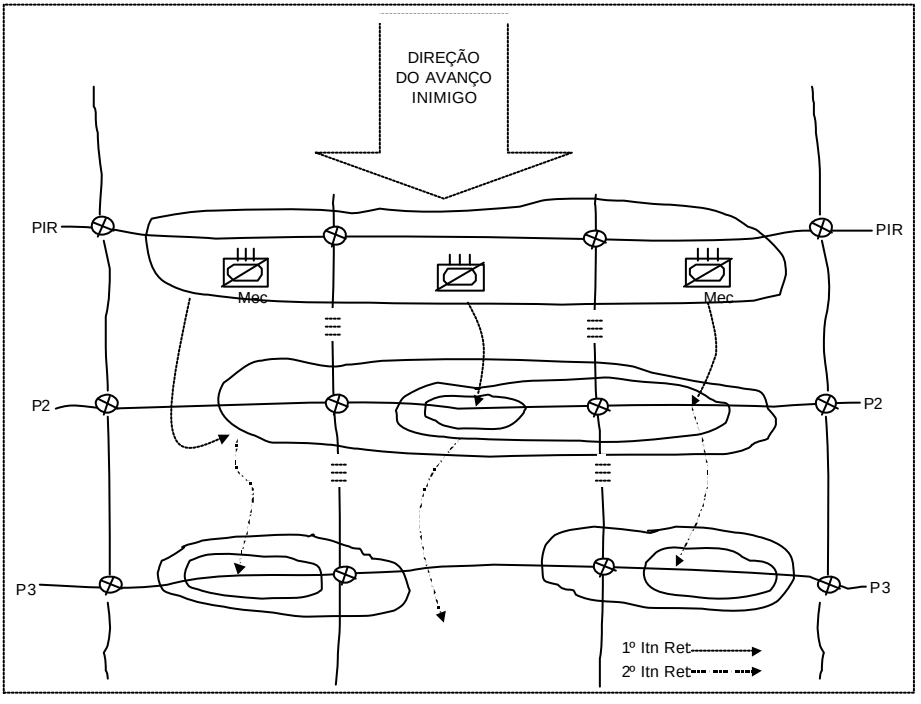


Fig 6-18. A Bda C Mec na ação retardadora em posições sucessivas

b. O retardamento em posições sucessivas se processa ocupando e melhorando cada posição de retardamento natural existente. Entretanto, o retardamento é imposto não apenas nas posições sucessivas mas, também, entre as mesmas. Nunca é cedido terreno desnecessariamente e toda oportunidade de retardar que surgir é aproveitada.

c. Em alguns casos, a posição inicial de retardamento é ocupada antes do contato com o inimigo, o que é desejável. Em tais casos, elementos de cada regimento de primeiro escalão são enviados à frente para estabelecer contato e retardar o inimigo que avança sobre a posição inicial. A artilharia de longo alcance e as unidades da posição inicial de retardamento tomam o inimigo sob seus fogos mais longe possível. Este fogo inflige baixas ao inimigo, força seu desdobramento prematuro e exige que ele tome outras medidas que consomem tempo para cerrar sobre a posição.

d. Cada posição ocupada por um Rgt de primeiro escalão é defendida por esta, até que o inimigo ameace aferrá-la ou desbordá-la. Quando o máximo de retardamento tiver sido conseguido e se torna provável que o prosseguimento

na posição pode resultar no aferramento do Rgt, o Ret é iniciado, mediante ordem do Cmt Bda. Quando o ataque inimigo se aproxima do ponto em que os fogos das suas armas individuais se tornam eficazes ou quando o Cmt de cada escalão considera ser grande o risco de perder a liberdade de manobra, considera-se que um engajamento decisivo é iminente. Neste caso, o Ret dos Rgt deve ser iniciado, de acordo com os planos previamente elaborados, contudo com autorização prévia do Cmt Bda. O Ret de cada Rgt é coordenado com o das unidades vizinhas.

e. Quando a ordem de Ret é recebida, uma parte do Rgt se desloca diretamente para retaguarda e ocupa a posição de bloqueio anteriormente designada. O restante do Rgt mantém contato com o inimigo e continua a impor o retardamento entre a primeira posição e a posição de bloqueio seguinte, aproveitando todo o terreno favorável. As forças que permanecem em contato devem ser compostas, principalmente, de CC e de Vtr Bld Rec, para que possam provocar considerável retardamento e desgaste ao inimigo. Estas forças, quando ameaçadas por engajamentos decisivos, retraem para a posição seguinte, empregando o fogo e o movimento. Quando o inimigo se coloca dentro do alcance das armas da posição de retardamento à retaguarda, ele é submetido ao fogo de todos os elementos que ocupam aquela posição. Estes elementos cobrem, pelo fogo as forças de retardamento que tenham permanecido em contato, as quais, após acolhidas, retornam às unidades a que pertencem e que estão ocupando a segunda posição preparada. O Cmt emprega, então, toda a potência de fogo disponível, para manter a posição o maior tempo possível. Quando tal manutenção não for mais possível, sem que se torne decisivamente engajado na posição, o processo de Ret é repetido.

f. A Bda C Mec conduzindo uma Aç Rtrd em posições sucessivas deve, em princípio, manter uma reserva. Geralmente esta reserva é pequena e composta, principalmente, de CC. Ela pode ser empregada: como uma F C Atq; na segurança de um flanco ameaçado e de áreas críticas à retaguarda; ou para cobrir pelo fogo o Ret de uma unidade. A reserva, freqüentemente, realizará C Atq de desaferramento a fim de auxiliar o desengajamento de um elemento aferrado. Tais ações podem ser executadas sob a forma de um ataque de varredura orientado sobre o flanco da unidade inimiga em contato, não procurando conquistar terreno. A impulsão do ataque deve ser mantida no sentido de levar a força através das colunas inimigas e retornar para o interior da posição amiga. A violência e a ação de choque empregadas em tais ataques, além de criarem condições para o desaferramento da unidade ameaçada, resultam em consideráveis danos para o inimigo e aumentam o retardamento que lhe é imposto. C Atq com a finalidade de atingir um flanco inimigo e colocar os fogos diretos dos carros de combate sobre as colunas inimigas em progressão também podem ser utilizados para causar-lhe perdas e retardá-lo.

g. O **Anexo "G"** deste manual apresenta um exemplo de redação de decisão e apresenta um de esquema de manobra de uma Bda C Mec na ação retardadora, em posições sucessivas.

6-55. RETARDAMENTO EM POSIÇÕES ALTERNADAS

a. Quando estiver atuando em uma frente estreita ou quando as posições de retardamento forem razoavelmente próximas umas das outras, a Bda C Mec pode decidir retardar em posições alternadas. Ao empregar esta técnica, a Bda é dividida em dois grupamentos. O primeiro organiza e ocupa a posição inicial de retardamento enquanto o segundo ocupa e organiza a segunda posição de retardamento. (Fig 6-19)

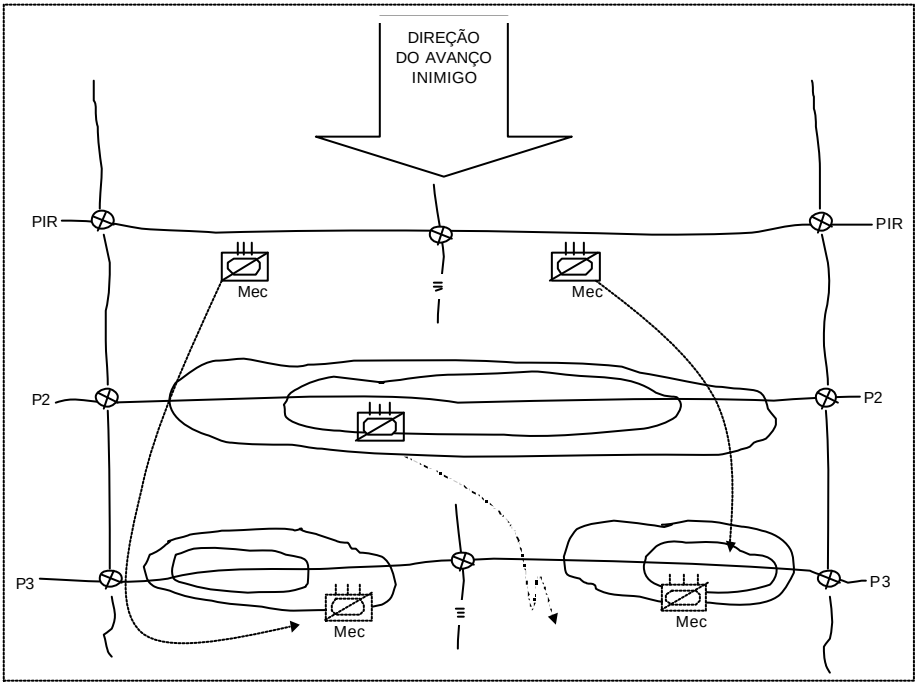


Fig 6-19. A Bda C Mec na ação retardadora em posições alternadas

b. Os Rgt que ocupam a posição inicial de retardamento, quando forçados a retrair, retardam o inimigo entre a PIR e a P2. Ao atingirem a P2, estes Rgt retraem através das tropas que a ocupam ou pelos seus flancos e prosseguem para a P3, iniciando seu preparo e ocupação. A responsabilidade de retardamento do inimigo é assumida pelos Rgt da segunda posição de retardamento assim que os primeiros elementos tenham retraído através de sua posição. O processo de retardamento se repete e cada grupamento em contato é responsável pela obtenção do retardamento necessário. Os elementos que não estiverem em contato são responsáveis pela melhoria e ocupação de posições à retaguarda e pela cobertura do Ret das forças em contato.

c. A Bda conduzindo um retardamento em posições alternadas, normalmente não constitui uma reserva específica. As forças que não estão em contato, enquanto organizam a próxima posição de retardamento, ficam em

condições de serem empregadas em missões que caberiam a uma reserva durante a conduta da Aç Rtrd.

d. O retardamento em posições alternadas tem as vantagens de proporcionar maior prazo para a melhoria das posições de retardamento e para execução da manutenção do material. Ela também permite que as tropas tenham períodos de descanso entre os combates, diminuindo a fadiga. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição dos meios, reduzindo, portanto, o poder de combate disponível para a defesa de cada posição. A Bda C Mec raramente opera em frentes suficientemente estreitas para permitir o retardamento em posições alternadas.

ARTIGO X

RETIRADA

6-56. GENERALIDADES

a. Quando um Ret precede a retirada, esta começa depois que o grosso da Bda C Mec tenha rompido o contato com o inimigo e as colunas de marcha tenham sido formadas.

b. Na retirada, a Bda se organiza de modo inverso ao da M Cmb.

c. A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:
(1) ampliar a distância entre o inimigo e a força amiga;
(2) reduzir a distância de apoio entre forças amigas;
(3) assegurar um terreno mais favorável;
(4) adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do Esc Sp; e
(5) permitir o emprego da força em outro local.

d. A Bda estabelece itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda, para cada unidade que se desloca com o grosso. Durante o estágio inicial da retirada, o controle pode ser descentralizado para os Cmt subordinados. Entretanto, à medida que a Bda se afasta do inimigo, seu Cmt reassume o controle centralizado.

e. A segurança da Bda é realizada de maneira semelhante à da M Cmb. Ela é proporcionada pela vanguarda, flancoguardas e retaguarda. Quando a retirada é precedida por um Ret, normalmente é necessário constituir uma retaguarda forte em CC e apoiada por artilharia de campanha, antiaérea e engenharia. A retaguarda emprega técnicas de retardamento para evitar a interferência do inimigo com o movimento do grosso. O Cmt Bda deve estar atento quanto à possibilidade de envolvimento de sua força por parte do inimigo.

ARTIGO XI

MISSÕES DADAS PELA FINALIDADE

6-57. GENERALIDADES

a. Não é comum, na defensiva, a Bda C Mec receber missão dada pela finalidade, já que seu emprego normal é como elemento de economia de forças, em missões de segurança, como força de fixação ou reserva e, nestes casos, a missão é formulada explicitamente.

b. No caso da Bda C Mec ser empregada na ADA, não como elemento de economia de forças, ela pode receber a missão dada pela finalidade. As figuras 6-20 e 6-21 apresentam dois exemplos esquemáticos da Bda no cumprimento de alguns destes tipos de missões.

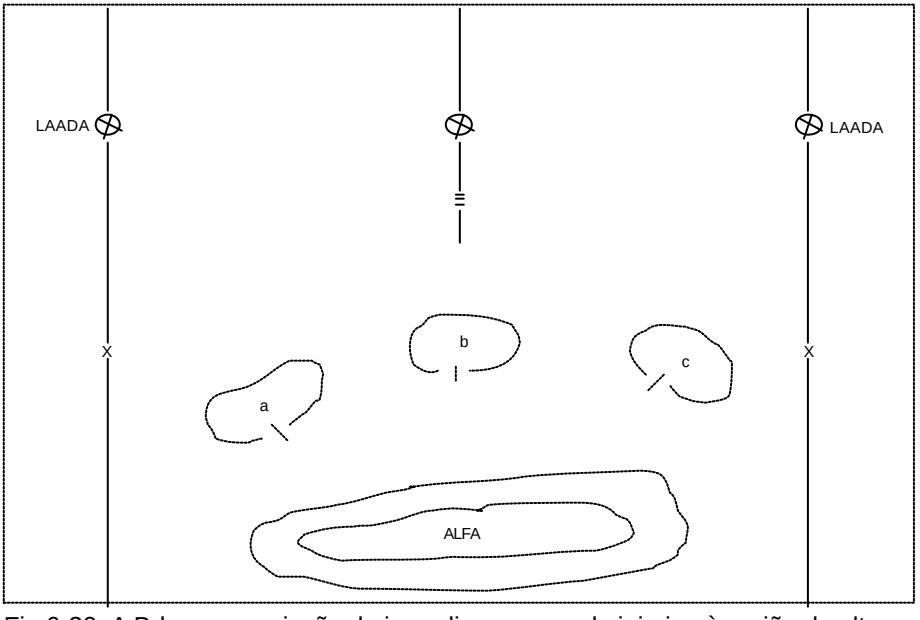


Fig 6-20. A Bda com a missão de impedir o acesso do inimigo à região de alturas ALFA

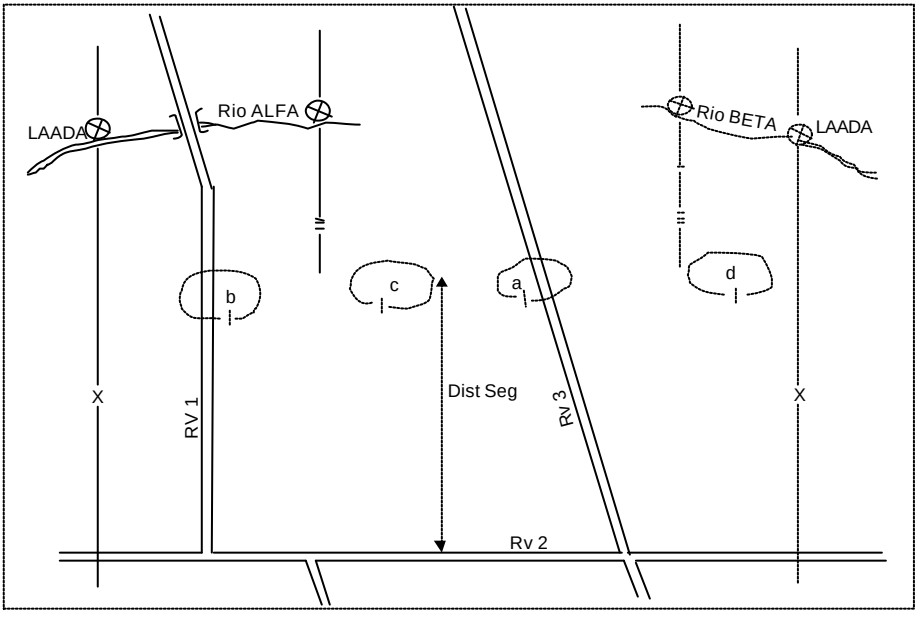


Fig 6-21. A brigada com a missão de assegurar a utilização da Rv 2 (em um determinado trecho)

CAPÍTULO 7

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS E OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

ARTIGO I

SUBSTITUIÇÃO

7-1. GENERALIDADES

a. As Subst de unidades empregadas em combate são realizadas para conservar o poder de combate, manter a eficiência operacional, atender imposições dos planos táticos e reequipar, reinstruir e ensaiar forças para operações especiais.

b. Quando as operações táticas se desenvolvem por um período prolongado de tempo, ou mesmo no combate continuado, as substituições deverão ocorrer com freqüência.

c. As Subst são executadas por meio de uma Subst em posição, por uma Ultr ou por um acolhimento.

d. A Bda C Mec pode participar de uma operação de Subst ou pode, ela mesma, conduzir e controlar esse tipo de operação.

e. Tendo em vista as suas características de emprego, a Bda C Mec participará, com maior freqüência, de operações de Ultr e de acolhimento.

f. O congestionamento resultante dessas operações requer que toda a precaução seja tomada para reduzir a vulnerabilidade das forças às ações do ataque inimigo durante a operação. São essenciais uma estreita coordenação de planos e cerrada cooperação entre as forças que executam a Subst.

7-2. CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

a. As operações de Subst devem ser executadas de uma maneira rápida e ordenada.

b. Sempre que possível, as substituições são executadas durante períodos de visibilidade reduzida.

c. Devem ser expedidas ordens preparatórias o mais cedo possível.

d. Deve ser proporcionado tempo adequado para o planejamento e os reconhecimentos.

e. Os planos devem ser minuciosos, simples e bem coordenados entre todos os escalões das forças que substituem e das forças substituídas.

f. Os planos de dissimulação devem incluir todas as medidas que permitam assegurar o sigilo e a surpresa.

g. Devem ser tomadas todas as precauções para reduzir a vulnerabilidade ao ataque inimigo durante a substituição.

h. As forças que substituem e as substituídas mantêm estreitas ligações.

i. Os elementos de apoio ao combate devem ser substituídos em oportunidades diferentes das forças que apóiam.

j. A hora da passagem de comando entre a força substituída e a substituta e outras condições necessárias à operação são estabelecidas entre os dois comandantes interessados ou determinadas pelo comandante imediatamente superior.

7-3. A Bda C Mec NA SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

a. Generalidades

(1) A Subst em posição é uma ação comum de combate na qual, por ordem do Esc Sp, uma força ou parte dela, é substituída por outra em uma área de combate.

(2) As responsabilidades pela missão de combate e pela Z Aç das forças substituídas são assumidas pela força que a substitui. A força ou parte da força que substitui continua a operação conforme for determinado. Uma substituição em posição é realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de um ataque subseqüente.

(a) Quando a Subst em posição é executada para continuar a defesa, deve ser feita na base de unidade por unidade, subunidade por subunidade, homem a homem, arma por arma. O Cmt da força que substitui adota um dispositivo que se ajuste ao plano do comandante da organização substituída. As modificações no plano de defesa somente poderão ser introduzidas pelo Cmt substituto, após ter completada a Subst.

(b) Quando é realizada uma Subst em posição para prosseguir ou

retomar um ataque, o Cmt substituto a procede somente em determinada(s) parte(s) da Z Aç, visto que sua missão principal é a de se preparar para o ataque e dar prosseguimento ao mesmo. Assume, contudo, a responsabilidade pela defesa de toda a área, embora disponha suas forças para facilitar a retomada ou desencadeamento do ataque. Na maioria das vezes, adota um dispositivo que permita aos principais comandos subordinados executarem seus planos de ataque ou que permita uma mudança de direção do mesmo.

b. Planejamento

(1) Generalidades

(a) Quando a Bda C Mec realiza a Subst de outra GU em posição, recebe, do Esc Sp, uma ordem preparatória que deve especificar a hora do início e do término da Subst, bem como as condições de execução da mesma, quanto aos aspectos relacionados com a visibilidade, prazos e as prioridades para utilização das estradas e itinerários necessários aos deslocamentos.

(b) Após receber a ordem do Esc Sp, o Cmt Bda, com o seu EM, analisa a missão, expede suas ordens e estabelece as ligações necessárias com a GU a ser substituída.

(c) O Cmt Bda, normalmente, estabelecerá seu PC nas vizinhanças do PC da GU a ser substituída.

(d) Trabalhos conjuntos são executados entre os Cmt e EM da Bda C Mec e da GU que será substituída, visando aos pormenores da ação e ao estabelecimento de critérios que não tenham sido definidos pelo Esc Sp.

(2) Coordenação

(a) Troca de planos e de pessoal de ligação

1) A GU substituída deverá fornecer à Bda todas as informações necessárias, dispositivos e planos defensivos existentes, inclusive os planos de fogos, de barreiras e de C Atq. A força substituída, normalmente, fornecerá elementos de ligação à Bda e estes serão distribuídos em cada PC a partir do escalão SU.

2) O efetivo do pessoal de ligação e a duração de sua permanência com a Bda varia com a situação e se estende, normalmente, até ao domínio da situação pelos diversos escalões substitutos.

(b) A seqüência da Subst, tendo em vista não enfraquecer a defesa durante a sua realização e quando não especificada pelo comando que ordena a operação, é executada por fases, da retaguarda para a frente ou da frente para a retaguarda. Para a determinação da seqüência da Subst, os seguintes aspectos devem ser considerados:

1) a missão subseqüente atribuída à Bda que está executando a Subst;

2) as características da área de operações;

3) o efetivo e a eficiência de combate da unidade substituída;

4) as possibilidades do inimigo tomar conhecimento da Subst e de reagir contra a mesma;

5) a necessidade de variar os padrões ou processos de subst;

6) o valor e o tipo dos elementos envolvidos na Subst; e

7) a necessidade de manter o sigilo.

(c) Passagem do comando

1) A ocasião e as circunstâncias em que o Cmt Bda assume a responsabilidade pela área devem ser claramente estabelecidas por acordo mútuo ou pelo Esc Sp.

2) Até que se realize a passagem do comando, o comando da GU substituída é responsável pela área e pelo cumprimento da missão e exerce o controle operacional sobre todos os elementos subordinados da Bda C Mec que tenham completado sua parte na Subst. Durante esse período, as unidades substitutas devem se enquadrar aos planos de defesa do elemento que está sendo substituído.

3) Normalmente, o Cmt Bda C Mec assume o comando quando os seus comandantes subordinados tiverem assumido as responsabilidades das unidades substituídas e quando os meios adequados de comunicações para controlar toda a Z Aç já tiverem sido estabelecidos. Após a passagem de comando, o Cmt Bda assume o controle operacional de todas as unidades que devem sair e que, ainda, não tenham sido substituídas.

(d) Reconhecimento - Um completo reconhecimento diurno, sempre que possível, deverá ser realizado pelo Cmt Bda, seu EM e todos os Cmt de elementos envolvidos na Subst. Os reconhecimentos devem incluir:

1) o terreno à frente da posição;
2) as instalações defensivas;
3) os itinerários de Subst;
4) as Z Reu;
5) as posições dos elementos de apoio ao combate;
6) as instalações de Ap Log.

(e) Segurança - Deverá ser feito o máximo de esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da Subst; além de executá-la durante os períodos de visibilidade reduzida, as seguintes medidas de segurança deverão ser observadas:

1) as atividades normais na área de operações devem ser mantidas durante a Subst. A Bda mantém os fogos de inquietação e interdição, patrulhas, tráfego de comunicações e movimentos anteriormente empregados pela GU que sai;

2) são adotadas restrições iniciais quanto ao valor dos destacamentos avançados e dos de reconhecimento da Bda. Tais destacamentos deslocam-se para área de operações por infiltração;

3) as redes de comunicações da GU substituída são utilizadas até que a operação de Subst seja completada;

4) os registros e os repertórios de tiro das forças que substituem são coordenados pela força que é substituída, até que se realize a passagem do comando;

5) um plano integrado de dissimulação é executado, tanto pela Bda C Mec como pela GU substituída.

6) a DAAe fica permanentemente em alerta e em condições de atuar durante a Subst.

(f) Controle de movimento - A Bda C Mec e a GU substituída estabelecem um único comando de trânsito, para o controle das unidades que

se deslocam para dentro e para fora da área. Tal controle inclui:

1) itinerários a serem utilizados e prioridades para o seu uso;
2) responsabilidade pelo controle do trânsito;
3) localização de Z Reu;
4) fornecimento de guias para as unidades que substituem; e
5) utilização comum dos meios de transporte.

(g) Inteligência - A GU substituída transfere para a Bda C Mec todas as informações relacionadas com o inimigo e com a área de operações e outras informações adicionais necessárias.

(h) Apoio de fogo

1) O processo de substituição das unidades de apoio de fogo deverá ser claramente estabelecido. A unidade de artilharia substituída permanecerá em posição, até que as unidades de primeiro escalão tenham sido substituídas. Esse procedimento permite que a unidade de artilharia que está familiarizada com os PAF e com a área de operações permaneça em condições de atirar durante o período crítico da Subst das unidades avançadas.

2) Caso a artilharia substituta não venha a ocupar as mesmas posições da artilharia substituída, deverá ocupar posições por bateria, sob o controle do grupo e em condições de assumir as missões de tiro, antes que a artilharia substituída desocupe as posições.

3) Quando não existirem outras posições de tiro, a artilharia pode ser substituída na própria posição. Nesse caso, é necessário executar a Subst por seções ou peças, para evitar congestionamento e emassamento do pessoal e material.

4) Os O Lig e os OA da unidade que substitui juntam-se, o mais cedo possível, às unidades que saem, para se familiarizarem com os planos de fogos.

5) Até que o comando seja passado, os fogos de regulação e demais fogos da unidade de artilharia que substitui são controlados pelo Cmt da artilharia substituída.

(i) Troca de equipamentos

1) Em virtude da dificuldade na Subst do armamento coletivo durante a noite, o Cmt da GU substituída e o da Bda C Mec acertam a troca das armas que não podem ser facilmente removidas ou que sejam necessárias para assegurar o emprego eficiente dos fogos.

2) Ordens são expedidas aos Cmt subordinados para que, de acordo com seus planejamentos, executem as trocas que julgarem necessárias, tais como os reparos das metralhadoras pesadas e as placas - base dos morteiros. A troca é na base de arma por arma.

3) As unidades subordinadas deverão deixar na posição os suprimentos volumosos e em excesso, tais como munições, materiais de fortificação de campanha, fios telefônicos já lançados e outros suprimentos e equipamentos de difícil remoção.

(j) Apoio logístico - A Bda C Mec e a GU substituída coordenam:

1) transferência de suprimento;
2) uso das instalações;
3) transferência de PG;

4) controle de refugiados;
5) desdobramento dos órgãos de apoio;
6) uso dos meios de transporte; e
7) controle de trânsito.

(3) Planejamento simultâneo

(a) A Bda C Mec e a GU substituída expedem ordens de operações determinando as Subst, de acordo com os procedimentos coordenados na fase de planejamento.

(b) Antes da expedição de ordens de operações, são distribuídas ordens fragmentárias às unidades subordinadas, para permitir o planejamento simultâneo em todos os escalões interessados.

c. Execução

(1) Seqüência da substituição

(a) A Subst na posição é executada em etapas, a fim de permitir a preservação do poder de combate durante a operação.

(b) As reservas podem ser substituídas em primeiro lugar, seguidas pela Subst dos elementos avançados, ou vice-versa.

(c) Normalmente, quando a maioria das forças está desdobrada no LAADA, a Subst é conduzida da frente para a retaguarda.

(d) A possibilidade de o inimigo descobrir ou interferir na operação, aliada às características da região de operações e ao prazo disponível para execução da Subst, são os fatores que o Cmt Bda C Mec considera na escolha do processo de Subst dos elementos desdobrados no LAADA.

(e) O processo de Subst dos elementos desdobrados no LAADA poderá ser conduzido pelos seguintes processos:

1) quando duas unidades estão desdobradas à frente, a Subst de uma delas deverá ser completada antes de se iniciar a Subst da seguinte;

2) quando três unidades forem desdobradas à frente, a Subst de duas unidades de flanco deve ser feita simultaneamente, seguida pela Subst da unidade do centro. Dependendo das circunstâncias, poder-se-á inverter a ordem;

3) Subst simultânea de todas as unidades desdobradas à frente da posição.

(2) Conduta da substituição (Fig 7-1)

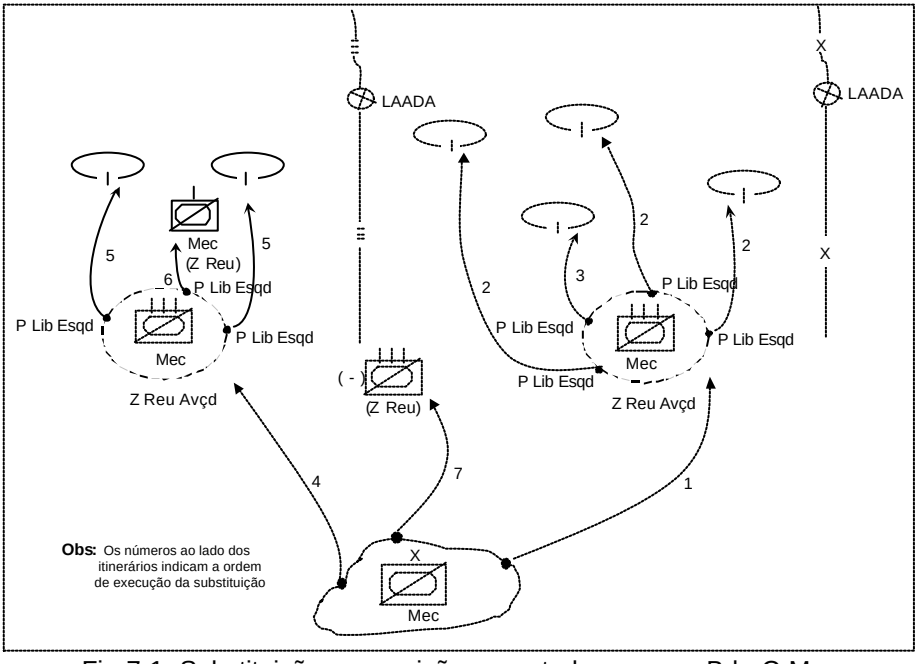


Fig 7-1. Substituição em posição executada por uma Bda C Mec

(a) A fim de reduzir a vulnerabilidade a que são expostas as tropas durante a execução da substituição, medidas apropriadas de contra-inteligência deverão ser empregadas para evitar que a operação seja revelada. Deverão ser previstas medidas de GE e a continuidade de atividades normais, tais como fogos de apoio, utilização do rádio, tráfego de veículos e outras.

(b) Os fogos da GU substituída e da Bda C Mec devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do inimigo, no caso da operação ser descoberta.

(c) O EM da Bda deverá elaborar um meticuloso planejamento a ser seguido nas Subst executadas pelas unidades subordinadas, a fim de reduzir ao mínimo o movimento de tropas na área de operações.

(d) As substituições durante o período diurno são evitadas, sempre que possível. Contudo, fumígenos podem ser empregados no local ou sobre observatórios inimigos para impedir a observação sobre a operação.

(e) A Subst é conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o controle e o sigilo. A tropa da GU substituída fornece segurança e vigilância durante a execução da operação.

(f) A coordenação com as GU vizinhas e com os elementos de apoio de fogo e logístico é de responsabilidade da Bda C Mec.

(g) A Bda designará Z Reu para seus elementos subordinados. As Z Reu serão separadas para diminuir a vulnerabilidade aos fogos inimigos. A

permanência excessiva dentro das Z Reu será evitada.

(h) A operação propriamente dita consistirá em uma série de substituições a serem realizadas por unidades subordinadas e controladas pela Bda. O planejamento é centralizado e a execução é descentralizada.

(i) Uma vez iniciada a Subst em posição, o EM da Bda tem como tarefas principais:

1) supervisionar o horário e o movimento das unidades subordinadas;

2) coordenar a utilização conjunta dos meios de transporte;

3) supervisionar o controle de trânsito;

4) preparar-se para exercer o controle geral da operação, após a passagem de comando; e

5) permanecer a par da situação, de forma a poder auxiliar o Cmt a reagir rapidamente a qualquer modificação no plano para a Subst.

(m) Durante a Subst, os Cmt de cada escalão justapõem os seus PC e PO aos da força substituída.

(n) Quando da passagem do comando, o Cmt Bda assume o controle de todas as unidades na Z Aç, inclusive daquelas que ainda não foram substituídas.

(o) Se ocorrer um ataque, antes de o Cmt Bda ter assumido a responsabilidade pela Z Aç, os elementos já desdobrados passam ao controle operacional da grande unidade a ser substituída, para fazer face à ação inimiga.

(p) As mudanças na organização da defesa somente serão iniciadas após a troca de responsabilidade pela Z Aç.

7-4. A Bda C Mec NA ULTRAPASSAGEM (Fig 7-2)

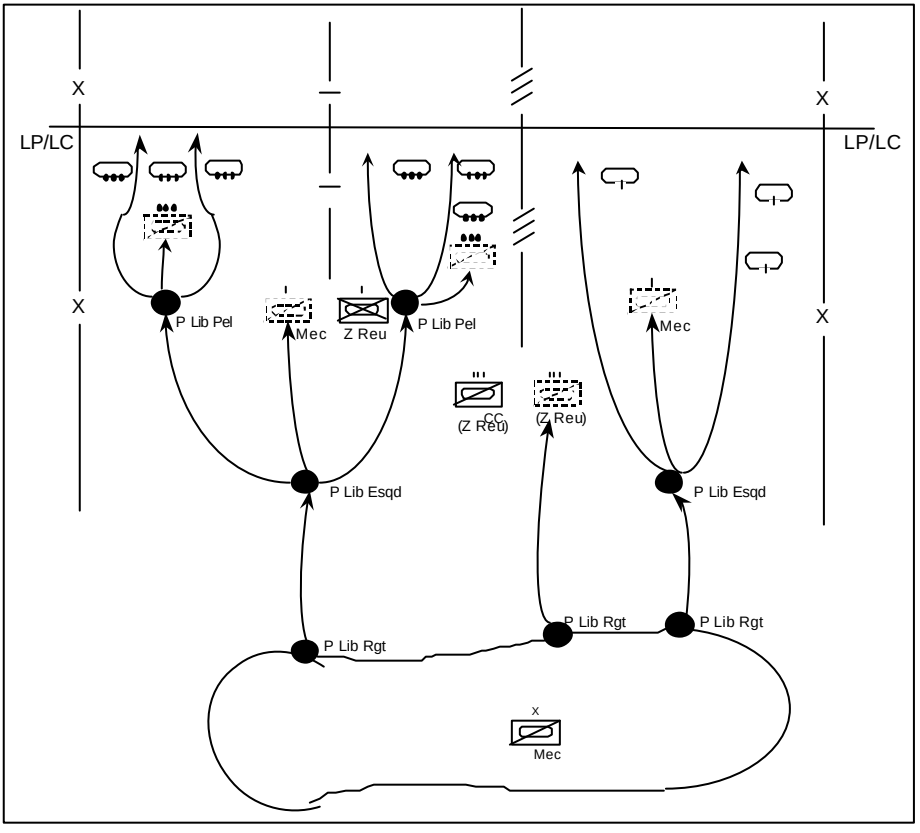


Fig 7-2. Bda C Mec na ultrapassagem de uma Bda Inf Bld

a. Generalidades

(1) Ultrapassagem (Ultr) é uma ação comum na qual uma unidade ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo.

(2) A Bda C Mec executa uma Ultr para substituir uma unidade desgastada ou desfalcada, para prosseguir ou iniciar um ataque ou para mudar o ritmo de uma operação.

(3) A Ultr exige planejamento cuidadoso e coordenação cerrada entre as forças que participam da operação.

(4) Os elementos da tropa ultrapassada permanecem em posição e apóiam a força que ultrapassa até que seus fogos se tornem ineficazes.

(5) A tropa em contato provê todo o apoio possível à força que vai ultrapassá-la.

b. Planejamento

(1) Generalidades

(a) As normas de planejamento de uma Ultr são semelhantes às de uma Subs em posição.

(b) O Cmt e o EM da Bda C Mec, ao receberem uma ordem preparatória para uma operação que exija Ultr, ligam-se, o mais cedo possível, com a GU a ser ultrapassada.

(c) O PC da Bda C Mec deve ser estabelecido nas vizinhanças do PC da GU a ser ultrapassada.

(d) Imediatamente após o recebimento da ordem preparatória, os elementos que vão realizar a Ultr e os que estão em contato organizam uma reunião de planejamento para acertarem os pormenores da operação.

(2) Coordenação - Durante o planejamento, os pormenores abaixo especificados devem ser coordenados pelos Cmt e EM envolvidos na operação e normas deverão ser estabelecidas para que os comandos subordinados, dentro das respectivas Z Aç, possam efetuar as ligações necessárias.

(a) Troca de informações - A GU em contato fornece todos as informações possíveis, do inimigo e do terreno, para a Bda C Mec. Esses informes devem incluir o valor, dispositivo e composição das forças inimigas, bem como a localização de seus blindados, das armas anticarro e dos obstáculos.

(b) Trocas de planos táticos - São executadas entre a Bda C Mec e a GU a ser ultrapassada.

(c) Reconhecimento

1) Um completo reconhecimento deve ser feito pelo Cmt e EM da Bda, bem como pelos Cmt subordinados, até o nível pelotão. O reconhecimento deve abranger os itinerários para os locais de Ultr, o local propriamente dito e a localização das tropas em posição.

2) Um reconhecimento visual deve ser feito da área à frente da posição. Tal reconhecimento poderá ser aéreo ou aeromóvel.

3) Durante o reconhecimento, deve-se tomar o cuidado de não alertar o inimigo sobre a operação que será realizada. Para isso, pode ser necessário limitar os efetivos a serem empregados e a utilização de viaturas das unidades de contato.

(d) Segurança

1) Deve ser feito o máximo esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da Ultr.

2) O movimento, através das posições, deve ser conduzido à noite, o que exige um estrito controle e reconhecimento antecipado.

3) O fogo de artilharia deve ser empregado, durante o movimento, para encobrir o ruído das viaturas.

4) Se o movimento através das posições for conduzido durante o dia, fumígenos podem ser empregados sobre os PO identificados e à frente das posições inimigas.

5) Enquanto a Ultr está se realizando, a concentração de tropa apresenta um excelente alvo para o inimigo. Assim, a Ultr deve ser realizada mais rapidamente possível. Durante o período de concentração de tropa,

medidas de defesa contra ataques aéreos devem ser tomadas.

(e) Seleção das áreas de ultrapassagem

1) Quando possível, as áreas selecionadas para Ultr não devem estar ocupadas, mas localizadas entre os elementos das unidades em posição ou em seus flancos.

2) Este procedimento reduz a vulnerabilidade que se cria quando uma força ultrapassa diretamente através de posições ocupadas por outras tropas.

3) Pode ser necessário que a GU em contato reajuste seu dispositivo, a fim de permitir uma Ultr mais satisfatória.

(f) Prioridade para utilização de itinerários e áreas

1) O comando que dirige a Ultr, normalmente, estabelece uma prioridade nas estradas e em determinas áreas.

2) A força que vai ultrapassar deve ter prioridade para a utilização de itinerários que conduzam à área da tropa que está sendo ultrapassada.

3) Informações detalhadas sobre as estradas a serem utilizadas e áreas a serem ocupadas, devem ser difundidos o mais cedo possível.

4) Os itinerários estabelecidos, para os deslocamentos através da posição, devem ser bem sinalizados e controlados. O ideal é que a Bda C Mec e a GU em contato proporcionem guias até o escalão pelotão.

5) O controle do trânsito na área da GU ultrapassada é de responsabilidade desta, até que a responsabilidade pela Z Aç seja transferida para a Bda C Mec.

(g) Passagem do comando

1) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da Z Aç será transferida devem resultar de um acordo entre os dois comandantes interessados ou serem determinadas pelo Esc Sp.

2) Normalmente, o Cmt Bda C Mec assume a responsabilidade pela Z Aç na hora do ataque. A responsabilidade pela Z Aç pode ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, mediante ordem do comando que determina a Ultr.

3) Em princípio, o Cmt da GU em contato exerce o controle operacional sobre os elementos da Bda C Mec em sua Z Aç, até que a responsabilidade por essa área seja transferida. Nessa ocasião, o Cmt Bda C Mec assume o controle das operações táticas de ambas as forças, até que seja completada a Ultr.

(h) Apoio ao combate e logístico

1) A GU em contato proporciona todo o apoio à Bda C Mec, particularmente em relatórios de campos de minas, fornecimento de guias, apoio de fogo e outros apoios ao combate.

2) Os elementos de apoio de fogo das unidades em contato são, normalmente, integrados aos PAF das unidades da Bda C Mec, que, por sua vez, estão em consonância com a matriz de sincronização da Bda. A artilharia da tropa ultrapassada deverá reforçar os fogos do GAC da Bda, após o início da operação.

3) O O Lig de artilharia, os OA e o OLA da Bda C Mec devem manter contato com seus correspondentes para a troca de informações e tomar conhecimento dos pormenores do PAF.

4) Devido às dificuldades de coordenação e controle, apenas os meios de fogos indiretos das unidades em contato devem ser empregados para apoiar a Bda C Mec durante a realização da Ultr propriamente dita.

5) Dentro de suas possibilidades, a GU que está sendo ultrapassada fornece o Ap Log para a Bda C Mec, durante e imediatamente após a Ultr. Esse apoio pode incluir a condução de PG, o controle de trânsito, o controle de extraviados e o auxílio no manuseio de mortos.

(i) Outras coordenações

1) A abertura de brechas através de campos minados e obstáculos amigos, para permitir uma rápida Ultr, são executadas pela GU que está sendo ultrapassada.

2) Planos de dissimulação, para manter o sigilo e facilitar a obtenção da surpresa, devem ser realizados entre a Bda C Mec e a GU a ser ultrapassada.

c. Execução da ultrapassagem

(1) Os elementos de manobra da Bda C Mec iniciam seus deslocamentos da Z Reu para a LP, na ocasião prevista. Cuidadosos cálculos de marcha devem ser feitos para que as unidades ataquem na hora determinada, sem necessidade de usar posições de ataque. Esse procedimento reduz ao mínimo o tempo de concentração de tropas na área avançada.

(2) Em algumas situações, é preferível deslocar as reservas da GU em contato para Z Reu à retaguarda, imediatamente antes do início da Ultr, para reduzir a densidade de tropas durante a operação. Tal procedimento, normalmente, é prescrito pelo comando que ordena a Ultr.

7-5. A Bda C Mec NO ACOLHIMENTO (Fig 7-3)

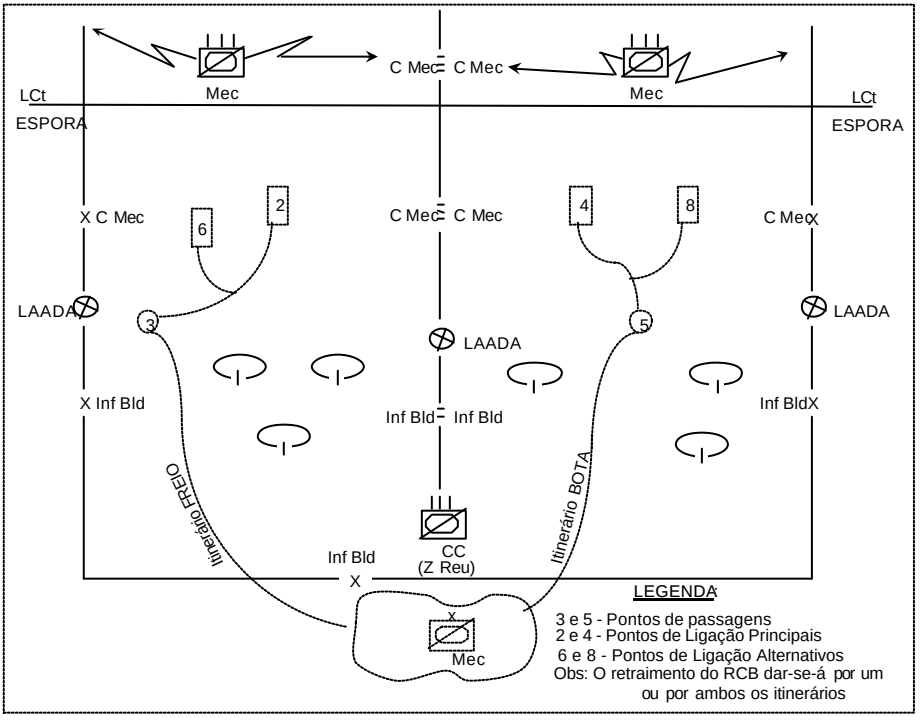


Fig 7-3. Bda C Mec acolhida por uma Bda Inf Bld

a. Generalidades

(1) Acolhimento (Aclh) é uma operação na qual uma força, em Mvt Rtrg, passa através da Z Aç de outra que ocupa posição defensiva ou retardadora à sua retaguarda. A força acolhida realiza um retraimento através de uma posição.

(2) O Aclh pode ocorrer com ou sem contato com o inimigo. Quando conduzido em contato com o inimigo, este perdurará até que as forças que retraem se coloquem sob a proteção dos fogos do elemento que executa o Aclh.

(3) O objetivo desta operação é a Subst de uma tropa exaurida ou empregada em uma ação além de sua capacidade. Pode, também, ser realizada como parte de um Mvt Rtrg ou para permitir à força que retrai o cumprimento de outra missão.

(4) Após acolhida, a força que retrai poderá:

(a) deslocar-se para área de repouso, a fim de reorganizar-se e passar por novo período de instrução;

(b) cobrir o retraimento de outra força; e

(c) deslocar-se para outra área, a fim de ser empregada em nova missão.

(5) Este parágrafo abordará os aspectos relativos à Bda C Mec como força acolhida.

b. Planejamento

(1) Coordenação

(a) Nenhum Cmt, seja o que retrai, quanto o que se encontra em posição, exerce o comando sobre o outro, mas cada força pode apoiar a outra pelo fogo e pela manobra.

(b) Após o recebimento da ordem preparatória, o Cmt e o EM da Bda C Mec estabelecem ligações com seus correspondentes da GU em posição, para coordenar o planejamento da operação. A troca de elementos de ligação é feita até o nível pelotão e estes, no âmbito de seus respectivos escalões, coordenam os pormenores da operação.

(c) Um plano detalhado de reconhecimento deve ser elaborado e cuidadosamente coordenado entre a Bda C Mec e a GU que se encontra em posição.

(2) Seleção das áreas de passagem

(a) Sempre que possível, as áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas que retraem devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição, ou em seus flancos.

(b) O dispositivo na posição defensiva, os planos de fogos, a segurança, a vulnerabilidade e a missão subseqüente da Bda C Mec devem ser levados em consideração na seleção das áreas ou pontos de passagem.

(c) A vulnerabilidade aos ataques do inimigo pode ser reduzida pela seleção de áreas ou de pontos que possibilitem à Bda C Mec passar pelos flancos ou áreas desocupadas da GU em posição.

(3) Itinerários de retraimento

(a) A Bda C Mec deverá utilizar vários itinerários de retraimento e evitar a utilização de Z Reu ou paradas dentro da posição ou área de retaguarda da grande unidade que faz o acolhimento.

(b) A Bda C Mec deve ter prioridade na utilização dos itinerários e instalações.

(c) Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para CC e Vtr Bld Rec, devem evitar locais organizados da posição defensiva (núcleos de defesa).

(d) O Cmt Bda C Mec é o responsável pelo controle do tráfego à frente da posição defensiva. O Cmt da força em posição é responsável pelo controle do tráfego no interior da posição defensiva.

(4) Passagem de comando

(a) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da Z Aç é transferida para o Cmt da GU em posição são determinadas por entendimentos entre os dois Cmt interessados ou fixadas pelo Esc Sp.

(b) Normalmente, em uma operação de Aclh, o Cmt da GU em posição assume a responsabilidade pelo controle da Z Aç no momento em que a tropa que retrai atinja uma linha de segurança de apoio de artilharia ou uma linha de controle designada. Pode ser também em uma hora predeterminada.

(c) Na Aç Rtrd, a responsabilidade pela Z Aç, por parte da Bda C Mec, termina por ocasião de seu Aclh na posição. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o retraimento se processe em boas condições.

(5) Apoio ao combate e logístico

(a) A Bda C Mec deve receber todo o apoio possível por parte da GU em posição.

(b) O apoio de fogo prestado pela GU em posição é de grande importância, especialmente com relação à cobertura a ser dada aos destacamentos deixados em contato com o inimigo.

(c) Os fogos devem ser coordenados entre as duas forças participantes da operação.

(d) Áreas de abastecimento devem ser localizadas à retaguarda dos elementos que farão o acolhimento, para proporcionar abastecimento de emergência, quando necessário.

c. Medidas de coordenação e controle

(1) É necessário rigoroso controle para um retraimento ordenado através de uma posição à retaguarda.

(2) As medidas por meio das quais a operação deve ser controlada e coordenada são previstas pelo Esc Sp ou acertadas entre os comandantes interessados.

(3) Qualquer alteração das medidas de controle planejadas deve ser coordenada entre os comandos envolvidos e levada ao conhecimento de todos os elementos interessados.

(4) As medidas de coordenação e controle, normalmente usadas, são: os pontos de ligação, os pontos de passagem, os itinerários de retraimento, a hora de passagem e os sinais de reconhecimento.

(5) Pontos de ligação (P Lig)

(a) Nesse tipo de operação, são designados pelo comando enquadrante ou por combinação entre os Cmt envolvidos na operação.

(b) Para assegurar uma perfeita coordenação, um ponto de ligação principal e outro alternativo devem ser designados em cada setor de unidade. Esses pontos são efetivados pelos elementos de ligação e são localizados dentro do alcance das armas do LAADA ou posição de retardamento. Os comandos subordinados deverão, dentro de suas respectivas Z Aç, estabelecer P Lig para suas peças de manobra.

(c) Os elementos da área de defesa avançada, ou posição de retardamento, enviam patrulhas de ligação, equipadas com rádio e guias para os P Lig.

(6) Pontos de passagem

(a) Esses pontos são localizados no limite anterior da ADA ou posição de retardamento e através deles as forças são acolhidas. Devem ser reconhecidos pelas forças que retraem.

(b) Os pontos de passagem são também empregados para proporcionar um meio de referenciar locais específicos e informações para o controle das unidades.

(c) Os guias das unidades que realizam o Aclh, normalmente, encontrarão os elementos que executam o retraimento no P Lig e os guiarão através dos pontos de passagem sobre o limite anterior da ADA ou posição de retardamento e daí para a retaguarda da unidade

(7) Itinerários de retraimento

(a) São caminhos designados através da posição à retaguarda que facilitam um retraimento ordenado e contínuo.

(b) No interior da posição, é obrigatório que as tropas se mantenham sobre os itinerários prescritos.

(8) Hora da passagem

(a) A hora da passagem é designada pelo Cmt que ordenou a operação. Horas específicas são designadas para cada unidade.

(b) Um representante de cada unidade que retrai, com rádio, precederá a unidade de marcha no ponto de passagem. Esses representantes informam à unidade que acolhe o número de veículos que estão retraindo e a identificação do último veículo a retrair.

(9) Sinais de reconhecimento

(a) São incluídos na ordem de operações e devem ser baseados nas instruções para a exploração das comunicações e eletrônica (IE Com Elt) e nas normas gerais de ação das forças interessadas.

(b) Os sinais de reconhecimento são acertados entre as duas forças e, normalmente, cobrem tanto o retraimento diurno quanto o noturno.

d. Execução do retraimento

(1) Na hora prevista, os elementos da Bda C Mec iniciam o deslocamento para a retaguarda, dentro de suas respectivas Z Aç. Esse deslocamento deverá ser realizado durante períodos de visibilidade reduzida, evitando-se a utilização de Z Reu e paradas na área de retaguarda da GU em posição, uma vez que isso provoca um aumento de densidade de tropas na área de operações.

(2) Os Cmt das unidades subordinadas sãs responsáveis pela identificação do último elemento de sua organização a passar através da unidade em posição.

(3) A fim de reduzir a densidade de tropas durante o Aclh, é conveniente que o retraimento seja executado na seguinte seqüência: os elementos de Ap Log, a reserva, os elementos de comando e controle, de apoio ao combate e de combate.

ARTIGO II

CERCO

7-6. GENERALIDADES

a. O cerco, normalmente, será conduzido pelo escalão Ex Cmp. A Bda C Mec poderá participar da ação integrando a força de cerco, ou fixando o inimigo a ser cercado.

b. O Cerco é uma ação comum que tem por objetivo bloquear determinada área ou força, cortando suas comunicações terrestres e impedindo que o inimigo possa retirar meios ponderáveis ou carrear novos recursos em tropas, equipamentos e suprimentos.

c. O cerco, normalmente, constitui-se na concretização de uma manobra tática ofensiva de desbordamento ou de um envolvimento bem sucedida.

d. Deve ser executado com rapidez e o máximo de sigilo possível, utilizando elementos altamente móveis e suficientes para bloquear, completamente, a área ou força desejada.

e. O fator surpresa é fundamental nesse tipo de operação. A descoberta prematura do cerco pode resultar na fuga ou evasão do inimigo, antes que sua destruição ou captura possa ser executada.

f. O cerco, inicialmente, será o mais amplo possível, de modo a assegurar que toda a força inimiga esteja contida dentro de seus limites. A rapidez na execução e o tempo disponível são fatores cruciais nesse tipo de operação.

g. O emprego de ações aeromóveis para cercar é de valiosa utilidade, particularmente para ocupar posições de bloqueio em profundidade, antecipando-se às ações do inimigo e preservando o fator surpresa da operação.

7-7. CONDUTA DO CERCO

a. Os deslocamentos para o cerco são executados com rapidez. Os objetivos designados pela Bda C Mec para suas peças de manobra são ocupados simultaneamente, a fim de bloquear a fuga e evitar a evasão do inimigo. Se a ocupação simultânea das posições não for possível, as rotas de fuga mais prováveis devem ser bloqueadas primeiramente.

b. O isolamento é a fase mais crítica da operação. Nessa fase, a força de cerco procura isolar a força inimiga, cortando-lhe os itinerários de retraimento e impedindo que receba reforços. Se o inimigo perceber que está sendo cercado, poderá reagir para explorar os intervalos ou atacar os pontos fracos, forçando passagens através das quais possa escapar.

c. As unidades que ocupam posição no cerco devem destacar patrulhas o mais à frente possível, para alertar sobre o deslocamento do inimigo e para que possam ser preparadas emboscadas sobre os itinerários de fuga. Uma reserva móvel, sob o controle da Bda, deve ser orientada para conter qualquer ameaça de rompimento do cerco e reforçar áreas de difícil controle.

d. Apoio de fogo de artilharia poderá ser empregado para encobrir o movimento dos elementos de combate, através da realização de operações de dissimulação pelo fogo, enquanto os mesmos se deslocam para os objetivos. O controle e a coordenação dos fogos devem ser planejados, pormenorizadamente, para apoiar a operação, tão logo seja quebrado o sigilo.

e. Após concluído o cerco, segue-se a destruição do inimigo. Tal conceito não deve ser confundido com o aniquilamento do inimigo e sim como a redução de sua vontade de lutar ou a eliminação de sua liberdade de ação.

f. A destruição do inimigo deverá se constituir em uma nova operação a ser

planejada e conduzida pelo Esc Sp e que é realizada pelo emprego simultâneo do fogo e da manobra e pela redução progressiva do cerco. Para tanto são empregados os processos abaixo:

(1) Isolamento - marcação de objetivos no interior da força inimiga, dividindo-a e permitindo a sua destruição por partes; (Fig 7-4)

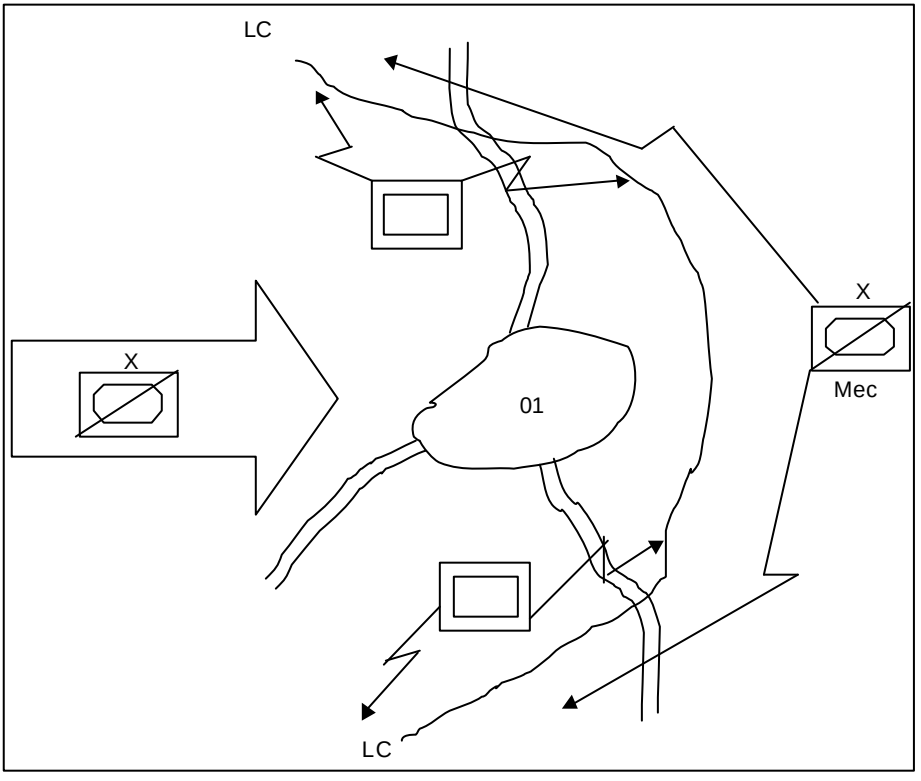


Fig 7-4. Destruição do inimigo na área de cerco

(2) Aperto do cerco - emprego convergente de todas as forças de bloqueio sobre um ou mais lados do perímetro do cerco; (Fig 7-5)

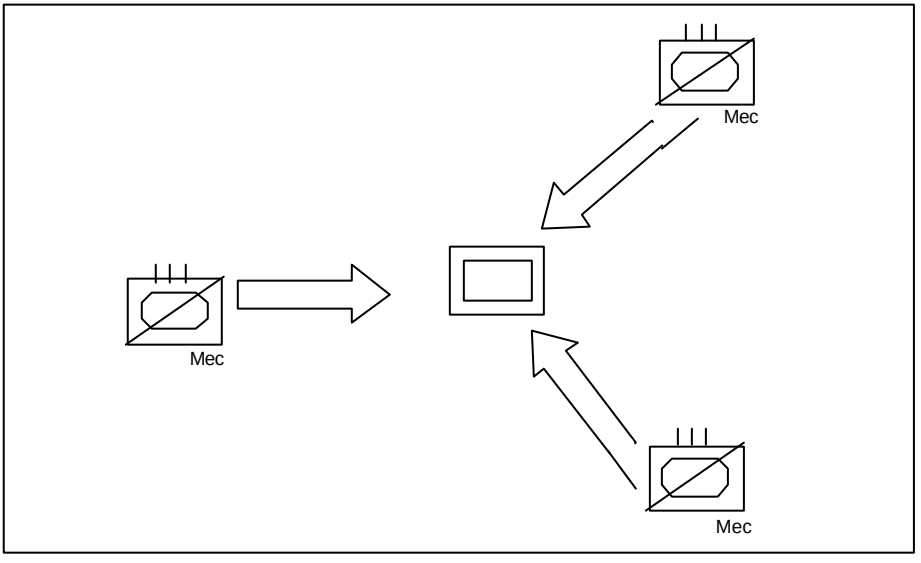


Fig 7-5. Destruição do inimigo pelo aperto do cerco

(3) Atribuição de Z Aç - através da divisão da área onde se encontra o inimigo em Z Aç a serem designadas aos elementos subordinados; (Fig 7-6)

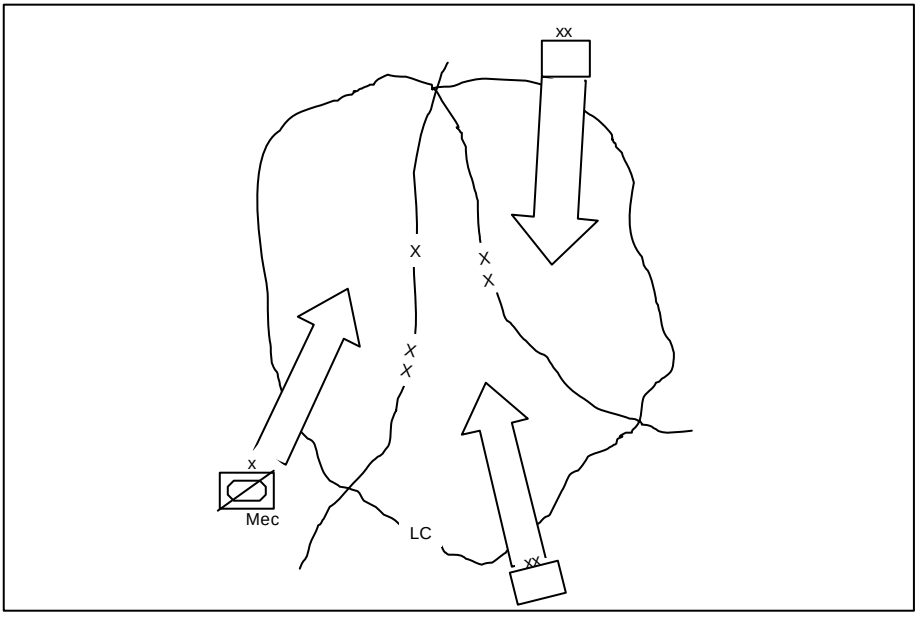


Fig 7-6. Destruição do inimigo pela atribuição de zona de ação

(4) Inimigo como objetivo - através da designação da força inimiga, ou parte dela, como objetivo de uma das peças de manobra. (Fig 7-7)

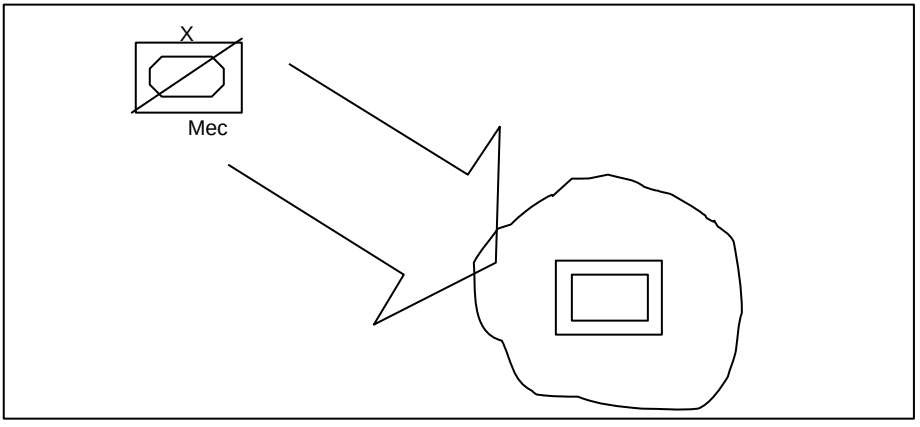


Fig 7-7. Destruição do inimigo pela sua designação como objetivo

ARTIGO III

JUNÇÃO

7-8. GENERALIDADES

a. A junção é uma operação complementar que compreende o estabelecimento do contato físico entre duas forças terrestres amigas, em operações. Pode ser realizada entre uma força em movimento e uma outra estacionária ou entre duas forças em movimentos convergentes. Tal encontro pode ocorrer : em operações aeroterrestres, anfíbias ou aeromóveis; na substituição de uma unidade isolada; para estabelecer ligações com forças de infiltração; na ruptura de um cerco inimigo; para reunir forças divididas; na convergência de forças independentes ou no encontro com forças de guerrilha amigas.

b. A Bda C Mec pode participar de operações de junção integrando uma força maior ou pode executá-la com seus próprios meios. A Bda como um todo, ou um de seus regimentos, pode ser empregada como força de junção, em virtude de possuir mobilidade, velocidade, potência de fogo e ação de choque.

c. O fator tempo é, normalmente, crítico numa operação de junção.

7-9. PLANEJAMENTO

a. Generalidades

(1) O planejamento da operação deve assegurar estreita coordenação de esforços das forças envolvidas na junção. O planejamento é coordenado com antecedência, incluindo a troca de informações entre as duas forças.

(2) As seguintes considerações são de interesse no planejamento de operações de junção:

(a) relações e responsabilidades de comando;
(b) ligações de Cmdo e de EM;
(c) estabelecimento de um sistema de reconhecimento mútuo;
(d) coordenação dos esquemas de manobra;
(e) medidas de coordenação do apoio de fogo;
(f) coordenação dos planejamentos de comunicações;
(g) compatibilização dos sistemas de comunicações; e
(h) ações a serem realizadas após a junção.

b. Relações e responsabilidades de comando

(1) O Cmdo que dirige a junção estabelece as relações e as responsabilidades de comando das duas forças.

(2) As relações de comando das forças envolvidas na operação de junção devem ser estabelecidas antes da operação, com definição clara de responsabilidades.

(3) Após a junção, as duas forças podem se grupar e formar uma única, sob controle de um dos Cmt, ou ambas podem permanecer sob o controle de um Cmt superior.

c. Ligações de comando e de estado-maior

(1) A ligação de Cmdo e de EM entre as duas forças é essencial. Deve ser estabelecida, inicialmente, durante a fase de planejamento e mantida durante a operação.

(2) À medida que a junção se torna iminente, pessoal de ligação adicional é trocado. Isso assegura coordenação de fogos e de quaisquer modificações nos planos táticos.

(3) Quando a operação envolve a junção com forças aliadas ou de guerrilha amigas, devem ser feitas prescrições relativas a intérpretes ou O Lig com suficiente conhecimento da língua a ser utilizada.

(4) O emprego de meios aéreos facilitam as ligações.

d. Estabelecimento de um sistema de reconhecimento mútuo

(1) O plano de identificação mútua é estabelecido pormenorizadamente para evitar a possibilidade de hostilidades entre as forças amigas ou de fratricídio.

(2) Esse plano inclui, normalmente, o emprego de:

(a) artifícios pirotécnicos;

(b) identificação ar-terra de zonas de lançamento, zonas de aterragem e limite anterior da área de defesa;

(c) identificação terra- terra de viaturas e de pessoal, através do emprego de painéis, marcação de viaturas, dispositivos coloridos, fumaças coloridas, meios infravermelhos, radar e sinais por gestos;

(d) autenticação de redes rádio e de mensagens;

(e) código de mensagens preestabelecidas;

(f) sinalização dos pontos de junção e dos itinerários que a eles conduzam; e

(g) sistema de senhas e contra-senhas.

e. Coordenação dos esquemas de manobra

(1) Medidas de controle para a operação são estabelecidas pelas forças que participam da junção e os esquemas de manobra devem ser permutados com antecedência. Tais medidas compreendem, entre outras:

(a) pontos de junção;
(b) limites;
(c) eixos de progressão; e
(d) objetivos.

(2) Poderão ser empregadas, também, linhas de controle, para facilitar o controle, a coordenação e a localização das forças.

f. Medidas de coordenação do apoio de fogo

(1) A coordenação de fogos é obtida pela troca de planos de apoio de fogo e pelo emprego de medidas de controle, tais como:

(a) linha de segurança de apoio de artilharia (LSAA);
(b) linha de coordenação de fogos (LCF); e a
(c) linha de coordenação de apoio de fogo (LCAF).

(2) As medidas de coordenação de fogos são estabelecidas pelo comando que dirige a operação e devem permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção.

(3) Após a junção, a responsabilidade pela coordenação do apoio de fogo, para as forças como um todo, deve ser claramente estabelecida. A responsabilidade por tal coordenação é, normalmente, atribuída ao Cmt mais graduado na área ou à força que tenha interesse principal nas operações que se seguem à junção. O comando que dirige a junção designará o Cmt que assumirá essa responsabilidade.

g. Coordenação dos planejamentos de comunicações

(1) O estabelecimento de um sistema de comunicações para a operação de junção impõe a coordenação feita pelo Esc Sp através de uma diretriz e das instruções para a exploração das comunicações.

(2) O planejamento de comunicações para a operação de junção estabelece os canais e as freqüências a serem utilizados para as comunicações rádio entre as duas forças, nos níveis GU, U e SU e os procedimentos para a identificação de tropas, a serem usados durante o dia e à noite ou durante condições de visibilidade reduzida.

(3) As IECom, ou um extrato das mesmas, são trocadas entre as forças, de modo a permitir, até o nível pelotão, o conhecimento do que elas contêm.

(4) São estabelecidas, no mínimo, as seguintes redes-rádio especiais:

(a) rede de junção Nr 1 - Com equipamento de longo alcance, para as ligações entre os comandos das forças de junção;

(b) rede de junção Nr 2, 3 e 4 - Com rádios de menor alcance, para ligações entre as unidades, subunidades e pelotões de primeiro escalão, diretamente envolvidos na junção; e

(c) rede de tiro de junção, da qual fazem parte os elementos de apoio de fogo de ambas as forças.

h. Compatibilização dos sistemas de comunicações - Os sistemas de comunicações das forças envolvidas na operação, incluindo a F Ae, devem ser passíveis de interligação. Os equipamentos rádio devem possuir freqüências que permitam tais ligações.

i. Ações a serem realizadas após a junção

(1) Realizada a junção com a força estacionária, a força de junção pode reforçar ou assumir a defesa da área, prosseguir no ataque em coordenação com a força estacionária, ultrapassar ou contornar essa força e continuar o ataque para objetivos mais distantes. Serão baixadas prescrições para a substituição ou ultrapassagem, sempre que necessárias.

(2) Deve ser evitada a densidade de tropas e equipamentos na área, a fim de reduzir o período de vulnerabilidade das forças. Por conseguinte, é desejável que a força de junção passe em torno da força estacionária.

(3) Planos alternativos são elaborados, tendo em vista a possibilidade da força de junção ficar incapacitada de atingir a força estacionária no tempo determinado. Em tal contingência, os planos devem prever o apoio de fogo, apoio aéreo e aeromóvel.

7-10. EXECUÇÃO DA JUNÇÃO

a. Junção de uma força em deslocamento com uma força estacionária

(1) Generalidades

(a) A fase inicial de uma operação de junção é executada como uma operação ofensiva normal, começando por um ataque da força de junção, a fim de romper a posição inimiga que se interpõe entre as tropas amigas. Após o rompimento da posição inimiga, a força de junção lança-se em busca do contato com a força estacionária.

(b) Ao se aproximar o momento da junção das duas forças, a operação assume características peculiares, que a diferenciam das operações ofensivas normais. A coordenação e o controle são intensificados por meio de restrições impostas a ambas as forças. (Fig 7-8)

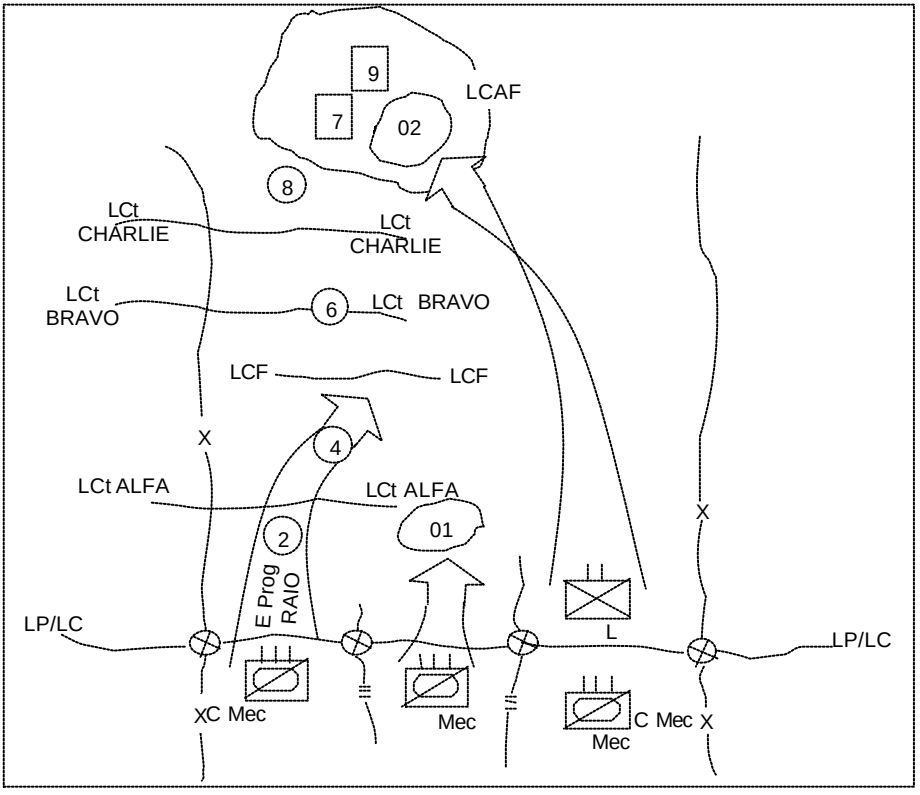


Fig 7-8. Fase inicial da junção

(2) Pontos de junção

(a) Para evitar os riscos de um combate entre forças amigas e de fratricídio, pontos de junção são estabelecidos. Neles o contato físico entre as forças deve ocorrer.

(b) Os pontos de junção devem ser facilmente identificáveis por ambas as forças e em número suficiente para atender possíveis modificações na manobra. Localizam-se onde os itinerários de progressão da força de junção interceptam a linha ao longo da qual os elementos de segurança da força estacionária estão localizados.

(c) Pontos alternativos devem ser estabelecidos, uma vez que a ação inimiga pode forçar a junção em locais diferentes dos planejados.

(d) O número de pontos de junção estabelecidos depende da possibilidade da força estacionária, do número de itinerários utilizados pela força de junção, da natureza do terreno e das ameaças inimigas.

(e) As tropas que guarnecem os pontos de junção, bem como os elementos que realizam o contato com as mesmas, devem estar familiarizadas com as normas para identificação mútua e com os planos, para a rápida passagem da força em progressão.

(3) Junção propriamente dita (Fig 7-9)

(a) O apoio da força estacionária à força de junção, dentro do esquema de manobra, inclui o fornecimento de guias e a previsão de Z Reu para a reorganização da força de junção.

(b) Os obstáculos são removidos imediatamente antes da junção e são abertas trilhas e brechas através das barreiras.

(c) Guias fornecidos pela força estacionária auxiliam o controle do trânsito para o interior das posições de defesa.

(d) A força de junção é informada sobre os campos de minas e outros obstáculos existentes.

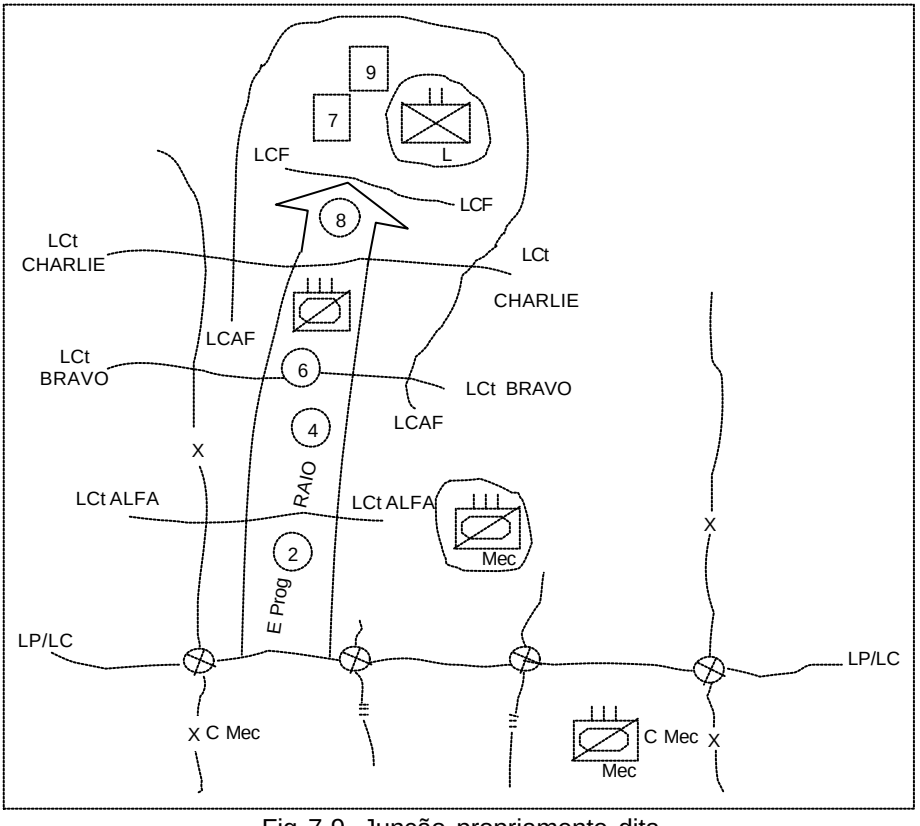


Fig 7-9. Junção propriamente dita

(4) Linhas de coordenação de fogos e de coordenação de apoio de fogo

(a) Para evitar o fratricídio, a linha de coordenação de fogos é estabelecida, coordenando os fogos, tanto da força de junção como da força estacionária.

(b) Nenhuma das forças pode desencadear fogos além das linhas estabelecidas, sem uma liberação prévia por parte da outra força.

(c) À medida que a junção se torna iminente, a linha de coordenação de fogos é deslocada, a fim de permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção.

(d) O Cmdo que dirige a operação estabelece linhas de coordenação de apoio de fogo para as forças. As linhas de coordenação do apoio de fogo são independentes, nos estágios iniciais; no entanto, à medida que a distância entre as duas forças diminui, as linhas se aproximam e se transformam em uma linha de coordenação do apoio de fogo que atende a ambas as forças. (Fig 7-10)

(e) Os Atq Ae, na área entre as duas forças, são com elas coordenados através das medidas de coordenação do uso do espaço aéreo. Normalmente, a linha inicial de coordenação de fogos torna-se efetiva no momento em que uma linha comum de coordenação do apoio de fogo for estabelecida. (Fig 7-10)

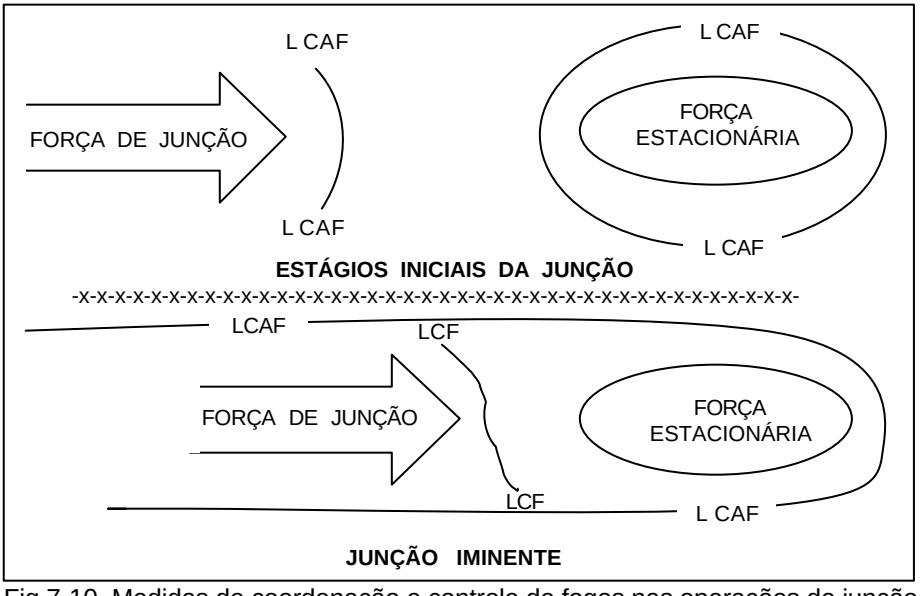


Fig 7-10. Medidas de coordenação e controle de fogos nas operações de junção

(5) Comunicações

(a) Nas operações de junção, é comum o emprego de aeronaves (asa fixa ou rotativa) para transmitir sinais ou, num sentido mais amplo, dilatar o raio das comunicações.

(b) Sinais visuais, tais como artifícios de sinalização ou painéis, podem ser empregados durante o dia e artifícios de iluminação ou dispositivos de infravermelhos, podem ser empregados durante a noite.

(6) Ações após a junção

(a) Quando a junção é feita, a força de junção pode reunir-se à força estacionária ou pode ultrapassá-la e continuar o ataque.

(b) Se a força de junção continuar a operação em conjunto com a força estacionada, um comandante único deve ser designado para a força como um todo.

(c) A força de junção pode passar através do perímetro da força estacionária e podem ser designados objetivos dentro do perímetro ou fora dele, dependendo da missão.

(d) Se a missão e o terreno permitirem, é desejável que a força de junção desborde a força estacionária e os objetivos sejam designados fora do seu perímetro.

b. Junção de duas forças em movimentos convergentes - Quando duas forças em movimentos convergentes realizam a junção, normalmente, algumas medidas de controle são prescritas, tais como, limites, linhas de coordenação de fogos, pontos de contato onde a junção deve ser feita. Realizada a junção, as forças continuam no cumprimento de suas missões.

ARTIGO IV

SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA

7-11. GENERALIDADES

a. A segurança da área de retaguarda (SEGAR) refere-se às ações realizadas pelas forças da área de retaguarda para prevenir, neutralizar ou reduzir os efeitos das ações inimigas ou das catástrofes da natureza. A SEGAR compreende dois tipos de ações: a defesa de área de retaguarda (DEFAR) e o controle de danos (CD).

b. Denomina-se área de retaguarda (A Rg) ou área de reserva (nas operações defensivas a A Rg confunde-se, territorialmente, com a área de reserva) o espaço geográfico - porção da Z Aç atribuída à Bda C Mec - destinado ao desdobramento da reserva, dos elementos de apoio ao combate e de apoio logístico. Está compreendida entre os limites de retaguarda dos Rgt de primeiro escalão e o limite de retaguarda da Bda. O limite de retaguarda da Bda C Mec pode excluir o espaço necessário ao desdobramentos dos meios de Ap Log, quando houver conveniência de centralizar as ações de DEFAR no escalão divisão.

c. As atividades de DEFAR são orientadas para as forças inimigas, cuja localização e destruição são procuradas antes que as mesmas possam atacar as nossas unidades e instalações. As atividades de CD são orientadas para as instalações.

d. A responsabilidade pela SEGAR, normalmente, é atribuída pelo Cmt Bda a um determinado Cmt subordinado - designado controlador de SEGAR - a quem cabe estabelecer planos e supervisionar a execução de todas as operações necessárias.

e. O E4 da Bda C Mec é responsável pela supervisão e controle de EM do planejamento de SEGAR.

f. Apesar de se constituírem em dois planejamentos distintos, ambos realizados pelo controlador de SEGAR, os planos de DEFAR e de CD se complementam nas providências a serem realizadas, uma vez que a finalidade de ambos é a preservação das unidades, das instalações, das atividades de Ap Log e das vias de transporte na A Rg.

7-12. DEFESA DE ÁREA DE RETAGUARDA

a. As medidas de DEFAR compreendem todas as ações executadas para prevenir, neutralizar ou reduzir as ameaças inimigas (sabotadores, guerrilheiros e elementos infiltrados) contra unidades, atividades e instalações na A Rg, exceto as operações de vulto que possam comprometer as forças como um todo, tais como: assaltos aeroterrestres, aeromóveis e anfíbios de forças consideráveis. Estas ações se consubstanciam em duas fases: a preventiva e a repressiva.

b. Enquanto a ameaça inimiga não chegar a comprometer a segurança das forças como um todo, cabe ao controlador de SEGAR a responsabilidade pelo planejamento e pela supervisão da execução das atividades que visem preveni-la, neutralizá-la ou reduzi-la.

c. A partir do momento em que a ameaça inimiga não possa ser neutralizada ou reduzida pelas medidas de DEFAR postas em execução, comprometendo a segurança da operação como um todo, caberá ao E3 a supervisão das ações a serem realizadas.

d. Os principais tipos de ameaças inimigas normalmente enfrentadas em ações de DEFAR compreendem:

(1) ações aeroterrestres, aeromóveis e anfíbias de pequeno efetivo;
(2) elementos inimigos infiltrados por terra, por água e por ar; e
(3) ações realizadas por guerrilheiros e sabotadores.

e. Cada Cmt é responsável pelas operações de DEFAR dentro de sua A Rg.

7-13. PLANEJAMENTO DA DEFESA DE ÁREA DE RETAGUARDA

a. A responsabilidade pelo planejamento e pela supervisão da execução das operações de DEFAR cabe ao controlador de SEGAR que recebe do Cmt Bda os elementos necessários à sua consecução.

b. Os elementos mais aptos à execução das operações de DEFAR são os de combate. No caso de não ser possível a utilização desses elementos, podem executar a DEFAR elementos de Ap Cmb e de Ap Log, estes últimos desde que reforçados por elementos de combate.

c. Planejamento de defesa de área de retaguarda

(1) Número de comandos - A quantidade de comandos posta à

disposição do controlador de SEGAR condiciona o número de subáreas em que será dividida a A Rg.

(2) Localização das unidades - Ao receber do Cmt Bda a autorização para o emprego de elementos nas ações de DEFAR, o controlador de SEGAR deve verificar a localização destes elementos, quando executar a repartição da A Rg, de forma a atribuir o comando da subárea à unidade que já esteja na região.

(3) Repartição da área de retaguarda

(a) Inicialmente é feito um estudo do terreno sob o ponto de vista de compartimentação, vegetação, rede rodoviária, faixas de infiltração, regiões favoráveis a homizio, zonas de aterragem e zonas de lançamento, de forma a repartir a A Rg em subáreas. Esta divisão visa descentralizar as medidas iniciais de DEFAR, possibilitando a imediata intervenção do responsável pela subárea quando da ocorrência de ações por parte do inimigo.

(b) Todos os comandos disponíveis devem ser aproveitados, de modo a permitir uma diminuição na extensão das subáreas.

(4) Constituição da Força de DEFAR

(a) A Força de DEFAR é constituída pelas unidades de combate, apoio ao combate e apoio logístico com responsabilidade por subárea, e por uma reserva.

(b) A missão dessa força é destruir o inimigo, impedir ou dificultar a sua ação.

(c) Reserva - Cabe ao controlador de SEGAR organizar a reserva, após reforçar os comandos de subárea, se for o caso. A reserva da força de DEFAR fica subordinada diretamente ao controlador de SEGAR, devendo situar-se numa região central da A Rg, de forma que possa acorrer a qualquer subárea, sem perda de tempo, para neutralizar ou destruir o inimigo.

(d) A natureza e o valor da reserva dependem entre outros, dos aspectos que se seguem:

1) possibilidade de atuação do inimigo na A Rg;

2) extensão da A Rg e rede de estradas;

3) disponibilidade de meios;

4) facilidade ou dificuldade que o terreno possa apresentar para o cumprimento das missões de DEFAR.

d. Quando a Bda estiver empenhada em operações ofensivas, particularmente no ataque coordenado, o limite de retaguarda deve englobar a sua A Ap Log; neste caso, a Bda realiza a DEFAR com os seus próprios meios, ou pode ser reforçada por uma unidade de combate oriunda do Esc Sp.

e. Quando a Bda estiver participando de uma transposição de curso de água preparada ou de operações defensivas, será normal que sua A Ap Log situe-se na A Rg da divisão. Nesses casos, a A Rg é de pequena extensão e tem como finalidade atender às necessidades territoriais para localização da reserva e dos elementos de apoio ao combate. Nessas situações, não há necessidade de divisão da A Rg da Bda em subáreas, em decorrência das considerações que se seguem:

(1) o desdobramento da reserva e dos elementos de apoio ao combate já ocupa quase a totalidade da A Rg da Bda;

(2) o controlador de SEGAR determinará que essas unidades planejem a defesa local de suas instalações, a par das demais medidas preventivas. Esses planejamentos devem ser remetidos àquele controlador para efeito de coordenação.

7-14. PLANO DE DEFESA DE ÁREA DE RETAGUARDA

O plano de DEFAR é um anexo ao plano de operações ou um apêndice ao anexo de Ap Log. Sua confecção é similar a de um plano de operações, devendo, portanto, conter os mesmos parágrafos.

7-15. EXECUÇÃO DAS OPERAÇÕES DE DEFAR

a. As operações da 1ª fase (preventiva) da DEFAR são executadas continuadamente, visando impedir a ação do inimigo sobre as instalações, vias de transporte, atividades de Ap Log, PC, instalações das unidades de combate ou de apoio ao combate desdobradas na A Rg.

b. Após a repartição da A Rg em subáreas e a expedição do plano de DEFAR, cada elemento responsável por uma subárea realiza, por sua vez, o planejamento da defesa específica para a sua subárea. Para tanto, devem ser adotadas as providências que se seguem:

(1) aproveitar o terreno para a defesa local;

(2) estabelecer um sistema de vigilância e alarme; e

(3) estabelecer um sistema de patrulhas e de proteção aos comboios que transitem pela subárea.

c. Após a confecção dos planos de DEFAR pelos Cmt de cada subárea, são os mesmos remetidos ao controlador de SEGAR que os examina e coordena as medidas propostas, de modo que haja uniformidade nas providências tomadas em cada subárea.

d. A reserva da F DEFAR é acionada toda vez que um Cmt de subárea não for capaz de, por si só, resolver os problemas em sua área de responsabilidade.

e. O regimento reserva da Bda C Mec deve integrar o planejamento da defesa de suas instalações ao planejamento do responsável pela subárea onde estiver localizada sua Z Reu.

7-16. CONTROLE DE DANOS

a. Controle de danos compreende as medidas preventivas e de controle adotadas para reduzir ao mínimo os efeitos dos bombardeios inimigos e para assegurar a continuidade ou restabelecer o Ap Log após esses bombardeios. Tais medidas que são executadas antes, durante e após a ocorrência dos bombardeios. Aplicam-se também no caso de grandes desastres ou de catástrofes da natureza e incluem o restabelecimento do controle, os primeiros

socorros e a evacuação de feridos, o isolamento de áreas perigosas, o combate a incêndio etc.

b. A responsabilidade pelo planejamento e pela supervisão da execução das operações de controle de danos cabe ao controlador de SEGAR.

7-17. MEIOS PARA O CONTROLE DE DANOS

a. Os principais meios disponíveis para o CD na A Rg são o pessoal e os equipamentos dos elementos de Ap Log e de engenharia. O emprego do pessoal e do equipamento no controle de danos, entretanto, deve ser bem avaliado, a fim de não comprometer o funcionamento do apoio logístico e do apoio ao combate.

b. Em determinadas ocasiões, o controlador de SEGAR pode contar também com recursos locais e com auxílio de unidades não localizadas na área.

c. Os meios disponíveis são aproveitados para a constituição de destacamentos de CD em função da natureza do incidente a ser enfrentado. Normalmente, são constituídos os destacamentos adiante enumerados:

(1) destacamento de controle e avaliação - Tem a missão de verificar e informar o número e o tipo de baixas e a situação da eficiência operacional das unidades atingidas, além de tomar medidas para o restabelecimento da missão de apoio das subunidades de serviço atingidas, logo que possível;

(2) destacamento de socorro leve - Geralmente organizado pelas unidades estacionadas na A Rg, tem a missão de deslocar-se para a área atingida, a fim de remover baixas para as “áreas de reunião” e proporcionar socorros de urgência;

(3) destacamento de socorro pesado - Organizado pela companhia logística de manutenção do batalhão logístico, reforçada por elementos de engenharia. Tem a missão de auxiliar na recuperação e remoção de baixas e no salvamento de material danificado;

(4) destacamento de mão-de-obra - Tem a missão de remover os escombros e os suprimentos utilizáveis, cooperando na procura e no socorro aos feridos e no controle de trânsito;

(5) destacamento de saúde - Tem a missão de estabelecer um posto de saúde na periferia da área atingida e prestar imediata assistência médica ao pessoal. Este destacamento, normalmente, é constituído por elementos da companhia logística de saúde do B Log.

7-18. OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DANOS

a. As operações de CD são desencadeadas em fases distintas. Inicialmente prevalecem as medidas preventivas e, posteriormente, são adotadas medidas para fazer face ao dano ocorrido.

b. Medidas preventivas:

(1) dispersão das instalações e dos elementos de Ap Log;

(2) construção ou utilização de abrigos para essas instalações e elementos;

(3) adoção de sistema de alarmes; e

(4) ênfase nas medidas de contra-inteligência.

c. Medidas adotadas quando da ocorrência do dano:

(1) identificação da área atingida;

(2) avaliação da extensão dos danos;

(3) estabelecimento de prioridades, se for o caso, para emprego dos destacamentos, turmas ou equipes de controle de danos; e

(4) atribuições de missões e envio de destacamentos para o(s) local(is) atingido(s).

d. A atuação dos elementos de controle de danos, normalmente consiste em:

(1) assumir a direção das atividades de CD locais, onde os responsáveis tiverem perdido o controle da situação; caso contrário, auxiliá-los em todas as medidas necessárias para a mais rápida normalização dos trabalhos interrompidos;

(2) avaliar a extensão real dos danos e as providências necessárias para o seu controle;

(3) acionar todos os meios disponíveis para o combate às conseqüências do bombardeio inimigo, evento destruidor ou catástrofe da natureza;

(4) cooperar para o estabelecimento ou funcionamento do sistema de evacuação de feridos do local;

(5) cooperar para a localização, identificação e evacuação de mortos de acordo com as normas estabelecidas;

(6) restabelecer as condições de funcionamento das instalações ou dos elementos atingidos, imediatamente.

7-19. LEVANTAMENTO DE DANOS

a. O levantamento de danos é uma providência inicial importante da segunda fase das operações de CD. Consiste no exame direto da área afetada, a fim de estimar os danos causados. O levantamento de danos constitui a base para as ações subseqüentes de CD.

b. Baseado no levantamento dos danos causados pelo incidente, o Cmt da área ou subárea de retaguarda determina as equipes necessárias para a execução das operações de CD.

c. Essas equipes, formadas com elementos, seções, grupos ou pelotões, pertencentes às unidades e subunidades de Ap Cmb, de Ap Log e elementos civis, são organizados de modo “funcional”, isto é, orientadas para os diversos tipos de incidentes que podem ocorrer no CD. Em princípio, as equipes permanecem juntas às U ou SU de origem, realizando os seus trabalhos normais, e são acionadas conforme as necessidades das operações de CD. É importante para a manutenção da eficiência das equipes que elas sejam organizadas e empregadas por frações constituídas.

ARTIGO V

OPERAÇÕES DE GUERRA ELETRÔNICA

7-20. GENERALIDADES

a. As operações de GE constituem a parte do emprego militar da eletrônica que envolve as ações realizadas para eliminar ou reduzir a eficiência do uso do espectro eletromagnético por parte do inimigo e as ações realizadas para assegurar a eficiência do emprego daquele espectro pelas forças amigas.

b. As operações de GE são parte integrante das operações militares. Se bem empregadas, podem reduzir a capacidade de comando e controle dos Cmt inimigos em momentos críticos, seja através da interferência em suas redes-rádio seja pelo uso de ações de dissimulação eletrônica.

7-21. CONDUTA NAS OPERAÇÕES

a. As operações de GE são, normalmente, planejadas, coordenadas e executadas pelo escalão DE. A Bda C Mec, quando integrada a uma DE, pode beneficiar-se das ações desenvolvidas pela companhia de GE/DE. Assim, pode receber informações oriundas da aplicação de medidas eletrônica de apoio (MEA) sobre as emissões inimigas, como a localização de alguns de seus órgãos de comando e controle por exemplo, ou, ainda, ter o seu poder relativo de combate aumentado em conseqüência das atividades de contramedidas eletrônica (CME).

b. A Bda C Mec, quando em missão independente, a critério do Esc Sp, pode receber elemento de GE, seja em reforço (situação de comando) seja em cumprimento à missão tática padrão de apoio direto de GE. Em ambos os casos, esse elemento de GE atenderá às necessidades de GE da Bda em primeira prioridade. Deve-se, porém, lembrar que, no caso da missão tática padrão de apoio direto à GE, o elemento de GE deverá atender também, em segunda prioridade, às necessidades do Esc Sp.

c. No planejamento do sistema rádio da Bda C Mec, ressalta de importância a obediência às prescrições-rádio do Esc Sp. Este procedimento, aliado às novas tecnologias disponíveis nos modernos equipamentos rádio de campanha, constitui excelente CCME, protegendo, por conseguinte, a Bda das ações de GE inimigas.

ARTIGO VI

OUTRAS AÇÕES COMUNS

7-22. DEFESA SOB PERÍODOS DE VISIBILIDADE REDUZIDA

a. O atacante pode aproveitar os períodos de visibilidade reduzida para reconhecer, deslocar tropas, realizar infiltrações e abrir passagens em obstáculos.

b. Para a Bda equipada com dispositivos passivos de visão, as operações defensivas realizadas sob períodos de visibilidade reduzida diferem pouco daquelas realizadas sob condições normais.

c. O alcance eficaz dos dispositivos de visão noturna disponíveis determinam a distância de emprego das armas de fogo direto.

d. A organização da posição defensiva à noite é semelhante àquela adotada durante o dia. As possibilidades concedidas pelo uso de equipamentos de visão noturna permitem ao defensor a realização de movimentos na escuridão.

e. A utilização de equipamentos com alcance superior aos adotados pelo inimigo, proporcionam vantagem decisiva ao defensor, permitindo o engajamento antecipado das forças atacantes.

f. O emprego de iluminação ativa somente deverá ser considerado quando não se dispõe de equipamentos passivos ou quando a luz ambiental diminuir a eficiência desses equipamentos.

g. O emprego dos meios ativos elimina a surpresa, alertando o inimigo sobre o combate iminente, revela a posição do defensor e permite ao atacante o emprego mais eficiente de seus equipamentos de visão por intensificação da luz residual.

h. As seguintes considerações aplicam-se às operações sob períodos de visibilidade reduzida:

(1) o emprego de equipamentos de detecção de longo alcance(radares, sensores, dispositivos de observação noturna) nas principais vias de acesso;

(2) o aumento da vigilância sobre: obstáculos, locais favoráveis à observação inimiga e posições de ataque;

(3) o reforço com tropas e fogos nas faixas do terreno de mais provável utilização pelo inimigo;

(4) o emprego de PO e patrulhas nas vias de acesso secundárias e entre posições, a fim de impedir ou retardar infiltrações inimigas;

(5) o emprego de obstáculos e dispositivos de alarme ao longo das prováveis faixas de infiltração;

(6) o planejamento e ensaio dos movimentos necessários e dos fogos para sincronizar as ações e evitar o fratricídio; e

(7) planejamento da iluminação ativa sobre ou à retaguarda do inimigo, a fim de expor sua silhueta, mantendo o defensor na escuridão.

7-23. SIMULAÇÃO

Ao estabelecer o plano de defesa, o Cmt Bda planeja o emprego de medidas de simulação que possam induzir o inimigo a dispersar meios ou orientar incorretamente o seu esforço. As F Seg empregam a simulação para forçar o inimigo a desdobrar-se prematuramente e retardar a execução do seu planejamento. Posições, equipamentos e atividades simuladas podem proporcionar economia de forças e forçar o inimigo a executar uma ação ofensiva desnecessária, tornando-o vulnerável às ações das forças amigas. As simulações não devem comprometer as ações das tropas que ocupam as posições reais.

7-24. DEFESA CONTRA ASSALTOS AEROTERRESTRES, AEROMÓVEIS E FORÇAS IRREGULARES

Medidas efetivas devem ser adotadas contra ameaças de forças inimigas aeroterrestres, aeromóveis e irregulares, de modo que a Bda concentre-se na missão principal da defesa. Deve ser estabelecido um sistema de alarme utilizando elementos de segurança. Reconhecimentos detalhados para localizar zonas de lançamento e de desembarque de tropas devem ser realizados. Podem ser empregadas patrulhas, dispositivos de alarme, bloqueios de estrada, PO e radares para cobrir toda a área. Quando o poder de combate das forças de DEFAR não for suficiente para neutralizar essas ações, toda ou parte da reserva deve ser empregada para destruir o inimigo.

7-25. DEFESA CONTRA ATAQUES AÉREOS

Além do emprego da AAAe orgânica da Bda, outras medidas de D AAe podem ser adotadas:

a. medidas passivas de proteção;

b. estabelecimento de um sistema de alarme; e

c. emprego do armamento orgânico das unidades contra Helcp e Anv de vôo lento, seguramente identificadas como inimigas.

7-26. DEFESA CONTRA INFILTRAÇÃO

a. A infiltração é uma forma de manobra tática ofensiva na qual o inimigo procura desdobrar uma força à retaguarda das tropas de primeiro escalão da Bda, por meio de deslocamento a pé, aéreo (preferencialmente, por Helcp) ou aquátil, de maneira dissimulada.

b. Normalmente, o inimigo infiltra forças visando à conquista de objetivos vitais para o êxito das operações ofensivas. Esses objetivos podem ser:

(1) regiões que restrinjam o deslocamento de reservas ou isolem tropas;

(2) pontes sobre rios obstáculos que favoreçam o prosseguimento das operações;

(3) áreas ou instalações logísticas;

(4) instalações de comando e controle;

(5) eixos de comunicações ou de suprimento;

(6) Z Reu de unidades em reserva;

(7) entroncamentos rodoviários ou ferroviários; e

(8) posições do sistema de apoio de fogo.

c. O êxito da infiltração depende do aproveitamento do terreno adequado e de brechas no dispositivo defensivo ou da combinação de ambos.

d. O terreno mais favorável à infiltração é aquele que restringe a observação por parte do defensor e a mobilidade do atacante.

e. A fim de impedir a infiltração inimiga, a Bda C Mec na defesa em posição deve estabelecer as seguintes medidas:

(1) lançamento de obstáculos antipessoal;

(2) postos de vigilância e de escuta;

(3) dispositivos de alarme;

(4) vigilância aérea e eletrônica;

(5) bloqueio de estradas;

(6) patrulhamento; e

(7) fogos de inquietação.

f. A Bda C Mec, ao detectar a presença de forças infiltradas, deve atacá-las imediatamente, antes que possam completar a infiltração ou a reorganização, empregando a F DEFAR ou a reserva, conforme a situação existente.

7-27. GENERALIDADES

a. Cabe ao Cmt Bda C Mec coordenar o emprego eficiente de todos os meios anticarro disponíveis. A coordenação da defesa anticarro (DAC) com o esquema de manobra assegura que ambos se complementem e se apóiem.

b. A DAC da Bda é fornecida, basicamente, pelas armas anticarro orgânicas de suas unidades; pelo sistema barreiras; pelo apoio de fogo de artilharia, de morteiro, aéreo e de helicóptero; pelas armas automáticas; e pelo emprego de fumígenos.

7-28. COORDENAÇÃO

a. Planejamento

(1) Para o emprego eficiente dos diversos meios anticarro é essencial a coordenação da defesa em todos os escalões de comando da Bda. Para isso, o Cmt Bda assessorado pelo E3 e pelo engenheiro da Bda, baixa ordens e estabelece normas que permitam esta coordenação.

(2) O planejamento de DAC é intimamente ligado ao Plano de Barreiras. Os obstáculos facilitam a destruição dos blindados inimigos, canalizando-os para regiões batidas por fogos diretos e indiretos. A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade e engloba o emprego de armas anticarro, obstáculos, carros de combate, artilharia, aviação etc. Especial atenção deve ser dada às vias de acesso favoráveis ao emprego de blindados que incidem na Z Aç da Bda. Entretanto, terrenos aparentemente desfavoráveis ao movimento de blindados não devem ser desprezados, pois caso venham a ser utilizados pelo inimigo, este poderá obter a surpresa.

(3) A DAC deve ser planejada de modo que os blindados inimigos sejam batidos pelo fogo o mais à frente possível, tão logo fiquem dentro do alcance útil do armamento disponível. Deve-se procurar separar os blindados dos fuzileiros que os acompanham, para destruí-los à frente da posição defensiva. Os blindados inimigos que penetrarem na área de defesa devem ser canalizados para regiões onde sua destruição seja facilitada pela ação ofensiva da reserva e/ou pelos fogos.

b. Plano de defesa anticarro

(1) O plano de DAC contém as ordens e normas necessárias para o emprego dos meios anticarro da Bda.

(2) A coordenação da DAC é realizada em todos os escalões, desde a SU até a Bda.

(3) O plano de DAC é preparado pelo E3, mediante a integração, consolidação e sincronização na execução das ações constantes dos planos de DAC das unidades subordinadas, do plano de barreiras e do PAF.

(4) Este plano deve conter a localização dos meios anticarro; os setores de tiro das armas anticarro; os pontos de referência de alvos e as áreas de engajamento.

CAPÍTULO 8

OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

ARTIGO I

GENERALIDADES

8-1. INTRODUÇÃO

Este capítulo contém os aspectos doutrinários gerais aplicáveis a operações táticas que, por sua natureza, condições particulares em que podem ser conduzidas e características da área de operações, exigem cuidados especiais na instrução ou ênfase particular sobre considerações relativas às técnicas, à tática ou ao material empregado pela Bda C Mec.

ARTIGO II

TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

8-2. GENERALIDADES

a. Os cursos de água obstáculos impõem restrições ao movimento e à manobra do atacante e constituem-se em linhas naturais de resistência para o defensor.

b. A transposição de um curso de água obstáculo, que não dispõe de passagens utilizáveis e cuja segunda margem encontra-se defendida pelo inimigo, comporta, normalmente, a conquista de uma cabeça-de-ponte. Nesse caso, a travessia em si do curso de água é apenas um meio para o prosseguimento das operações na segunda margem.

c. O assunto é detalhadamente abordado no manual de campanha que regula as Operações de Transposição de Curso de Água.

8-3. CARACTERÍSTICAS DAS OPERAÇÕES

a. Um ataque através de um curso de água obstáculo exige preparativos técnicos e táticos proporcionais ao vulto do rio e ao valor relativo das forças oponentes. Outras necessidades em um ataque através de um curso de água são:

(1) tipos especiais de informações;
(2) treinamento especializado;
(3) coordenação cerrada de todas as forças;
(4) equipamento de travessia; e
(5) meios adequados para o controle durante a travessia.

b. Especial ênfase deve ser dada à guerra eletrônica. A infiltração de forças por meios fluviais facilita as operações de transposição de cursos de água e deve ser amplamente explorada. Recursos locais também podem facilitar as operações.

c. Durante o avanço para o rio, o Cmt desdobra suas forças de modo a assegurar que os meios essenciais de travessia estejam prontamente disponíveis quando o rio for atingido. O avanço deve ser feito, de preferência, sem perda da impulsão. A surpresa e a oportunidade do ataque podem criar condições para a conquista de uma ponte intacta, pela neutralização do pessoal que a defende. A vantagem obtida pela captura de uma ponte deve ser explorada. Medidas de dissimulação, tais como fintas e/ou demonstrações, devem ser realizadas, visando iludir o inimigo quanto ao principal local de travessia. A Bda C Mec é particularmente apta a execução de fintas e demonstrações.

d. O movimento contínuo, sem perda de tempo, é essencial para a concentração de meios. As forças de assalto, embarcadas em viaturas blindadas anfíbias, aceleram a travessia e reduzem a dependência das pontes.

e. Manobras desbordantes, buscando transpor o rio obstáculo nos flancos da posição inimiga e incidindo sobre a parte mais fraca do dispositivo inimigo, devem ser preferidas às manobras frontais.

f. Em uma operação de transposição, é de fundamental importância que múltiplos locais de travessia sejam colocados em condições de operar o mais cedo possível. A cabeça-de-ponte deve ser ampliada rapidamente, a fim de evitar congestionamentos desnecessários.

8-4. TRANSPOSIÇÃO EM OPERAÇÕES OFENSIVAS

a. As transposições de cursos de água obstáculo podem ser imediatas ou preparadas.

b. A transposição imediata é aquela realizada com o mínimo de perda de impulsão. A Bda C Mec busca realizar uma transposição imediata em uma larga frente, tirando proveito, em particular, das características anfíbias das viaturas blindadas de transporte de pessoal. A transposição imediata caracteriza-se pela velocidade, surpresa, audácia e descentralização das ações. Deve ser tentada sempre que possível.

c. A transposição preparada é executada quando a imediata não obtém êxito ou é impraticável. Exige preparativos de vulto e caracteriza-se pela centralização do planejamento e da execução das operações. Pela perda de tempo que ocasiona e pelo número elevado de baixas e perdas que acarreta, somente deve ser realizada quando a situação tática impuser.

d. Quando o rio não estiver defendido, são realizadas travessias de oportunidade e, nesse caso, o planejamento fica restrito aos problemas técnicos de engenharia e de controle de trânsito.

8-5. TRANSPOSIÇÃO EM OPERAÇÕES DEFENSIVAS

a. A transposição de um curso de água obstáculo, por uma força que executa um Mvt Rtrg, requer um planejamento tão detalhado quanto possível e um controle centralizado.

b. Dependendo das ações do inimigo, a existência de uma força defensiva na segunda margem pode tornar-se imprescindível para o sucesso da transposição pela tropa que realiza o Mvt Rtrg.

c. A travessia do rio deve ser ordenada e rápida. As forças transpõem no tempo e no local que melhor se adaptem à situação tática, com o cuidado de não denunciarem, antecipadamente, os prováveis locais de travessia e de não se tornarem um alvo compensador para os fogos do inimigo.

d. Na oportunidade em que os últimos elementos rompem o contato com o inimigo e executam a transposição, cresce de importância o apoio de fogo.

e. Quando a situação tática impõe, os locais de travessia são desativados e os meios de travessia que nele operam são removidos ou destruídos.

f. A transposição de um curso de água obstáculo em operações defensivas não é uma transposição ofensiva, conduzida ao inverso. Ela pode comportar uma Aç Rtrd, uma defesa e a transposição propriamente dita.

ARTIGO III

OPERAÇÕES EM ÁREAS FORTIFICADAS

8-6. GENERALIDADES

a. Uma área fortificada caracteriza-se por numerosos trabalhos defensivos e posições organizadas, dispostos em largura e em profundidade, que se apóiam mutuamente. Raramente uma área fortificada é constituída por uma única posição fortemente organizada.

b. As áreas fortificadas proporcionam ao defensor o máximo de proteção e lhe permitem a economia de forças. Os trabalhos defensivos podem ser constituídos de fortificações permanentes e de campanha, amplamente desenvolvidas e localizadas dentro de um extenso sistema de barreiras. As características de uma área fortificada incluem um forte sistema de postos avançados, uma rede de estradas bem desenvolvida, um amplo sistema de comunicações e uma reserva altamente móvel, localizada em posição central e provida de uma extensa rede de itinerários cobertos.

c. As características das áreas fortificadas e as técnicas de combate nas mesmas estão contidas no manual de campanha que regula o Combate em Zonas Fortificadas e Localidades.

8-7. COMBATE EM ÁREAS FORTIFICADAS

a. Ofensiva

(1) A Bda C Mec, normalmente, evita o combate ofensivo em áreas fortificadas. Quando isto não é possível, procura, com um mínimo de forças, conter as posições fortificadas, enquanto a força principal continua o avanço para a conquista de objetivos mais distantes e decisivos. A redução de uma área fortificada pode incluir um cerco ou um ataque pela retaguarda.

(2) Considerações especiais no ataque a uma área fortificada.

(a) O assalto a uma área fortificada é estritamente controlado e inclui a designação de objetivos que dividam as defesas inimigas.

(b) Uma área fortificada obriga o atacante a emassar-se e a apresentar uma alvo compensador.

(c) Os fogos de artilharia e de aviação podem destruir ou neutralizar uma área fortificada. As vantagens obtidas com o emprego de intensos bombardeios devem ser ponderadas com relação aos obstáculos que podem ser criados para os elementos de assalto.

(d) As medidas para o controle e a evacuação da população civil são essenciais.

(e) Informações minuciosas são necessárias para o planejamento, o treinamento e os ensaios.

(f) O planejamento e a preparação são mais pormenorizados e mais centralizados do que em outras operações ofensivas; no entanto, a execução é descentralizada.

(g) Para a execução do assalto, normalmente, uma parte da área é selecionada para a penetração. Os fogos são empregados para abertura de brechas. Os fumígenos isolam cada ponto forte dos fogos observados de outras fortificações. As armas de tiro indireto e os fogos de aviação destroem a camuflagem, neutralizam e destroem as fortificações de campanha e armas inimigas, desencadeiam fogos sobre as forças de C Atq inimigas e cobrem o movimento das tropas assaltantes.

(h) Os elementos de assalto são organizados para missões específicas e são especialmente treinados e ensaiados em posições semelhantes à posição a ser atacada. Seus principais recursos e armas são as demolições, os lança-chamas e as armas de tiro direto. A fortificação neutralizada pelo elemento de assalto é reduzida pelas tropas de acompanhamento.

(i) As reservas seguem imediatamente atrás do escalão do assalto, para aproveitar o êxito da penetração, manter a continuidade do ataque e defender áreas essenciais face aos C Atq.

(j) O armamento e as fortificações capturados são removidos ou destruídos, para impedir a sua utilização, se recapturados.

b. Defensiva

(1) A finalidade principal de defesa de uma área fortificada é obrigar o inimigo a emassar-se e constituir-se em alvo compensador ou a engajar-se na redução de posições fortificadas, enfraquecendo, desta forma, seu poder de combate e tornando-o vulnerável ao C Atq. Reciprocamente, o inimigo pode prontamente destruir ou neutralizar as áreas fortificadas com fogos de artilharia e de aviação ou desbordá-las e neutralizá-las posteriormente.

(2) Considerações específicas para a defesa de uma área fortificada

(a) As posições fortificadas proporcionam economia de meios na área de defesa avançada, tornando disponíveis reservas proporcionalmente maiores para o C Atq.

(b) A reserva deve ser provida de adequada mobilidade.

(c) As fortificações são organizadas em profundidade proporcionando a defesa em todas as direções. As fortificações de campanha suplementam a área fortificada.

(d) A defesa é conduzida da mesma maneira como estabelecido no capítulo 6, sendo, normalmente, associada com as peculiaridades de uma defesa de área

ARTIGO IV

OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS (LOCALIDADES)

8-8. GENERALIDADES

a. A Bda C Mec pode ter de combater em áreas edificadas, particularmente para limpar uma localidade defendida e prosseguir seu avanço, para manter abertas as vias de comunicações terrestres críticas ou pela inexistência de elementos mais aptos à realização de tais ações.

b. As características essenciais das operações em áreas edificadas são: necessidade de combate casa-a-casa; limitação dos campos de tiro para os carros de combate e falta de espaço para a manobra.

c. Informações pormenorizadas sobre o combate nessas áreas estão contidas no manual de campanha que regula o Combate em Zonas Fortificadas e Localidades.

8-9. ATAQUE A UMA ÁREA EDIFICADA

a. Quando possível, as áreas edificadas devem ser desbordadas e isoladas. Caso contrário, são utilizados métodos aplicáveis para a redução ou neutralização das resistências, como nas áreas fortificadas.

b. A Bda C Mec ataca uma localidade empregando uma força de isolamento e uma força de investimento.

c. A força de isolamento conquista as regiões que cortam as vias de entrada e saída bloqueando a localidade, e as que permitam apoiar o investimento. Esta força tem como missão destruir as forças inimigas que tentem entrar ou sair da localidade, bem como apoiar a força de investimento.

d. A força de investimento constitui-se basicamente de fuzileiros blindados reforçados por elementos de carros de combate e é quem progride no interior de localidade, quase sempre com seus fuzileiros desembarcados. Os objetivos no interior da área edificada são selecionados para dividir a defesa inimiga.

8-10. DEFESA DE UMA ÁREA EDIFICADA

a. As áreas edificadas constituem obstáculos ao movimento, não só das forças amigas de C Atq como das inimigas que atacam. Deve ser considerada a possibilidade de conduzir a defesa fora da área edificada, em regiões adjacentes. Muitas vezes, elementos de uma Bda C Mec podem manter uma localidade enquanto o restante da mesma realiza C Atq fora dela.

b. A defesa de uma área edificada é organizada em torno de acidentes capitais do terreno e de partes importantes da área edificada que possibilitem a manutenção da integridade da defesa e proporcionem facilidades ao movimento ou à liberdade de ação do defensor. Sistemas subterrâneos podem facilitar o movimento das forças e proporcionar abrigos contra fogos inimigos. É feito o máximo emprego dos escombros e outros obstáculos e a defesa é organizada em profundidade.

CAPÍTULO 9

OPERAÇÕES SOB CONDIÇÕES ESPECIAIS DE AMBIENTE

ARTIGO I

INTRODUÇÃO

9-1. GENERALIDADES

a. A Bda C Mec, em princípio, não deve ser empregada em terrenos difíceis e sob condições meteorológicas onde não possa ser explorada a sua mobilidade.

b. Maiores detalhes sobre as operações sob condições especiais de ambiente são obtidos nos manuais C 100-5 - OPERAÇÕES e C 2-1 - EMPREGO DA CAVALARIA.

ARTIGO II

OPERAÇÕES NA CAATINGA

9-2. GENERALIDADES

A caatinga é caracterizada pela escassez ou mesmo pela falta de fontes de água e pela existência de árvores e arbustos espinhentos. O relevo varia desde terrenos planos ou levemente ondulados, quase sempre arenosos, até regiões com morros e serras de médio porte.

9-3. CONSIDERAÇÕES TÁTICAS

A doutrina expressa nos capítulos 4, 5 e 6 para as operações de segurança e reconhecimento, ofensivas e defensivas, respectivamente, aplica-se às operações na caatinga. No entanto, são normalmente influenciadas pelos aspectos abaixo:

a. campos de tiro mais extensos;

b. a liberdade de movimentos proporcionada pelo terreno suave aumenta a profundidade dos objetivos, as frentes atribuídas às unidades e favorece as ações de flanco;

c. aumento das necessidades de segurança, de dispersão e das medidas de dissimulação de combate, tendo em vista as dificuldades de cobertura, em particular contra as ações aéreas do inimigo;

d. maiores possibilidades de se obter a surpresa pela rapidez de movimento;

e. aumento dos problemas de Ap Log;

f. elevadas necessidades de suprimento e manutenção para as viaturas, armamentos e equipamentos, motivadas pela areia, poeira, rochas e variações de temperatura; e

g. necessidade de aclimatação das tropas.

9-4. CONDUTAS DAS OPERAÇÕES

a. Operações ofensivas - Nas operações ofensivas em regiões de caatinga, os desbordamentos amplos, realizados por forças blindadas, são favorecidos em decorrência da liberdade de manobra. O Cmt deve obter a surpresa pelo emprego de camuflagem, medidas adequadas de segurança das comunicações e deslocamentos rápidos. Os períodos de visibilidade reduzida devem ser explorados ao máximo. Os objetivos para o ataque incluem as tropas inimigas, os entroncamentos das vias de transportes, as instalações de suprimento, as fontes de água e os pontos chaves do terreno. Durante os combates, em razão dos flancos serem mais vulneráveis, uma atenção especial deve ser dada às manobras de desbordamento e envolvimento. Estes movimentos, em torno de um flanco inimigo, podem freqüentemente, ser feitos sem dissimulação.

b. Operações defensivas - As operações defensivas realçam a mobilidade e a flexibilidade. A organização da defesa deve dar ênfase às medidas contra os ataques aéreos e de blindados. De um modo geral, as operações defensivas são executadas de acordo com o apresentado no capítulo 6 deste manual, levando-se em consideração os efeitos das regiões de caatinga, descritos neste artigo.

c. Operações de segurança e reconhecimento - São facilitadas em face do relevo e da vegetação pela dificuldade de cobertura para grandes efetivos por parte do inimigo, em particular de tropas blindadas. De maneira geral, são executadas de acordo com o apresentado no capítulo 4 deste manual, levando-se em consideração os efeitos das regiões de caatinga, descritos anteriormente.

ANEXO A

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (EXEMPLO)

<table>
<tr><td colspan="11">MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (Extrato)</td></tr>
<tr><td colspan="3">EVENTOS CRÍTICOS</td><td colspan="8">Preparativos para o ataque</td></tr>
<tr><td colspan="3" rowspan="2">TEMPO
(hora estimada)</td><td>1200</td><td>1230</td><td>1300</td><td>1600</td><td>1700</td><td>1800</td><td>2100</td><td>2300</td></tr>
<tr><td colspan="8">D-1</td></tr>
<tr><td colspan="3">Situação do Inimigo</td><td colspan="7">Realiza preparação para a Def e Intf Atv de Intlg</td><td>Ocupa Pos conforme L Aç Nr 1</td></tr>
<tr><td rowspan="8">Sistemas Operacionais</td><td colspan="2">Inteligência</td><td colspan="9">Intensificação da atividade de Intlg buscando confirmar o Dspo do Ini</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Elm Man</td><td>FT</td><td rowspan="3">Recebimento da Ordem de Alerta</td><td colspan="4" rowspan="2">Inicia Prep Atq e Rec após receber Ordem de Alerta</td><td colspan="4">Permanece em Z Reu/Prep p/ Atq</td></tr>
<tr><td>FT</td><td colspan="4">Permanece em Z Reu/Prep p/ Atq</td></tr>
<tr><td>Reserva</td><td colspan="3">Inicia Prep Atq após receber Ordem de Alerta</td><td colspan="5"></td></tr>
<tr><td colspan="2">Ap Fogo</td><td>Mnt fisionomia da frente</td><td colspan="2">In Rec, Estb Sist Com e Lev Topo</td><td colspan="6">Reg de fogos - Mnt fisionomia de frente</td></tr>
<tr><td colspan="2">Eng (Mbld, C Mbld e Ptç)</td><td colspan="9">Mnt Rede Mini; Cnst PO; Cnst Inst Cmdo/ Ap Log; Rec Det Obt/ Loc Fac Tva; treinamentos e ensaios</td></tr>
<tr><td colspan="2">GE</td><td colspan="9">Coor com o Esc Sp - Intf CCME</td></tr>
<tr><td colspan="2">Cmdo e Controle</td><td colspan="9">Coordenação da Op Ultr com a GU em Ctt</td></tr>
<tr><td colspan="2">D AAe</td><td colspan="9">In Rec e Estb Sist Com, Lev Topo, Mnt Dspo DAAe da Z Reu Bda e A Ap Log</td></tr>
<tr><td colspan="2">Apoio Log</td><td colspan="9">- Desd Log; - Coor com o E4 da GU em Ctt (Ultr); - Rcpl níveis OM</td></tr>
<tr><td colspan="3">Ações de dissimulação</td><td colspan="9">Intensificação da Mnt da fisionomia da frente em Coor com a GU em contato</td></tr>
</table>

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (Extrato)									
EVENTOS CRÍTICOS			**Preparativos para o ataque**					**Tomada do Dspo**	**Trsp da LP**
TEMPO (hora estimada)			**0000**	**0100**	**0200**	**0300**	**0400**	**0500**	**0545**	**0600**
			D							
Situação do Inimigo			Realiza preparação para a Def e Intf Atv de Intlg				Fogos sobre os eixos de Aprx	Ocupa Pos conforme L Aç Nr 1		
Sistemas Operacionais	**Inteligência**		Intensificação da atividade de Intlg buscando confirmar o Dspo do Ini							
	Elm Man	**FT**	Permanece em Z Reu - Repouso - Prep para o Atq							
		FT	Z Reu - Repouso - Prep para o Atq				Mvt para P Atq			Mvt P Atq - LP
		Reserva	Z Reu - Repouso - Prep para o Atq							
	Ap Fogo		Mnt fisionomia da frente - Coor com a GU em contato				Ap tomada Dspo - Ocp Pos GAC	- Fogos de Prep: Obs 1) 2) e 3) - Cortina de fumação		
	Eng (Mbld, C Mbld e Ptç)		Mnt Rede Mini; Cnst PO; Cnst Inst Cmdo/ Ap Log; Rec Det Obt/ Loc Fav Tva; treinamentos e ensaios							
	GE		Coor com o Esc Sp - Intf CCME							
	Cmdo e Controle		Coor com a GU em Ctt a Op Ultr				Abertura PCP Bda - Assunção da Z Aç	Rad restrio: Esc Atq, Art, Eng	Coor com a GU em Ctt a Op Ultr	
	D AAe		Dspo D AAe: PC				Dspo GAC	Proteção A Ae local Psg		
	Apoio Log		Contç Desd Log e Rcpl níveis							
Ações de dissimulação			Intensificação Mvt de Bld e fogos na faixa E da Z Aç da Bda							
			Intensificação da Mnt da fisionomia da frente							

OBSERVAÇÕES: 1) 0545-0550: Bater Mrt, Pos Art levantadas
2) 0550-0555: Continuar batendo Pos Art, bater PC de Bda e U de 1º Esc
3) 0555-0605: Bater Nu Def junto LP, continuar batendo Mrt e Pos Art

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (Extrato)									
EVENTOS CRÍTICOS			**Início do Atq**				**Atq Pcp Trsp LP**		
TEMPO (hora estimada)			**0600**	**0630**	**0700**	**0730**	**0800**	**0830**	**0900**	**0930**
			D							
Situação do Inimigo			Ini desencadeia F Def Aprx			Desencadeia Fogos de Ptç final				
Sistemas Operacionais	**Inteligência**		Intensificar busca com relação ao Dsloc Res Ini							
	Elm Man	**FT**	Permanece em Z Reu		Tomada Dspo Atq		Trsp LP VA 1			
		FT	Trsp LP com Tr a pé		Rampas Cnst, Aprx CC			Emp CC Esc Atq		
		Reserva	Permanece em Z Reu				Cerra para Z Reu Enc S TORRE			
	Ap Fogo		Finaliza Prep	Fogos s/ Pos Ini no Ctt			Fogos sobre os P Cot 342-343 Fogos sobre Altu 300 SW R. DOS VEIGA			
	Eng (Mbld, C Mbld e Ptç)		Ap Trsp LP		Prep Psg Cotn s/ Rio (rampas e Pnt)		Ap Trsp Atq Pcp (Const de rampas)			
			Abertura de Psg Obt				Mnt R Mini			
	GE		Coor com Esc Sp - Identificar Dsloc de Res Ini							
	Cmdo e Controle		Rad livre Esc Atq			Coor Mvt nossas tropas				
	D AAe		Mnt do Dspo de D AAe priorizando o GAC, A Ap Log e PC							D AAe
	Apoio Log		Grande demanda da tarefa de evacuação (Atv Log Op Sau)							
Ações de dissimulação			Retardar ao máximo a revelação do Atq Pcp com uma FT Bld Ações de simulação na VA 1							

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (Extrato)									
EVENTOS CRÍTICOS					**Estm de Conq O1**		**Estm de Conq O2**		
TEMPO (hora estimada)			**0930**	**1030**	**1130**	**1200**	**1230**	**1430**	**1530**	**1600**
			D							
Situação do Inimigo			Esqd C Rec Ini retrai para a L P Cot 342-343		Ini Aprf no PCot 390/394				Dsloc Res para A da Bda	
Sistemas Operacionais	**Inteligência**		Intensificação vigilância sobre as RIPI 12, 13 e 14							
	Elm Man	**FT**	Rompe a P Def Ini	Prog sobre P Cot 342-343		Atinge Laj GIRUÁ	Atinge a Rv 2		Conq O2 Fica ECD Pross p/ N	
		FT	Progressão sobre O1		Conq O1			Mnt as Altu P Cot 378		
							Ficar ECD Ptg Fln NW da Bda			
		Reserva	ECD emprego n Enc S de TORRE						Ocp Pos ao Entr S GIRUÁ Fica ECD Pross p/ N	
	Ap Fogo		Itd AOI 2 Bater P Cot 342-343			Itd AOI 13 e 14	Bater AOI 12	Realiza fogos de Ptç após a Conq de O2		
	Eng (Mbld, C Mbld e Ptç)		Alargar Psg nos Obt; lançar Pnt Eq p/ estabelecer Trf Cotn, Lç Obt Ptç Fln e na Csdl							
	GE		Coor Esc Sp - Identificar Mvt Res Ini							
	Cmdo e Controle		Coordenação Mvt de nossas tropas							
	D AAe		Mnt D AAe do GAC, FT ___ e A Ap Log							
	Apoio Log		Ressuprimento OM 1º Esc - Sup Cl III e V (Mun)[1]; Ev mortos e feridos, recompletamentos[2]							
Ações de dissimulação										

[1] Durante a consolidação dos Obj It.
[2] Para as Pç Man que passarem à Res.

ANEXO B

Bda C Mec NA COBERTURA AVANÇADA

(Exemplo de Decisão e Esquema de Manobra)

a. Decisão

- A fim de impedir que o Ini aborde o LAADA da .....DE antes de D ....., cobrir, a partir de D ....., em sua Z Aç, a instalação da P Def da .....DE. Para isto:

1. Reconhecer as forças inimigas e o terreno:
   a. empregando:
      1) Até a L Ct .....:
         - o .....R C Mec ao .....(N, S, ...), o .....R C Mec ao centro e 1 Esqd/ .....R C Mec ao .....(N, S, ...);
      2) Entre as L Ct ..... e .....:
         - o .....R C Mec ao .....(N, S, ...) e o .....R C Mec ao (N, S, ...);
      3) A partir da L Ct .....:
         - o .....RCB(-) ao .....(N, S, ...) para Conq a R Psg sobre o Rio ..... a cavaleiro da Rv .....(O2);
         - o .....R C Mec ao centro para Conq a R Psg sobre o Rio ..... a cavaleiro da Rv .....(O1);
         - o .....R C Mec ao .....(N, S, ...) para Conq, em sua Z Aç, as R Psg sobre o Rio .....
   b. Ligar-se com .....
   c. Deslocar a Bda (-) pela Rv .....
   d. Manter em reserva:
      1) Até a L Ct .....: .....
      2) Entre as L Ct ..... e .....: .....
      3) Após a L Ct .....: .....

2. Em presença de forças superiores e/ou Mdt O, retardar o Ini. Para isso:

a. Estabelecer a PIR na linha ..... e realizar uma ação retardadora, em posições ....., entre aquela linha e o Rio ....., empregando:

1) na PIR, P2 e P4, o .....RCB ao .....(N, S, ...), o .....R C Mec ao centro e o .....R C Mec ao .....(N, S, ...);

2) na P3, o .....RCB ao .....(N, S, ...) e o .....R C Mec ao .....(N, S; .....);

b. Ligar-se com .....

c. Retrair através da P Def da .....DE;

d. Deslocar a Bda (-) pela Rv .....

e. Manter em reserva:

- na PIR, P2 e P4: .....
- na P3: .....

3. Prioridade de Ap F:

a. Durante as Aç Rec: .....

b. Durante a Aç Rtrd: ...

b. Esquema de Manobra

1) Fase do Reconhecimento

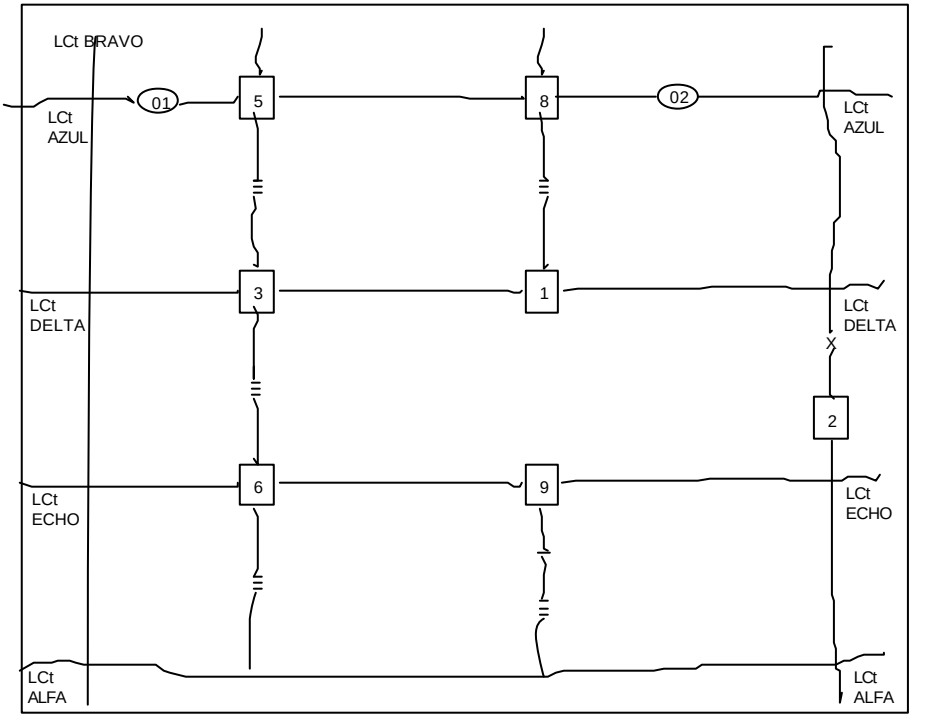


Fig B-1. Exemplo de esquema de manobra de uma Bda C Mec como força de cobertura avançada - fase do reconhecimento

2) Fase da Ação Retardadora

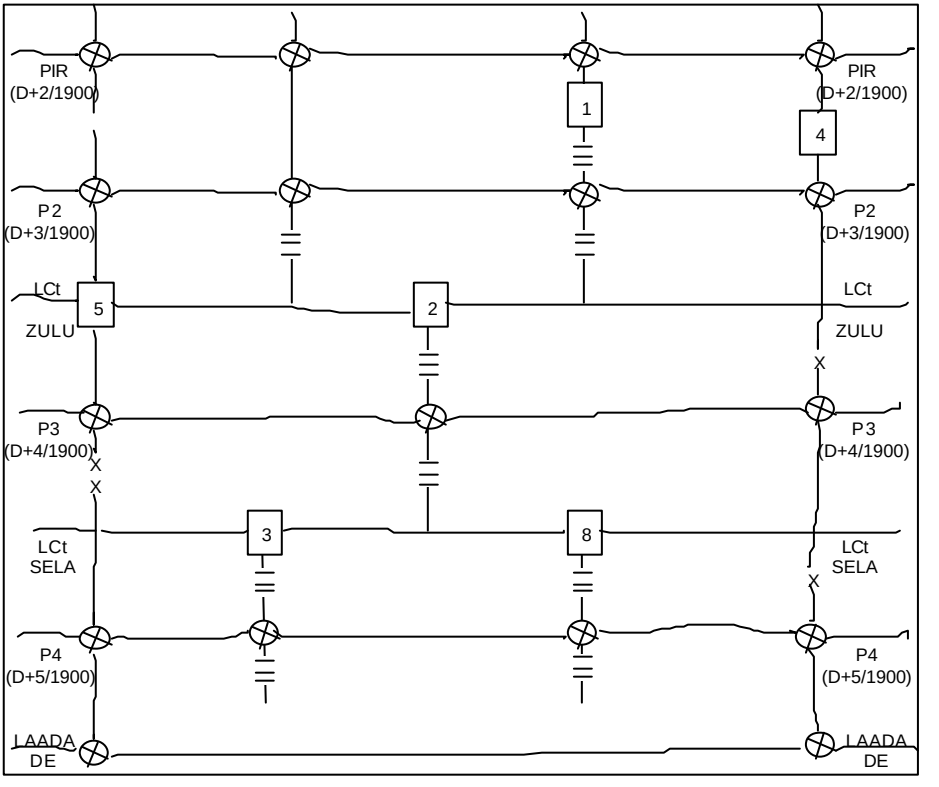


Fig B-2. Exemplo de esquema de manobra de uma Bda C Mec como força de cobertura avançada - fase da ação retardadora

ANEXO C

Bda C Mec NO ATAQUE COORDENADO

(Exemplos de decisão e esquema de manobra)

a. Decisão

Ultrapassando elementos da ....., atacar em ....., na direção geral ..... - ....., empregando:

- o ..... a W, realizando o ataque principal, para conquistar e manter a região de ..... (O2);

- o ..... ao C, para fixar o inimigo em sua Z Aç;

- o ..... a E, para conquistar e manter a região de ..... (O1)

Manter em reserva o .....

Prioridade de fogos para o .....

Após a conquista de O2 ficar ECD.....

b. Esquema de manobra

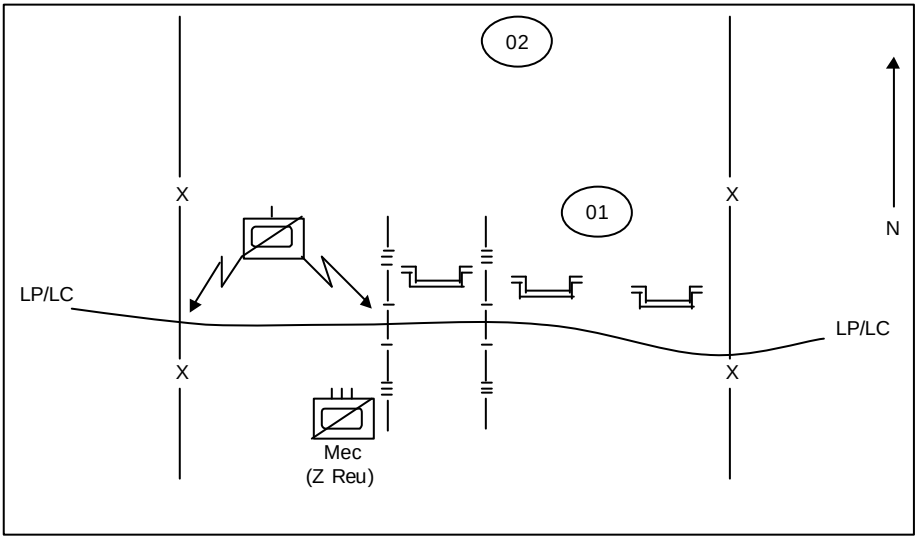


Fig C-1. Exemplo de um esquema de manobra de uma Bda C Mec realizando um ataque coordenado

ANEXO D

Bda C Mec NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

(Exemplos de decisão e esquema de manobra)

a. Decisão

A fim de impedir que ....., em ....., ultrapassar elementos da ..... e a partir da L Ct PERA, realizar um aproveitamento do êxito, empregando:

- o ..... pelo E Prog SABIÁ para conquistar e manter a região de ..... (O1);

- o ..... pelo E Prog CURIÓ para conquistar e manter a região de ..... (O2);

Manter em reserva o ..... e o ..... deslocando-se, respectivamente pelos E Prog SABIÁ e CURIÓ.

Deslocar o restante da Bda pelo E Prog SABIÁ.

Prioridade de fogos para o .....

b. Esquema de manobra

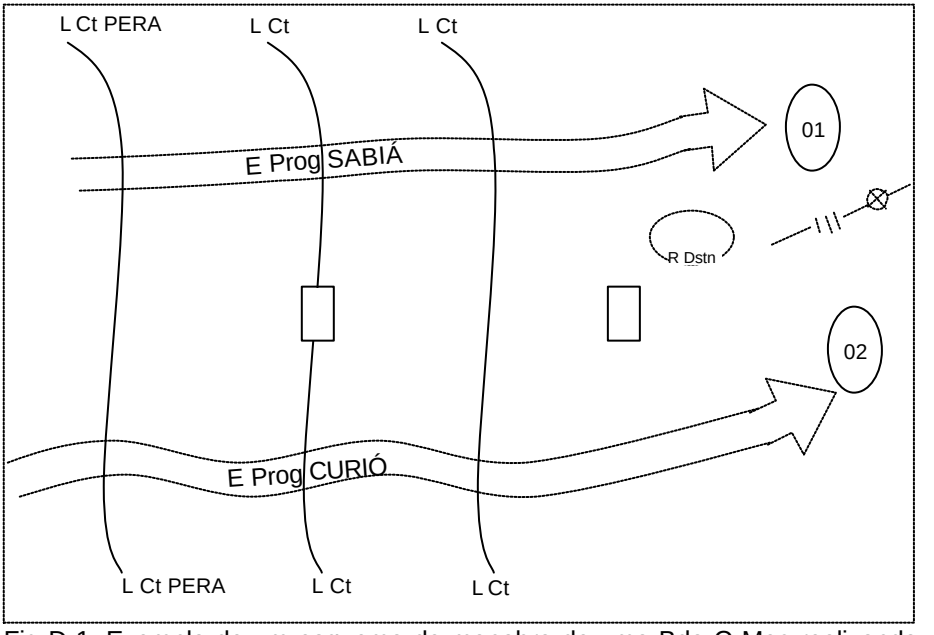


Fig D-1. Exemplo de um esquema de manobra de uma Bda C Mec realizando um aproveitamento do êxito

ANEXO E

Bda C Mec NA DEFESA DE ÁREA

(Exemplos de Decisão e Esquema de Manobra)

a. Decisão

A fim de impedir que o inimigo tenha acesso à região de .....:

- estabelecer PAC na linha de alturas ..... empregando.....;

- defender, no corte do rio ....., a Z Aç compreendida entre os rios ..... e ..... empregando na área de defesa avançada o ..... a E e o ..... a W;

- acolher elementos da ..... que retraírem através da Z Aç da Bda;

- ficar em condições de aprofundar a defesa nos núcleos a, b, c;

- manter em reserva o ..... na região de .....;

- Prio Ap F, inicialmente, para o .....

b. Esquema de manobra

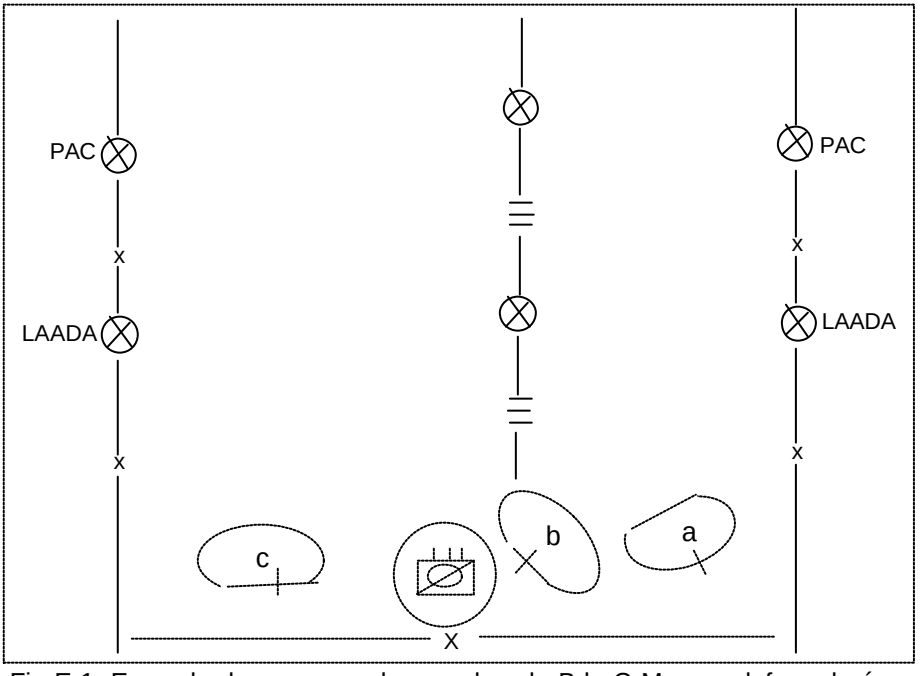


Fig E-1. Exemplo de esquema de manobra da Bda C Mec na defesa de área

ANEXO F

Bda C Mec NA DEFESA MÓVEL COMO FORÇA DE FIXAÇÃO

(Exemplos de decisão e esquema de manobra)

a. Decisão

A fim de criar condições para destruição do inimigo pela ..... DE:

- estabelecer PAC na linha.....empregando.....;

- defender, no corte do rio ....., a Z Aç compreendida entre os rios ..... e ....., empregando na ADA o .....a E e o .....a W;

- acolher elementos da ..... que retraírem através da Z Aç da Bda;

- Mdt O, retardar o inimigo até a L Ct DELTA, devendo manter os núcleos .....;

- ficar ECD integrar Elm Subrd à F C Atq;

- manter em reserva o ....., para as ações de retardamento, e o ....., durante o bloqueio da penetração, na região de .....;

- Prio Ap F para o .....

b. Esquema de manobra

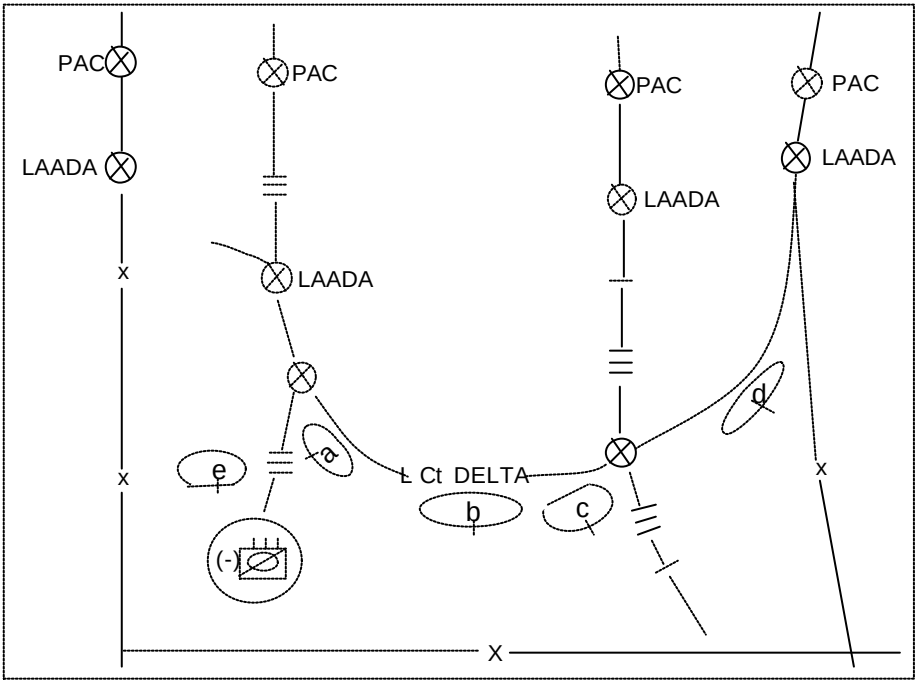


Fig F-1. Exemplo de esquema de manobra da Bda C Mec na defesa móvel (como força de fixação)

ANEXO F

Bda C Mec NA DEFESA MÓVEL COMO FORÇA DE FIXAÇÃO

(Exemplos de decisão e esquema de manobra)

a. Decisão

A fim de criar condições para destruição do inimigo pela ..... DE:

- estabelecer PAC na linha.....empregando.....;

- defender, no corte do rio ....., a Z Aç compreendida entre os rios ..... e ....., empregando na ADA o .....a E e o .....a W;

- acolher elementos da ..... que retraírem através da Z Aç da Bda;

- Mdt O, retardar o inimigo até a L Ct DELTA, devendo manter os núcleos .....;

- ficar ECD integrar Elm Subrd à F C Atq;

- manter em reserva o ....., para as ações de retardamento, e o ....., durante o bloqueio da penetração, na região de .....;

- Prio Ap F para o .....

b. Esquema de manobra

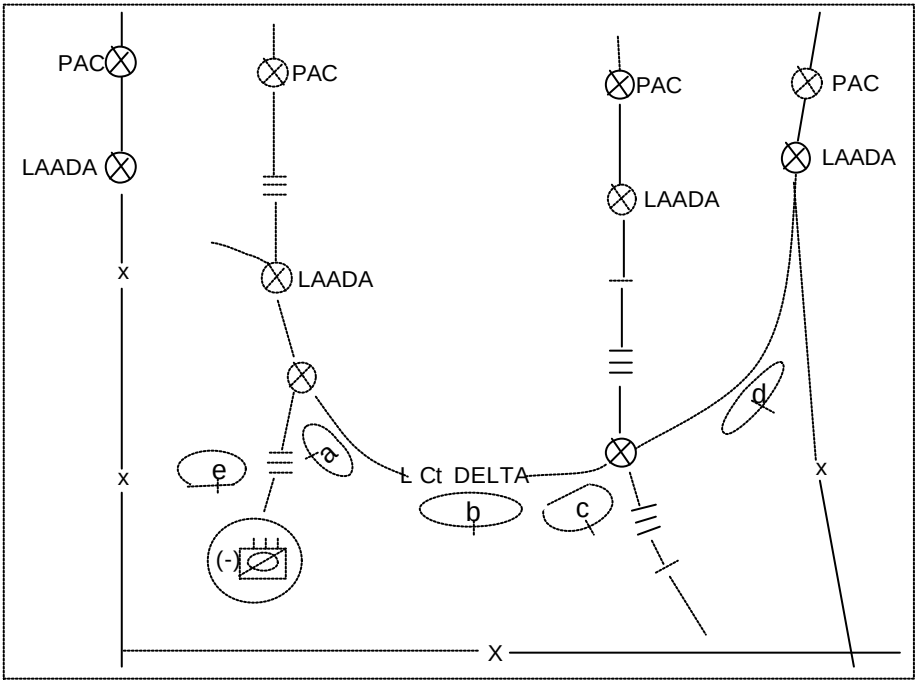


Fig F-1. Exemplo de esquema de manobra da Bda C Mec na defesa móvel (como força de fixação)

ANEXO G

Bda C Mec NA AÇÃO RETARDADORA

(Exemplo de decisão e esquema de manobra)

a. Decisão

Realizar uma ação retardadora, em posições sucessivas, entre a linha..... e a linha ..... (P Def DE / Ex Cmp), a fim de impedir que o inimigo aborde esta última linha, antes de D..... Para isto:

— Estabelecer a PIR na linha.....e retardar o inimigo a partir de D.....(e/ou Mdt O e/ou em presença de forças superiores), nas seguintes condições:

- na PIR ganhar duas jornadas, empregando o ..... RCB ao .....(N, E, ...), o .....R C Mec ao centro e o .....R C Mec ao .....(N,S, ...);

- nas P2, P3 e P4 ganhar uma jornada em cada posição empregando o .....RCB ao .....(N, S, ...) e o .....R C Mec ao .....(N,S, ...);

— Ligar-se com .....

— Retrair através da P Def .....DE / Ex Cmp

— Deslocar a brigada(-) pela rodovia .....

— Manter em reserva:

- na PIR: .....;

- na P2, P3 e P4: .....

— Prio Ap F:

- na PIR: .....;

- na P2, P3 e P4: .....

b. Esquema de manobra

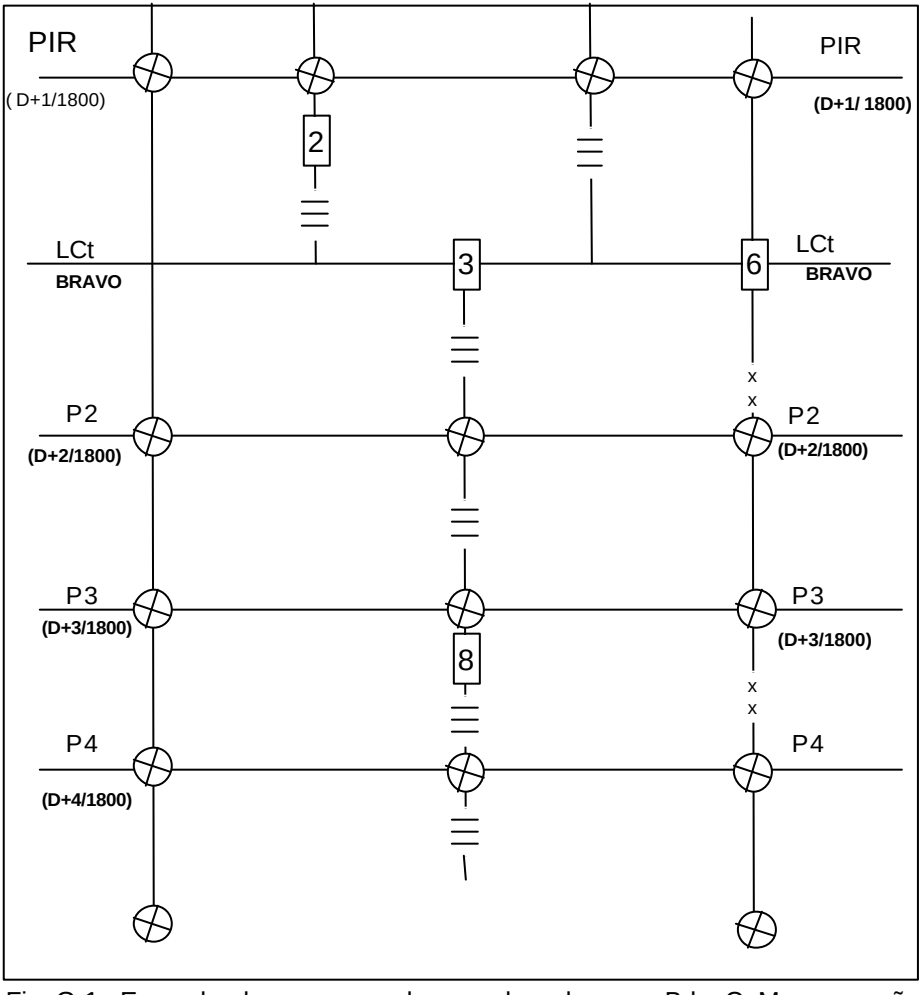


Fig G-1. Exemplo de esquema de manobra de uma Bda C Mec na ação retardadora

ANEXO H

OPERAÇÕES COM FUMÍGENOS

H-1. GENERALIDADES

a. Os agentes fumígenos são utilizados em operações de combate para ocultar da observação inimiga as atividades das forças amigas, dificultar ao inimigo a observação do campo de batalha e a condução de fogos observados, dissimular as intenções das forças amigas e sinalizar visualmente alvos e objetivos no terreno.

b. Fumígenos são agentes químicos que produzem fumaça por queima, hidrólise ou condensação. Subdividem-se em dois grupos:

(1) fumígenos de cobertura: empregados, normalmente, para cobrir com fumaça atividades de tropas, pontos vitais e instalações importantes, interferindo na observação e reduzindo a eficácia dos fogos do inimigo; e

(2) fumígenos de sinalização: representados pelas fumaças coloridas, sendo utilizados na marcação de alvos e objetivos.

c. O emprego de fumígeno pode dificultar o sistema de comando e controle e a manobra das unidades de combate. Os fumígenos causam efeitos psicológicos e fisiológicos sobre os combatentes, podendo ainda restringir a utilização de dispositivos de visão óticos ou eletroóticos. A eficiência do telêmetro laser é particularmente degradada pela utilização de agentes fumígenos.

d. O assunto é detalhadamente abordado no manual de campanha que regula as Operações Químicas, Biológicas e Nucleares.

H-2. FONTES GERADORAS DE FUMÍGENOS

As fontes geradoras de fumígenos variam desde os lançadores orgânicos das viaturas blindadas da Bda C Mec até os geradores de fumaça existentes no escalão exército de campanha. Quanto maior for a necessidade de fumaça para

apoiar a operação, maiores serão as exigências de meios, planejamento e coordenação.

H-3. O EMPREGO DO FUMÍGENO

a. Conforme a finalidade a que se destina, os fumígenos podem ser utilizados para:

(1) cortina de fumaça;
(2) obscurecimento;
(3) finta; e
(4) sinalização.

b. As cortinas de fumaça são empregadas com a finalidade de evitar a observação terrestre ou aérea do inimigo sobre o deslocamento de tropas, as Z Reu, as áreas de trens, os eixos e instalações de suprimento etc. O inimigo poderá ter conhecimento da presença de elementos da Bda C Mec, porém, não deverá ser capaz de concluir sobre suas reais ações e intenções. Há três tipos de cortinas de fumaça:

(1) tipo cortina, propriamente dita: é uma densa nuvem vertical de fumaça, lançada entre as forças amigas e inimigas, normalmente à frente ou nos flancos. A cortina de fumaça visa impedir a observação terrestre do inimigo sobre as forças amigas.

(2) tipo coberta (teto de fumaça): é uma formação horizontal de fumaça que cobre a tropa amiga ou instalações e áreas do terreno. É utilizada para impedir a observação terrestre e aérea do inimigo. A visibilidade, a olho nu, dentro da área de cobertura não deve ser superior a 50 metros, interferindo no deslocamento da tropa terrestre.

(3) tipo névoa: é semelhante ao teto de fumaça, porém com menor densidade de fumaça. A visibilidade no interior da névoa está em torno de 150 metros, não ocultando por completo a força amiga. Dificulta a observação inimiga sobre seus possíveis alvos.

c. No obscurecimento os fumígenos são empregados sobre a tropa inimiga com a finalidade de obrigá-la a reduzir sua velocidade, a mudar sua direção de progressão, a interromper seu deslocamento ou a desdobrar-se prematuramente.

d. Na finta os fumígenos são empregados com a finalidade de dissimular as reais intenções da tropa amiga. A finta pode chamar a atenção do inimigo para uma área não importante da Z Aç, fazendo com que ele empregue seu poder de combate em local onde não há tropa amiga. Numa operação tipo finta, a Bda C Mec pode ser apoiada por elementos com geradores de fumaça. A finta deve ser considerada parte integrante de todos os planos de dissimulação.

e. A sinalização com fumígenos pode ser empregada na identificação de alvos, de objetivos e da tropa amiga. Pode ainda auxiliar na regulação da manobra, no controle dos fogos e na Ev Aem.

H-4. CONSIDERAÇÕES NO PLANEJAMENTO DE EMPREGO DE FUMÍGENOS

a. O emprego de fumígenos deve ser planejado em todas as operações e condicionado à situação tática e às condições meteorológicas. É preferível que a Bda C Mec disponha de um planejamento antecipado do emprego de fumígenos em apoio à manobra planejada, para fazer face às contingências do combate, do que ser surpreendida durante a execução das manobras.

b. Os geradores de fumaça mecânicos nem sempre estão disponíveis para emprego em apoio à Bda C Mec. A disponibilidade de granadas fumígenas para os canhões e lançadores de fumígenos das VBR e para as armas de tiro curvo será limitada, devendo a dotação dessas munições ser preservada para situações em que seu emprego será decisivo. Portanto o emprego de fumígenos deve ser alvo de minuciosa análise pelo EM.

c. Para que a cortina de fumaça ou o obscurecimento sejam efetivos, é preciso utilizar a quantidade necessária de fumígenos. Caso contrário, corre-se o risco de não atender à finalidade desejada.

d. A eficácia dos fumígenos depende das condições de tempo, da direção e da velocidade do vento. Se as condições meteorológicas não forem adequadas, poderão impedir o uso efetivo de fumígenos. Essas condições podem também impor mudanças no tipo de fumaça planejado para a operação.

e. O E3 é o elemento responsável por integrar o emprego de fumígenos com a manobra. O Oficial de Defesa Química, Biológica e Nuclear tem a responsabilidade funcional de assessorar o E3 quanto ao emprego de fumígenos. No planejamento do emprego de fumaça, deve-se levar em conta que a degradação do poder de combate do inimigo será, possivelmente, acompanhada de reflexos sobre a tropa amiga, particularmente sobre o sistema de comando e controle. O impacto do emprego de fumígenos em unidades amigas vizinhas e, particularmente, sobre a aviação do exército, também deve ser considerado.

f. O emprego de fumígenos deve ser considerado também para os períodos de visibilidade reduzida, pois a fumaça afeta a maioria dos equipamentos de visão noturna. A fumaça originada pelos agentes químicos incendiários pode bloquear ou reduzir a eficiência dos equipamentos de visão termal.

g. O emprego de fumígenos deve estar intimamente sincronizado com o planejamento dos fogos de apoio. Durante uma operação com emprego de fumígenos, deve ser feito um acompanhamento contínuo da mudança das condições de vento, para que os ajustes necessários possam ser feitos com oportunidade.

h. A fumaça, freqüentemente, estará presente no campo de batalha como subproduto natural de combate. Deve-se tirar proveito desse obscurecimento natural produzido pelo combate, para reduzir o consumo de munição fumígena.

H-5. EMPREGO DE FUMÍGENOS EM APOIO ÀS OPERAÇÕES DE COMBATE

a. Uma das características do campo de batalha moderno é o uso intensivo de fumaça, entretanto a realização de uma operação nunca deve depender significativamente do emprego da fumaça para o seu sucesso. A Bda C Mec deve desenvolver planejamentos alternativos para o caso de os geradores de fumaça mecânicos ou a munição fumígena não estarem disponíveis.

b. O uso de fumígenos durante as operações de combate deve ser controlado cuidadosamente pelo Cmt. A fumaça é um indício para o inimigo de que algo está acontecendo, podendo levá-lo a aumentar suas ações de segurança e de reconhecimento. A surpresa, mantida até aquele momento, é perdida com o lançamento dos fumígenos. As NGA deverão estabelecer medidas que restrinjam o uso indiscriminado ou inadvertido de fumígenos.

c. O emprego judicioso de fumígenos contribui para multiplicar o poder de combate durante as operações. Os fumígenos tornam-se valiosas ferramentas à medida que contribuem para a degradação da eficiência dos sistemas de combate, a quebra do planejamento inicial e das formações de combate e outros efeitos que o seu emprego pode causar sobre o inimigo.

d. O emprego de fumígenos durante as operações de combate pode ser feito para:

(1) cegar os postos de observação do inimigo;

(2) apoiar o deslocamento de uma força, cobrindo-a da observação inimiga;

(3) isolar parte da força inimiga para destrui-la em uma área de engajamento;

(4) cobrir abertura de brechas nas posições inimigas;

(5) cobrir desbordamentos ou envolvimentos;

(6) apoiar ataques de oportunidade;

(7) desorientar o inimigo em suas posições defensivas;

(8) neutralizar o sistema de direção de armas guiadas;

(9) apoiar uma finta ou outro tipo de dissimulação tática;

(10) apoiar operações de travessia de cursos d'água;

(11) marcar alvos ou posições inimigas;

(12) separar ou isolar o escalão de reconhecimento inimigo do grosso de suas forças;

(13) reduzir a velocidade de progressão das formações inimigas;

(14) cobrir obstáculos, dificultando a sua remoção pelo inimigo;

(15) iludir o inimigo sobre o valor e dispositivo da força amiga;

(16) apoiar o desengajamento do combate de forças amigas;

(17) reduzir a eficiência dos elementos de reconhecimento ou de vigilância do inimigo;

(18) reduzir a eficiência dos fogos de apoio do inimigo;

(19) ocultar a concentração e o deslocamento de uma força;

(20) cobrir um C Atq;

(21) identificar unidades ou limites entre peças de manobra;

(22) solicitar Ev Aem, sinalizar viatura em pane; e
(23) iniciar ou cessar uma operação ou o deslocamento de uma força etc.

e. Considerações sobre o emprego de fumígenos

(1) Condições climáticas - A direção e a velocidade do vento, a umidade do ar e a cobertura de nuvem são aspectos importantes a considerar no emprego de fumígenos. Se o vento é forte ou vem de direção desfavorável, poderá ser impossível estabelecer-se uma efetiva cortina de fumaça. As cortinas de fumaça formam-se mais rapidamente e persistem quando a umidade do ar é elevada e a cobertura de nuvens for grande. O melhor momento para se empregar uma cortina de fumaça é quando o solo está mais frio que o ar.

(2) Tipo de fumígeno a ser empregado - Certos tipos de fumígenos reduzem a eficiência de equipamentos de visão infravermelha e térmica. O equipamento de que dispõe o inimigo e o efeito desejado da fumaça determinarão o fumígeno a ser utilizado. É importante observar que mesmo os fumígenos que não afetam os equipamentos de visão térmica, podem impedir ou dificultar o emprego de telêmetros laser dos carros de combate, fazendo com que o computador balístico do blindado forneça dados de tiro imprecisos.

(3) Navegação - Os equipamentos do tipo GPS e de visão térmica auxiliam o Cmt das frações de blindados a se deslocarem no interior de áreas sob efeito de fumígenos, possibilitando a manutenção de suas formações de combate e da impulsão. Sob estas condições, devem ser diminuídos os intervalos entre as viaturas da fração, a fim de facilitar o comando e controle.

ANEXO I

PREVENÇÃO DE FRATRICÍDIO

I-1. GENERALIDADES

a. O fratricídio é tão antigo quanto a guerra. É um problema complexo que desafia soluções simples. O fratricídio pode ser definido amplamente como o emprego de armas amigas, com o intento de matar o inimigo, destruir seu equipamento ou suas instalações, que resultam em morte imprevista e não intencional ou dano a pessoal amigo.

b. Neste anexo será enfocada a experiência de exércitos envolvidos em recentes operações de combate, onde ocorreram situações de fratricídio.Com base nestas experiências serão abordadas medidas e ações que buscam reduzir o risco de fratricídio durante as operações de combate.

I-2. O RISCO DE FRATRICÍDIO NO COMBATE MODERNO

a. O campo de batalha moderno é mais letal que qualquer um da história conhecida. O ritmo das operações é muito rápido e a sua natureza não linear cria desafios para o comando e controle das forças.

b. A precisão e a letalidade das armas modernas tornaram possível o engajamento e a destruição de alvos a grandes distâncias. Porém, ao mesmo tempo que a tropa possui uma grande capacidade para adquirir alvos com equipamentos de imagem térmica e outros sistemas de visão sofisticados, ela ainda não tem condições de, com precisão, identificar estes alvos como amigo ou inimigo. Em conseqüência, forças amigas podem ser engajadas e destruídas inadvertidamente, em poucos segundos, sem que a tropa se aperceba de seu engano.

c. Soma-se a isto o obscurecimento do campo de batalha, em função da destruição de viaturas, da queima de combustível, das explosões de granadas,

do uso de fumígenos etc. Este problema torna-se um fator crítico quando equipamentos de visão térmica são empregados na localização e identificação de alvos. A chuva, a poeira, a névoa e a fumaça também degradam a capacidade de identificação, reduzindo a intensidade das imagens térmicas.

d. No campo de batalha moderno, a identificação visual não pode ser critério de comprovação exclusivo de alvos situados a mais de 1.000 metros, sob o risco da tropa envolver-se em um incidente de fratricídio. O conhecimento da situação é a chave para evitar-se este tipo de incidente.

I-3. IDENTIFICAÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO DE MEDIDAS PREVENTIVAS

a. A redução do risco de fratricídio começa na fase de planejamento de uma operação e continua durante sua preparação e execução. A identificação do risco de fratricídio deve ser preocupação constante de todos os escalões de comando. Os riscos identificados devem ser comunicados claramente à cadeia de comando, de forma que a taxa de risco da operação possa ser minimizada.

b. A seguir, serão abordadas algumas considerações que influem na identificação do risco, bem como algumas medidas que o Cmt Bda pode implementar para que o levantamento do risco possa ser mais efetivo, impedindo que os incidentes de fogo amigo ocorram em sua GU.

(1) Na fase de planejamento

(a) Quando o planejamento completo da operação é bem compreendido por todos os envolvidos, a probabilidade da ocorrência de fratricídio é minimizada. As seguintes considerações indicam ao Cmt o potencial para fratricídio de uma determinada operação:

1) o esclarecimento da situação inimiga;
2) o esclarecimento da situação amiga;
3) a clara intenção do comandante;
4) a complexidade da operação; e
5) o tempo de planejamento disponível para cada escalão.

(b) Os calcos de operações são as ferramentas básicas para os Cmt de todos os escalões esclarecerem a sua intenção. Estes documentos devem representar claramente o conceito da operação, utilizando convenções gráficas e medidas de coordenação e controle regulamentares, de forma que os subordinados possam compreendê-los corretamente, reduzindo o risco de fratricídio.

(2) Na fase de preparação - Os seguintes aspectos podem influir no grau de risco de fratricídio durante a fase preparação:

(a) a quantidade e os tipos de ensaios realizados;

(b) o nível de treinamento e de eficiência em combate das peças de manobra e de seus integrantes;

(c) a existência de laços táticos e de relacionamento habitual entre as unidades e subunidades que realizarão a operação;

(d) o estado físico (resistência) das tropas que realizarão a operação;

(e) a realização de reuniões de coordenação e de sincronização. A matriz de sincronização é uma ferramenta fundamental nesta fase. Destacar, nestas reuniões, os aspectos que poderão suscitar dúvidas, frisando-se as partes julgadas complexas, ou que possam gerar erros nos planejamentos;

(f) a clareza, precisão e concisão das ordens expedidas; e

(g) a compreensão da intenção do Cmt Bda.

(3) Na fase de execução

(a) Durante a execução de uma operação, a capacidade de, rapidamente, analisar o risco de fratricídio e intervir para impedi-lo é fundamental para enfrentar-se situações imprevistas. Os seguintes fatores devem ser considerados na avaliação do risco de fratricídio, após o início da operação:

1) a visibilidade entre unidades vizinhas;

2) o nível de obscurecimento do campo de batalha;

3) a habilidade ou inabilidade para identificar corretamente os alvos;

4) as semelhanças e as diferenças de equipamento, veículos e uniformes entre as forças amigas e o inimigo;

5) a densidade de veículos no campo de batalha; e

6) o ritmo do combate.

(b) O acompanhamento do combate e o grau de informação de sua evolução. Neste processo de acompanhamento da situação do combate, as medidas que auxiliam os comandantes podem incluir:

1) permanente escuta da rede do Esc Sp;

2) perfeita comunicação entre tropas vizinhas;

3) conhecimento preciso da localização de todas as peças de manobra no campo de batalha; e

4) manutenção de elementos de ligação com as forças vizinhas e o Esc Sp.

I-4. AVALIAÇÃO DA TAXA DE RISCO DE UMA OPERAÇÃO

a. A taxa de risco de uma operação deve ser cuidadosamente administrada sempre que fatores de risco de fratricídio forem identificados. Todos os escalões devem ter esta preocupação durante cada uma das fases da operação. Os fatores de risco identificados são informados a todos os escalões, de modo que medidas para a sua redução possam ser desenvolvidas e implementadas com oportunidade.

b. A tabela abaixo é um referencial na avaliação da taxa de risco de fratricídio de uma operação. Nesta tabela são apresentados seis fatores que influem no grau de risco de fratricídio, bem como algumas considerações importantes. O Cmt pode avaliar o risco potencial em cada um dos fatores, atribuindo um conceito e um valor numérico, a esta avaliação parcial. Exemplo: baixo (um ponto), médio (entre 1(um) e 3(três) pontos) ou alto (3(três) pontos). Somando-se as avaliações parciais, chegar-se-á a um parâmetro (percentual) para estimar a taxa de fratricídio global. Esta taxa de risco resultante deve ser utilizada como um guia. A taxa global será baseada em fatores de risco

observáveis como os da tabela e no discernimento do comandante para os fatores imensuráveis. Note-se que, na tabela, somente estão listados os valores (conceitos) extremos. A avaliação do Cmt irá determinar qual a interpolação a ser feita e qual a graduação (entre 1(um) e 3(três)) a ser atribuída a cada aspecto na coluna do risco médio.

FATORES	BAIXO (1)	MÉDIO	ALTO (3)
1. COMPREENSÃO DO PLANEJAMENTO			
- A intenção do comandante	clara	.....	nebulosa
- Complexidade do plano	simples	.....	complexa
- Situação do inimigo	conhecida	.....	desconhecida
- Situação das forças amigas	clara	.....	obscura
- Regras do engajamento	claras	.....	imprecisas
2. AMBIENTE			
- Visibilidade entre tropas vizinhas	boa	.....	ruim
- Obscurecimento	nulo	.....	total
- Ritmo do combate	lento	.....	rápido
- Identificação das forças amigas	100%	.....	0%
3. MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE			
- Relações de Comando	orgânico	.....	conjunto/combinado
- Comunicações (áudio)	alto/claro	.....	fraco
- Visuais	fácil visualização	.....	obscurecida
- Calcos diversos (gráficos)	simples	.....	não compreendido
- NGA	padrão	.....	não existe
- Oficiais (elementos) de Ligação	eficientes	.....	não treinados
- Conhecimento da localização das peças de manobra	preciso	.....	vago
4. EQUIPAMENTO (em relação ao nosso)			
- Forças amigas	semelhante	.....	diferente
- Inimigo	diferente	.....	semelhante
5. TREINAMENTO			
- Eficiência individual	adestrado	.....	não adestrado
- Eficiência das unidades	adestrada	.....	não adestrada
- Ensaios	realistas	.....	nenhum
- Laços táticos	sim	.....	não
- Estado físico da tropa	bom	.....	desgastado
6. TEMPO DE PLANEJAMENTO			
- Escalão superior	adequado	.....	inadequado
- Escalão avaliador (Bda)	adequado	.....	inadequado
- Elementos subordinados	adequado	.....	inadequado
TAXA DE FRATRICÍDIO GLOBAL	26 a 46 pontos *	42 a 62 pontos *	58 a 78 pontos *
* A soma total dos pontos pode não refletir o risco de fratricídio com precisão, devendo servir apenas como base de referência na avaliação do risco real pelo comandante da Bda.			

I-5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O RISCO DE FRATRICÍDIO

No questionário abaixo é traçado um paralelo com os cinco primeiros parágrafos de uma Ordem de Operações, levantando-se considerações importantes para a redução do risco de fratricídio. Este questionário, se utilizado quando da confecção de uma Ordem de Operações, pode alertar o comando e o EM para o grau de risco de fratricídio da operação considerada.

PARÁGRAFO	ITEM	QUESTIONAMENTO
1. SITUAÇÃO	a. Forças inimigas	(1) Há semelhanças com o equipamento e o uniforme do inimigo, que poderiam conduzir a um fratricídio? (2) Que idioma falam as forças inimigas? Este idioma é tão semelhante ao nosso que poderia contribuir para o risco de um fratricídio? (3) Qual é a capacidade de dissimulação do inimigo? Há registro de atividades anteriores de dissimulação? (4) Nós sabemos com precisão a localização das forças inimigas?
	b. Forças amigas	(1) Entre as forças amigas há semelhanças com as forças inimigas em idioma, uniforme e equipamentos, que poderiam aumentar o risco de fratricídio durante as operações? (2) Durante operações conjuntas ou combinadas, as diferenças em equipamento e uniformes entre nossas forças armadas podem aumentar o risco de fratricídio? (3) Quais diferenças, em equipamento e uniformes, entre nossas forças e as forças amigas, devem ser ressaltadas para a tropa, a fim de se prevenir o fratricídio? (4) Qual é o plano de dissimulação de nossas forças amigas (e vizinhas)? (5) Qual a localização exata de nossas forças vizinhas (esquerda, direita, à retaguarda e à frente)? (6) Existem grupos neutros, de não combatentes, civis refugiados etc em nossa Z Aç ou próxima dela? Qual a localização exata desses grupos? (7) Qual é o nível de desgastes, eficiência e confiança do equipamento das forças amigas?

PARÁGRAFO	ITEM	QUESTIONAMENTO
1. SITUAÇÃO	c. Nossas forças	(1) Qual é o nível de adestramento das OM de nossa Bda, dos elementos em reforço ou em apoio? Nossa tropa possui experiência de combate? Qual a eficiência em combate de nossa Bda? (2) Qual o nível de desgaste e de fadiga de nossa tropa? Existe um plano eficaz de "sono" (descanso) em andamento? (3) Nossa Bda e as forças amigas estão aclimatadas à esta região? Possuem uniforme adequado? (4) Qual é o nível de desgaste, eficiência e confiança de nosso equipamento? Foi distribuído algum equipamento novo à Bda, recentemente? Qual a situação do adestramento da tropa com este novo equipamento?
	d. Meios recebidos e retirados	(1) Os elementos recebidos possuem completo conhecimento da situação, do equipamento, do uniforme e das demais informações sobre as forças amigas e inimigas? (2) Os elementos retirados receberam informações corretas sobre a força que passarão a integrar?
	e. Condições climáticas	(1) Quais são as condições de visibilidade esperadas para a operação (dados sobre luminosidade e chuva)? (2) Que efeitos terão o calor, o frio ou a chuva sobre os soldados, o equipamento, o armamento e as viaturas?
	f. Informações sobre o terreno	(1) Nós conhecemos perfeitamente a topografia e a vegetação da área onde iremos operar? (áreas urbanas, regiões pantanosas ou alagadiças, campos, cerrados, áreas de mata, regiões de bosques, cursos d'água, represas, lagos etc)? (2) Avaliamos corretamente o terreno com base no Processo de Integração do Terreno, das Condições Meteorológicas e do Inimigo (PITCI)?

2. MISSÃO	Nossa missão, bem como todas as ações a executar, as responsabilidades logísticas, de apoio de fogo, de apoio da engenharia etc, estão claramente compreendidas? A intenção do comandante é do conhecimento de todos?

PARÁGRAFO	ITEM	QUESTIONAMENTO
3. EXECUÇÃO	a. Organização da Bda	(1) As tropas que estão reforçando a Bda já trabalharam conosco em alguma operação de combate? (2) As NGA de nossa Bda são compatíveis com as NGA das forças que reforçam a Bda? Estas forças já foram instruídas sobre as nossas NGA? (3) São necessárias marcas ou símbolos especiais para a identificação das vaituras, dos uniformes ou dos equipamentos da Bda? (tipo sinais representativos das U, painéis, códigos de letras e números nas viaturas, faixas ou sinais afixados nos uniformes etc)? (4) Serão empregados na operação novas viaturas, equipamentos ou armamentos? Eles são semelhantes aos do inimigo?
	b. Conceito da Operação	(1) Manobra (a) Foram identificados riscos de fratricídio nas Z Aç das unidades que realizarão a ação principal e as ações secundárias? (b) A tropa tem consciência destes riscos e foram tomadas medidas para evitá-los? (2) Fogos (diretos e indiretos) (a) As prioridades de fogos estão bem identificadas? (b) Foram confeccionadas listas de alvos? (c) Os procedimentos para desencadeamento dos fogos são do conhecimento de todos? (d) As áreas restritas foram identificadas e são de conhecimento da tropa? (campos de minas, áreas com restrições de fogos etc)? (e) Existe previsão de apoio aerotático ou da aviação do exército para a operação da Bda? Os objetivos das aeronaves estão claramente definidos? Foram planejados sinais de identificação para as viaturas e instalações da Bda? Existe coordenação do espaço aéreo sobre a Z Aç da Bda? (f) O apoio de fogo foi sincronizado com a manobra? (g) Os limites de cada Z Aç foram identificados pelas unidades?

PARÁGRAFO	ITEM	QUESTIONAMENTO
3. EXECUÇÃO		(h) Foram realizados ensaios para um perfeito funcionamento do sistema de apoio de fogo? (j) As comunicações do sistema de apoio de fogo foram testadas? Existem meios alternativos para as comunicações entre os elementos do sistema de apoio de fogo?
	c. Missões das Unidades	As missões das unidades estão coerentes com as suas possibilidades?
	d. Engenharia	(1) O apoio de engenharia do Esc Sp é suficiente para apoiar a manobra da Bda? (2) Foram estabelecidas missões e prioridades de apoio para a engenharia? (3) Os obstáculos e campos de minas lançados pelo inimigo foram identificados? Há um plano para abertura de brechas? (4) Foi estimado o tempo necessário para a abertura de brechas nos obstáculos identificados?
	e. Prescrições diversas	(1) Serão realizados ensaios? (2) Estão previstas reuniões coordenadas pelo Ch EM da Bda, com a participação de todos os Cmt diretamente subordinados e dos chefes de seções do EM, para a sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico? (3) As guarnições de blindados praticam os exercícios de identificação de alvos? (silhuetas características e particularidades dos blindados inimigos e amigos)? (4) As unidades conhecem perfeitamente os procedimentos a serem realizados caso sejam surpreendidas por fogo amigo? Conhecem os sinais visuais, rádio ou pirotécnicos para a sinalização de "CESSAR FOGO" e "SOMOS AMIGOS"? Estes procedimentos foram ensaiados?

4. LOGÍSTICA	a. A localização das ATU e da(s) Estrada(s) Principal(is) de Suprimento (EPS) são do conhecimento das frações de apoio logístico e dos elementos encarregados da execução da Manobra Logística? b. Os sinais de reconhecimento foram difundidos a todos os elementos encarregados de executar o apoio logístico? c. A localização dos postos de socorro das U e do Posto de Triagem da Bda são do conhecimento de todos?

PARÁGRAFO	ITEM	QUESTIONAMENTO
5. COMUNICAÇÕES E GUERRA ELETRÔNICA	a. Postos de Comando	(1) Onde estarão o Cmt, o EM e os demais elementos chaves da Bda durante a operação? (2) A cadeia de comando é do conhecimento de todos? Quem assumirá as funções de comando e controle, de apoio ao combate e de apoio logístico no impedimento dos titulares destas funções?
	b. Comunicações	(1) As IE Com Elt incluem palavras códigos e sinais visuais para as situações de emergência? (2) Constam das IE Com Elt os sinais e códigos para a identificação de aeronaves e forças amigas? (3) Nossas IE Com Elt foram distribuídas para todos os Esc Sp, Subrd, vizinhos, avançados e de retaguarda? Foram instruídos sobre o assunto?

I-6. MEDIDAS PARA A REDUÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO

a. As medidas citadas abaixo são um guia para a redução do risco de fratricídio. Não são impositivas ou restritivas, devendo ser aplicadas com base nos fatores da decisão e no estudo da situação tática.

b. A redução do risco de fratricídio passa, normalmente, pela aplicação das seguintes medidas:

(1) identificação e avaliação do risco real de fratricídio durante o estudo de situação. Este risco deve ser expresso na Ordem de Operações ou nas Ordens Fragmentárias;

(2) manutenção do pleno conhecimento sobre a evolução da situação tática. Análise do campo de batalha com informações reais e atualizadas: localização da peças de manobra, localização de áreas restritas (minas, obstáculos, fogos etc), áreas contaminadas por agentes químicos (gás, fumaça etc) e alterações nos fatores da decisão MITM-T;

(3) correta identificação dos alvos. A tropa, em particular as guarnições de carros de combate, deve ter perfeito conhecimento das características, assinaturas térmicas e silhuetas das viaturas blindadas e principais armamentos do inimigo e das forças amigas. É importante saber a que distância é possível a identificação correta das viaturas blindadas do inimigo, considerando-se o tipo de terreno e as condições climáticas;

(4) efetivo controle de fogo. Os comandos de fogo das armas coletivas e dos CC devem ser precisos, concisos e claros. Inclusão nas NGA da Bda,

como conduta obrigatória, que as guarnições de armas coletivas e dos CC, quando não entenderem com clareza todo o comando de tiro, solicitem a repetição completa do mesmo. É preciso dar ênfase a importância da cadeia de comando no processo de controle de fogo. Os atiradores de CC e das armas coletivas de tiro tenso devem solicitar a confirmação do reconhecimento do alvo e a permissão para realizarem o tiro aos seus Cmt de CC e chefes de peça, antes de engajarem um alvo que presumam que seja inimigo;

(5) ênfase na prevenção de fratricídio. Colocar-se em prática as medidas de proteção contra o fratricídio, conforme previstas nas NGA. Os Cmt de todos os escalões supervisionam a execução das ordens e verificam, constantemente, se o desempenho individual e o das frações está conforme a padronização da Bda, a fim de evitar que os efeitos do combate, a tensão emocional e o desgaste físico possam comprometer a segurança da tropa. Quanto menor a experiência de combate da Bda, maior atenção deve ser dada aos desvios de conduta por tensão emocional e fadiga de combate;

(6) manutenção da coesão da tropa e busca do reconhecimento dos sinais de tensão, atuando-se rápida e efetivamente para aliviá-la;

(7) programação de instruções individuais, coletivas e para os Cmt dos diversos escalões sobre risco de fratricídio, identificação e reconhecimento de alvos e disciplina de fogo;

(8) estabelecimento de um plano de operações simples, claro e coerente com as possibilidades da Bda e de suas unidades;

(9) ordens claras, concisas e precisas;

(10) utilização das NGA da Bda. Periódica atualização das mesmas, verificando-se sua coerência com a doutrina em vigor, se adota as normas, símbolos e convenções cartográficas regulamentares, e se está de acordo com as ordens emanadas pelo Esc Sp;

(11) busca do máximo de tempo para planejamento, seja para o Cmdo da Bda, seja para os escalões subordinados;

(12) utilização de vocabulário corrente, de fácil entendimento pela tropa, bem como terminologia prevista na doutrina e medidas de coordenação e controle padronizadas;

(13) perfeita compreensão da intenção do Cmt e do planejamento expedido para a operação por todos os escalões envolvidos;

(14) planejamento de emprego das comunicações claro e correto, com previsão da duplicação dos meios de comunicações para situações de emergência, principalmente nas ligações com os meios de apoio de fogo;

(15) planejamento da localização do PC Tat onde o Cmt Bda possa efetivamente intervir na condução do combate;

(16) designação e emprego de Oficiais/Elementos de Ligação;

(17) estabelecimento de objetivos claros e compatíveis com o valor e a natureza da tropa que deverá conquistá-los;

(18) realização de ensaios sempre que o tempo disponível o permitir;

(19) durante o combate, pleno conhecimento de sua posição, dos elementos subordinados e dos elementos vizinhos. Manutenção do deslocamento tático de suas peças de manobra sempre sincronizado. No caso de desorientação durante o combate, solicitação imediata da ajuda de seus

auxiliares ou de seu Esc Sp;

(20) discussão sobre incidentes de fratricídio nas críticas após o combate, explorando-se as experiências dos seus subordinados e colhendo-se ensinamentos para operações futuras; e

(21) inclusão do risco de fratricídio como fator na análise do terreno, durante o estudo de situação.

I-7. ENFRENTANDO UM INCIDENTE DE FOGO AMIGO

a. A Bda ou uma de suas peças de manobra pode ser envolvida em um incidente de fogo amigo de três maneiras: como vítima do fogo amigo, como elemento realizador do fogo ou como um observador que intervém em um ataque de uma força amiga sobre outra.

b. As seguintes medidas são recomendadas para a tropa que for vítima de fogo amigo:

(1) reagir ao fogo até que ele seja reconhecido como fogo amigo;

(2) cessar fogo;

(3) executar ações imediatas para proteger os soldados e as viaturas;

(4) utilizar os sinais convencionados para o reconhecimento visual, na direção da tropa que realiza os disparos, na tentativa de fazê-la cessar fogo; e

(5) informar ao escalão superior:

(a) que sua tropa está recebendo fogo amigo;

(b) a localização e a direção dos veículos ou da força que realiza os disparos; e

(c) se já foi identificada a força que está atirando.

c. Medidas a serem adotadas quando a tropa engaja pelo fogo uma força amiga:

(1) cessar fogo; e

(2) informar ao escalão superior:

(a) a identificação da força amiga engajada (se não for identificada, informar o seu valor, o tipo de viaturas etc);

(b) a localização da sua tropa e da força amiga engajada;

(c) a direção e a distância dos elementos engajados;

(d) o tipo de fogo realizado; e

(e) o efeito dos fogos nos alvos atingidos.

d. Ações recomendadas para uma força que observa um incidente de fogo amigo:

(1) buscar cobertura e proteção para sua tropa;

(2) usar o sinal de reconhecimento visual “cessar fogo”, na direção da força que dispara;

(3) informar ao Esc Sp:

(a) a identificação da força amiga comprometida (se não for identificada, informar os tipos e a quantidade de veículos etc);

(b) a localização do incidente;

(c) a direção e a distância da tropa engajada e da força que atira;

(d) o tipo de fogo; e

(e) o efeito dos fogos nos alvos atingidos.

(4) providenciar auxílio, se necessário (quando a sua tropa já estiver em segurança).

e. Responsabilidade dos comandantes - Em todas as situações que envolvem o risco de fogo amigo, os Cmt devem estar preparados para entrar em ação imediatamente, a fim de evitar vítimas, danos ou destruição dos equipamentos. As seguintes ações são recomendadas em situações de fratricídio:

(1) identificação do incidente e ordem às partes envolvidas para cessar fogo;

(2) avaliação da taxa de risco da situação rapidamente; e

(3) identificação e implementação de medidas que impeçam a repetição do incidente.

ANEXO J

OPERAÇÕES CONTINUADAS

J-1. GENERALIDADES

a. As operações continuadas são executadas para manter pressão constante sobre o inimigo, sem levar em conta a visibilidade, o terreno, e as condições meteorológicas. A habilidade para efetivamente sustentar esta pressão é freqüentemente a chave do sucesso no campo de batalha.

b. Este tipo de operação será sem dúvida o desafio mais difícil que uma força-tarefa blindada enfrentará. Nas operações continuadas as guarnições dos blindados, os elementos dos sistemas de comando e controle, apoio ao combate e apoio logístico, as viaturas e o equipamento em geral são colocados sob enorme tensão e desgaste. Os comandantes de todos os escalões devem estar emocional e fisicamente preparados para conduzirem seus soldados à vitória. Somente através de uma liderança forte, um sistema de comando e controle eficiente e um treinamento adequado para este tipo de operação, a tropa poderá ser bem sucedida no combate.

J-2. EFEITOS DO COMBATE CONTINUADO SOBRE A TROPA

a. A fadiga é provavelmente a primeira causa da degradação do desempenho individual em combate. A performance e a eficiência individual começam a deteriorar-se após 14 a 18 horas de combate contínuo e alcançam um nível muito baixo após 22 a 24 horas ininterruptas de combate. A maioria das tarefas que envolvem habilidades de percepção começa a mostrar uma degradação de desempenho depois de 36 a 48 horas sem sono. Os soldados deixam de ser efetivos após 72 horas sem sono. A natureza do combate embarcado, principalmente das guarnições dos blindados, agrava a fadiga e a tensão emocional inerente ao combate, seja pelo confinamento dos homens durante longos períodos de tempo no interior dos blindados, seja pela natureza

das tarefas que executam, exigindo atenção e concentração, sem ter quem os substitua nem possibilitar descanso, por ser cada função imprescindível à operação do blindado.

b. Os comandantes de todos os escalões devem saber reconhecer os sinais de perda de sono ou degradação do desempenho individual de seus comandados. Estes efeitos são caracterizados pelos seguintes sintomas:

(1) tempo de reação mais lento;

(2) aumento do tempo necessário para a realização de uma tarefa conhecida e de rotina;

(3) decréscimo da memória de fatos ocorridos recentemente;

(4) deterioração da velocidade de aprendizagem;

(5) erros em omissão;

(6) lapsos de atenção;

(7) irritabilidade;

(8) depressão;

(9) desempenho irregular.

c. O ciclo de dia / noite tem um efeito significativo sobre o desempenho individual. Quando os soldados estão acostumados a um determinado padrão de trabalho e a períodos de descanso, eles se tornam fisiologicamente adaptados à este horário. Qualquer modificação neste horário resultará em decréscimo de desempenho. A adaptação fisiológica para determinado ritmo ou horários de trabalho e descanso pode durar de 20 a 30 dias.

d. Um plano de sono rígido e obrigatório será vital para o desempenho coletivo da brigada. Ele deve ser colocado em prática sempre que possível. Em operações continuadas cada soldado deve dormir durante quatro horas ininterruptas, pelo menos a cada 24 horas (cinco horas se o sono for interrompido). Este ritmo de quatro horas de sono a cada 24 horas não pode ser mantido por mais de duas semanas, sem antes recuperar-se o descanso da tropa.

e. Outro aspecto de perda de sono que deve ser considerado é o tempo que o indivíduo leva para recuperar-se dos efeitos da perda de sono. Depois de uma operação continuada de 36 a 48 horas, sem sono, são exigidas, normalmente, 12 horas de sono ou descanso para devolver-se aos soldados a eficiência e o desempenho normal de suas funções. Entretanto, o estado de fadiga pode demorar até três dias, em determinados elementos. Depois de 72 ou mais horas sem sono, os soldados precisam, normalmente, de dois ou três dias de descanso para recuperar seu desempenho normal.

f. Para minimizar os efeitos de perda de sono, o comandante tem várias opções. Possivelmente a melhor solução para o pessoal são os intervalos periódicos durante o trabalho e a realização de exercícios moderados, diariamente. Esta solução é valida, normalmente, para os elementos dos sistemas de comando e controle, apoio de fogo e logístico da brigada, sendo de difícil aplicação nos R C Mec e RCB. Para os regimentos poderá ser realizado, em função da situação tática, um revezamento de frações mais desgastadas dos elementos em 1º escalão com fração similares da Reserva, ou mesmo, substituindo-se uma unidade inteira da linha de frente pela unidade Reserva.

g. Nas guarnições dos blindados, dependendo do nível de adestramento da tropa, para minimizar o problema da perda de sono, pode ser realizado um revezamento de funções individuais, permitindo assim uma diminuição da fadiga pela mudança de tarefas a executar. Esta rotação de funções só terá efeito sobre o estado de fadiga individual, se as novas tarefas incluírem exigências diferentes, como por exemplo, o atirador de carro de combate passa a ser o motorista, durante períodos de menor intensidade ou mais estáticos do combate.

h. Existem dois tipos de militares que tendem a apresentar mais rapidamente os sinais de fadiga, o primeiro é o soldado imaturo e jovem, que não está seguro de si e o segundo, o soldado mais velho, já temperado em combate, em quem os outros confiam e que os tem sustentado, com prejuízo para si próprio Outros militares que devem merecer atenção de todos são os comandantes, em todos os escalões, que se consideram, freqüentemente, como sendo invulneráveis à fadiga. Por suas tarefas exigirem grande responsabilidade, reação rápida, razoável complexidade e planejando detalhado, os comandantes são os militares mais vulneráveis à privação do sono e do descanso diário. As demonstrações de abnegação, de autocontrole e resistência à fatiga, normalmente realizadas pelos comandantes, são extremamente contraproducentes e de alto risco para a suas unidades ou frações.

i. No que se refere à substituição de uma OM ou GU nesse tipo de operação, deve-se considerar que o desgaste e a fadiga acarretados pelo combate continuado trarão conseqüências para todos os sistemas da OM/GU e não apenas para o de manobra.

j. Ao se planejar a substituição de uma OM ou GU desgastada pela permanência em um combate continuado, deve ser prevista a substituição de todas as suas estruturas de manobra, comando e controle, apoio ao combate e apoio logístico. Substituir somente os elementos de manobra desgastados, ou reforçar a OM / GU com mais uma peça de manobra, poderá representar um aumento de seu poder de combate, mas não significará um aumento no rendimento da OM como um todo, pois os demais sistemas continuarão com sua eficiência prejudicada.

l. Particularmente nas missões de segurança do tipo F Cob Avçd, em operações continuadas, o desgaste das peças de manobra e de todos os demais sistemas de uma Bda C Mec deverá ser, em princípio, muito grande, criando situações em que a realização de uma operação de substituição se torne necessária.

m. Esta solução, apesar de necessária, dificilmente poderá ser realizada, considerando-se a realidade das operações em AOC. O Esc Sp nem sempre contará com os meios necessários para atender às necessidades de recompletamento ou substituição da Bda C Mec, como um todo ou de suas peças de manobra, a não ser na substituição por acolhimento nas operações defensivas ou por ultrapassagem, nas operações ofensivas.

ANEXO L

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS NO C 2-30 - BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

A

A - Área
A Ae - Antiaéreo (a)
A Ap Log - Área de Apoio Logístico
AC - Anticarro
Aç Rtrd - Ação Retardadora
AD - Artilharia Divisionária
ADA - Área de Defesa Avançada
Adj - Adjunto
AE - Área de Engajamento
Altu - Altura(s)
Amv - Aeromóvel
AOC - Área Operacional do Continente
AOI - Área com Objetivo de Inteligência
Armt - Armamento
Ap F - Apoio de Fogo
A Ap Log - Área de Apoio Logístico
Aprf - Aprofundamento, aprofundar
Apvt Exi - Aproveitamento do Êxito
A Rg - Área de Retaguarda
Art - Artilharia
AT - Área de trens
ATC - Área de Trens de Combate
ATE - Área de Trens de Estacionamento
Atq - Ataque, atacante
Atv - Atividade, ativo, ativar, ativação
Avçd - Avançada(o)

B

Ban - Banho
Bda - Brigada
Bda C Mec - Brigada de Cavalaria Mecanizada
Bia A A Ae - Bateria de Artilharia Antiaérea
Bld - Blindado
B Log Mec - Batalhão Logístico Mecanizado

C

CAA - Controlador Aéreo Avançado
CAF - Coordenador de Apoio de Fogo
C Atq - Contra-ataque
C2 - Comando e Controle
CCME - Contra-Contramedidas Eletrônicas
CCAF - Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
C Com - Centro de Comunicações
CD - Controle de danos
Ch EM - Chefe do Estado-Maior
Cia E Cmb - Companhia de Engenharia de Combate
Cia Log - Companhia Logística
C Mbld - Contramobilidade
Cmdo - Comando
Cmdo e Ct - Comando e Controle
CME - Contramedidas Eletrônicas
Cmt - Comandante
CN - Centro Nodal
Cnst - Construção
COAAeP - Centro de Operações Antiaéreas Principal
COAAeS - Centro de Operações Antiaéreas Secundário
COT - Centro de Operações Táticas
COAT - Centro de Operações Aerotáticas
Conq - Conquistar, conquista, conquistado
Contç - Continuação
Coor - Coordenar, coordenação, coordenador, coordenada
Cotn - Contínuo
C Rec - Contra-reconhecimento
Csld - Consolidar, consolidação
C Tir - Central de Tiro
Ctt - Contato

D

D AAe -Defesa Antiaérea
DAC - Defesa Anticarro
Def - Defesa, defensiva
DEFAR - Defesa da Área de Retaguarda
Desd - Desdobramento

Det - Determinação, determinar, determinado
DMA - Distância Máxima de Apoio
Dsloc - Deslocamento, deslocar, deslocado
Dspo - Dispositivo

E

ECAF - Elemento Coordenador do Apoio de Fogo
ECD - Em condições de
Elm Man - Elemento de Manobra
Elt - Eletrônica
EM - Estado-Maior
Enc - Encaminhamento, encaminhar, encaminhado
Eng (E) - Engenharia
Entr - Entroncamento
Esc - Escalão
Esqd - Esquadrão
Estb - Estabelecer, estabelecido, estabelecimento
Estm - Estimativa
Ev Aem - Evacuação Aeromédica
Ex Cmp - Exército de Campanha

F

FAT - Força Aerotática
F C Atq - Força de Contra-ataque
F Cob - Força de Cobertura
F DEFAR - Força de DEFAR
F Helcp - Força de Helicópteros
Fig - Figura
Fln - Flanco
F Seg - Força de Segurança
FT Amv - Força-Tarefa Aeromóvel
Fzo - Fuzileiro

G

GAAAe - Grupo de Artilharia Antiaérea
GAC - Grupo de Artilharia de Campanha
GE - Guerra Eletrônica
GPS - Sistema de Posicionamento Global (Global Positioning System)
GU - Grande Unidade

H

Helcp - Helicóptero

I

ICMN - Início de Crepúsculo Matutino Náutico

I E Com Elt - Instrução para Exploração das Comunicações e Eletrônica
Inf - Infantaria
Ini - Inimigo
Intf - Interferência
Inst - Instalação, instalar
Itd - Interditar, interditada, interdição

L

LAADA - Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
Laj - Lajeado
LC - Linha de Contato
LCAF - Linha de Coordenação de Apoio de Fogo
LCF - Linha de Coordenação de Fogos
Lçmt - Lançamento
L Ct - Linha de Contato
Lig - Ligação
Loc Fav Tva - Local Favorável à Travessia
LP - Linha de Partida
LPE - Linha de Provável encontro
LSAA - Linha de Segurança de Apoio de Artilharia

M

Mbld - Mobilidade
M Cmb - Marcha para o Combate
Mdt O - Mediante Ordem
MEA - Medidas Eletrônicas de Apoio
Mec - Mecanizado
Mnt - Manutenção
Mrt - Morteiro
Msl - Míssil
Mvt Rtg - Movimento Retrógrado

N

Nav - Naval
Nr - Número

O

Obj - Objetivo
Obt - Obstáculo
Ocp - Ocupado, ocupar, ocupada
OCE - Oficial de Comunicações e Eletrônica
OLA - Oficial de Ligação Aérea
O Lig - Oficial de Ligação
Op - Operação, operacional, operacionalidade

P

PAC - Postos Avançados de Comando
PAF - Plano de Apoio de Fogo
PAG - Postos Avançados Gerais
P Ban - Ponto de Banho
PC - Posto de Comando
PC Pcp - Posto de Comando Principal
PC Tat - Posto de Comando Tático
P Def - Posição Defensiva
PE - Polícia do Exército
Pel - Pelotão
Pel E Ap - Pelotão de Engenharia de Apoio
Pel E Cmb Mec - Pelotão de Engenharia de Combate Mecanizado
Pel E Eq Ass - Pelotão de Engenharia de Equipagem de Assalto
Pel Fzo Bld - Pelotão de Fuzileiros Blindado
Pes - Pessoal
PF - Plano de Fogos
PFA - Plano de Fogos de Artilharia
P F Ae - Plano de Fogos Aéreo
P F Nav - Plano de Fogos Naval
PIR - Posição Inicial de Retardamento
P2 - 2ª Posição de Retardamento
P3 - 3ª Posição de Retardamento
Pnt - Ponte
Prep - Preparatória, preparação
Prio - Prioridade
Prog - Progressão
Pross - Prosseguir, prosseguimento
Ptc - Proteção
Ptg - Proteger, protegido
P Trg - Posto de Triagem
Psg - Passagem
P Sup - Posto de Suprimento

R

Rad - Rádio, radiograma
RCB - Regimento de Cavalaria Blindado
R C Mec - Regimento de Cavalaria Mecanizado
Rcp - Recompletamento
Rec - Reconhecimento, reconhecer
Rec Det Obt - Reconhecimento Detalhado de Obstáculos
R Dstn - Região de Destino
Reg - Regular, regulador, regulação, regulado
Res - Reserva
Rg - Retaguarda
Rgt - Regimento
Rv - Rodovia, rodoviário

S

Sau - Saúde
SA Ap Log - Subárea de Apoio Logístico
SCA - Sistema de Comunicações de Área
SCB - Sistema de Comunicações da Brigada
SCC - Sistema de Comunicações de Comando
Sec C - Seção de Comando
SEGAR - Segurança da Área de Retaguarda
Sist - Sistema
SISTAC - Sistema Tático de Comunicações
Sp - Superior
Subrd - Subordinado
Sup - Suprimento

T

Tr - Tropa
Trf - Tráfego
Trsp - Transposição

U

Ultr - Ultrapassagem

V

VANT - Veículo Aéreo Não Tripulado
Vig - Vigilância, vigiar, vigia

Z

Z Aç - Zona de Ação
Z Reu - Zona de Reunião

ÍNDICE ALFABÉTICO

	Prf	Pag
A		
A ameaça aérea	3-7	3-9
A autodefesa antiaérea	3-11	3-11
A Bda C Mec		
- e o combate moderno	1-10	1-5
- na substituição em posição	7-3	7-2
- na ultrapassagem	7-4	7-9
- no acolhimento	7-5	7-13
A brigada		
- como força de fixação	6-26	6-28
- como reserva - Defesa de Área	6-23	6-26
- como reserva - Defesa Móvel	6-27	6-29
Ações no objetivo após o ataque noturno	5-40	5-50
Apoio		
- ao combate - Planejamento	6-43	6-46
- de comunicações e guerra eletrônica	6-28	6-32
- de engenharia	6-30	6-34
- de fogo	6-29	6-33
Área		
- de defesa avançada	6-7	6-6
- de reserva	6-8	6-6
- de segurança	6-6	6-5
Ataque		
- a uma área edificada	8-9	8-6
- de varredura	5-20	5-30
Avaliação da taxa de risco de uma operação	I-4	I-3

	Prf	Pag
B		
Bda C Mec		
- na ação retardadora		G-1
- na cobertura avançada		B-1
- na defesa de área		E-1
- na defesa móvel como força de fixação		F-1
- no aproveitamento do êxito		D-1
- no ataque coordenado		C-1
C		
Características		
- (Introdução)	1-6	1-2
- básicas - Reconhecimento	4-12	4-16
- da demonstração	5-28	5-35
- das operações	8-3	8-2
- do combate moderno	1-9	1-5
Classificação - Marcha para o Combate	5-4	5-4
Comando - Estrutura	1-13	1-11
Combate		
- de encontro	5-16	5-24
- em áreas fortificadas	8-7	8-4
Composição		
- da engenharia da Bda C Mec	3-13	3-12
- do PC Pcp	2-5	2-3
Comunicações - Ligações e Comunicações	2-14	2-12
Conceito (Introdução)	1-3	1-2
Conduta da defesa	6-22	6-26
Conduta		
- das operações	9-4	9-2
- do cerco	7-7	7-17
- na incursão	5-19	5-29
- na perseguição	5-15	5-23
- nas operações	7-21	7-33
- no aproveitamento do êxito	5-13	5-20
- no ataque noturno	5-39	5-49
Considerações básicas		
- Ataque	5-9	5-10
- Ataque noturno	5-36	5-45
- (Introdução)	1-4	1-2
- Perseguição	5-14	5-21
- Substituição	7-2	7-2
- sobre a ação retardadora	6-50	6-58
Considerações gerais		
- Marcha para o Combate	5-3	5-3

	Prf	Pag
- Reconhecimento	4-9	4-14
- Segurança	4-1	4-1
Considerações		
- iniciais	10-2	10-2
- no planejamento de emprego de fumígenos	H-4	H-3
- sobre o risco de fratricídio	I-5	I-5
- táticas	9-3	9-2
Contra-ataque de desorganização	6-16	6-17
Contra-reconhecimento	4-8	4-13
Controle de danos	7-16	7-30
Coordenação		
- Outras Ações Comuns	7-28	7-37
- de apoio de fogo	3-4	3-5
Coordenação e controle		
- Defesa Antiaérea	3-10	3-10
- Planejamento	6-41	6-45

D

Defesa		
- circular	6-36	6-39
- contra assaltos aeroterrestres, aeromóveis e forças irregulares	7-24	7-35
- contra ataques aéreos	7-25	7-35
- contra infiltração	7-26	7-35
- de área de retaguarda	7-12	7-28
- de uma área edificada	8-10	8-6
- elástica	6-34	6-36
- em contra-encosta	6-37	6-42
- em ponto forte	6-35	6-38
- sob períodos de visibilidade reduzida	7-22	7-34
Demostração	5-27	5-35
Dispositivo de expectativa	6-9	6-7
Dissimulação tática	5-23	5-33

E

Efeitos do combate continuado sobre a tropa	J-2	J-1
Elementos subordinados	1-14	1-11
Emprego		
- da demonstração	5-29	5-35
- de fumígenos - Defesa Móvel	6-32	6-35
- de fumígenos em apoio às operações de combate	H-5	H-4
Enfrentando um incidente de fogo amigo	I-7	I-11
Escalonamento da defesa	6-5	6-5
Esquema de manobra para o ataque noturno	5-38	5-49

	Prf	Pag
Execução		
- da defesa em posição	6-17	6-19
- da junção	7-10	7-23
- das operações de DEFAR	7-15	7-30
- do reconhecimento em força	5-7	5-6
F		
Fatores a considerar	1-16	1-13
Ferramentas de sincronização	2-11	2-8
Finalidade(s)		
- (Introdução)	1-1	1-1
- Zonas de Reunião	2-15	2-13
- da finta	5-25	5-34
- da incursão	5-18	5-29
Finta	5-24	5-33
Fontes geradoras de fumígenos	H-2	H-1
Forças de segurança		
- Defesa de Área	6-20	6-24
- Defesa Móvel	6-25	6-27
- Segurança	4-5	4-3
Forças na área de defesa avançada	6-19	6-24
Formas de manobra		
- dos movimentos retrógrados	6-39	6-43
- tática na defesa em posição	6-4	6-3
Fundamentos das operações		
- (Defensiva)	6-2	6-2
- de reconhecimento	4-11	4-15
- de segurança	4-3	4-2
G		
Generalidades		
- Ação Retardadora	6-49	6-57
- Apoio de Engenharia	3-12	3-11
- Apoio de Fogo	3-1	3-1
- (Apoio Logístico)	10-1	10-1
- Aproveitamento do Êxito	5-11	5-17
- Ataque	5-8	5-8
- Ataque noturno	5-35	5-44
- Cerco	7-6	7-16
- (Comando e Controle)	2-1	2-1
- (Defensiva)	6-1	6-1
- Defesa Antiaérea	3-6	3-8
- Defesa de Área	6-18	6-23
- Defesa Móvel	6-24	6-27
- Formas de manobra tática ofensiva	5-30	5-35

	Prf	Pag
- Junção	7-8	7-20
- Missões dadas pela finalidade	6-57	6-66
- Movimento retrógrado	6-38	6-43
- (Ofensiva)	5-1	5-1
- Operações com Fumígenos	H-1	H-1
- Operações Continuadas	J-1	J-1
- Operações de Guerra Eletrônica	7-20	7-33
- Operações em Áreas Edificadas (Localidades)	8-8	8-5
- Operações em Áreas Fortificadas	8-6	8-4
- Operações na Caatinga	9-2	9-1
- (Operações sob Condições Especiais de Ambiente)	9-1	9-1
- Organização para o Combate	1-15	1-12
- Outras Ações Comuns	7-27	7-36
- Planejamento e execução da defesa em posição	6-10	6-9
- Postos de Comando	2-4	2-3
- Prevenção de Fratricídio	I-1	I-1
- Ratraimento	6-46	6-49
- Reconhecimento em Força	5-6	5-6
- Retirada	6-56	6-65
- Segurança de Área de Retaguarda	7-11	7-27
- Sincronização	2-9	2-6
- Sistemas Operacionais	1-17	1-13
- Substituição	7-1	7-1
- Táticas e técnicas Especiais na Defensiva	6-33	6-36
- Transposição de Curso de Água	8-2	8-1
Glossário de abreviaturas e siglas utilizadas no C 2-30 - Brigada de Cavalaria Mecanizada		L1
Graus de segurança	4-4	4-3

I

Identificação do risco de fratricídio de medidas preventivas	I-3	I-2
Incursão	5-17	5-26
Infiltração - Formas de manobra tática ofensiva	5-34	5-41
Integração dos sistemas	2-3	2-2
Inteligência	6-31	6-35
Introdução (Operações com Características Especiais)	8-1	8-1

L

Levantamento de danos	7-19	7-32
Liderança - Planejamento	6-44	6-48
Ligações - Ligações e Comunicações	2-13	2-11
Limitações (Introdução)	1-8	1-4
Localização		
- Zonas de Reunião	2-16	2-13
- do PC Pcp	2-6	2-4

	Prf	Pag
- do PC Tat	2-7	2-5
- do PCR	2-8	2-5

M

Manutenção	10-6	10-6
Matriz de sincronização (Exemplo)		A-1
Medidas		
- de coordenação e controle	6-14	6-13
- para a redução do risco de fratricídio	I-6	I-9
Meios para o controle de danos	7-17	7-31
Missões (Introdução)	1-5	1-2
Movimento		
- de flanco	5-32	5-37
- frontal	5-33	5-39

N

Necessidades de defesa antiaérea	3-8	3-9

O

O elemento humano	1-25	1-17
O emprego do fumígeno	H-3	H-2
O risco de fratricídio no combate moderno	I-2	I-1
Objetivos (Introdução)	1-2	1-1
Ocupação da zona de reunião	2-17	2-13
Operações de controle de danos	7-18	7-31
Oportunidade da finta	5-26	5-34
Organização		
- Marcha para o Combate	5-5	5-5
- da engenharia de brigada para o combate	3-14	3-13
- do terreno e limites	6-52	6-59
- dos meios	1-12	1-10
- para o combate	6-13	6-11
Órgãos de reconhecimento	4-10	4-15

P

Peculiaridades		
- do emprego da brigada de cavalaria mecanizada	1-11	1-7
- do emprego do grupo de artilharia orgânico da brigada de cavalaria mecanizada	3-5	3-6
- do planejamento logístico	10-3	10-2
Pedidos de apoio de fogo	3-3	3-4
Pessoal	10-7	10-7
Planejamento		
- Apoio de Fogo	3-2	3-1

	Prf	Pag
- Aproveitamento do Êxito	5-12	5-19
- (Defensiva)	6-45	6-49
- Formas de manobra tática ofensiva	5-31	5-36
- Junção	7-9	7-20
- da ação retardadora	6-53	6-60
- da defesa de área de retaguarda	7-13	7-28
- da defesa em posição	6-11	6-10
- do ataque	5-10	5-13
- do ataque noturno	5-37	5-46
- do contra-ataque	6-15	6-14
- e emprego da artilharia antiaérea	3-9	3-10
- e execução do ataque de varredura	5-21	5-31
- para situações de emergência	6-12	6-11
Plano de defesa de área de retaguarda	7-14	7-30
Possibilidades (Introdução)	1-7	1-3
Processos de sincronização	2-12	2-10

R

Reconhecimento		
- aéreo	4-13	4-16
- aeromóvel	4-14	4-17
- e segurança	6-42	6-45
Reserva - Defesa de Área	6-21	6-25
Responsabilidades (Comando e Controle)	2-2	2-2
Retardamento		
- em posições alternadas	6-55	6-64
- em posições sucessivas	6-54	6-62
Retraimento		
- sem pressão do inimigo	6-47	6-50
- sob pressão do inimigo	6-48	6-54

S

Saúde	10-5	10-5
Segurança		
- aeromóvel	4-7	4-12
- contra ações terrestres	4-2	4-1
- da zona de reunião	2-18	2-14
Seleção das posições de retardamento	6-51	6-59
Simulação	7-23	7-35
Sincronização na brigada de cavalaria mecanizada	2-10	2-7
Sistema		
- de apoio de fogo	1-20	1-15
- de defesa antiaérea	1-22	1-16
- de engenharia	1-23	1-16
- de inteligência	1-21	1-15

	Prf	Pag
- de logística	1-24	1-17
- de manobra	1-19	1-14
- de comando e controle	1-18	1-14
Suprimento	10-4	10-4
T		
Técnica de desbordamento	5-22	5-31
Terreno e condições meteorológicas - Planejamento	6-40	6-44
Tipos de operações		
- defensivas	6-3	6-2
- ofensivas	5-2	5-3
Transporte	10-8	10-8
Transposição em operações		
- defensivas	8-5	8-3
- ofensivas	8-4	8-2
V		
Vigilância de combate	4-6	4-10

DISTRIBUIÇÃO

1. ÓRGÃOS

Ministério da Defesa	02
Gabinete do Comandante do Exército	01
Estado-Maior do Exército	15
DGP, DEP, D Log, DEC, SEF, SCT, STI	01
DEE, DFA, DEPA	02
SGEx, CIE, C Com SEx	01
DMCEI, CITEx, CDS	01
DS, D Mnt, DFR	01

2. GRANDES COMANDOS E GRANDES UNIDADES

COTer	03
CMS, CMO/9ª DE	05
CML, CMP, CMA, CMSE, CMNE	02
Região Militar	01
RM/DE	01
Divisão de Exército	02
3ª DE e 6ª DE	04
Brigada	01
Bda Cav Mec/Bld	05
Grupamento de Engenharia	01
Artilharia Divisionária	01
CAvEx	01

3. UNIDADES

Infantaria	01
Cavalaria de Guarda	02
Cavalaria (R Esc)	01
Cavalaria (Mec, Bld, CC)	06
Artilharia (9º GAC, 19º GAC, 22º GAC, 25º GAC)	04
Artilharia	01
Base de Mnt Armamento	01
Base de AvEx	01
Engenharia	01
Comunicações	01
Logística	01
Suprimento	01
Depósito de Munição	01
Depósito Central de Armamento	01
Depósito de Suprimento	01
Forças Especiais	01
DOMPSA	01

4. SUBUNIDADES (autônomas ou semi-autônomas)

Cavalaria (Mec / Pqdt)	02
Artilharia (2ª, 3ª, 21ª Bia AAAe)	02
Engenharia (1ª, 2ª, 3ª, 14ª Cia E Cmb Mec)	02
Comunicações (11ª, 12ª, 13ª, 14ª Cia Com)	02
Defesa QBN	01
Pel C Mec	01
Esqd Av	01

5. ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

ECEME	100
EsAO	100
AMAN	100
EsSA	50
CPOR Cav (SP, RJ, POA)	08
NPOR Cav	02
EsSE, EsCom, EsACosAAe, EsIE, EsMB, EsAEx, CIGS, CI Av Ex, CI Pqdt GPB, CIGE, EsPCEx, EsSAS, CAAEx	01
CI Bld	15

6. OUTRAS ORGANIZAÇÕES

ADIEx/Paraguai 01
Arq Ex 01
Bibliex 01
C Doc Ex 01
C F N..... 01
EAO (FAB) 01
ECEMAR 01
Es G N..... 01
E M Aer 01
E M A 01
Arquivo Histórico do Exército 01

Este Manual foi elaborado com base em anteprojeto apresentado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.